

**HABITAÇÃO SOCIAL: CIRCUNSTÂNCIAS PARA  
O OFÍCIO DO ARQUITETO**  
O Bairro da Pasteleira

Joana Milhais Ferreira  
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura  
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto  
Orientador: Professor Doutor Álvaro Domingues

Setembro 2016

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira



## **Agradecimentos**

O desenvolvimento deste trabalho só foi possível com a ajuda e a amizade dos que me acompanharam.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Álvaro Domingues, pela disponibilidade e por me ter mostrado a importância de outras áreas de conhecimento que se cruzam com a arquitetura.

À minha família pelo companheirismo, pelo incentivo e por sempre acreditarem em mim. Aos meus pais pela paciência e presença constante. À minha avó por me ter inspirado a escolher o tema deste trabalho. Ao Armando, ao Artur e à Inês pelos momentos de diversão. À tia São e à tia Ana pela força e confiança que sempre me transmitiram. Em especial, à madrinha pelo acompanhamento indispensável na fase final do trabalho.

Agradeço aos meus amigos com quem partilhei o meu percurso académico. À Maia, à Ana, à Maria, ao Guilherme, à Isa, ao Emanuel e à Leonor por todos os momentos partilhados. À Inês por toda a compreensão e ânimo sempre que precisei. À Jó por todo o apoio e dedicação.

À tia Julia e ao Rogério pelo estímulo e pela importante ajuda na revisão de textos.

Aos moradores do Bairro da Pasteleira agradeço a simpatia e colaboração fundamentais para a realização deste trabalho.

A todos, um muito obrigada.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

## RESUMO

Este trabalho propõe conhecer o bairro da Pasteleira enquanto projeto de habitação social e compreender como o espaço é determinante na vida das pessoas.

A investigação realizada sobre a origem do bairro e o contexto em que foi construído evidencia as condicionantes a que o projeto do bairro da Pasteleira esteve sujeito, sendo um dos primeiros bairros construídos ao abrigo do “Plano de Melhoramentos da cidade do Porto” (1956/1966).

Com recurso a relatos e testemunhos de habitantes do bairro, analisa-se a evolução dos dois tipos habitacionais aí existentes e a sua relação com o espaço envolvente. Procura-se assim compreender como a progressiva mudança dos hábitos sociais, inovação tecnológica e a evolução urbana influenciam as alterações na arquitetura.

Através de hipóteses de intervenção, de maior ou menor escala, propõe-se responder aos principais problemas identificados, reestruturando e redefinindo os espaços do edifício habitacional. Parte-se do pressuposto de que ‘cada casa é um caso’ e daí a necessidade de soluções flexíveis, adaptáveis e versáteis.

Sabendo que na habitação a custos controlados o arquiteto está dependente de circunstâncias que condicionam o seu ofício, procura-se uma resposta para a questão: como é que a arquitetura pode satisfazer as necessidades e vontades das pessoas, em contextos social e economicamente desfavorecidos?

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to know Pasteleira's housing estate as a social housing project and to understand how space is crucial in people's lives.

The research on the origin of the housing estate and on the context in which it was built shows the constraints Pasteleira's housing estate was subjected to, being one of the first housing estates built under the "Plano de Melhoramentos da cidade do Porto" (1956/1966).

Using reports and testimonies of inhabitants of the housing estate, this work analyses the evolution of the two housing types therein and of its relationship with its surroundings, trying to understand how gradual change in social habits, technological innovation and urban development influence changes in architecture.

Intervention hypotheses, of greater or lesser extent, try to answer to the main identified problems, restructuring and redefining the spaces of the residential building, on the assumption that 'every house is a case' and hence the need for flexible, adaptable and versatile solutions.

Knowing that in housing at controlled costs the architect is dependent on circumstances that will affect his work, this dissertation searches for an answer to the question: how can architecture meet the needs and desires of people in social and economically disadvantaged contexts?

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	

<b>Introdução</b>	11
Motivação	11
Objetivo do trabalho e Objeto de estudo	12
Metodologia e Ferramentas	13
Estrutura do trabalho	13

## **I | HABITAÇÃO SOCIAL NO PORTO** 19

I.I   A situação habitacional nas últimas décadas da Monarquia	21
As «ilhas»	23
Outras formas de habitação de baixo custo	27
I.II   A 1.ª República - a situação habitacional entre 1910 e 1926	33
Soluções de habitação coletiva no regime republicano	37
I.III   Medidas e Programas de incentivo no período da Ditadura/Estado Novo	39
As casas económicas	41
Políticas de habitação social - perspetivas em confronto	45
Plano de salubridade das «ilhas» do Porto	47
Plano de Melhoramentos da cidade do Porto	49
O Bairro da Pasteleira	57

## **II | O BAIRRO DA PASTELEIRA** 59

II.I   Enquadramento urbano	61
II.II   Evolução dos dois tipos habitacionais do bairro	73
Apresentação	73
Aproximação ao Bloco	73
Aproximação à Célula Habitacional	79
Célula Habitacional	87
Reflexão e Discussão	97
Galeria	97
Acessibilidades	111
Distribuição e Organização da Célula Habitacional	115
Espaços públicos	129

## **Conclusão** 133

<b>III   ANEXOS</b>	139
Conversas com moradores	140
Imagens de arquivo	212

Bibliografia	231
Índice de Imagens	235

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira



## INTRODUÇÃO

### Motivação

O presente trabalho de investigação surge como uma afirmação da necessidade de uma consciencialização social por parte do arquiteto, enquanto projetista de um espaço, de uma ambiência, de um lugar.

A escolha do tema - Habitação Social – decorre de preocupações sociais que sempre me acompanharam e de ações de voluntariado em que, em paralelo com o meu percurso académico, me tenho envolvido ao longo dos últimos anos. No âmbito do Grupo de Apoio de Ação Social do Porto (GAS)<sup>1</sup>, presto apoio domiciliário nesta cidade, um apoio social especialmente realizado junto de pessoas idosas e que, em consequência, engloba o respetivo agregado familiar e o meio social envolvente.

Para além desta experiência, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que frequentei durante um ano ao abrigo do programa de mobilidade de estudos, escolhi como disciplina de opção ‘Projeto para Habitação de Interesse Social’, procurando aprofundar o meu conhecimento nesta área e conhecer o que se fazia, ao nível da habitação social, noutros países e noutros contextos. No Brasil, tive também oportunidade de participar em ações de voluntariado, com estudantes universitários e outros jovens brasileiros e de outros países. Foi uma experiência enriquecedora, vivida em contextos particularmente desfavorecidos: pintámos fachadas nas favelas do Rio de Janeiro e, no Jardim do Gramacho – zona de lixeiras a céu aberto – construímos habitações emergenciais, casas pré-fabricadas de madeira, no lugar de barracos que tinham acabado de ser demolidos<sup>2</sup>.

Dessa sensibilização e contacto com vivências carenciadas – social, imaterial, física, funcional, económica, entre outras – cresceu a vontade de compreender, de uma forma mais próxima e atenta, qual a relação dos habitantes em questão com o espaço que habitam, assim como a sua adaptação e apropriação à habitação. Por outro lado, considero que é importante refletir sobre o trabalho do arquiteto envolvido nestes

---

<sup>1</sup> O GAS Porto foi criado em Abril de 2002, por cinco amigos, jovens universitários. Hoje, é constituído por voluntários, desde jovens universitários a pessoas em atividade profissional, e atua de forma multidisciplinar em áreas como o apoio e dinamização sociocultural, a saúde e a educação, desenvolvendo de forma sustentável 14 projetos nacionais e 2 missões internacionais.

<sup>2</sup> Esta atividade foi desenvolvida no âmbito do Programa TETO. Com início no Chile em 1997, a organização TETO hoje está em 19 países da América Latina e Caribe, procurando superar a situação de pobreza na qual vivem milhões de pessoas nas favelas mais precárias, por meio do engajamento comunitário e mobilização de jovens voluntários. Com a implementação de um modelo de intervenção focado no trabalho lado a lado com moradores de comunidades, o TETO busca construir moradias mais dignas, promover a educação por meio de oficinas de leitura, formar lideranças comunitárias e envolver toda a comunidade em projetos de melhoria para seus bairros.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

processos, onde encontramos fatores que determinam e condicionam o próprio projeto arquitetónico.

A escolha do Bairro da Pasteleira como objeto de estudo tem, igualmente, uma outra motivação pessoal: os meus avós paternos residiram 16 anos no bairro, correspondentes aos primeiros 16 anos de vida do meu pai. Por esse motivo, sempre ouvi falar das vivências do bairro, quer nos seus aspetos positivos quer negativos. E, mais recentemente, ainda no âmbito do GAS Porto, fui monitora de uma colónia de férias, ‘Colónia de Férias de Lordelo’, para crianças e adolescentes dos 6 aos 16 anos do Bairro da Pasteleira Nova (bairro adjacente ao Bairro da Pasteleira), com quem continuei em contacto e com quem visitei alguns dos lugares frequentados pelo meu pai na sua infância e que os jovens de hoje continuam a frequentar, como uma zona à beira rio propícia a mergulhos – os ‘Pilotos’.

Assim, para mim, este trabalho representa uma oportunidade para conhecer melhor o passado da minha família, o que constitui um aspeto relevante para a compreensão do ‘meu’ tempo presente. Consequentemente, o trabalho acaba por ser um cruzamento de experiências pessoais com o conhecimento académico que adquiri durante a frequência do curso de Arquitetura, dando sentido ao que penso ser essencial no trabalho de um arquiteto – a contribuição para a melhoria das condições de vida das pessoas.

## **Objetivo do trabalho e Objeto de estudo**

Sendo o objetivo do presente trabalho conhecer o Bairro da Pasteleira, enquanto projeto de habitação social, e compreender como o espaço é determinante na vida das pessoas, no caso de estudo o ponto de partida para a reflexão é a casa, a habitação, o espaço privado.

O estudo das habitações está centrado nas tipologias T3, por dois motivos: primeiro, porque esta tipologia constitui em grande maioria a oferta existente no Bairro da Pasteleira; depois, porque, no âmbito do trabalho, esta tipologia foi aquela que mais visitei e, naturalmente, foi sobre essa que me debrucei.

Constatando-se que alguns dos problemas sentidos no espaço casa estão relacionados com o bloco habitacional e com a envolvente dos edifícios de habitação, este trabalho de investigação estende-se, igualmente, ao espaço público e coletivo, uma vez que ambas as escalas estão correlacionadas. Em suma, o objeto de estudo é, assim, a célula habitacional e a sua relação com o espaço envolvente.

O trabalho centra-se no conjunto arquitetónico do Bairro da Pasteleira em dois espaços temporais: no passado e no presente, sabendo que este

último é indissociável do primeiro. Assim, analisar-se-á a evolução do bairro a partir do estudo de dois tipos de módulo de bloco habitacional – i) de acesso em galeria; ii) de acesso vertical múltiplo –, procurando compreender como a progressiva mudança dos hábitos sociais, a inovação tecnológica, a evolução urbana, entre outros, foram fatores que influenciaram as alterações na Arquitetura, no caso vertente, por iniciativa da Câmara Municipal do Porto ou por decisão dos próprios moradores.

### **Metodologia e Ferramentas**

As ferramentas de trabalho utilizadas são, fundamentalmente, conversas e entrevistas, realizadas a moradores e ex-moradores do Bairro da Pasteleira. Tendo este, em termos de dimensão, uma extensão considerável, foi opção intencional a não-realização de um trabalho estatístico, pelo que os dados recolhidos não constituem uma amostragem, mas uma informação que ilustra e ajuda a conhecer a vida no bairro e os principais problemas sentidos.

Deste modo, o trabalho vai focar-se nos testemunhos e relatos das pessoas com quem tive contacto direto. E, neste aspeto, é importante referir que a maioria dos intervenientes tem uma experiência longa de vivência do bairro, muitos deles desde a sua fundação, e que, por essa razão, constituem-se como testemunhos enriquecedores do ponto de vista da compreensão relativa à evolução deste conjunto arquitetónico e do seu contexto. Na maioria dos casos, as conversas com os moradores decorreram no interior do espaço íntimo e privado das suas casas.

A perceção dos espaços *in loco* é fundamental para o presente trabalho, permitindo apurar, clarificar e compreender, com uma maior precisão, os testemunhos gravados e registados. E torna, igualmente, possível a recolha de informação suplementar através do levantamento de características, patologias, elementos e mecanismos arquitetónicos que servirão, de igual forma, para o plano de discussão do trabalho.

A reflexão sobre este trabalho realizado *in loco* e o enquadramento teórico são enquadradas por um conjunto diversificado de referências bibliográficas: obras editadas, artigos de revistas, notícias de jornais, entre outros. E, ainda, obras que abordam diferentes temáticas relacionadas com o estudo de campo e que são indissociáveis da Arquitetura, como a Sociologia, a Política, a Economia ou a Engenharia.

### **Estrutura do trabalho**

Sendo o objetivo do presente trabalho conhecer o Bairro da Pasteleira enquanto projeto de habitação social, e compreender como o espaço é determinante na vida das pessoas, no primeiro capítulo, far-se-á uma

introdução teórica à temática da habitação social, contextualizando no tempo e no espaço o caso de estudo em análise no capítulo seguinte.

Este enquadramento remete, numa perspetiva cronológica, para o aparecimento e desenvolvimento da habitação social em Portugal, procurando dar a conhecer as suas condicionantes históricas, políticas, económicas e sociais, em particular durante a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, período que antecede o aparecimento do Bairro da Pasteleira, cuja construção teve início em 1958, no âmbito do Plano de Melhoramentos da cidade do Porto.

Tendo como pano de fundo a situação do país e os regimes políticos que se foram sucedendo, procurar-se-á identificar os problemas habitacionais que foram surgindo – e persistindo – e as soluções, sempre limitadas, que ao longo dos tempos foram sendo adotadas. Duas obras de Manuel António Correia Teixeira<sup>3</sup> servem de referência para este primeiro capítulo. A saber: «As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940», onde o autor analisa as implicações que regimes políticos diferentes, com condições económicas e sociais também distintas, tiveram nas estratégias de habitação definidas em três períodos diferentes da história de Portugal: as últimas décadas da monarquia constitucional, até 1910; o regime republicano, de 1910 até 1926; e a Ditadura/Estado Novo, a partir de 1926 [Teixeira, 1992]; e a tese de doutoramento do autor, «Habitação Popular na Cidade Oitocentista: as ilhas do Porto» [Teixeira, 1996]. Outro documento fundamental será – como não podia deixar de ser – o Plano de Melhoramentos da cidade do Porto, uma vez que foi nele que teve origem o Bairro da Pasteleira [DSPM, 1966].

A maior parte da informação recolhida e organizada neste capítulo diz respeito à cidade do Porto. Contudo, sendo Lisboa e Porto as duas cidades mais industrializadas do país e por isso aquelas onde a necessidade de habitação social mais se fez sentir, são também feitas algumas referências à situação habitacional em Lisboa, pondo em contraponto diferenças culturais e tradições de construção urbana distintas entre as duas cidades. Tendo em conta o tema do trabalho, a parte final do enquadramento teórico centra-se na descrição do Bairro da Pasteleira, dando a conhecer o contexto em que está inserido e as opções arquitetónicas que o enformaram.

O segundo capítulo – ‘Bairro da Pasteleira’ – incidirá sobre o caso de estudo e a sua organização vai assentar em dois tópicos principais: tipologias de habitação e temas de discussão.

Abre com o necessário enquadramento urbano a que se segue um trabalho de ‘Apresentação’ ao bairro através de uma estratégia de aproximação –

---

<sup>3</sup> Professor catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

do macro para o micro. É aqui que se abordam as temáticas e as diferentes problemáticas que caracterizam este aglomerado habitacional que, no essencial resulta da construção de um bairro de habitação social, longe do grande centro da cidade, construído a baixos custos e para uma população carenciada vinda, principalmente, das «ilhas». Aqui se abordam as características deste tipo de bairro, as acessibilidades, os equipamentos sociais e serviços o servem, o lugar dos espaços verdes... enfim, um vasto conjunto de questões de que aqui se falará.

O subcapítulo seguinte contém um plano de reflexão e discussão das temáticas descritas na ‘Apresentação’, formulando hipóteses de intervenção para as questões e problemas observados e sentidos naquela abordagem. Este trabalho reflexivo incidirá, claro, nas diferentes rubricas temáticas, relacionadas com o tema principal (a habitação social) e, mais concretamente sobre o Bairro da Pasteleira e a sua célula habitacional.

Assim à partida, importa sublinhar que o Bairro da Pasteleira é composto por dois tipos de módulo de bloco habitacional. E, uma vez que os dois módulos têm características diferentes, seria redutor focar a atenção apenas num deles. Portanto, procurar-se-á – sempre que possível – proceder a uma análise em paralelo, refletindo sobre os pontos de afastamento e de aproximação das duas soluções de habitação identificadas.

Para que tal objetivo seja possível, serão analisadas as características das habitações do bairro e da sua envolvente, procurando compreender como, e até que ponto, as opções arquitetónicas dos dois tipos de edifício habitacional têm condicionado a vida das pessoas. A ideia é perspetivar soluções alternativas para os problemas identificados, procurando responder à seguinte questão: como é que a arquitetura pode satisfazer as necessidades e vontades das pessoas, em contextos social e economicamente desfavorecidos?

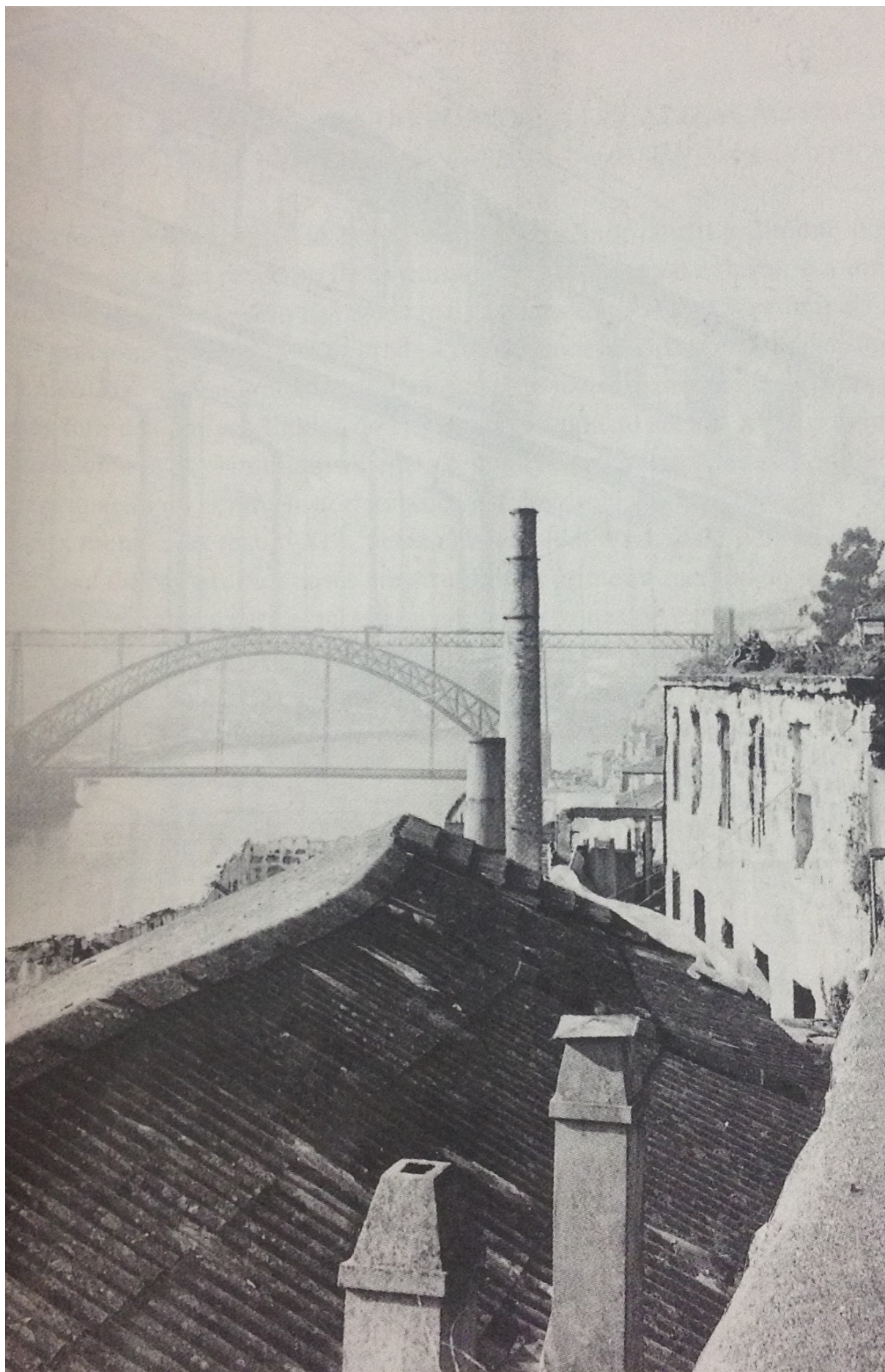
Este trabalho centrar-se-á em tópicos de discussão relativos à habitação social: Galeria, Acessibilidades, Distribuição e organização da célula habitacional e Espaços públicos. Os temas escolhidos retratam os principais problemas identificados ao longo do decurso do caso de estudo, nomeadamente os problemas decorrentes do projeto original e que ainda persistem, apesar das intervenções por parte da Câmara Municipal do Porto ou dos moradores, no sentido de os minorar.

As soluções apresentadas serão colocadas no campo das hipóteses. Estas pretendem constituir soluções equilibradas e funcionais, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos habitantes do bairro. O objetivo não é chegar a uma proposta concreta que se considere mais vantajosa relativamente às restantes, mas desenvolver um plano de discussão sobre diferentes possibilidades, que deverão ser ponderadas em função dos contextos específicos da sua aplicação.

Uma última nota: embora o texto esteja estruturado em capítulos e subcapítulos, ele deverá ser entendido como um todo e não como o somatório das partes. Aqui, as partes não separam – integram. Assim, não deve ser lido como um texto de divisões estanques, ainda que complementares, mas como o produto de uma abordagem multidisciplinar que necessariamente se liga ao que ficou anteriormente escrito. Daí o ‘vaivém’ argumentativo que o suporta, as referências que se fazem a este ou àquele subcapítulo e que resultam do cruzamento das várias abordagens e não de temáticas que se encerram em si mesmas. É, ainda, acompanhado com esquiços e imagens, ilustrando espaços, conceitos e pormenores idealizados para o Bairro da Pasteleira, fundamentais para a sua compreensão.









## I | HABITAÇÃO SOCIAL NO PORTO

Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



## I.1 | A SITUAÇÃO HABITACIONAL NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA MONARQUIA

A segunda metade do século XIX em Portugal ficou marcada, nos seus diversos setores, por grandes transformações. Foi um período de desenvolvimento industrial e de crescimento urbano, mas também de grandes convulsões políticas e sociais, que acabariam por culminar na implantação da República em 1910. O aparecimento da máquina a vapor ao serviço da indústria, em 1935, o carvão e o transporte ferroviário ou, mais tarde, a eletricidade provocaram profundas alterações no desenvolvimento das cidades, nomeadamente nos centros urbanos. Para Teixeira, a construção de vias de comunicação (estradas e caminho-de-ferro), o desenvolvimento das tecnologias e dos equipamentos industriais, bem como as reformas legais, educacionais e institucionais, levaram ao desenvolvimento acelerado do país nas últimas décadas do século XIX [1996: p. 66].

Esta expansão e desenvolvimento transformaram, também, o contexto urbano da cidade do Porto. O crescimento potencial da cidade, já projetado por João de Almada<sup>4</sup> na transição entre os séculos XVIII e XIX, era agora facilmente observável e impulsionado por este novo período de crescimento industrial e populacional. O desenvolvimento industrial levou à criação dos primeiros polos de desenvolvimento fabril, com as fábricas a serem construídas próximo dos centros urbanos<sup>5</sup>. Registou-se uma grande migração de pessoas, originárias principalmente de contextos rurais do interior do país, para os centros das grandes cidades, em busca de novas oportunidades de emprego e, conseqüentemente, de melhores condições de vida [cf. 1996: p.19].

A industrialização esteve, assim, na base do crescimento demográfico das cidades. Se no período entre 1838 e 1864 já se tinha verificado um aumento de 46% da população da cidade do Porto, no período entre 1864 e 1900 assiste-se a um crescimento populacional maior, evidenciando-se, então, alterações espaciais e urbanas que dão ao Porto um caráter marcadamente industrial [cf. 1996: p.16].

Contudo, a vida nas cidades não era fácil. As condições de vida dos trabalhadores agravaram-se nas últimas décadas do século – a introdução de maquinaria nas fábricas e oficinas aumentou o desemprego e o crescente número de mulheres e crianças a trabalhar nas fábricas levou

1 | Tecido urbano do Porto do século XIX com características industriais [p. 18].

2 | Fábrica de Fiação e Tecidos da Areosa, fundada em 1907.

3 | Planta da cidade do Porto por Perry Vidal, 1865.

4 João de Almada e o seu filho Francisco Almada e Mendonça planearam e promoveram, a partir de 1760, a expansão da cidade para além dos seus antigos limites. No entanto, as guerras francesas (1807-1813) e a Guerra Civil (1832-1834) tornaram difícil a concretização de um projeto de expansão ambicioso para a cidade do Porto.

5 Pode observar-se a concentração e aglomeração populacional no centro urbano da cidade do Porto nas plantas desenhadas por Perry Vidal, em 1865, e por Telles Ferreira, em 1892 (Imagem 3 e 5, respetivamente).





4



5

a uma redução dos salários reais. No final do século uma família operária típica gastava cerca de quatro quintos do seu salário em alimentação, sendo o que restava do salário para o pagamento da renda de casa, vestuário e todas as outras despesas [cf. Teixeira, 1992: p. 67].

Com o acentuado aumento demográfico de final do século XIX, verifica-se uma grande procura de imobiliário, muito superior à oferta. Isso levou a que, no Porto, a apropriação dos terrenos adjacentes às habitações, nomeadamente espaços de logradouro das casas, fosse surgindo de forma espontânea, para albergar o maior número de ocupantes possível. Estas primeiras formações de habitação precária foram denominadas «ilhas».

### As «ilhas»

As «ilhas», cuja construção começou por volta de 1850, caracterizam-se por filas de habitações de dimensões mínimas, localizadas, geralmente, no interior de um quarteirão, fazendo o aproveitamento de logradouros de casas pertencentes à classe média. O acesso às «ilhas» é efetuado, normalmente, por um corredor estreito que atravessa o respetivo lote da casa pré-existente. Novas formas de apropriação e desenvolvimento destas tipologias foram aparecendo: por um lado, as habitações tornaram-se cada vez mais independentes das casas dos proprietários; por outro, em determinadas zonas da cidade, os operários acabaram por ocupar tanto as casas à face da rua como os terrenos adjacentes e no interior do quarteirão [cf. Fernandez, 1988: p. 47].

Estas tipologias compõem um conjunto de espaços sucessivos e de áreas semelhantes de caráter privado, usualmente só iluminadas com luz natural por um ou dois vãos, por onde, de igual modo, se faz o acesso ao espaço interior. O espaço interior é organizado geometricamente e as áreas de circulação no interior de cada habitação são anuladas, sendo esta uma característica das denominadas habitações mínimas. O espaço comum é coincidente com as áreas de acesso às habitações individuais, bem como o espaço de circulação, que conduz às instalações sanitárias da comunidade residente em cada ilha. As maiores concentrações de «ilhas» encontravam-se na proximidade de zonas industriais, onde por vezes atingiam densidades de até 900 habitantes por hectare [cf. Teixeira, 1992: p.67].

Pela descrição acima é fácil perceber quão pobres, exíguas e insalubres eram estas casas, que rapidamente se tornaram um grave problema social e de saúde pública, que as autoridades tentaram, ao longo de décadas e sem grande sucesso, resolver. Neste contexto, uma das questões a colocar é justamente se à data não poderiam ter sido construídas outras formas de habitação operária, já que não existiam razões espaciais que o impedissem. Havia, contudo, outros constrangimentos, particularmente de ordem económica. Segundo Teixeira: “A principal razão que justifica a construção das «ilhas», e não de outras formas de habitação popular,

4 | Imagem de uma «ilha».

5 | Planta da cidade do Porto de 1892, com localização das principais «ilhas». Autoria: Telles Ferreira.





6



7

por exemplo, blocos de habitação coletiva, é de natureza económica e tem a ver essencialmente com os baixos salários dos operários e com as características dos grupos sociais envolvidos na construção deste tipo de habitação, particularmente o seu capital reduzido. A construção de tais formas de habitação significaria também rendas mais elevadas que, de qualquer forma, os operários seriam incapazes de pagar.” [1992: p.68]. E foi assim que as «ilhas» foram crescendo, construídas por pequenos comerciantes, por vezes nos seus próprios quintais, constituindo um investimento seguro e lucrativo para as suas poupanças. O reduzido montante do investimento apenas permitia a construção de habitações pequenas e de baixa qualidade, o que se ajustava ao tipo de procura que existia por habitações baratas.

É também neste contexto que é interessante comparar a situação no Porto com a de Lisboa, onde um maior desenvolvimento industrial e um nível mais elevado de salários levaram ao desenvolvimento do mercado de habitação e a soluções mais diversificadas: aos «pátios» sucederam-se as «vilas», que, por sua vez, deram origem a edifícios de habitação coletiva destinados às classes populares. Esta evolução, para além de ter proporcionado uma habitação de baixo custo de melhor qualidade, teve ainda uma outra consequência a nível social: sendo os blocos de habitação operária construídos desde final do século XIX tipologicamente idênticos às habitações das classes médias, esta evolução levou a que as formas de habitação das classes trabalhadoras e das classes médias se fossem assemelhando. Ora, esta evolução das formas de habitação nunca aconteceu no Porto, onde as habitações burguesas eram tradicionalmente moradias unifamiliares, de quatro ou cinco pisos, completamente diferentes das casas pobres das «ilhas». Embora algumas «ilhas» de melhor qualidade tivessem sido construídas no final do século na cidade do Porto — por exemplo, o bairro do Vilar ou o bairro Herculano — elas eram muito distintas das formas de habitação das classes médias. Teixeira refere que “a associação das «ilhas» com habitação de baixa qualidade, a sua segregação relativamente à rua, estigmatizava as próprias «ilhas» de melhor qualidade e impediam o seu aluguer: os trabalhadores não tinham meios para as alugar, enquanto que as classes médias as rejeitavam, por não as considerarem habitações decentes. No Porto, estas diferenças eram ainda mais acentuadas: viver numa «ilha», fosse ela qual fosse, era um inegável sinal de pobreza” [1992: p. 71].

Esta análise comparada sobre a evolução da habitação social em Lisboa e no Porto na última metade do século XIX é relevante para este trabalho, porque demonstra como determinadas opções arquitetónicas podem contribuir para o esbatimento das desigualdades sociais e para uma maior coesão social. Foi isso que aconteceu em Lisboa, onde, no início do século XX, grande parte da população trabalhadora de Lisboa vivia em prédios de habitação coletiva, e em bem melhores condições do que a população trabalhadora do Porto, que continuava a habitar as «ilhas».

6 | Moradores das «ilhas», Porto, 1899.

7 | Villa Ramos. Lisboa, meados século XIX.







Estes diferentes tipos de habitação popular, construídos em Lisboa e no Porto, resultavam em grande parte dos diferentes estados de desenvolvimento económico nas duas cidades, o que torna evidente que as opções arquitetónicas em termos de habitação social estão sempre condicionadas pelas políticas públicas e que estas, no passado como no presente, são muito marcadas pelas questões económicas.<sup>6</sup>

### Outras formas de habitação de baixo custo

Apesar de as «ilhas» terem constituído a principal resposta à procura de habitação de baixo custo no Porto, representando, segundo Teixeira, 65,5% do volume total de construção da cidade, entre 1864 e 1900 [1992: p. 68], durante este período, embora com pouca expressão<sup>7</sup>, foram promovidas outras formas de habitação de baixo custo, quer por iniciativa de industriais quer por filantropia.

No Porto, algumas fábricas de maior dimensão, indústrias têxteis na sua maioria, tomaram a iniciativa de construir habitação operária. Entre outras, a «Fábrica Jacinto» (pertencente à Cia Industrial de Salgueiros) que construiu o bairro da Torrinha; e a empresa «Azevedo, Soares & Cia» que construiu o bairro ligado à fábrica da Areosa, do qual era proprietária [cf. Gross, 1982: p. 157]. Contudo, são as iniciativas filantrópicas do jornal «O Comércio do Porto», iniciadas em 1899, que têm maior relevância no Porto dessa época.

José António Ferreira constatou que a epidemia de peste bubónica de 1899 dizimou mais de uma centena de pessoas, entre as quais muitos operários que viviam com baixas condições de higiene em habitações providas de deficientes infraestruturas de saneamento e distribuição de água. Com vista a combater as consequências daquele acontecimento trágico e garantir as necessidades básicas da população mais desfavorecida, o jornal «O Comércio do Porto», promoveu uma “subscrição pública entre a comunidade portuguesa emigrante no Brasil com o objetivo de construir bairros operários, chamados «colónias operárias»” [Teixeira, 1992: p. 72].

Ao todo, foram construídas 121 casas. Em 1901, foi construída a primeira «colónia operária» na Foz do Douro. Era uma pequena fila de oito habitações de um único piso que, segundo Teixeira, era pouco melhor do que uma ilha.

8 | Jornal «A Voz Pública», 9 de Agosto de 1899.

9 | Jornal «A Voz Pública», 17 de Agosto de 1899.

10 | Edição do «Jornal de Notícias», 17 de Agosto de 1899.

6 Embora importantes em Lisboa, os «pátios» nunca se construíram em tão grande número como as «ilhas» do Porto. Em 1905 havia 233 «pátios» em Lisboa, com um total de 2278 habitações e alojando 10487 pessoas. Uns anos antes, em 1899, existiam no Porto 1048 «ilhas», com 11129 casas e 50000 habitantes. Embora com menos de metade da população de Lisboa, o Porto tinha quase cinco vezes mais pessoas vivendo neste tipo de habitação do que Lisboa. [cf. Teixeira, 1992, p. 74]

7 Em Lisboa, no total, o número de habitações construídas por industriais até 1910 não ultrapassava 442. E quanto a habitações construídas por filantropia, foram apenas 18 [cf.: 1992, p. 72]



11



12

No mesmo ano foi construída a «colónia» do Monte Pedral, que consistia num conjunto de 26 habitações de dois pisos. Em 1903 foi construída a «colónia» de Lordelo do Ouro: uma banda de 29 habitações de um único piso, totalizando 23 m<sup>2</sup>. Finalmente, em 1904 foram construídos os bairros do Bonfim e de Serpa Pinto, com 32 e 26 casas, respetivamente. Nestes dois bairros foi adotado um novo tipo de casa: as habitações estavam agrupadas em grupos de quatro, formando um único edifício no meio de uma parcela de terreno dividida em quatro partes iguais. A cada habitação correspondia um ângulo do edifício, com duas fachadas livres, e um jardim independente. Ainda segundo o autor, estas «colónias operárias» ofereciam condições de habitação muito melhores do que as «ilhas». [cf. 1992: p. 72].

Acontece que quer as casas construídas por industriais, quer as construídas por filantropia, tinham rendas que ultrapassavam a capacidade económica da maior parte dos trabalhadores, pelo que casas supostamente construídas para os operários, eram muitas vezes ocupadas por famílias de maiores recursos, dadas as suas rendas elevadas<sup>8</sup>.

A habitação tornou-se uma questão política de grande importância no final do século XIX, quando taxas de mortalidade excecionalmente altas e uma série de epidemias obrigaram as autoridades municipais a encarar de frente os graves problemas habitacionais existentes nas cidades. A partir de meados da década de 1880, as câmaras municipais de Lisboa e Porto começaram a tomar medidas para melhorar as condições sanitárias. No Porto, um novo código de posturas publicado em 1889 introduz alterações ao anterior código, de 1869: todas as construções até 5 m da via pública passam a necessitar de uma licença de construção. Dois anos depois, em 1891, é publicada nova postura, que determina as regras para a construção de fossas nos novos edifícios e que, pela primeira vez, permite aos fiscais municipais inspecionar no interior dos edifícios a execução das obras [cf. Teixeira, 1892: p. 9].

A já aqui referida peste bubónica de 1899 levou a Câmara Municipal do Porto a tentar acabar com a construção de «ilhas», ou pelo menos a exercer um maior controlo sobre o processo. Em 1905 é publicado outro código de posturas municipais, que obrigava os construtores privados a apresentar à câmara municipal, para aprovação, um projeto completo — incluindo plantas, cortes e alçados — de qualquer nova construção a realizar na cidade, independentemente da sua localização em relação à rua, o que incluía, claro, as «ilhas». Medidas semelhantes foram tomadas em Lisboa, demonstrando que as autoridades municipais iam progressivamente tomando consciência da necessidade de controlar a atividade dos promotores privados.

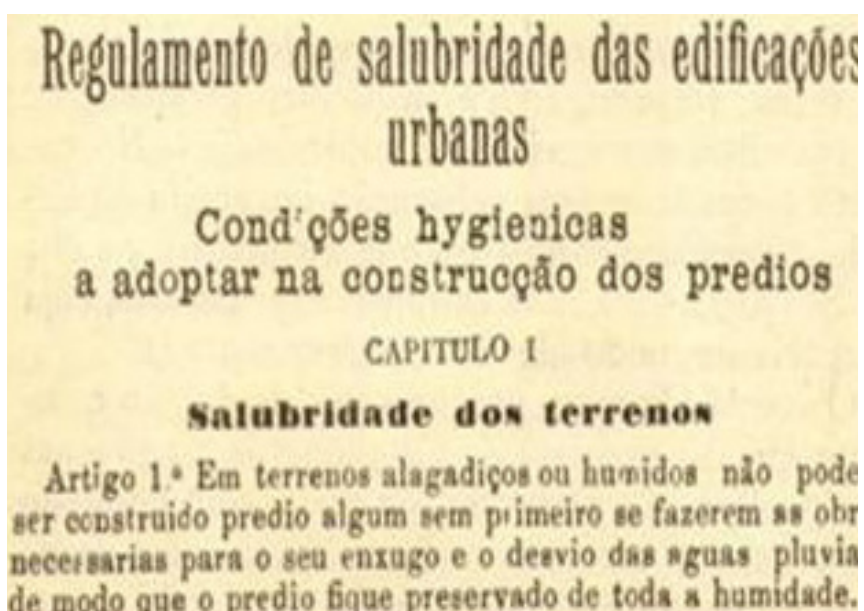
11 | «Colónia operária» da Foz do Douro, 1901.

12 | «Colónia» do Monte Pedral, 1908.

8 De acordo com as associações de classe da indústria têxtil do Porto, foi o que aconteceu com as casas construídas por «O Comércio do Porto» e com as construídas pela Companhia Fabril de Salgueiros (cf. Teixeira, 1992: p.73]



13



14



15



No início do século XX, foi publicada legislação estatal que regulamentava a construção de novas habitações. Esta legislação incluía o Regulamento Geral de Saúde, de 1901, e o Regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas, de 1903. Estes dois regulamentos estipulavam as condições sanitárias e ambientais que os novos edifícios deviam respeitar e permitiam a inspeção das obras pelas autoridades sanitárias municipais. Aliás, era exigida uma licença de construção, baseada num parecer das autoridades sanitárias. Nas câmaras municipais das principais cidades foram criadas comissões de saúde para aplicar os novos regulamentos e as juntas de obras, departamentos responsáveis pela aprovação de projetos, viram as suas responsabilidades aumentadas pela publicação dos novos códigos de posturas e da nova legislação estatal.

No Porto, as autoridades esperavam que este quadro normativo impedisse a construção de novas «ilhas», já que não era conciliável com a nova regulamentação. Contudo, face à quase inexistência de outras alternativas de habitação operária, as «ilhas», embora ilegalmente, continuaram a construir-se. Com efeito, como afirma Teixeira “os baixos salários e a incapacidade dos promotores, quer privados, quer estatais, de colocarem no mercado habitação acessível aos trabalhadores e que cumprisse a regulamentação existente significaram que as «ilhas» continuaram a ser ao longo das primeiras décadas deste século (século XX) a única forma de habitação possível para grande parte da população do Porto” [Teixeira, 1992: p. 74]<sup>9</sup>. E é assim que, nas primeiras décadas do século XX, o número de «ilhas» aumentou ainda mais, apesar dos controlos legais, que deveriam ter impedido a sua construção<sup>10</sup>.

As primeiras propostas legislativas apresentadas ao Parlamento datam do início da década de 1880 e o seu objetivo era justamente conceder incentivos à iniciativa privada para investir na construção de habitação de baixo custo<sup>11</sup>. Para além da enumeração do tipo de incentivos, algumas destas propostas eram bastante detalhadas no que respeitava ao tipo de habitação que deveria ser construída e ao desenho dos bairros e das habitações. Como refere Teixeira, “A casa individual, construída num único

9 Teixeira chama a atenção para o facto de em Lisboa a situação ser diferente: alguns promotores privados tinham elaborado o modelo do «pátio» e começado a construir habitação de melhor qualidade e de acordo com a nova regulamentação. Em consequência disso, enquanto a taxa de mortalidade em Lisboa baixou de 30,35 % para 23,39% entre 1880 e 1910, no Porto, no mesmo período, apenas baixou de 31,94% para 31,00% [cf. 1992: p. 74]

10 Teixeira recolheu dados referentes à existência de «ilhas» e verificou que enquanto em 1899 existiam 1048 «ilhas», com 11129 casas, alojando 50000 pessoas; em 1909 o número de «ilhas» tinha aumentado para 1200, com 12000 fogos; e em 1929 o seu número tinha ainda aumentado para 1301 «ilhas», com 14 676 casas [cf. 1992: p. 74]

11 A maior parte destes projetos propunham isenções fiscais para a construção de edifícios residenciais cujo nível de rendas não ultrapassasse um certo limite — geralmente mais alto para Lisboa e para o Porto do que para outras cidades — e concediam facilidades no acesso a terrenos urbanizados, a materiais de construção e a créditos bonificados. [cf. 1992: p. 74]

13 | «Colónia» de Lordelo do Ouro, 1903.

14 | ‘Regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas’, 1903.

15 | Desinfeção das «Ilhas» no Porto, 1899.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**



16



17



18

piso, com um jardim independente, era a forma de habitação favorecida pela maior parte dos reformadores e legisladores oitocentistas. Contudo, tendo em consideração a escassez de terrenos e o seu custo, eram admitidas outras soluções, nomeadamente habitações geminadas, de um ou dois andares, ou habitações em banda. Em qualquer dos casos, cada habitação devia ter o seu jardim independente à frente e um quintal atrás” [1992: p. 75]<sup>12</sup>.

Porém, também desta vez, as leis de 1880 e de 1888 que tinham por objetivo promover o investimento privado na construção de habitação de baixo custo, não tiveram os resultados esperados. A resposta dos promotores privados foi muito fraca e as poucas habitações que foram efetivamente construídas eram de muito má qualidade. Estando limitados a um certo nível de rendas, os construtores baixavam a qualidade da construção para aumentarem os lucros. Por outro lado, as rendas estabelecidas de acordo com estas leis, ainda que controladas, tinham em consideração a remuneração do capital investido, o que implicava níveis de renda demasiado elevados para a maioria dos trabalhadores<sup>13</sup>. Em consequência, no início do século XX, a maior parte das famílias operárias continuava alojada em habitação especulativa de má qualidade.

## I.II | A 1ª RÉPUBLICA - A SITUAÇÃO HABITACIONAL ENTRE 1910 E 1926

Os movimentos operários começaram a desenvolver-se em Portugal a partir da década de 1840 e o movimento sindicalista em 1875 era já uma força política importante no país<sup>14</sup>. Greves por melhores salários, pela redução da jornada de trabalho e por reformas políticas tornaram-se comuns a partir de 1890 e intensificaram-se entre 1900 e 1912, constituindo uma componente importante da luta política que levou ao derrube da Monarquia e ao estabelecimento da República em 1910 [cf. 1992: p. 76]. Constituindo as classes operárias um segmento importante da base social de apoio do regime republicano, a habitação tornou-se compreensivelmente uma questão política importante. Pouco mais de um mês após a revolução, no dia 12 de Novembro de 1910, era publicada a *Lei do Inquilinato*, vindo ao encontro de queixas dos inquilinos contra os proprietários e senhorios<sup>15</sup>.

16 | Bairro do Bonfim, 1904-1908.

17 | Bairro do Bonfim, 1904-1908. Edifício habitacional com dois pisos.

18 | Implantação da República, 5 de Outubro de 1910.

12 Vários aspetos destas propostas de lei viriam a ser incluídos mais tarde nos decretos de habitação social de 1918 e 1933, particularmente a forma das habitações, o papel dos municípios na urbanização dos terrenos e na construção das infraestruturas e o acesso das famílias a casa própria.

13 De acordo com o jornal «A Voz do Operário», o limite de 50\$000 réis estabelecido na lei de 1888 era demasiado elevado, dado que a maior parte dos trabalhadores não podiam pagar rendas mais altas do que 24\$000 réis por ano [cf. Teixeira, 1992: p. 75].

14 Em 1876 existiam 24 sindicatos, dos quais 10 em Lisboa e 8 no Porto; e em 1903 existiam 135, com 63 em Lisboa e 42 no Porto. [cf. 1992]

15 Esta lei tornava os despejos muito mais difíceis e impedia aumentos de renda quando eram assinados novos contratos de arrendamento.



19



20



21





Foi nesta década que a Câmara Municipal do Porto (CMP) iniciou a construção de habitação municipal, caso pioneiro em Portugal. Um pouco na sequência da experiência das «colónias operárias», a CMP promoveu a construção de quatro bairros para as classes trabalhadoras. Nesses bairros, a câmara municipal adotou o mesmo tipo de casas que tinham sido construídas no Porto em 1904: conjuntos de quatro habitações agrupadas, de um ou dois pisos, cada uma delas com um pequeno jardim privado. O inventário é mais uma vez de Teixeira, que contabilizou a «colónia» Antero de Quental que foi construída em 1914, com 28 habitações; seguindo-se, no mesmo ano, os bairros de Estêvão de Vasconcelos com 90 casas; Viterbo de Campos, em 1916, 64 casas; e Manuel Laranjeira, em 1917, com 130 casas. Tudo somado totalizava 312 habitações, um número insignificante quando comparado com as 12000 casas em «ilhas» que existiam na cidade em 1909 e os milhares de casas sobre ocupadas por toda a cidade [cf. 1992: p. 76]<sup>16</sup>.

Em 1917 a CMP elaborou o Regulamento para os bairros operários. Logo no artigo 1.º, pode ler-se que “os bairros operários municipais têm por fim fornecer habitações quanto possíveis salubres e higiénicas ao proletariado e, preferencialmente, às classes operárias”. A câmara propunha-se ampliar e melhorar estes bairros, dotando-os de estabelecimentos escolares, instalações para assistência médica e cooperativas de consumo, entre outras, que contribuíssem, ficamos a saber pelo artigo 5.º, para “o bem-estar moral, social e material dos inquilinos dos bairros” [cf. Gros, 1982: p.158]. Ora, estes projetos nunca foram concretizados.

O regime republicano continuou os esforços legislativos anteriores, no sentido de promover a construção de habitação de baixo custo. Em 1918, o governo de Sidónio Pais afirmava a intenção de fazer um esforço decisivo para erradicar os bairros insalubres de Lisboa e do Porto através da construção de casas baratas para os sectores mais pobres da população (decreto n.º 4137). Tais casas podiam ser construídas quer pela iniciativa privada, quer por sociedades ou cooperativas. Em condições especiais<sup>17</sup>, estas casas podiam ser construídas pelas câmaras municipais ou pelo Estado. Cabia às câmaras municipais a responsabilidade de urbanização dos terrenos, assim como de financiamento e construção das necessárias infraestruturas e serviços, incluindo a construção das ruas, o estabelecimento de sistemas de saneamento, a instalação das redes de água e de eletricidade, a construção de escolas e o estabelecimento de

19 | «Colónia» de Antero de Quental, 1914.

20 | «Colónia» Viterbo de Campos, 1916-1917.

21 | «Colónia» Manuel Laranjeira, 1917.

16 Contrariamente ao Porto, a Câmara Municipal de Lisboa não construiu qualquer habitação entre 1910 e 1926, apesar das más condições de muitas habitações operárias — as 2300 casas em «pátios» que existiam em Lisboa em 1905, os subalugueres e as barracas que se começavam a construir. Teixeira explica o cenário: “Uma maior atividade dos construtores privados e uma maior diversidade de oferta de habitação popular, incluindo «pátios», «vilas» e pequenos prédios de habitação, ainda que muitos deles estivessem fora do alcance das famílias mais pobres, criavam a ilusão de um mercado de habitação saudável e permitiam à Câmara alhear-se do problema” [1992: p. 77].

17 Concessão de empréstimos com taxas de juro reduzidas, para além da isenção de contribuição predial e de facilidades no acesso aos terrenos.



meios de transporte baratos.

No preâmbulo do decreto lamentava-se a falta da iniciativa estatal na construção de habitação de baixo custo e apontava-se o exemplo das «colónias operárias» construídas por «O Comércio do Porto»<sup>18</sup>. Quanto ao plano dos bairros e à forma das habitações, apresentados ao Parlamento desde 1890, nunca aprovadas, retomava-se uma anterior proposta legislativa: habitações unifamiliares, sempre que possível independentes, geminadas ou em bandas que não excedessem os 100 m, cada uma com um quintal independente.

No entanto, e para não variar, os objetivos pretendidos saíram gorados. Apesar dos incentivos, os promotores privados consideravam mais lucrativo construir sem limitações de renda, do que sujeitarem-se às condições e às rendas impostas pela lei. Com efeito, a maior parte dos promotores de habitação popular não tinham capacidade financeira para investir neste tipo de empreendimento, que implicava investimentos muito maiores do que os necessários para construir «ilhas», enquanto que os promotores com mais capital preferiam construir habitação para as classes médias, atividade bem mais lucrativa.

E foi assim que o Estado – perante o desinteresse manifestado pelos investidores privados, procurando intervir sobre casos populacionais mais graves –, começou a construir alguns conjuntos urbanos destinados a realojamento de famílias que habitavam em zonas insalubres, assumindo, por exemplo, a construção de dois bairros em Lisboa (bairro do Arco do Cego, com 469 casas e bairro da Ajuda, com 264 casas) e de um no Porto (bairro de Sidónio Pais, com 100 habitações), como habitação social para arrendamento [cf. Teixeira, 1999: p. 77-78]. O bairro Sidónio Pais, construído em 1918, caracteriza-se por conjuntos habitacionais de casas geminadas de diferentes tipologias e geometrias. Este bairro, adjacente à «colónia» de Viterbo de Campos, é atualmente denominado bairro da Arrábida, devido à proximidade com a ponte da Arrábida (construída posteriormente, em 1950). Estes dois conjuntos arquitetónicos, bem como as outras iniciativas enquadradas no plano da habitação social, localizam-se fora da área urbana central da cidade do Porto do início do século XX.

### **Soluções de habitação coletiva no regime republicano**

Pelo que já ficou escrito, podemos afirmar com toda a propriedade que, definitivamente, Lisboa e Porto são duas cidades com culturas e tradições de habitação urbana diferentes. Basta ver os casos referidos, pois, enquanto o bairro de Sidónio Pais, no Porto, era constituído apenas por habitações unifamiliares, os dois bairros de Lisboa incluíam soluções

22 | Decreto-lei n° 4137.

23 | Bairro Sidónio Pais, 1918.

18 O decreto fazia extensas referências à história da legislação de habitação em França, Grã-Bretanha, Bélgica, Itália, Alemanha e Espanha, referindo-se particularmente às leis belga de 1889, inglesa de 1890, italiana de 1903 e francesa de 1906.





24



25



26

de habitação coletiva. A este propósito, Teixeira chama a atenção para o debate que na altura se travava em torno das políticas de habitação, nos seguintes termos: “Reformadores sociais começavam a reconsiderar as ideias que tinham sido aceites desde o século XIX. Em vez da construção de habitações individuais, que, inevitavelmente, implicava a construção dos novos bairros em zonas periféricas, advogavam agora a construção de blocos de habitação multifamiliares em zonas centrais das cidades, de forma a evitar as grandes deslocações diárias para o trabalho e fazer os trabalhadores participar dos prazeres da cidade. A solução mista adotada no Arco do Cego e na Ajuda, combinando blocos de habitação e habitações unifamiliares, pode ser vista como um reflexo deste debate” [1992: p. 78].

### **I.III | MEDIDAS E PROGRAMAS DE INCENTIVO NO PERÍODO DA DITADURA / ESTADO NOVO**

O plano político do período 1920/40 é marcado pelo golpe militar de 1926, que pôs fim à 1.<sup>a</sup> República e implementou a Ditadura Nacional que, em 1933, instaurou o Estado Novo, um regime que se definia como sendo um Estado nacionalista, social e corporativo. Não surpreende, por isso, que uma das primeiras iniciativas da Ditadura no campo da habitação tenha sido a revogação da Lei do Inquilinato, instituída na 1.<sup>a</sup> República. Tal facto fez como que, no imediato, se assistisse à atualização das rendas de casa.

No que respeita à promoção de habitação, dois decretos, publicados em Outubro de 1928 (n.ºs 16055 e 16085), tentavam novamente estimular a iniciativa privada para a construção de habitação de baixo custo, através de incentivos, tornando mais expedita a expropriação de terrenos e a concessão de isenções fiscais por períodos de dez a quinze anos a promotores privados que construíssem habitação de renda controlada. No entanto, mau grado as boas intenções, entre 1930 e 1936 foram construídas apenas 289 habitações nestas condições. Tal como anteriormente, as principais razões para a fraca resposta dos construtores privados eram duas: i) a falta de terrenos urbanizados suficientemente baratos para a construção de habitação de baixo custo; ii) os maiores lucros que se obtinham na construção de habitação para o mercado livre. Novo decreto haveria de ser publicado em 1941 (n.º 31561) perseguindo o mesmo objetivo, mas, igualmente, sem grande sucesso.

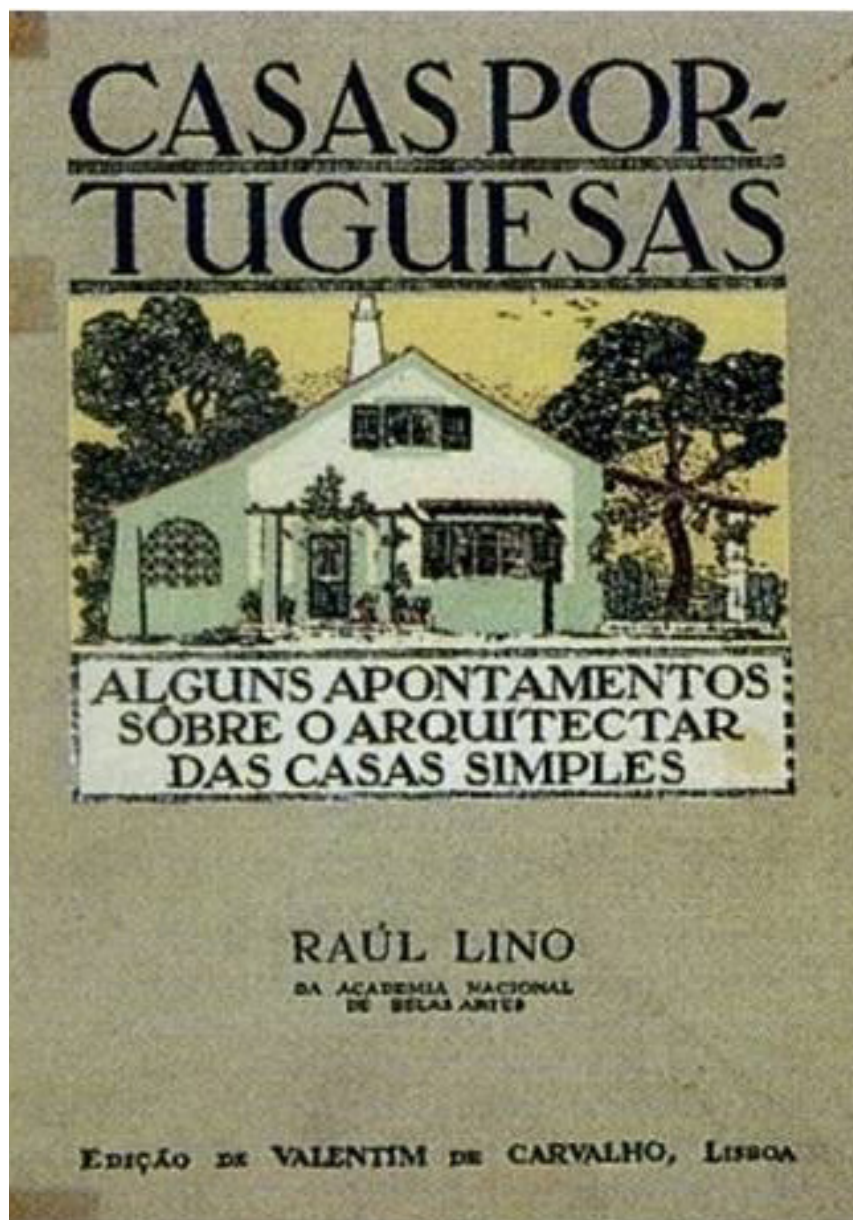
24 | Bairro da Ajuda, Lisboa, 1934.

25 | Bairro do Arco do Cego, Lisboa, 1935.

26 | Golpe Militar de 1926. Instauração da Ditadura.

Curiosamente, nos anos 30, as cidades de Lisboa e do Porto entraram numa nova fase de desenvolvimento económico e de crescimento demográfico, baseados não tanto no desenvolvimento industrial, mas noutros fatores, nomeadamente a ameaça de guerra na Europa. Como refere Teixeira, “o aumento do investimento estrangeiro em Portugal, os lucros crescentes da exportação de produtos para as indústrias de guerra, principalmente o volfrâmio, e os aumentos de preços dos produtos coloniais nos mercados internacionais criaram um excesso de liquidez, muito do qual veio a ser





27



28

investido no sector imobiliário e da construção” [1992: p. 78].

Perante o aumento significativo da população do Porto neste período, de 1920 a 1940 construíram-se no Porto 19300 novas habitações<sup>19</sup>.

### As casas económicas

A política habitacional da Ditadura Nacional / Estado Novo era no essencial dirigida às classes médias, a sua principal base de apoio, ainda que no discurso oficial se dirigisse às classes trabalhadoras. Em 1933, o governo cria o programa de habitação das «casas económicas», conceito destinado à aquisição de habitação própria através de renda resolúvel<sup>20</sup>.

Os bairros de «casas económicas» eram compostos de habitações unifamiliares, de um ou dois andares, independentes ou geminadas, cada uma com o seu próprio jardim. Estes bairros eram construídos diretamente pelo Estado e destinados fundamentalmente a funcionários públicos. As casas eram pagas em prestações mensais ao longo de um período de 25 anos, findos os quais se tornavam propriedade da família. Recorrendo novamente a Teixeira, percebe-se que este “modelo formal, e o regime de propriedade que lhe estava associado, adequava-se à política oficial de tornar cada família portuguesa a proprietária da sua própria casa e, ao mesmo tempo, prevenia o que o regime considerava as “perigosas” concentrações de trabalhadores em blocos de habitação coletiva” [1992: p. 80].

Ideologicamente, a família era um dos pilares do Estado Novo, e isso traduzia-se na política de habitação do regime. As palavras de Salazar são esclarecedoras: “A intimidade da vida familiar reclama aconchego, pede isolamento, numa palavra, exige a casa, a casa independente, a nossa casa. [...] É naturalmente mais económica, mais estável, mais bem constituída, a família que se abriga sob tecto próprio. Eis porque não nos interessam os grandes falanstérios, as colossais construções para habitação operária [...] para o nosso feitio independente e em benefício da nossa simplicidade morigerada, nós desejamos antes a casa pequena, independente, habitada em plena propriedade pela família” [1992: p. 80]. Como fica patente neste discurso, as soluções de habitação coletiva experimentadas pelo regime republicano nos seus bairros não tinham no Estado Novo qualquer acolhimento.

27 | Livro «Casas Portuguesas», de Raul Lino, publicado em 1933.

28 | «Casas económicas»: Bairro das Condominhas, 1934-35.

19 De 1920 a 1930 a população do Porto aumentou 27500 habitantes, aumentando novamente de 28800 habitantes entre 1930 e 1940, enquanto que o crescimento populacional entre 1911 e 1920 tinha sido de apenas 10400 habitantes. Em Lisboa verificaram-se idênticas taxas de crescimento. A sua população aumentou de 107300 habitantes entre 1920 e 1930 e de 102500 habitantes entre 1930 e 1940, enquanto que de 1911 a 1920 tinha crescido apenas 52900 habitantes. O número de fogos construídos em Lisboa de 1920 a 1940 atingiu os 54700 [cf. Teixeira, 1992: p. 79]

20 Decreto-Lei n.º 23 052, de Setembro de 1933



Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



29



30



31



As «casas económicas» assentavam nos supostos valores e modos de vida tradicionais da população portuguesa. Elas representariam um certo modelo de viver rural transportado para a cidade. Hoje, são uma referência importante para a compreensão do clima político e ideológico dos anos 30 e 40. A promoção da casa própria era política oficial do governo e as referências à família e à posse de propriedade temas recorrentes do discurso ideológico do regime. Ou seja, mais do que uma tentativa para resolver carências de habitação, o programa das «casas económicas» tinha essencialmente um papel político e ideológico.

O Estado controlava todo o processo de construção das «casas económicas», incluindo a aquisição de terrenos, o financiamento, a construção, a distribuição das casas e a gestão dos bairros. O governo esperava que outros agentes – instituições de segurança social, corporações, serviços públicos, cooperativas, promotores privados – em associação com o Estado, viessem a construir habitação social e que o número de casas colocadas no mercado pelas «casas económicas» levasse ao abaixamento das rendas das habitações no mercado livre. Contudo, tal não aconteceu.

Em Lisboa o programa construiu 622 casas, entre 1933 e 1940, em três novos bairros: Alto da Ajuda, Alto da Serafina e Belém. No Porto, no mesmo período, foram construídas 836 casas em seis bairros: Ilhéu, Condominhas, Ameal, Azenha, Paranhos e Ramalde<sup>21</sup>. Para além das habitações, alguns bairros de maior dimensão incluíam outros equipamentos, como lojas, jardins infantis, postos médicos ou escolas. A maior parte dos bairros localizavam-se em zonas urbanas periféricas e “se a baixa densidade destes bairros – a exigir grandes extensões de terreno – e o custo elevado de terrenos em zonas centrais ajudam a explicar estas localizações”, Teixeira afirma que “havia também uma preocupação de segregação social e residencial que passava por este programa” [1992: p. 81].

Esta iniciativa, financiada pelo Estado e que se prolongou até 1950, levou à construção de 1662 habitações, distribuídas por 9 bairros localizados em diferentes zonas da cidade. Para além dos referidos no parágrafo anterior, foram ainda construídos os bairros: Marechal Gomes da Costa, S. Roque da Lameira e Costa Cabral [cf. Ferreira, 1999]. Estes bairros são construídos em áreas pouco urbanizadas e, contrariamente ao inicialmente previsto, Gros constata que os bairros não serão ocupados pelas classes mais desfavorecidas que habitavam as «ilhas» e o centro histórico sobrelotado da cidade do Porto, pois, a inflação dos preços das habitações não era suportável para as classes mais empobrecidas [cf. Gros, 1982: p. 162].

29 | «Casas Económicas»: Bairro do Ameal, 1935-58.

30 | «Casas Económicas»: Bairro da Azenha, 1937-1939.

31 | «Casas Económicas»: Bairro de Paranhos, 1935-1939.

21 Noutras cidades — Braga, Bragança, Olhão, Portimão, Viana do Castelo, Vila Viçosa, São João da Madeira — construíram-se 496 casas. Ao todo, entre 1933 e 1940, o programa de «casas económicas» construiu 2718 fogos [cf. 1992: p. 81].



32



33



34

Reconhecendo este facto, um decreto-lei publicado em 1938 (n.º 28912) veio permitir a construção de «casas desmontáveis». Construídas de materiais pobres, destinavam-se ao alojamento provisório de famílias desalojadas de bairros de barracas e era suposto que fossem pouco tempo depois substituídas por outras habitações de carácter permanente. O tamanho, a qualidade e as rendas destas casas eram bastante inferiores às das «casas económicas». As casas eram alugadas com a mobília básica e a renda, que variava entre 30\$00 e 50\$00, com o custo da água e da eletricidade já incluído<sup>22</sup>.

### Políticas de habitação social – perspetivas em confronto

Nos anos 30, as questões do tipo e da localização da habitação social ganharam centralidade política. Tanto o município do Porto como o de Lisboa não concordavam com os modelos oficiais de habitação social e pretendiam, por isso, construir os seus bairros municipais de acordo com as suas perspetivas. Assim, a Câmara Municipal de Lisboa tomou a iniciativa de construir dois bairros, ambos destinados a funcionários municipais: o bairro Presidente Carmona, em 1928, com 101 habitações em vários prédios; e o bairro Salazar, em 1936, com 152 habitações. Este último bairro consistia em 40 casas de dois pisos, sendo cada piso uma habitação independente, com acesso separado; e 12 prédios de três pisos, com duas habitações por piso. O bairro incluía também um pequeno centro cultural, com escola. “Apesar da simplicidade e da pequena escala de todo o conjunto, esta solução foi muito criticada pelas suas alegadas tendências coletivistas” [Teixeira, 1992: p. 82].

No Porto, segundo o *Inquérito Geral às Ilhas*, de 1939, realizado pela CMP, o número total de «ilhas» na cidade era de 1153 e correspondia a 13594 casas. Destas, apenas 3700 podiam ser melhoradas; todas as outras deviam ser demolidas e substituídas [CMP, 1956]. Assim, por iniciativa municipal, em 1940 foi concluída a construção do Bairro Duque de Saldanha. Este conjunto habitacional veio revolucionar a estratégia de atuação face à habitação social: por um lado, este bloco habitacional coletivo foi construído na vizinhança de S. Victor, considerado nessa altura um dos polos de maior concentração de «ilhas» na cidade do Porto; por outro lado, a construção de um bloco coletivo e plurifamiliar veio inovar a forma como até então se projetava a articulação entre as diversas habitações. Estes 115 fogos eram destinados a servir de alojamento temporário, realojando os habitantes das «ilhas» demolidas [cf. Gros, 1982: p. 187]. A CMP defendia a construção de blocos de habitação social em zonas centrais, o mais perto possível das «ilhas» a serem demolidas, e o Bloco Saldanha era apontado como o modelo para este tipo de habitação.

32 | «Casas Económicas»: Bairro de S. Roque, 1938/40.

33 | «Casas Económicas»: Bairro de Costa Cabral, 1939-42.

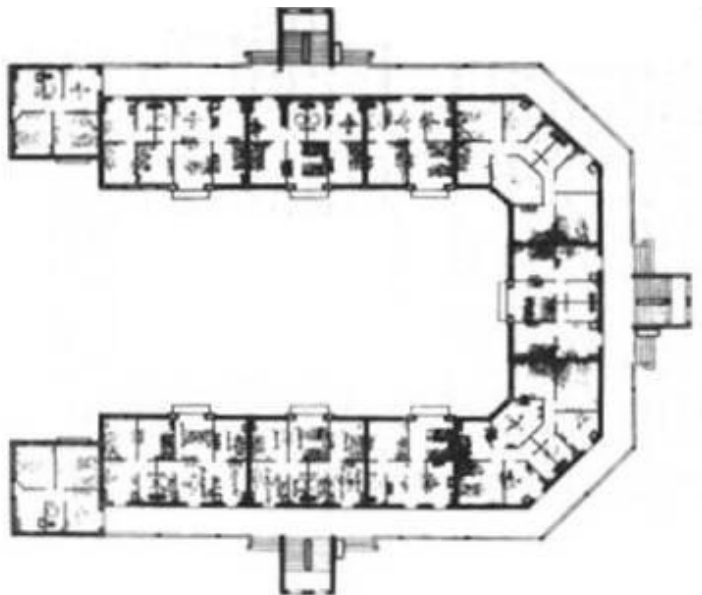
34 | «Casas Económicas»: Bairro Marechal Gomes da Costa, 1947-50.

22 Em Lisboa, o bairro da Quinta da Calçada, com 500 casas, e o bairro da Boa Vista, com 488 casas, construídos em 1938 e 1939, respetivamente, foram dois destes bairros temporários [cf. 1992: p. 81].





35



36



37

Contudo, refere Teixeira que, mais uma vez, “o Bloco Saldanha chocava frontalmente com a ideologia do Estado Novo em matéria de habitação. Por um lado, a sua tipologia, um bloco de apartamentos com vários andares, em forma de U e com um pátio interior, era exatamente o oposto dos modelos de habitação favorecidos pelo regime; por outro lado, a sua localização numa zona central do Porto, dentro do tecido urbano oitocentista, e perto dos locais de residência das pessoas que ia realojar, contrariava a política de construir os novos bairros em zonas periféricas. Estas duas questões provocaram conflitos nos anos que se seguiram, quer no interior da própria municipalidade, quer entre a municipalidade e o Ministério das Obras Públicas” [cf. 1992: p. 82].

Como o financiamento para as habitações a construir pelas câmaras municipais era atribuído pelo Ministério das Obras Públicas, este recusou qualquer tipo de assistência financeira à construção de outros bairros camarários, a menos que a forma e a localização dos bairros camarários estivessem de acordo com as diretivas governamentais. Nesse contexto, a CMP viu-se obrigada a desistir das suas pretensões. O bairro camarário seguinte, construído no Porto, o bairro de Rebordões, em 1942, foi construído nos limites da cidade, perto da Estrada da Circunvalação, e consistia em 145 habitações geminadas, de dois pisos. E Teixeira não tem dúvidas: “era uma negação deliberada de todo o conjunto de ideias que haviam enformado o Bloco Saldanha. A casa tradicional, independente, favorecida pelo regime, havia triunfado sobre as soluções modernas, colectivas, representadas pelo Bloco Saldanha” [cf. 1992: p. 83].

### Plano de salubridade das ilhas do Porto

Em 1940, a realização do *Inquérito Nacional e do X Recenseamento Geral da População* permitiu uma primeira avaliação concreta da situação do país no que toca a questões de habitabilidade, tendo-se apurado que 45 mil dos 258 mil habitantes da cidade do Porto viviam em condições precárias, em «ilhas» [cf. Pereira, 2013: p. 47]. A partir deste momento, intensificou-se a ação do Estado no sector da habitação e, neste mesmo seguimento, foi criado o *Plano de Salubridade das Ilhas do Porto*. No decorrer deste plano, foram construídos diversos conjuntos arquitetónicos de incentivo à habitação social, nomeadamente os bairros Rebordões, S. Vicente Paula, S. João de Deus, Condominhas, Pereiró e Rainha D. Leonor (mais conhecido por Bairro das Sobreiras).

35 | Bairro Duque de Saldanha, 1940.

36 | Planta do Bairro Duque de Saldanha, 1940.

37 | Bairro Rainha D. Leonor, 1953-1955.

O Plano de Salubridade das Ilhas desenvolveu-se de 1940 a 1956 [CMP, 1956]. Pretendendo erradicar e resolver definitivamente o problema das carências habitacionais portuenses, são apresentadas propostas a nível urbanístico, administrativo, técnico e económico, visando construir num futuro próximo e posterior à aplicação do mesmo plano 6000 habitações. Propõe-se igualmente requalificar alguns conjuntos habitacionais, procedendo-se à sua prévia demolição total ou parcial. Este plano afirma-



38



39



se, assim, mais uma iniciativa para fazer face às baixas condições de vida de uma grande parte da população da cidade.

Ora, acontece que na primeira metade do século XX (1905 a 1957), o Porto assiste a um acréscimo demográfico de 110 mil habitantes e que apesar das várias iniciativas realizadas desde então, as 1176 casas construídas no âmbito do Plano, apenas permitiram realojar 1,96% da população [cf. DSPM, 1666: p. 61]. Contudo há que reconhecer que, contrariamente a outros planos apresentados e medidas tomadas, cujo resultado ficou longe do pretendido e, em muitos casos, cujos objetivos não saíram do papel, o Plano de Salubridade das Ilhas serviu de motor de arranque para um dos maiores planos urbanísticos e habitacionais da história da habitação social da cidade do Porto: o *Plano de Melhoramentos*. O Plano de Melhoramentos da cidade do Porto vai colocar em prática os objetivos e intenções traçados no Plano de Salubridade das Ilhas, estendendo-se ao longo de 10 anos (1956-1966).

### **Plano de Melhoramentos da cidade do Porto**

“Pelo Decreto-lei nº 40616, de 28 de Maio de 1956, foi aprovado o Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto, a executar pela Câmara Municipal e que previa a construção, no prazo de dez anos, a partir de 1 de Janeiro de 1957, de prédios urbanos com a capacidade de alojamento de 6000 fogos, de rendas módicas, destinados exclusivamente a habitação das famílias provenientes das construções a demolir ou a beneficiar” [DSPM, 1666: p. 5].

Estas eram as premissas descritas e assumidas no Plano de Melhoramentos da cidade do Porto. Com base no anterior Plano de Salubridade propõe-se “eliminar e substituir (as «Ilhas» do Porto) por moradias dignas da condição humana”, uma vez que estas habitações precárias são consideradas problemas administrativos da cidade, para além de “focos de imundice e de doença que não permitem que os seus ocupantes adquiram os hábitos que a civilização actual impõe para todas as classes” [p. 7].

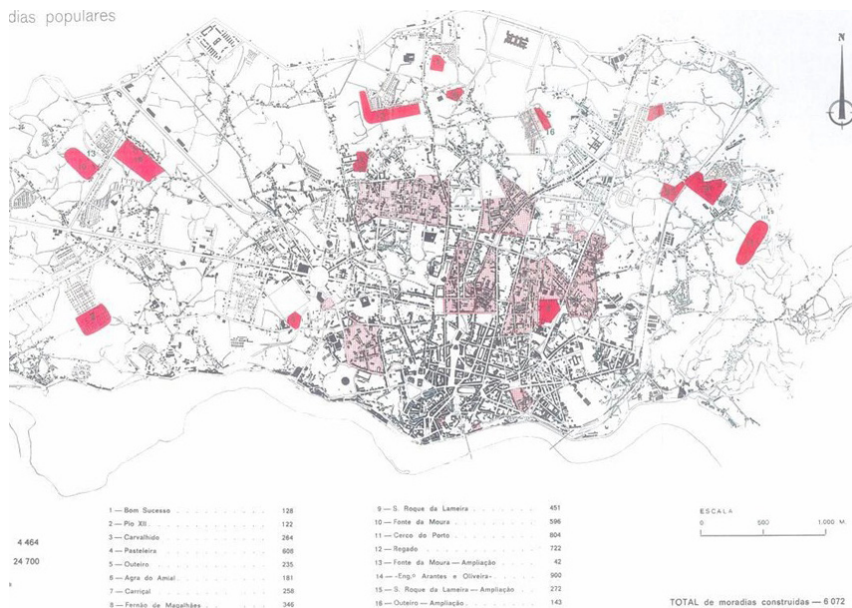
Da autoria do Eng. José Albino Machado Vaz (Presidente da Câmara Municipal do Porto entre os anos 1953 a 1962), o plano pretende construir habitações (ex.: a urbanização da zona do Campo Alegre) e colocar em prática projetos de urbanização, com a criação de zonas de expansão e a demolição das «ilhas». Assim, no seguimento desta pretensão, é neste período que se assiste à aplicação concreta dos planos de Ezequiel de Campos (1932) e Antão de Almeida Garrett (1947-52), visando a expansão da cidade para poente, coordenando desde logo a construção da nova ponte sobre o Rio Douro, e a redefinição da malha urbana do centro do Porto, facilitando o desenvolvimento normal da cidade. É neste período que é projetada a requalificação da zona da Sé do Porto e a abertura da comumente conhecida Avenida da Ponte. As demolições decorreram entre 1940 e 1985. [cf.: p. 9].

38 | «Plano de Melhoramentos 1956-66».

39 | Demolições no decorrer da abertura da Avenida da Ponte, 1950.

## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira

dias populares



40



41



42

Os edifícios de habitação social foram construídos em terrenos viáveis situados na proximidade de condutas de água de consumo, coletores de saneamento e rede de energia elétrica. Com a finalidade de averiguar quais as tipologias de habitação que se adaptariam melhor às famílias a realojar foram realizados inquéritos. Assim, foi apurado que as tipologias de habitação mais adequadas deveriam ser a tipologia de 2 ou 3 quartos<sup>23</sup>. No entanto, o primeiro bairro do Plano – o bairro do Bom Sucesso –, construído em 1956, viria a agrupar apenas tipologias de 3 quartos.

Bairros do Plano de Melhoramentos (1956-66)	T1	T2	T3	T4	Total
Bom Sucesso			128		128
Pio XII	2	8	104	8	122
Carvalhido	8	56	192	8	264
Pasteleira	36	130	410	32	608
Outeiro	8	54	165	8	235
Agra do Amial	13	40	120	8	181
Carriçal	40	88	109	21	258
Fernão de Magalhães	52	120	135	39	346
S. Roque da Lameira	76	128	197	50	451
Fonte da Moura	30	120	416	30	596
Cerco do Porto	139	268	295	102	804
Regado	206	356	80	80	722
Fonte da Moura II	24		12	6	42
Eng. Arantes e Oliveira	188	360	248	104	900
S. Roque da Lameira II	64	88	88	32	272
Outeiro II	65	16	42	20	143
<b>Total</b>	<b>951</b>	<b>1 832</b>	<b>2 741</b>	<b>548</b>	<b>6 072</b>

40 | Mapa de localização dos bairros construídos no âmbito do Plano de Melhoramentos, 1956-1966.

41 | Bairro do Bom Sucesso, 1956.

42 | Bairro do Carvalhido, 1958.

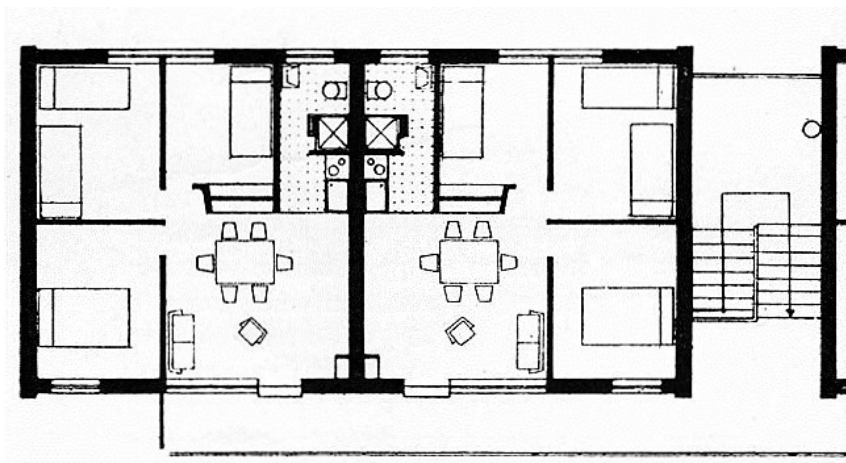
### Q1 | Número de habitações por tipologia dos bairros do Plano de Melhoramentos (1956-1966).

Fonte: DSPM, 1966, p.20

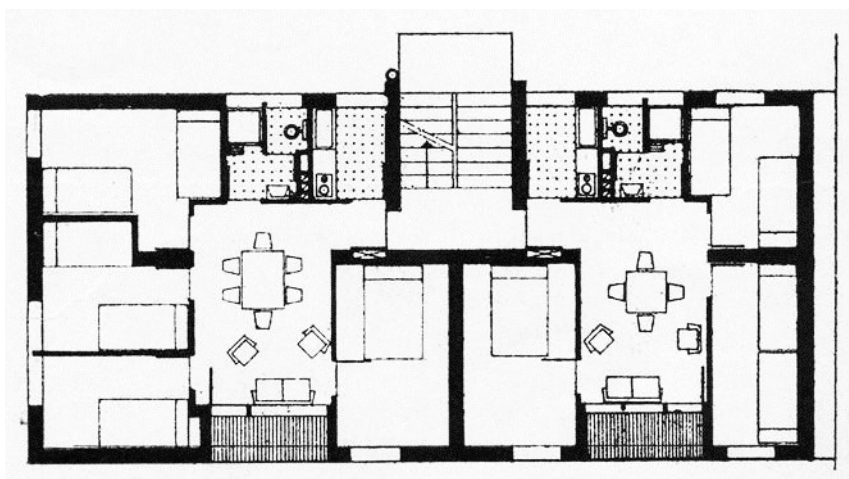
No seu todo, para os bairros do Plano de Melhoramento, foram propostas quatro tipologias com 1, 2, 3 e 4 quartos, sendo ainda desenhados espaços

<sup>23</sup> Inquéritos realizados em 1956 – tipos de moradias: Tipo I – 15%; Tipo II – 30%; Tipo III – 45%; Tipo IV – 10%.





43



44



45

de sala comum, um “recanto da cozinha com fogão elétrico” e instalação sanitária com sanita, lavatório e “tina de uso múltiplo com chuveiro para banho, outras operações de limpeza e lavadouro”. É ainda mencionado no Plano que “na maioria dos bairros, cada habitação possui também recinto privativo para estendal de roupa devidamente resguardado das vistas do exterior [p. 17].

Os conjuntos habitacionais projetados são organizados em quatro pisos (rés-do-chão mais três andares) e apresentam organização funcional diferenciada. Assim, nos bairros do Plano de Melhoramentos podemos encontrar edifícios habitacionais de três variantes: i) tipo A, de exposição solar nascente-poente, fazendo-se o acesso às habitações em galeria “por onde o ar circula livremente e a luz penetra”; ii) tipo B, com fachadas orientadas a norte e a sul, cuja distribuição habitacional é realizada através da comumente designada distribuição “esquerdo-direito”, permitindo o maior e melhor isolamento das habitações em relação à escada, isto é, à zona comum de vizinhança; iii) e, ainda, tipo C, mais tardiamente aplicada e com semelhanças ao tipo B mas com acesso a três habitações por patamar de escada. A variante C agrupa, apenas, habitações tipo 1, 2 e 4. Na variante A, as habitações do rés-do-chão têm ligação direta à rua. Nestes edifícios habitacionais foi dada especial atenção à questão do saneamento, utilizando-se condutas de lixo com entradas colocadas no patamar de cada piso [p. 17]<sup>24</sup>.

As tipologias de habitação foram projetadas segundo os hábitos de vida das populações a realojar. Deste modo, elementos arquitetónicos como as cozinhas e os espaços de circulação interior vieram a sofrer evolução no seu desenho, ao longo do decurso do plano e da construção dos respetivos bairros. Assim, as tipologias sofreram pequenas alterações à medida que se estudava a forma de apropriação ao espaço por parte das pessoas, nomeadamente, a forma como a mulher organizava e geria as limpezas da casa<sup>25</sup> e como o agregado familiar utilizava diferentemente a casa conforme as tarefas fossem diurnas ou noturnas, variando, consequentemente, a permanência nos espaços da casa<sup>26</sup>.

43 | Módulo-tipo (A) de edifício de acesso em galeria, aplicado nos bairros do Plano de Melhoramentos.

44 | Módulo-tipo (B) de edifício de acesso vertical múltiplo, aplicado nos bairros do Plano de Melhoramentos.

45 | Bairro do Cerco do Porto, 1963.

As áreas úteis das habitações variam entre os 30,00 e os 65,00 m<sup>2</sup>, correspondendo estes limites às tipologias de Tipo 1 nos edifícios de variante A e tipologia T4 nos volumes de habitação de variante C, respetivamente. As áreas mínimas das dependências das habitações variam entre os 6,5 e os 16m<sup>2</sup>, sendo a altura do pé-direito de 2,50m.

24 A recolha do lixo doméstico seria conduzida a um recipiente no rés-do-chão e, posteriormente, recolhida pelos Serviços de Limpeza Pública.

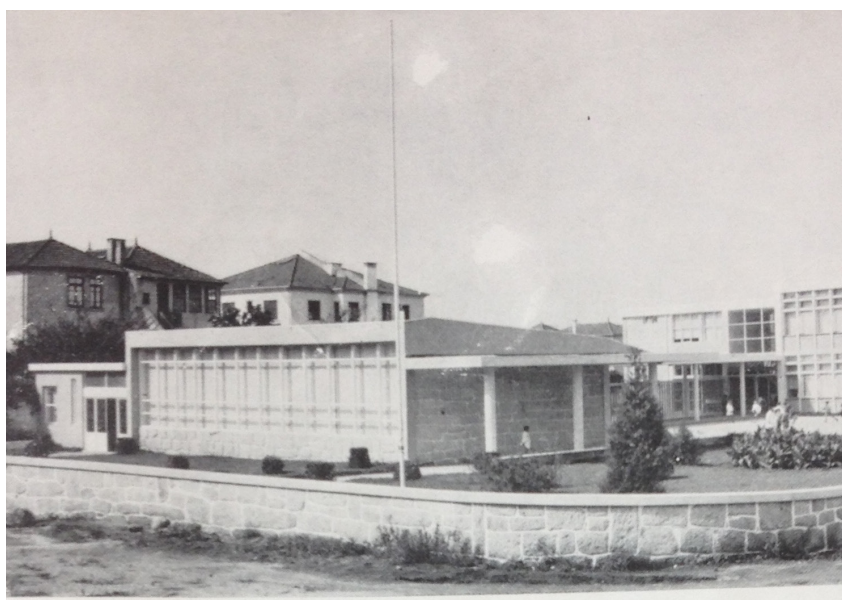
25 “O pouco tempo que a mães de família podem dispensar ao arranjo da casa quando simultaneamente trabalham fora do lar, não lhes permitia ter em ordem e asseio o interior das cozinhas-nicho” [DSPM, 1666, p. 18]

26 A diferenciação entre zona íntima dos quartos e espaço de permanência diurna na sala [p. 18].





46



47



48

Para a execução do Plano de Melhoramentos foram adotados métodos de construção que permitissem a rapidez de execução, tendo-se privilegiado o acesso fácil aos materiais. Assim, aproveitando a facilidade em explorar pedreiras no local de obra, foram aplicadas paredes exteriores de tijolo e perpanho de granito, garantindo o primeiro, o preenchimento de vazios de estruturas reticulares de betão armado [p. 18].

Paralelamente à construção de edifícios de habitação para realojamento de famílias, foram projetados planos de urbanização para as áreas envolventes aos bairros construídos, atendendo, também, à necessidade de acesso a estabelecimentos comerciais, postos de enfermagem, centros sociais, recreativos e desportivos, no fundo, edifícios com fim educacional e assistencial.

Ao longo dos 10 anos que durou o Plano de Melhoramentos (1956/1966), foram construídos treze bairros e, posteriormente, ampliados três deles. Foram disponibilizados 6072 fogos a famílias carenciadas (foi atingida a média de 2 moradias por dia), ultrapassando, deste modo, o número considerado no Plano de Salubridade das ilhas, que antecedeu o Plano de Melhoramentos. Com este plano, foi possível alojar 9,8% da população do Porto, que, no ano de 1966, ultrapassava os 310 mil habitantes [p. 31].

A construção destes bairros teve o custo total de 310 623 contos, distribuídos da seguinte maneira: 65% para a construção dos edifícios de habitação; 22% para a aquisição de terrenos e os restantes 13% para urbanização e instalação de redes exteriores de água, eletricidade, fogões e obras complementares [p. 20]. As rendas das habitações eram calculadas segundo os encargos de estabelecimento (custo do empreendimento) e encargos de serviço (administração e conservação). Assim, as rendas base, fixadas em função dos rendimentos do agregado familiar de Esc. 1000\$00 mensais<sup>27</sup> seriam de 90\$00 a 100\$00 para a tipologia de 1 quarto; 120\$00 a 145\$00 para a tipologia de 2 quartos; de 150\$00 a 180\$00 para a tipologia de 3 quartos; e de 185\$00 a 210\$00 para uma tipologia de 4 quartos [p. 24].

Os bairros que integram o Plano apresentam características comuns. Não há, contudo, uma replicação absoluta dessas características, registando-se algumas, por vezes aparentemente pequenas, reinterpretações e adaptações a partir da base inicial. Aliás, é possível perceber uma evolução dos projetos e das abordagens ao longo e no decurso do plano, visando uma maior adequação às formas de apropriação e hábitos da população a alojar, os habitantes das «ilhas», recorde-se. A evolução construtiva e industrial e a própria expansão da cidade foram igualmente fatores que influenciaram os reajustamentos feitos durante o desenvolvimento do Plano de Melhoramentos.

46 | Bairro da Agra do Amial, 1960.

47 | Escola do Bairro Agra do Amial.

48 | Bairro Fonte da Moura, 1962.

27 Sem incluir o benefício do abono de família recebido pelas entidades patronais.



49



50



51



## O Bairro da Pasteleira

O Bairro da Pasteleira foi um dos primeiros bairros do Plano de Melhoramentos, tendo sido construído, e gradualmente, inaugurado e ocupado, entre os anos de 1958 e 1960<sup>28</sup>. Localizado no Pinhal da Pasteleira, extensa área de vegetação selvagem na freguesia de Lordelo do Ouro, este bairro camarário é composto por 27 blocos de habitação, agrupando 606 fogos.

O enquadramento urbano do Bairro da Pasteleira obedeceu às orientações definidas nos planos de expansão para a cidade do Porto. Os terrenos de construção do Plano de Melhoramentos localizavam-se maioritariamente na periferia da cidade, em contextos pouco urbanizados. Dada a grande afluência de pessoas ao centro urbano, a opção assumida foi a descentralização dos bairros, seguindo linhas de ampliação para norte, nascente e poente. Foi assim que se foi urbanizando, a poente do centro urbano, uma nova zona da cidade, uma zona que se liga ao mar através da Avenida da Boavista<sup>29</sup>.

Seguindo as diretrizes de projeto determinadas pelo plano de intervenção do qual faz parte, no Bairro da Pasteleira é possível identificar dois tipos de edifício habitacional: o edifício em galeria (EG) e o edifício de acesso vertical múltiplo (EAVM). Estes são dois dos três módulos-tipo aplicados nos bairros do Plano de Melhoramentos, diferenciados principalmente pela forma de acesso e distribuição das habitações.<sup>30</sup>

Tendo o Plano de Melhoramentos como objetivo principal a demolição dos ‘barracos’ da cidade e a criação de condições de habitabilidade para a população carenciada das ilhas, o Bairro da Pasteleira insere-se nesse projeto, já que a população a alojar é originária dos ‘barracos’, «ilhas» e, ainda, de construções demolidas (ou a demolir) para concretizar os planos de expansão da cidade, como é o caso da Avenida da Ponte – um plano urbanístico que estava a ser desenvolvido em paralelo no Porto. As pessoas que foram habitar o bairro viviam, assim, em habitações de áreas muito reduzidas, pobres e sobrelotadas, tendo enraizado hábitos de vida e rotinas condicionadas por esse tipo de habitação. Esse facto influenciou, como veremos mais adiante, a forma como perceberam e se apropriaram das novas habitações no bairro.

49 | Vista aérea da  
Bairro da Pasteleira,  
década de 60.

50 | Alçado sul dos  
edifícios de acesso  
vertical múltiplo do  
Bairro da Pasteleira.

51 | Galeria de  
distribuição dos blocos  
habitacionais do Bairro  
da Pasteleira.

28 Em 1961, o Plano Diretor da Cidade, definido por Robert Auzelle, integra a zona da Pasteleira, propondo um estudo de pormenor, no âmbito do plano da cidade do Porto. Este estudo, que foi coordenado pelo arquiteto Alberto Rosmaninho, apontava para a criação de sectores de urbanização na zona da Pasteleira.

29 A Av. da Boavista é, hoje, um importante eixo organizador da zona poente da cidade do Porto.

30 Plantas originais nas imagens 43 e 44.







## II | O BAIRRO DA PASTELEIRA



53

Vim praqui com 5 anos. Há 50 anos. Ainda não tinha vindo para a primária quando vim aqui pro bairro. É engraçado porque eu vim daqui de Pinheiro Torres, da beira da Aluminia, da fábrica dos tintos, para construir o Pinheiro Torres. Eu morava numa ilha e então foi tudo abaixo para construir o Pinheiro Torres.

Celestino, 57 anos (Vive no Bairro há 51 anos.)



54

Eu tive a casa há dois anos [na Pasteleira Nova]. Eu sou no rés-do-chão mesmo, e ao meu lado... Eu tenho uma vizinha que também era minha vizinha da mesma torre. Sempre fiz força. Sempre me misturei no meio das pessoas contra a polícia. Levei com gás nos meus olhos, tive que ir hospital para desinfetar. Mas mesmo assim lutei sempre e disse: 'Vou embora mas vou ser sempre Aleixo'. Eu não me sinto daqui.

Lurdes, 50 anos (Visita regularmente o Bairro.)



55

Nós, miúdos, íamos para ali brincar, para perto do muro [da Quinta de Serralves]. E afixado no muro tinha uns letreiros que diziam 'Cuidado: Explosivos!!!'

Armando, 56 anos (Viveu no Bairro entre 1960 e a 1976.)

## II.1 | ENQUADRAMENTO URBANO

### Localização e Envolvente

O Bairro da Pasteleira foi construído entre 1958 e 1960 no Pinhal da Pasteleira, inicialmente uma extensa área de vegetação selvagem que se localizava em Lordelo do Ouro, freguesia onde já existiam edifícios de habitação social de iniciativa municipal e privada. Destes, destacam-se o bairro Rainha D. Leonor (de 1955), o Agrupamento Habitacional Rainha D. Leonor (de 1953) e o bairro Marechal Gomes da Costa (de 1950), que foram construídos anteriormente ao Bairro da Pasteleira.

A ligação desta zona com o centro urbano e a Foz do Douro – o mar – fazia-se através de uma cota mais baixa, pela marginal do Rio Douro, e, por uma cota mais alta, seguindo a Avenida da Boavista (hoje um importante eixo organizador da zona poente da cidade) e a Avenida Marechal Gomes da Costa.

A relação direta do Bairro da Pasteleira com a cidade restringia-se ao bairro Marechal Gomes da Costa, a norte; a sul e poente, estava rodeado por vegetação selvagem; e, a nascente, era delimitado pelo muro da Quinta de Serralves<sup>31</sup>, que separava duas realidades distintas, criando uma barreira espacial e visual entre os dois ambientes.

O período de construção do bairro em estudo coincide, também, com a data de construção da Ponte da Arrábida, elemento que veio criar uma nova e importante ligação com a margem sul do Rio Douro, estimulando o desenvolvimento da zona ocidental da cidade do Porto<sup>32</sup>.

Com o crescimento populacional, o Porto continuou a expandir-se para as zonas mais periféricas do centro urbano. Assim, Lordelo do Ouro foi perdendo o seu isolamento, integrando-se na malha urbana da cidade.

52 | Entradas dos blocos habitacionais de acesso vertical múltiplo [p. 58].

53 | Plano Regulador da Cidade do Porto, 1947-1952.

54 | Construção da Ponte da Arrábida, 1963.

55 | Crianças brincam junto do muro da Quinta de Serralves, 1962.

Atualmente, os limites norte e nascente continuam a ser o bairro Marechal Gomes da Costa e o muro de Serralves. Contudo, verifica-se uma maior permeabilidade e inter-relação de Serralves com os contextos adjacentes, nomeadamente através da maior e mais diversa utilização da sua entrada sul, portão de acesso pela via partilhada com o Bairro da Pasteleira.

31 Naquele tempo, a Quinta de Serralves incluía a Casa de Serralves, mandada construir, entre 1931-1940, por um aristocrata da indústria têxtil, sendo um exemplar de arte Deco em Portugal. O projeto da casa esteve a cargo do arquiteto Marques da Silva e o projeto dos jardins é da autoria de Jacques Gréber.

32 A Ponte da Arrábida é a primeira grande ponte sobre o Rio Douro integralmente concebida, projetada e construída pela Engenharia Portuguesa. Foi inaugurada no dia 22 de Junho de 1963, segundo o projeto do Engenheiro Edgar Cardoso. Era, naquela data, a ponte em arco construída em betão armado com maior vão em todo o mundo: 270 metros. [PCPAMN, 2010: p. 4].



## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



56

*Onde tem aqueles dois prédios [aponta para os condomínios de luxo ao lado do último bloco a poente, o 27], era um lavrador, há muitos anos atrás. E tinha cavalos.*

Pedro, 37 anos (Viveu no Bairro até aos seus 32 anos de idade.)



57

*Eu para ir para a escola tinha de ir por aí. Eu para ir para o [a Escola] Leonardo Coimbra, que é mais lá para baixo, íamos todos aí por essa viela. E não havia problema. E mesmo à noite podíamos vir por ali, 6 e meia [18:30] já era tarde, escuro no Inverno... também vinha muita gente, a maior parte das pessoas não ia de autocarro, era tudo a pé.*

Patrícia, 35 anos (viveu e cresceu no Bairro até aos seus 34 anos)



58



A sul e a poente do bairro, desenvolveram-se nos últimos 55 anos novos contextos urbanos. A sul, foram construídos o Agrupamento Habitacional da Pasteleira (construído em 2001, com 350 fogos, é conhecido por “Pasteleira Nova”) e o Parque da Pasteleira<sup>33</sup>. Uma das principais entradas do Parque está localizada na via que separa o Parque do Bairro da Pasteleira, o que permite um contacto espacial direto e fluído entre os dois ambientes. A poente do bairro, o projeto original previa um lote destinado ao setor privado, tendo sido construídos dois condomínios de habitação privados, dois edifícios de cota muito elevada (com 9 pisos) que contrastam, fortemente, com a altimetria do bairro. A separar o Bairro da Pasteleira destes condomínios de luxo existe um muro que separa, fisicamente, as duas realidades.

Para além da clara diferenciação no que toca à imagem e escala dos dois contextos de habitação, coexistem diferenças significativas de nível social e cultural entre a população que reside nesta zona da cidade do Porto, nomeadamente na freguesia de Lordelo do Ouro. O contraste entre pessoas de extratos sociais mais desfavorecidos e pessoas com poder económico fica evidente, também, na própria arquitetura. Em Lordelo do Ouro existe, por um lado, um elevado número de bairros sociais e camarários – para além dos já referenciados, foram construídos nesta área mais 6 bairros: bairro Pinheiro Torres (1970), bairro de Lordelo (1977), bairro do Aleixo (1976), bairro de Bessa Leite (1982), bairro da Mouteira (1990) e bairro das Condominhas (1998). Por outro lado, nesta zona existem diversos condomínios, casas e apartamentos de luxo habitados por pessoas de classe média-alta/alta.

### Acessos e Transportes

Na década de 60, o Bairro da Pasteleira encontrava-se relativamente isolado da cidade, sendo as ligações viárias projetadas para norte, em direção à Avenida Marechal Gomes da Costa e ao bairro homónimo.

Naquele período, o automóvel, já de si um meio de transporte pouco frequente, rareava entre as populações de baixo nível económico, como a do bairro.

Para se movimentar na zona de Lordelo do Ouro, a população do bairro deslocava-se, essencialmente, a pé. Para aceder à paragem de transportes públicos, localizada junto ao atual bairro de Lordelo, os habitantes tinham de atravessar o “Pinhal”, percurso mal delineado devido à vegetação selvagem. Este era, também, o caminho seguido pelos mais jovens na sua deslocação para a escola mais próxima, que distava cerca de 1 km – a Escola

56 | Bairro da Pasteleira (à direita) e Pasteleira Nova (à esquerda).

57 | Entrada do Parque da Pasteleira

58 | Bairro Lordelo do Ouro, construído em 1977

<sup>33</sup> Trata-se de um parque público com uma área de 7 hectares fechados por um muro. Com um arvoredo intenso, este é um espaço de convívio e de lazer, de contacto direto com a natureza e também de prática desportiva, para uso de toda a população da cidade.

## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



Na altura ainda não vinha pra aqui o autocarro, ainda existia o troleicarro, só parava lá em cima em Lordelo... onde tem o hotel [Ipanema Park] Depois apareceram os autocarros, de dois andares, que agora já estão aí outra vez, a circular... E o elétrico era daqui lá cima, à [Avenida] Marechal [Gomes na Costa]...

Juliana, 63 anos, e André, 61 anos (Casal: ela viveu no Bairro entre os 8 e os 23 anos, regressou aos 26 anos, e aí vive desde então; Ele há 37 anos.)



Preparatória Leonardo Coimbra. A escola localizava-se do lado nascente do Parque de Serralves, cujo muro era necessário contornar.

A população da Pasteleira utilizava maioritariamente os transportes públicos para se deslocar e percorrer as distâncias maiores, como ir ao centro da cidade ou à zona da Boavista, uma zona relativamente mais próxima e desenvolvida, nomeadamente no que ao comércio diz respeito. Os transportes públicos mais utilizados na cidade do Porto na década de 70/80 eram os ‘tróleys’<sup>34</sup>, veículos movidos a eletricidade, que passavam pelas principais vias rodoviárias, tais como a Avenida da Boavista e a Rua Diogo Botelho. Hoje, a rede de transportes públicos que serve esta zona é constituída, essencialmente, por autocarros pertencentes à Sociedade de Transportes Coletivos do Porto (STCP). Junto ao Bairro da Pasteleira encontram-se 6 paragens de autocarro, localizadas nos seus limites sul e nascente<sup>35</sup>. Junto à marginal do Rio Douro, numa vertente mais turística, circulam elétricos.

A expansão e a reorganização das infraestruturas urbanas entretanto verificadas alteraram a realidade envolvente do bairro, o que também teve implicações ao nível dos acessos. Assim, para além do acesso existente aquando da construção do bairro, foram criados mais três, localizados nos limites poente e sul, uma vez que a nascente, o muro do Parque de Serralves impossibilita qualquer ligação com a cidade.

Destaca-se a mais recente via de ligação urbanizada entre o Bairro da Pasteleira e o bairro de Lordelo do Ouro, construída em 2015.<sup>36</sup> Esta nova via pretende eliminar a denominada Viela dos Mortos e aproximar os bairros dessa zona habitacional camarária, constituindo mais um ponto de acesso ao Bairro da Pasteleira. Os vários acessos permitem uma melhor comunicação com a zona fluvial do Rio Douro e com as diferentes zonas da cidade, pelo que poder-se-á afirmar que o bairro está, atualmente, numa zona privilegiada de acessos e infraestruturas urbanas.

A mobilidade é, assim, um fator fundamental na forma de pensar e construir cidade, para propiciar o acesso a estruturas e serviços que assegurem as condições básicas e necessárias à condição humana.

59 | Condomínios de luxo junto ao bloco 22 do Bairro da Pasteleira.

60 | Crianças atravessam o Pinhal da Pasteleira, 1966.

61 | Paragem de autocarro junto ao Bairro da Pasteleira.

34 Tróleys ou troleicarros. Estes veículos eram operados pelos STCP e foram introduzidos em 1959 com o intuito de substituir os elétricos do Porto, em circulação na cidade desde 1895.

35 As linhas de autocarro têm origem, e fim, nas zonas da Foz, Campanhã e Boavista e, ainda, na Praça do Marquês de Pombal.

36 Sobre a esta nova via, Rui Moreira, presidente da Câmara Municipal do Porto, declarou: “Estamos aqui a cumprir uma promessa eleitoral. Era absolutamente indispensável abrir aqui uma rua, quer para criar um novo acesso na cidade, quer para limpar a chamada viela dos Mortos. Ao criar aqui uma nova circulação e novos sentidos de trânsito não só se descongestiona um pouco a rua de Diogo Botelho, como se cria mais circulação nestes bairros [...] vai ter muito impacto na segurança [...] é terra de ninguém”. Fonte: Disponível em <<https://goo.gl/h2uEw8>>.



## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



62

Muita gente antigamente o sítio onde comprava coisas era no [Mercado do] Bom Sucesso. Era o mercado onde as pessoas iam. E o [Mercado do] Bolhão. Mas eu acho que a Pasteleira era mais o [Mercado do] Bom Sucesso.

Patrícia, 35 anos

Ao fim de semana, basicamente, sou capaz de ir ali aos Pinhais da Foz, sentar lá na esplanada, estou lá uma horita.

Celestino, 57 anos



63

A minha casa, menina, eu acho que a minha casa é boa, está num sítio bom, distraio-me muito, carros, a gente vê sair as pessoas dos autocarros, vê entrá-las, temos aqui tudo à porta, supermercado, cafés, farmácias, temos aqui tudo.



64

Beatriz, 79 anos (Vive no Bairro há 49 anos.)



## Equipamentos e Serviços

O Bairro da Pasteleira foi construído longe do centro urbano da cidade do Porto e, por conseguinte, afastado da extensa oferta de comércio e de outro tipo de serviços. O mais próximo para comprar produtos alimentares encontrava-se na zona da Boavista (Mercado do Bom Sucesso) e na da Foz (Mercado da Foz do Douro). Mercados distantes que obrigavam à utilização de transporte público. Neste contexto, o projeto do bairro previa a disponibilização de alguns espaços destinados à instalação de pequenos negócios que garantissem a oferta mínima e necessária à satisfação das necessidades básicas da população residente.

No entanto, e, mais uma vez, devido à expansão urbana da cidade do Porto, foram surgindo novas infraestruturas, novos espaços e, por conseguinte, novos estabelecimentos com nova e maior oferta na envolvente do bairro. Assim, no complexo habitacional “Pinhais da Foz”, na zona poente do Bairro da Pasteleira, foi projetada uma galeria comercial, muito frequentada pela vizinhança, essencialmente com oferta nos setores da restauração e do vestuário. Também as grandes cadeias de supermercados criaram ali polos de distribuição, existindo três grandes estabelecimentos na zona de Lordelo do Ouro, muito próximo do Bairro da Pasteleira.

Quanto à oferta a nível educacional havia, nos anos 60, algumas escolas nas redondezas deste bairro, nomeadamente a Escola da Ponte (primária) e a Escola Preparatória Leonardo Coimbra (atual EB 2/3 Leonardo Coimbra), ainda em funcionamento. Estas escolas públicas asseguravam a frequência da escolaridade obrigatória a crianças e jovens do bairro<sup>37</sup>. Para além destes estabelecimentos de ensino, tal como acontece noutros bairros do Plano de Melhoramentos<sup>38</sup>, no projeto original, foi programada uma escola primária que foi construída e continua em funcionamento.

No que se refere aos espaços culturais, ao longo do tempo veio a surgir alguma oferta na envolvente do bairro, consequência da valorização da cultura, arte e espetáculo a nível nacional. A Fundação de Serralves, que integra vários espaços – a Casa, o Parque e o Museu de Arte Contemporânea de Serralves – é um dos pontos de referência mais importantes a nível nacional e localiza-se junto ao Bairro da Pasteleira. Esta instituição organiza e apresenta anualmente ao público uma programação diversificada que tem como fim incentivar o debate e a curiosidade sobre a arte, a arquitetura, a natureza e a paisagem, assim como educar de forma criativa e promover ativamente a reflexão sobre a sociedade contemporânea.

62 | Nova via de ligação entre bairros camarários em Lordelo do Ouro, 2015.

63 | Zona comercial dos Pinhais da Foz, próximo ao Bairro da Pasteleira.

64 | Escola Primária do Bairro da Pasteleira.

<sup>37</sup> Em 1956 foi decretada a escolaridade obrigatória de quatro anos, embora apenas para os alunos do sexo masculino e os adultos. Em Portugal, o alargamento para quatro anos da escolaridade das meninas deu-se tardiamente, no ano de 1960, quando por toda a Europa a educação da mulher ocupava um lugar importante.

<sup>38</sup> Por exemplo, tanto no bairro do Cerco como no do bairro do Carvalhido foi projetada e construída uma escola primária.

## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



Sim, no meu tempo, o pinhal era tudo com barracos. Muita gente foi construindo barracos, conforme a necessidade. Viviam em barracos. E já havia um foco de droga grande. Mas, apesar de tudo, eram pessoas cuidadosas porque sabiam que miúdos passavam por ali e retraíam-se, escondiam-se. (...) Havia algum respeito.

Patrícia, 35 anos



Ali no largo também alguém nos disse que faziam a feira cigana aos domingos? É, todos os domingos, é, a maior parte é ciganos. Vão, vão, vão, vão, nem há problema nenhum, com eles não, não há problema nenhum.

Raquel, 60 anos (Mão do Pedro: vive no Bairro, desde 1963.)



Ah sim [cheirava muito a eucaliptos]! Sabes porquê?! Porque aquela zona, onde tem Serralves, ali em baixo [a sul de Serralves], ali era tudo mato [o pinhal].

Pedro, 37 anos

A entrada principal de Serralves encontra-se na Avenida Marechal Gomes da Costa. O portão secundário que dá acesso ao Parque localiza-se nas imediações do bairro em estudo, na Rua Bartolomeu Velho. Estando, regra geral, fechado, este portão passou a ser usado para eventos e atividades específicas, tais como o acesso de visitas de escolas ou eventos de influência e renome nacional, como os festivais de arte contemporânea ‘Serralves em Festa’<sup>39</sup> e a ‘Festa de Outono’.

Existem outras ofertas culturais como as atividades organizadas pela Associação de Moradores do Bairro Antigo da Pasteleira (AMBAP), fundada em 2004 e localizada no bloco 13, casa 33; e os programas do «Cultura em Expansão», desenvolvido pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto (CMP)<sup>40</sup>.

Relativamente ao desporto, no período inicial do Bairro da Pasteleira, os eventos desportivos organizados eram escassos. No entanto, segundo relatos e testemunhos, uma vez que a zona envolvente era pouco urbanizada, os terrenos a poente do bairro eram utilizados para a prática de motocross. Com o passar dos tempos, foram criados os complexos desportivos do Fluvial (natação) e o Campo de Futebol da Pasteleira, que vieram incentivar a população local à prática desportiva. A Associação Desportiva e Recreativa da Pasteleira foi fundada em 1962<sup>41</sup> e o Clube da Pasteleira participa no campeonato distrital da Associação de Futebol do Porto.

### **Espaços Verdes e Natureza**

O Bairro da Pasteleira esteve sempre associado a abundantes espaços verdes, tanto na urbanização do bairro como nos seus limites e terrenos adjacentes.

A vegetação, maioritariamente constituída por eucaliptos, enriquecia a paisagem do bairro e o campo de visão de quem estava dentro das habitações. A área selvagem, tal como já se descreveu, era também usada para encurtar caminho nas deslocações a pé. A ligação entre os bairros fazia-se por trilhos no meio nos terrenos baldios. Segundo alguns relatos, estes terrenos eram ocupados por comunidades clandestinas e ciganas que, partilhando os mesmos espaços, não conflituavam com os habitantes do bairro.

65 | Portão secundário da Fundação de Serralves aberto aquando do festival ‘Festa de Outono’ de 2016.

66 | Cartaz do projeto ‘Nove e Meia - Cineclubes Nómada’, no âmbito do programa «Cultura em Expansão».

67 | Cartaz do festival ‘Serralves em Festa’, 2016.

68 | Sede da Associação Desportiva e Recreativa da Pasteleira, 1962.

39 A edição de 2016 do festival “Serralves em Festa” registou o número de 161 244 visitantes. Os eventos reunidos por este festival realizam-se em 40 horas consecutivas.

40 O “Cultura em Expansão” é um programa cultural desenhado para as zonas socialmente fragilizadas da cidade. A sua extensa programação reúne atividades ligadas ao cinema, à literatura e à música. No Bairro da Pasteleira decorreu o “Cinema Nómada” e concertos, de que é exemplo o espetáculo “Técnica, Vigor e Poesia – Mário Laginha, piano solo”.

41 Inicialmente sediada no bloco 1 do Bairro da Pasteleira, esta Associação encontra-se, atualmente, na Rua João de Barros.





69

*Era tudo campos de lavradio, onde fizeram essa estrada, não existia rente ao muro, por aí abaixo era tudo campo de lavradio. Tudo bouças, tudo bouças... E até tinha uma mina de água... Água boa , água potável, mesmo... No Verão ia-se buscar água fresca, muito boa a água. E as pessoas iam para lá tomar banho, havia fatos de banho para toda a gente e ficávamos a ver as mulheres a lavar.*



70

André, 61 anos

*Nos dias quentes vamos todos para os Pilotos mergulhar! É divertido!*

Eduardo, 15 anos (Morador do bairro da Pasteleira Nova.)



71

*Eu não vou para a [praia] dos Ingleses. Não gosto muito, porque é muito bairro. É o bairro todo. É Aleixo, é Pasteleira... É tudo, é tudo! Agora vamos para mais para o lado. Para o lado dos Ingleses, mas mais cá. É mais calmo.*

Lurdes, 50 anos



Posteriormente o “Pinhal” foi urbanizado pela CMP, passando a chamar-se “Parque Urbano da Pasteleira” (vulgo “Parque da Pasteleira”). Construído entre 2004 e 2009, as obras de qualificação desse espaço verde oferecem à freguesia de Lordelo e à cidade do Porto um parque aberto ao público, dotado de diversos equipamentos, nomeadamente parques infantis e pontes pedonais. Em 2009, foi criada uma ciclovia com uma extensão de dois quilómetros ligando o Parque da Pasteleira ao Parque da Cidade e, deste, uma outra ciclovia que o ligou à ciclovia da Foz à Ponte D. Luís.

A zona do Bairro da Pasteleira tem uma forte presença de canais e linhas de águas. Segundo alguns testemunhos, no passado havia uma zona de ribeira que era aproveitada para as mulheres fazerem a lavagem manual da roupa de casa. As descrições apontam para a possibilidade de se tratar da Ribeira da Granja, curso de água que pertence à bacia hidrográfica do Rio Douro e é o maior do Porto, que antigamente se encontrava a céu aberto e hoje está quase todo entubado<sup>42</sup>. Para além desta ribeira, é de realçar a ligação do bairro ao Rio Douro e à zona da Foz. O rio foi sempre um recurso para a população residente e, ainda hoje, está presente na sua vida. Como já se verificava nos primeiros anos do bairro, a proximidade com a marginal do Rio Douro e a sua foz propiciava aos jovens do Bairro da Pasteleira o contato com a água. No Verão, muitos não resistiam e lá iam para os ‘Pilotos’<sup>43</sup> saltar para o rio; outros encaminhavam-se para as praias na costa litoral, como é o caso da marítima Praia dos Ingleses, no Foz do Douro, próximo do Jardim do Campo Alegre. Esta prática ainda hoje se mantém.

A proximidade destes recursos naturais foi e é particularmente importante para os habitantes do Bairro da Pasteleira, já que, tratando-se de uma população com carências socioeconómicas, acaba por passar muito dos seus tempos livres e férias perto da sua habitação.

69 | Parques infantis  
do Parque da  
Pasteleira.

70 | Observatório de  
aves localizado junto  
à foz da Ribeira da  
Granja, na marginal do  
Rio Douro.

71 | Jovem morador da  
Pasteleira Nova pronto  
para saltar na zona dos  
‘Pilotos’, próximo à foz  
do Rio Douro.

42 Esta ribeira, com aproximadamente 6,2 km, tem origem em Arca de Água, estendendo-se até ao Rio Douro junto ao jardim do Calém.

43 A expressão ‘Pilotos’ refere-se ao local contíguo à Capela-Farol de São Miguel-o-Anjo, na Foz do Douro.



Porque quando começaram a fazer o bairro, botaram logo... portanto, não houve cuidado nenhum, porque ainda hoje podia existir ao menos um fontanário, vá, podia existir, porque ali tinha muita água, tinha muita saída para, aqui era tudo cheio de veios de água, aqui fora e por aí porque adiante do Pinheiro Torres, tem um rego e os despejos da antigas fábricas iam ter a esse rio por aí abaixo, que vai lá baixo ao Fluvial, não sei se tem reparado, tem lá uma saída de águas...

André, 61 anos



Aqui antigamente era tudo jardins. Aqueles chorõezinhos cor de rosa. Isto era tudo com chorões. Brancos, cor de rosa,... Lindíssimo. A Câmara [Municipal do Porto] não diz nada [quanto ao estacionamento em cima da relva], não somos nós que vamos dizer.



Ana Maria (Vive no bairro desde 1965.)

Depois tiraram os bancos, porque fizeram um parque de estacionamento, nos brinquedos para as crianças. Era a gaiola dos grilos, aquela que tinha muitos buracos, era uns aros, umas rodas e era um escorrega.

Ana Maria

## II.II | EVOLUÇÃO DOS DOIS TIPOS HABITACIONAIS DO BAIRRO

### APRESENTAÇÃO

Neste subcapítulo é apresentado o objeto de estudo prático: a célula habitacional do Bairro da Pasteleira e a sua relação com o espaço envolvente.

### APROXIMAÇÃO AO BLOCO

#### Organização espacial do bairro

Os terrenos de construção dos bairros do Plano de Melhoramentos localizavam-se, maioritariamente, na periferia da cidade, em contextos pouco urbanizados, o que permitia uma maior liberdade na organização do lote a construir. O facto de não haver uma envolvente próxima muito consolidada e de a dimensão dos terrenos para apropriação ser grande permitiam uma ocupação do espaço a edificar de forma menos compactada.

O Bairro da Pasteleira não foi exceção. O projeto original do bairro previa um complexo habitacional organizado em 27 blocos edificados e implantados com uma ordem aparentemente aleatória sobre o terreno a apropriar. Apesar dos blocos terem sido projetados de uma forma dispersa sobre o espaço, evidenciam “um tratamento espacial indiferenciado, simples, resultante de uma fragmentação em «blocos» que apenas o Sol orienta” [Cabral & Portas, 1960: p.43]. Esta era a opinião dos arquitetos Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas. Assim, observa-se a presença de blocos orientados ora a norte e sul, ora a nascente e poente, sobre as fachadas mais longas. De certa forma, os blocos habitacionais relacionam-se, também, com a topografia do terreno. O terreno onde foi construído o Bairro da Pasteleira apresenta um acentuado declive<sup>44</sup>, ainda que este não seja muito perceptível dos espaços exteriores do bairro, sendo diluído e atenuado pelos arranjos urbanísticos. A cota mais alta é o limite do bairro partilhado com o bairro Marechal Gomes da Costa, a norte, e a cota mais baixa é o limite sudeste, junto ao Agrupamento Habitacional da Pasteleira (Pasteleira Nova).

72 | Vista aérea do Bairro da Pasteleira.

73 | Espaço público do Bairro da Pasteleira. Ao fundo, fachada sul dos blocos de acesso vertical múltiplo.

74 | Fachada sul do bloco 1, bloco habitacional de acesso em vertical múltiplo.

A estrutura urbana do bairro é definida pela hierarquização das vias de acesso ao mesmo. As vias principais, que ligam o bairro à cidade, contornam os limites norte, sul e nascente e as vias secundárias, de acesso aos blocos habitacionais, organizam-se em ‘cul-de-sac’ (ruas sem saída).

---

<sup>44</sup> A altimetria do terreno varia entre os 35 e 60 metros. A diferença de cotas do terreno é, assim, 25 metros.



75



Nos blocos, em cima havia os coisos d'a gente brincar, era umas coisas assim em pedra, em cimento e a gente metia-se por ali dentro, depois tinha o parque em cima no Bloco 1, tinha o escorregão, depois entre, parece-me que era o 18 e o 19 tinha, a gente chamava-lhe a roda maluca, que era aquela coisa que a gente se agarra e anda assim, à roda... Desapareceu, ainda esteve muitos anos, já tivemos aqui atrás, aqui mesmo atrás e eles estragaram tudo. Vinham de noite, tantas vezes que me chatee, que eles vinham p'r'ali, assim, com o escorregão a balançar p'r'aquilo sair fora, ui, dão cabo de tudo, agora.

Raquel, 60 anos

76



Ah! Mas são muito poucas. Tinha, por exemplo, um campo de voleibol, mesmo em frente à casa dos meus pais [entre o bloco 11 e 13]. Também acabou. Isso eu lembro-me. Também jogavam futebol. Sim, sim. Mas era um campo de voleibol. Era em frente a que bloco? Bloco 11. A Associação de Moradores que era no bloco 13... era por trás. E aí nesse espaço era um campo de voleibol. Entre os dois blocos.

Pedro, 37 anos e  
Patrícia, 35 anos

77



## Espaços exteriores. Espaços verdes

A aproximação aos blocos de habitação faz-se por percursos pedonais que orientam o indivíduo através do espaço público do bairro. O pavimento em pedra granítica prolonga os passeios pedonais adjacentes às vias rodoviárias. Ao longo destes caminhos, podem ver-se espaços verdes de maior ou menor dimensão, como jardins ou canteiros.

Atualmente, vários percursos pedonais de acesso aos edifícios habitacionais encontram-se deteriorados e necessitados de manutenção. As irregularidades no pavimento decorrem da presença de algumas árvores de grande porte nos espaços verdes, cujas raízes horizontais danificam os percursos.

Os espaços sobranes e entre blocos constituem espaços públicos, partilhados por habitantes e visitantes do bairro.

Inicialmente, no Bairro da Pasteleira foram construídos parques infantis e campos de jogos que seriam atrativos para a população mais jovem. Por exemplo, entre o bloco 11 e 12 existia um campo de voleibol. Contudo, desde cedo, o projeto dos espaços exteriores apresentou um resultado insatisfatório. Em 1960, Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas referiam que “a distribuição dos edifícios no terreno faz-se livremente, obedecendo a um esquema que pressupõe a utilização igualitária de todo o ar livre sem aceitar, nas suas formas, compromissos com a expressão da vida grupal de crianças e adultos” [1960: p. 36].

Ao longo do tempo, a CMP interveio nos espaços exteriores: retirou o parque infantil e os campos de jogos e instalou estendais de roupa comunitários. Os espaços verdes contíguos às vias de circulação rodoviária, como é o caso das vias em ‘cul-de-sac’ de acesso aos blocos de habitação, foram apropriadas para uso de estacionamento automóvel, por parte de moradores e visitantes.

Na década de 60, os espaços públicos adjacentes aos serviços e comércio local não estavam coerentemente dinamizados. A evolução urbana e consequente redução desses mesmos estabelecimentos (questão a que voltaremos mais adiante) resultou numa maior descaracterização dos espaços coletivos. Na observação desses espaços, constata-se a inexistência de bancos, ou outras estruturas, onde as pessoas possam descansar e conviver. Alguns espaços verdes delimitados, como canteiros são, muitas vezes, aproveitados para cultivo ou para espaços de lazer, pelos moradores dos blocos contíguos, especialmente pelos habitantes dos pisos inferiores dos blocos. Assim, alguns destes espaços, localizados junto aos blocos de habitação, foram transformados em terraço ou quintal. Esta apropriação dos espaços não pode ser dissociada da origem e proveniência

75 | Via em ‘cul-de-sac’ do Bairro.

76 | Percursos pedonais de aproximação ao bloco habitacional.

77 | Parques Infantis do Bairro da Pasteleira (atualmente inexistentes), 1963.



78



*Depois abriu aqueles toldes vermelhos que é o café “O Dragão”, que era a mercearia d’O Dragão”. Depois ao lado era uma peixaria. Depois abriu ao lado um pomarzinho, é o “Carlos Brinca”, ainda existe. No [bloco] depois abriu um talho. Já fechou. Abriu uma padaria, que também já fechou. E agora temos ali o café, o “Carlos Filho”, que é do filho do dono do “Carlos Brinca”. E temos ali aquela Associação.*

Ana Maria

79



*Mercearia existe uma, mesmo. E depois tem uma que é café e mercearia. Já é mais café do que mercearia. Porque mesmo esses espaços, principalmente o do pai do dono de esse café [o Carlos] sempre foi de uma limpeza extrema.*

*E a mercearia tem coisas... Não há melhor fiambre do que naquela mercearia. Morcelas, as tripas, fazem umas coisas muito boas. Existia aquela coisa de as pessoas porem para o livro e pagarem no final do mês. E depois esse filho tomou conta desse espaço, porque aquilo era uma drogaria.*

Pedro, 37 anos e  
Patrícia, 35 anos

80





da população alojada, bem como dos modos de vida na década de 50. Os percursos pedonais, distribuídos por todo o bairro, são importantes no acesso às habitações e na ligação entre blocos habitacionais. Estes caminhos que percorrem o bairro foram, com o tempo, degradados pelo uso, pelas condições climatéricas e pelas árvores.

## Comércio e Serviços

Uma vez que o bairro se encontrava numa zona periférica da cidade do Porto, o projeto original para o Bairro da Pasteleira incluía a utilização de espaços para fins comerciais e para serviços de apoio aos moradores. Esta característica era comum a outros bairros do Plano de Melhoramentos, como o bairro de Fernão Magalhães ou o bairro do Cerco.

Foram projetados espaços de comércio no ‘centro do bairro’ (expressão adotada desde sempre pelos moradores), nos pisos térreos dos blocos de habitação adjacentes a esse espaço, a sul da escola primária, onde se desenha uma praça pública definida pelos blocos 16, 17, 23 e 24. Na década de 60 existia no bairro uma frutaria, uma mercearia, um talho e um café (‘O Dragão’).

O projeto inicial previa, ainda, a inclusão de outros serviços, tais como um programa comunitário e de serviço social. Com a colaboração da CMP, foi construída uma capela na Pasteleira. Conhecida por Igreja da Pasteleira, a presença da Igreja da Nossa Senhora da Ajuda, construída em 1966, acabou por se revelar importante no âmbito da ação social e do apoio à população que ali habitava.

Com a evolução urbana e a expansão do centro da cidade, no final do século XX, Lordelo do Ouro começou a ser rápida e densamente urbanizada, surgindo novas ofertas de comércio e serviços. Com a chegada destes novos estabelecimentos, os ‘comércios’ existentes no bairro, de dimensão reduzida, perderam o seu valor local, e muitos acabaram por encerrar. No entanto, ‘O Dragão’, por exemplo, manteve-se fiel à sua clientela, continuando ainda em atividade.

78 | Praça no ‘centro do bairro’.

79 | Café localizado no bloco 23 do Bairro da Pasteleira.

80 | Espaços abandonados no rés-do-chão dos edifícios habitacionais. Bloco 1: local da primeira sede da Associação Desportiva e Recreativa da Pasteleira.

Outro tipo de serviços foi aparecendo no bairro ao longo do tempo. O bloco 13 serve de exemplo, tendo sido, de acordo com testemunhos, um espaço de ocupação para idosos e crianças, que se situava no rés-do-chão e no primeiro andar. O rés-do-chão do bloco 13 é atualmente utilizado como sede da AMBAP.



*Onde foste à Associação de Moradores [bloco 13] as casas todas por cima e o rés-do-chão também era tudo ocupado pela creche, e também a Associação dos velinhos.*

Patrícia, 35 anos

*Mas depois... Eu não sei qual foi a ideia de tirarem ali a creche. Acho que para melhorarem as condições dos miúdos. Essas casas eram umas creches.*

Pedro, 37 anos

81



82

## APROXIMAÇÃO À CÉLULA HABITACIONAL

No Bairro da Pasteleira é possível identificar dois tipos de edifício habitacional: edifício em galeria (EG) e edifício ‘esquerdo-direito’ ou de acesso vertical múltiplo (EAVM). Estes modelos são aplicados e explorados no Plano de Melhoramentos da cidade do Porto e, por isso, encontram-se em diversos bairros deste plano de intervenção. Existem, contudo, algumas variações e alterações às propostas iniciais aplicados em bairros primários, como, por exemplo, o bairro do Bom Sucesso.

A seguir, apresentam-se os dois módulos-tipo de edifício habitacional do Bairro da Pasteleira, dando a conhecer os conceitos arquitetónicos que lhes estão associados.

Nos dois módulos-tipo, EG e EAVM, um dos principais aspetos distintivos é o modo de acesso às habitações. Um dos tipos apresenta um acesso aos fogos através de uma galeria de distribuição, organizando quatro habitações por piso e interligando os diferentes pisos através de uma caixa de escadas. O outro módulo caracteriza-se pelo acesso vertical múltiplo às habitações, comumente denominado acesso ‘esquerdo-direito’. Neste último, o patamar da caixa de escadas correspondente ao piso dá acesso a duas habitações, sendo que a mesma caixa de escadas conecta a totalidade dos pisos.

O projeto do bairro apresenta equilibradamente tanto edifícios em galeria como edifícios de ‘esquerdo-direito’. A implantação dos blocos habitacionais distribui-se por todo o terreno de intervenção, tendo sido projetados 16 edifícios em galeria e 11 edifícios em ‘esquerdo-direito’, totalizando os 27 blocos do Bairro da Pasteleira, onde habitam 1501 pessoas.

Os blocos de habitação de acesso em galeria possuem, maioritariamente, uma só entrada, apresentando em alguns casos duas entradas (blocos 17, 20, 21 e 22). A maioria dos blocos de habitação de acesso vertical múltiplo tem três entradas, no entanto, alguns blocos possuem apenas duas (blocos 27, 26 e 25) e o bloco 1 apresenta quatro entradas. As entradas dos blocos estão diretamente ligadas aos percursos pedonais que são desenhados ao longo de todo o terreno do bairro, que por sua vez acedem às vias rodoviárias. Estes espaços estão assim projetados de maneira que a condução ao edifício é feita de forma gradual e sequencial, transmitindo uma sensação contínua de aproximação à habitação.

81 | Escada de distribuição dos blocos de acesso vertical múltiplo.

82 | Fachada nascente dos blocos de acesso em galeria e estendal improvisado.

Os blocos de habitação paralelos são espaçados entre si por, aproximadamente, 20 metros de distância, um espaçamento que garante alguma privacidade, ventilação e exposição solar, o que representa uma melhoria significativa nas condições de habitação de grande parte da população inicial do bairro, proveniente de «ilhas» e «barracos», com





83

*Dantes era uma bênção. Já era muito boa a casa, para nós. [A outra] Nem tinha onde estender roupa. Aqui temos a varanda pelo menos aqui é uma beleza. A gente estende...*

Jacinta, 91 anos, (Vive no Bairro desde 1960.)



84

*E veio muita gente da Ribeira morar para o bairro. O bairro era composto por muitos moradores que na altura das cheias perderam as casas e vieram aqui morar para a Pasteleira. E havia muita gente.*

Patrícia, 35 anos

*E nas ilhas que estavam espalhadas pela cidade. E estamos a falar de 59-60-61. Havia muita gente que não tinha casa de banho dentro de casa.*



85

Pedro, 37 anos

habitações exíguas e insalubres. As medidas dos blocos variam entre 32 e 80 metros de comprimento e todos têm, aproximadamente, 8 metros de largura<sup>45</sup>. A maioria dos edifícios de habitação possui quatro pisos, perfazendo uma altimetria aproximada de 15 metros, observando-se, raramente, a adição de mais um piso, justificado pela adaptação do bloco à topografia do terreno de intervenção, tendo este acrescento comunicação direta desde o exterior do edifício<sup>46</sup>. O facto de estes blocos de habitação possuírem no máximo quatro pisos deve-se às normas de regulamentação de edificado. Este limite máximo serve para edifícios cujo acesso é realizado exclusivamente por caixa de escadas, sem outros elementos de ascensão, como o elevador.

A exposição solar dos blocos é pertinente para a caracterização dos mesmos, uma vez que influencia não só o espaço exterior onde o bloco se encontra, como gera diferentes ambientes no interior do edificado. Deste modo, observa-se uma grande diferença entre blocos habitacionais: nos EG, as faces mais compridas estão orientadas a nascente e poente; nos EAVM, os mesmos alçados estão expostos a norte e a sul.

Ambos os módulos-tipo apresentam diversidade tipológica ao nível do espaço privado, variando entre tipologias de 1 a 4 quartos para além de sala comum, cozinha e instalação sanitária. Quase 68% das habitações são de tipologia T3; 21% de tipologias T2; e aproximadamente, 11% são partilhadas pelas tipologias T1 e T4. Apesar de a nível programático serem semelhantes, as células habitacionais de cada um dos módulos apresentam formas e desenhos distintos, produzindo espacialmente variações entre eles.

Tipologia	T1	T2	T3	T4	Total
Número de fogos	34	130	410	32	606

## Q2 | Número de fogos por Tipologia do Bairro da Pasteleira, 2016

Fonte: Disponível em <<https://goo.gl/WYZp42>>.

Os blocos habitacionais têm, maioritariamente, combinações de fogos com tipologias iguais, isto é, blocos com apenas habitações de tipologia T3 ou blocos com apenas tipologias T2. As tipologias de 2 quartos ocupam os blocos 17, 20, 21 e 22. Os 34 fogos de tipologia T1 concentram-se nos blocos 10, 12 e 14. As tipologias com maior número de quartos (T4) localizam-se nos topos dos EAVM a poente, aproveitando a maior extensão de fachada disponível e, conseqüentemente, uma maior abertura de vãos para

83 | Blocos 24, 25 e 26, de acesso em galeria.

84 | Planta de implantação dos edifícios, com distinção de tipologias habitacionais.

85 | Fachada sul do bloco 16, bloco excecional tripartido.

<sup>45</sup> Estas medidas são aproximadas, podendo variar em alguns casos onde, por exemplo, devido à topografia do terreno ou opção tipológica, o projeto foi forçosamente adaptado.

<sup>46</sup> Habitualmente apenas um meio piso, isto é, apenas existe um piso adicional em parte da implantação do bloco.





86

No fundo o bairro é um bocadinho espelho da nossa cidade. Que é... Em termos de beleza natural, o bairro era constituído por muitos jardins...

Mas isso também era na altura. A malta vivia-se e ajudava-se mutuamente. Na baixa do Porto, na Praça da Liberdade, hoje é cimento. Certo?!

Isso aconteceu aqui, porque eles também cimentaram essa parte para colocar os estendais.

Hoje em termos de beleza natural, vá lá... Se é que havia alguma num bairro social, mas havia! Também se perdeu porque eles basicamente...

Ah! Esses de varanda corrida, na altura, todos tinham um jardim no rés-do-chão à porta de casa. Faziam um arvoredo. Ou seja, claro que ficava um bairro muito diferente, mas também ao mesmo tempo dava-lhe uma beleza.

Pelo menos que eu tenha memória, entre os finais dos anos 70 e princípio dos anos 80, o bairro era colorido.

Os que deve ter visto são os do [bloco] 20 e poucos. Os do [bloco] 8 quem tem a frente e muita gente mantém os jardins e arranja.

[A gente] Ainda vai tentando... Mas isto há uns anos atrás era muito giro. Era giro... Era agradável, quer dizer...



87



88

Pedro, 37 anos e  
Patrícia, 35 anos



iluminação e ventilação.

No início de ocupação do bairro, diversas formas de estar e modos de viver por parte dos habitantes recém-chegados vão influenciar a apropriação dos espaços desenhados, sendo frequente encontrar habitantes a fazer cultivo nos espaços verdes do bairro ou, ainda, a criar animais domésticos para sustento, como animais suídeos, dentro das habitações, como atestam alguns testemunhos.

### Edifício de Acesso Vertical Múltiplo

O modelo habitacional de acesso vertical múltiplo (representado nos blocos 1, 7, 8, 10, 12 e 14 e blocos 23 a 27) é caracterizado por uma caixa de escadas central, semiexterior, que organiza duas habitações por piso.

O aproveitamento do vão de escadas para atividades de lazer e recreação é recorrente, observando-se a presença de cadeiras em que, por exemplo, idosos podem usufruir de um contacto maior com o exterior e observar o movimento urbano<sup>47</sup>. Já em tempos iniciais do bairro se assistia à ocupação destes espaços comuns, de transição e acesso às habitações, por parte de crianças que aí brincavam controladas e vigiadas pelos respetivos familiares. A caixa de escadas torna-se assim um espaço central de convívio entre os diversos habitantes, apesar de a sua área útil não ser a mais adequada. Neste contexto, verifica-se uma maior utilização do último patamar da escada, o qual é ocupado pela habitação adjacente, a última da sequência distributiva.

As caixas de escadas dos blocos de ‘esquerdo-direito’, apesar de serem semiextérieures, estão expostas às condições meteorológicas, uma vez que não são fechadas. Noutros bairros como, por exemplo, no bairro de Lordelo, após requalificação, este elemento distributivo foi fechado por planos de vidro, garantindo o contato visual com o exterior e um maior conforto térmico no acesso às habitações.

No caso do Bairro da Pasteleira, a alteração significativa à configuração das caixas de escadas nos blocos ‘esquerdo-direito’ deu-se com o fechamento das mesmas no piso de rés-do-chão. Num artigo do Jornal de Notícias, intitulado ‘Bairro da Pasteleira cumpre meio século entre a queixa e a saudade’, lia-se que a requalificação realizada em 1996-1997, permitiu controlar as entradas e saídas de pessoas em cada entrada de bloco, garantindo, assim, uma maior segurança e privacidade. Antes desta intervenção o acesso às escadas era livre.

O acesso mais limitado e exclusivo às habitações altera necessariamente os comportamentos da população residente e visitante: previamente

86 | Fachada norte do bloco 14, de acesso vertical múltiplo.

87 | Fachada do bloco 11, bloco de acesso em galeria. Em primeiro plano, estendais construídos pela CMP.

88 | Fachada sul do bloco 7, de acesso vertical múltiplo.

47 Este contato com o exterior é extremamente prazeroso para os idosos com uma vida condicionada e restritiva, devido à sua baixa ou total ausência de autonomia motora.



[Olhando pela janela para o outro bloco] Aquelas [de acesso vertical múltiplo] são diferentes, estas casas, são incluídas, são as cozinhas juntamente com a sala, estas, são diferentes... Estas são... p'ra mim são as melhores.

Jacinta, 91 anos

Nesse bloco 8, as casas são separadas na sala, existe uma separação entre a sala para a varanda. E há pessoas que para ganhar espaço, como o caso da minha mãe, tiraram isso. E então fica uma casa ampla, ou seja, em vez de ter um muro, e tinha duas janelas, e depois a marquise. E ao ter isso a casa quase que não recebe luz direta. Por exemplo, a minha mãe fechou com umas portas de vidro e madeira à volta...

Patrícia, 35 anos

89



90

à requalificação de 1996-1997 as escadas eram utilizadas não só pelos moradores daquele bloco, daquela entrada, mas também por qualquer pessoa, podendo ser mesmo consideradas um prolongamento do espaço público. Por exemplo, as crianças do bairro brincavam e subiam as escadas dos blocos do bairro que não seriam, necessariamente, aqueles onde habitavam.

Atualmente é possível controlar as entradas e saídas do bloco e comunicar com as habitações através do sistema de intercomunicador e correio, localizadas no piso térreo. As caixas de correio originais foram projetadas na área de acesso restrito na zona de entrada do bloco, local posteriormente redesenhado para servir agora necessidades de arrumação<sup>48</sup>.

Este espaço de condução às habitações – as escadas – era, no início, caracterizado pela existência de condutas de lixo, que se prolongavam verticalmente e estavam localizadas nas fachadas dos blocos. Estas condutas eram acessíveis pelos patamares intermédios (entre pisos) das caixas de escadas, sendo o lixo recolhido no piso de rés-do-chão pelas entidades competentes. No entanto, a falta de manutenção e problemas na utilização dos mesmos levou à sua deterioração pelo que, posteriormente, foram retirados<sup>49</sup>.

As habitações que se encontram no rés-do-chão dos blocos de habitação de ‘esquerdo-direito’ têm acesso pelo primeiro patamar de escadas, isto é, estas habitações encontram-se elevadas em relação à cota de entrada no edifício. Ao desnivelar a cota da habitação relativamente ao espaço público, este mecanismo permite proporcionar níveis de maior privacidade aos habitantes.

## Edifício em Galeria

O módulo-tipo em galeria é uma solução habitualmente explorada em edifícios de habitação social, por ser economicamente menos dispendiosa. Contudo, é possível prever algumas dificuldades de adaptação e funcionalidade dos espaços projetados por este organismo distributivo de habitações.

Os edifícios em galeria (blocos 2 a 6, 9, 11, 13 e 15 a 22) são caracterizados por uma entrada que organiza, em quatro pisos, 16 habitações.

A entrada principal, localizada no piso térreo, encontra-se intermédia ao volume habitacional, prolongando-se pelos três pisos superiores.

89 | Vista do último patamar de uma das escadas de acesso do bloco 7.

90 | Controlo de entradas no piso térreo dos blocos de acesso vertical múltiplo.

48 No bloco 7, o proprietário deste espaço é a vizinha do último apartamento da sequência da caixa de escadas.

49 Segundo testemunhos, a utilização das condutas para despejo de produtos indiferenciados, como comida ou outras substâncias orgânicas levou ao aparecimento e desenvolvimento de outras espécies vivas, como os ratos.



## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



91

*O que eu acho é que [com as marquises] cada pessoa tem mais privacidade.*

Patrícia, 35 anos

*Há quem ponha ali [na marquise] uma mesa e come ali fora. Agora no Verão. Oh, mas eu não como ali fora não. Não se pode estar com a janela aberta, a sacudir tapetes, passadeiras e cabelos e tudo e entrarmos o lixo para a mesa.*



92

Beatriz, 79 anos

*Isso mudou tudo. E o facto de também fecharem as varandas acabou por também as pessoas, cada uma, se meter um bocadinho em sua casa. Eu acho que eles estavam a tentar evitar conflitos e foram criar ainda mais conflitos, eu acho.*



93

Pedro, 37 anos e  
Patrícia, 35 anos

Contrariamente ao que sucede nos edifícios ‘esquerdo-direito’, nos blocos distribuídos por galeria as habitações do piso térreo têm acesso direto desde o espaço público. Esta característica leva a que os moradores deste piso de entrada sejam favorecidos por um acesso exclusivo à sua habitação e, ainda, por uma maior facilidade de apropriação do espaço exterior adjacente à mesma. No entanto, verifica-se uma maior exposição ao exterior e, assim, menor privacidade. Nos tempos iniciais, estes espaços exteriores adjacentes às habitações eram entendidos por parte dos moradores como uma extensão da sua casa, apropriando-se deles para cultivo e auto sustento, transformando canteiros e jardins contíguos às habitações de piso térreo em espaços de quintal, jardim ou horta.

Atualmente estes espaços encontram-se mais ou menos preservados, de acordo com o maior ou menor cuidado do seu utilizador.

### CÉLULA HABITACIONAL

Tratando-se de habitação a custos controlados ou reduzidos, as habitações do Bairro da Pasteleira vão de encontro aos padrões de habitação mínima praticados (ver Q2), resultando em espaços compactos e de área reduzida.

T1	14	10			
T2	14	10	8		
T3	16	10	8	8	
T4	16	10	8	8	6,5

### Q3 | Áreas mínimas dos espaços das habitações (áreas em m²)

Fonte: DSPM, 1966: p. 19.

A investigação realizada permitiu compreender que as sucessivas alterações e adaptações da habitação foram levadas a cabo pelos moradores, com o decorrer do tempo e da sua vivência na casa. A maioria dos habitantes entrevistados reside no Bairro da Pasteleira desde a sua fundação, o que possibilitou analisar a evolução da habitação desde a sua chegada ao bairro, passando pelo crescimento do agregado familiar, até à situação atual. Foi possível estudar, deste modo, quais as motivações e contextos que levaram a que as habitações sofressem mutações ao longo dos últimos 56 anos.

91 | Jardins próximos aos blocos são apropriados pelos moradores.

92 | Fachada nascente do bloco 15, de acesso vertical múltiplo.

93 | Apropriação dos espaços públicos do bairro.





94

Sempre esteve [o quarto] assim com esta disposição?

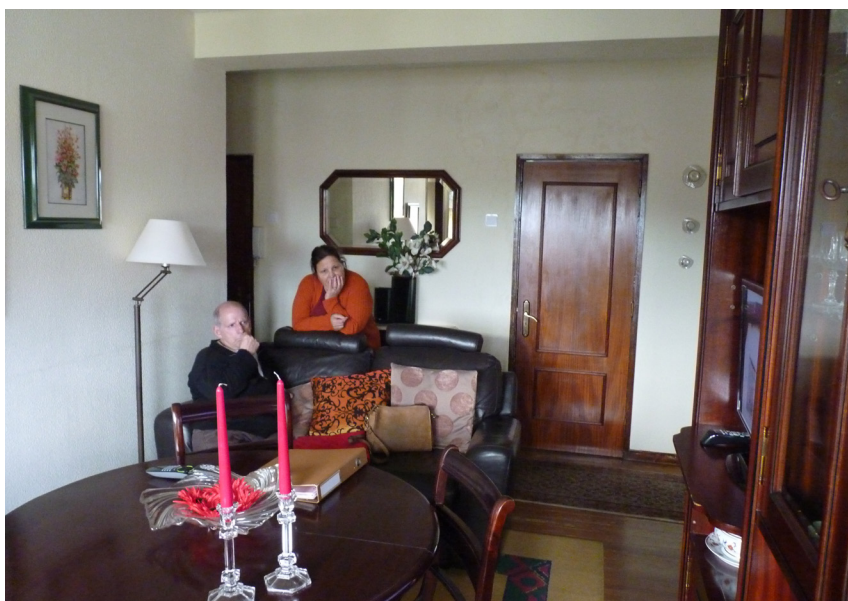
Não, porque a porta era ali. E depois eu abri aqui e fechei ali. Então era ali antes de colocar as portas de correr? Sim. Era para ganhar mais espaço o quarto. Porque ter ali a porta roubava mais ao quarto. Mas foi má opção que fizemos. Porque quem entra olha logo praqui pela porta. Dantes a porta era ali, mais ali, não via tanto.



95

Glória, 61 anos (Vive no bairro desde 1960.)

Eles mudaram a porta do quarto e arrependeram-se, porque o senhor, com a porta a abrir assim, agora é visto a toda a hora por toda a gente que passa aqui. Neste caso não. A minha mãe mudou para a ponta, ou seja, a minha mãe ficou com a porta mesmo junto à varanda. Porque ganhou espaço para colocar o móvel em frente à porta e não num espaço tão reduzido.



96

Patrícia, 35 anos



## Edifício de Acesso Vertical Múltiplo

Como já foi referido, os edifícios em ‘esquerdo-direito’ distribuem dois apartamentos por piso.

A chegada ao espaço privado da habitação é caracterizada por uma entrada, de antecâmara, para a área central da habitação – a sala. Nessa zona de receção podemos encontrar o acesso à cozinha que, por sua vez, tem uma área útil reduzida, albergando o equipamento mínimo para a confeção de alimentos. Dado o espaço limitado, não se pressupõe que seja também local de refeições. O espaço de refeições, de reunião familiar e partilha está, assim, confinado à sala comum.

As habitações dos edifícios ‘esquerdo-direito’ organizam-se com uma planta centralizada no espaço de sala. Este espaço organiza e comunica com todos os outros (exceto a cozinha), sendo, portanto, o espaço partilhado. Assim, as entradas para os quartos e para a instalação sanitária localizam-se nos planos verticais e envolventes da sala de estar, sem que exista um corredor de distribuição.

Pelas razões mencionadas era previsível, mesmo sem a análise in loco do caso de estudo, que a sala, espaço central de área limitada e condicionado em diferentes frentes por acessos a espaços contíguos, fosse um problema das habitações dos edifícios ‘esquerdo-direito’, o que a visita às habitações veio comprovar.

O espaço da sala comum revela-se um desafio de organização e funcionalidade prática. O acesso aos restantes espaços (exceto cozinha) é efetuado através da sala e as linhas de circulação que os ligam cruzam-se neste espaço central. Uma das habitações visitadas no âmbito deste trabalho revela alteração, por parte dos moradores, da porta de acesso a um dos quartos, na tentativa de conseguir uma maior área de parede livre para organização do espaço de estar da habitação.

94 | Casa da Glória e da Jacinta. Interior de uma habitação de um de acesso vertical múltiplo. Ao fundo, a porta de entrada e, do lado direito, a porta de um dos quartos que foi relocada.

95 | Casa da Glória e da Jacinta. Entradas dos quartos.

96 | Casa da Juliana e do André. A sala é o espaço central da habitação.

Nestas habitações, a sala é interposta entre o logradouro e a cozinha, resultando em contactos e utilizações distintas. Como já tinha sido referido pelos arquitetos Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas, “este projecto resolve perfeitamente os problemas de devassamento ou privacidade (...), na medida em que a circulação exterior está separada da sala de estar” [1960: p. 43]. No entanto, a localização da varanda não favorece uma maior gestão funcional do fogo, dificultando a interconexão dos espaços de cozinhas e instalações sanitárias para as atividades quotidianas, como é exemplo a lavagem e secagem de roupa; ainda, o espaço mediano, a sala comum, acaba por suportar uma maior atividade diária dificultando a sua manutenção e organização.

A varanda teve um uso diversificado ao longo do tempo. Foi inicialmente

97



*Era tudo [parede e chão] em cimento, era assim um cimento vermelho e depois tinha assim uns quadrados, aqui, porque aquelas dali (noutro bloco) a sala era em madeira, era em soalho. Nos quartos passava um martírio ali, nos quartos, para limpar... Agora tenho flutuante [nos quartos] que eu já não tinha saúde para andar assim. Mas eu gostava tanto quando vinha aquele cheirinho à cêra, mas dava muito trabalho, muito trabalho. E isto aqui era assim, a gente limpava o chão, havia uma polerina vermelha, a gente limpava. Depois pus o oleado, depois veio a moda das alcatifas e eu pus tudo em alcatifa, os quartos e tudo. Depois tirei e foi quando eu meti a tijoleira. Ao menos isto dá-se com a esfregona...*

Raquel, 60 anos

98



99



projetada para ser um espaço exterior em continuidade com a sala comum e, assim, contribuir para a possibilidade de um contacto mais direto com os espaços públicos e os espaços verdes.

No entanto, após a utilização e acomodação dos habitantes ao bairro, rapidamente se observou a adaptação do espaço de varanda a marquise, por parte de alguns moradores. Segundo relatos, a imagem dos blocos habitacionais era assim marcada pelas intervenções ‘clandestinas’ aplicadas aleatoriamente nos planos de fachada. Os moradores alegam que terá sido esta a razão para, nos anos de 1996 e 1997, a CMP intervir no sentido de uniformizar a imagem dos blocos do Bairro da Pasteleira. Com esse propósito, a decisão das autoridades municipais foi fechar todas as varandas dos blocos habitacionais, mantendo-se esta situação até aos dias de hoje. Com o estudo *in loco* das habitações foi possível constatar que alguns moradores acabaram por reformular a ligação entre a sala comum e o novo espaço de marquise, substituindo a parede de janela e porta por um plano de vidro.

A decisão da CMP de fechar a marquise diminuiu a iluminação das habitações mas permitiu aumentar o espaço útil interior. A falta de iluminação e de ventilação natural é desvalorizada pelos moradores que declaram que esta solução veio melhorar as habitações. Valorizam sobretudo o aumento do espaço útil da habitação, um melhor conforto térmico (as condições climáticas da cidade do Porto não são, na maioria dos meses do ano, as mais propícias à ocupação dos espaços exteriores), e uma maior versatilidade do espaço da marquise, utilizada agora para colocação de estendais, mobiliário de arrumação e, ainda, de equipamentos e eletrodomésticos<sup>50</sup>.

Após a observação e análise das habitações, constata-se que a substituição de material de revestimento é uma prática dos moradores, pelo desgaste dos materiais originais e pela necessidade de os substituir por materiais mais resistentes e duradouros. Esta mudança, idealizada e processada pelos próprios arrendatários das habitações, vai de encontro ao gosto pessoal de cada um e à aproximação à sua ideia de casa, mais pessoal e mais confortável. É frequente, assim, a alteração do soalho de madeira original para pavimento flutuante, dos mosaicos das cozinhas e casas de banho e, ainda, trocas de caixilharias interiores. As caixilharias exteriores, nomeadamente as das varandas originais das habitações, foram alvo de intervenção na requalificação das habitações no ano de 1996 e 1997.

No que respeita às instalações sanitárias, a mais recorrente modificação foi a remoção total do tanque, elemento que servia, originalmente, diversas necessidades como a lavagem de roupa e higiene pessoal. A evolução

97 | Casa da Juliana e do André. Dois planos separam a sala do espaço exterior.

98 | Casa da Glória e da Jacinta. Plano de vidro separa a sala do espaço de marquise.

99 | Exemplos de diferentes tipos de uso da marquise.

50 Numa das habitações visitadas havia animais de estimação (pássaros).



## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira



100



Vivo no bairro há 55 anos. Tinha sido acabado de construir há um ano ou assim. Vínhamos da Rua Escura.

A casa lá era muito diferente desta?

Ai, era!!

Glória, 61 anos e  
Jacinta, 91 anos



101

Oh, faz muita falta um tanque.

E o polibã?

O polibã é bom para tomar banho.

E antes como é que fazia?

Olhe, tomava dentro do tanque, entrava dentro do tanque tinha a misturadora, a torneira, saía quente e fria, tenho agora ainda o mesmo cilindro.

O tanque era onde?

Era ali no quarto de banho.

Era lá que lavava?

Pois. Tiraram-me o tanque, botaram-mo fora e puseram-me o polibã.



102

Beatriz, 79 anos

industrial (por exemplo, o aparecimento de máquinas de lavar roupa) e as mudanças de hábitos diários resultaram na introdução de novos equipamentos e ferramentas para a realização das rotinas. É frequente a instalação de bases de duche nas instalações sanitárias das habitações do Bairro da Pasteleira, dada a impossibilidade de colocação de equipamentos de maior dimensão, como banheiras.

Enquanto a base de duche vem ocupar o anterior espaço do tanque, a máquina de lavar roupa constitui um problema nestas habitações, uma vez que o espaço da casa, de áreas mínimas, não está ajustado para a introdução destes novos equipamentos.

O mesmo acontece no espaço de cozinha, com a adição de uma sistema de refrigeração elétrica de alimentos – um frigorífico ou arca congeladora. Estes novos recursos materiais vêm condicionar o funcionamento espacial da habitação, ocupando espaços (varanda, cozinha) que não lhes estavam destinados.

Apesar das reduzidas áreas úteis dos quartos, decorrentes da necessidade de desenvolvimento de áreas mínimas de habitação, é observável a ambivalência destes espaços, constatando-se que a ocupação do espaço foi adaptada à evolução paralela do agregado familiar e, assim, às necessidades de ocupação do mesmo. Deste modo, um espaço que outrora foi quarto de uma criança e jovem adquire, agora, uma nova funcionalidade, desempenhando um papel complementar ao da sala comum que, como já mencionado, é de difícil gestão e organização. As variantes para a utilização dos quartos são múltiplas, desde espaços recreativos para as crianças<sup>51</sup> a espaço polivalente para atividades quotidianas, como o tratamento de roupas.

## Edifício em Galeria

Os blocos em galeria apresentam, em vários aspetos, características idênticas às observadas nos blocos de acesso vertical múltiplo: colocação de eletrodomésticos em locais indevidos (cozinha e varanda); adaptação dos quartos a novos usos; substituição do tanque por base de duche; alteração de materiais de revestimento; área insuficiente para um uso qualificado do espaço de cozinha.

A configuração das habitações dos EG é, também, semelhante às das habitações dos EAVM. No entanto, encontramos alguns pontos e características distintas, sendo uma delas a forma como é desenhada a cozinha.

Nos blocos em galeria do Bairro da Pasteleira podemos encontrar o módulo tipológico introduzido nos bairros iniciais do Plano de Melhoramentos,

100 | Exemplo de adaptação da instalação sanitária nas habitações de acesso vertical múltiplo.

101 | Casa Glória e Jacinta. Cozinha: nova banca e armários suspensos.

102 | Casa Juliana e André. Cozinha: introdução do frigorífico.

<sup>51</sup> As ‘novas’ crianças da família são agora os netos dos mesmos proprietários das habitações que recebem habitualmente a visita destes seus jovens familiares.



103



Imagina, a minha mãe vive no canto, e tem a vizinha. E às vezes é muito complicado nós passarmos à porta da vizinha da minha mãe. Por causa de cheiros... Isso é uma grande desvantagem. Por exemplo, houve uma altura que ela tinha cá fora uma bilha de gás. E não pode, numa varanda fechada a dar o sol. Imagina o que é haver uma fuga e explodir. Tens ali 15 pares de sapatos, com todo o respeito, mas... O sol bate ali, o espaço está fechado, lógico que vai criar cheiro, por muito que até sejas higiénica e não sejas...

Pedro, 37 anos e  
Patrícia, 35 anos

104



E um dia eu ia despejar o lixo, isto a primeira vez e na segunda já tinha passado muito tempo ela tornou a pôr as coisas outra vez cá fora e então pôs aqui mesmo à porta um, que tinha assim umas coisas em ferro, que saía assim um bocado fora... Eu tornei outra vez a avisá-la: olhe, eu já fui à Câmara, você continua, eu acho que vou à Câmara outra vez... E fui. Ela também disse que não tirava, e eu tornei a ir à Câmara. E depois é que não se podia passar ali na varanda... com o cheiro!

Raquel, 60 anos

105





também presente nas habitações do bairro do Bom Sucesso<sup>52</sup>.

Nestas habitações, a cozinha é um recanto da sala comum, tipo kitchenette, albergando nesse nicho o equipamento destinado à confeção de alimentos. Alguns moradores, na tentativa de melhorar a aparência do espaço de sala comum – espaço de receção e entrada na habitação – e diminuir odores e ruídos provenientes da atividade na cozinha, procuraram controlar a exposição deste espaço. Nas habitações visitadas, os moradores introduziram, para esse efeito, elementos como portas de madeira e vidro ou cortinas.

A cozinha é, também, o espaço de passagem da instalação sanitária para os restantes espaços da habitação, o que é problemático. Contudo, apesar de os moradores entrevistados revelarem algum desconforto no acesso às instalações sanitárias (dado o espaço exíguo da antecâmara de entrada – a cozinha – e a natureza da sua funcionalidade), não se registou um nível de insatisfação elevado perante esta situação.

Outro ponto a destacar nestas tipologias estudadas refere-se ao uso abusivo do espaço de circulação – galeria. Desde cedo se verificou o aproveitamento excessivo destes espaços comuns aos moradores de bloco, como comprova o artigo de Cabral e Portas ao referir o abuso na utilização destes espaços por parte dos moradores de extremos de galeria. Tendo as habitações do bairro áreas mínimas, os moradores aumentavam, assim, a área útil de habitação, apropriando-se dos espaços adjacentes e prolongando os limites preexistentes da habitação [cf.: p. 46].

A requalificação da CMP, já referida, que fechou as varandas das tipologias dos blocos ‘esquerdo-direito’, também abrangeu os blocos em galeria. Assim, as galerias de distribuição orientadas a poente foram fechadas e as divisões existentes nestes espaços mantidas, indo ao encontro da vontade dos moradores de subdividir este espaço. A opção é, por vezes, conflituosa visto que, na prática, apenas os moradores dos extremos das galerias podem gerir autonomamente o espaço contíguo à sua habitação. Os restantes moradores não podem fazer essa gestão, já que a área da galeria contígua à sua habitação é, igualmente, espaço de passagem para as habitações que ficam nos extremos. As habitações centrais são, por isso, prejudicadas, uma vez que têm menor privacidade e maior dificuldade em usufruir livremente deste espaço adjacente. De acordo com testemunhos recolhidos, esta situação tem provocado conflitos, gerando um ambiente de desconfiança entre vizinhos.

103 | Casa do Celestino. Cozinha em kitchenette e armário embutido na sala.

104 | Casa da D. Raquel. Cozinha fechada com portas de madeira e vidro espelhado.

105 | Casa da D. Raquel. Ocupação da marquise: estendal, plantas e arrumação.

<sup>52</sup> É bom ter em conta que, como já foi várias vezes mencionado, as tipologias do Plano de Melhoramentos foram evoluindo e sendo readaptadas aos modos de estar da população a alojar.





## REFLEXÃO E DISCUSSÃO

## GALERIA

No âmbito da habitação social, a galeria constitui um dos temas mais pertinentes de discussão, e, quando se fala do Bairro da Pasteleira, é referência obrigatória uma vez que enforma o conjunto arquitetónico – 16 dos 27 blocos são blocos habitacionais de acesso em galeria. Além do uso frequente em edifícios de habitação social, a forma como a galeria se organiza é, igualmente, explorada noutros tipos de edifício. O importante é que as soluções projetadas e pensadas pelo arquiteto procurem um equilíbrio entre a privacidade da habitação contígua à galeria e a utilização de um espaço comum.

A galeria foi inicialmente projetada para ser um espaço comum a todas as habitações. No entanto, com as alterações realizadas, acabou por ser dividida em vários espaços, alguns privados e outros de caráter ambíguo do ponto de vista arquitetónico. As habitações dos extremos da galeria apropriaram-se da galeria como complemento e extensão da sua casa. O grande problema, agora, reside nos espaços de galeria que são contíguos às habitações intermédias do bloco habitacional. Na prática, deixa de ser espaço comum de bloco, mas não se converte em espaço privado da habitação. Este trecho de galeria é, assim, um espaço híbrido de utilização, condicionada pelas suas novas características. E, do ponto de vista social, cria grandes conflitos entre moradores – o da habitação contígua não pode usufruir livremente deste espaço semiexterior<sup>53</sup>; o do fundo de galeria vê o acesso à sua habitação condicionado.

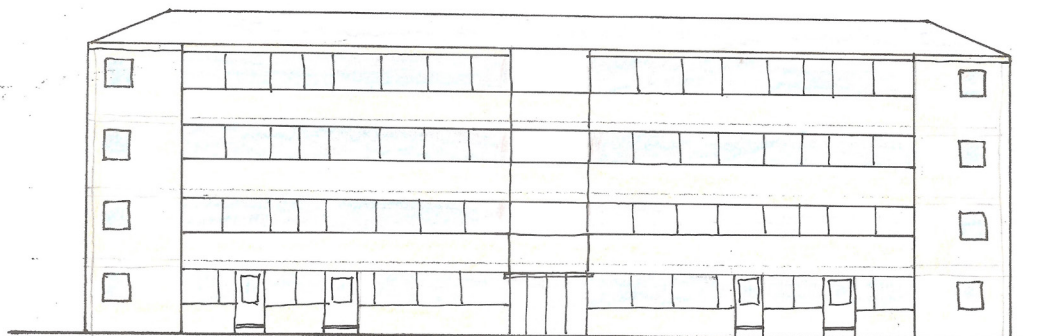
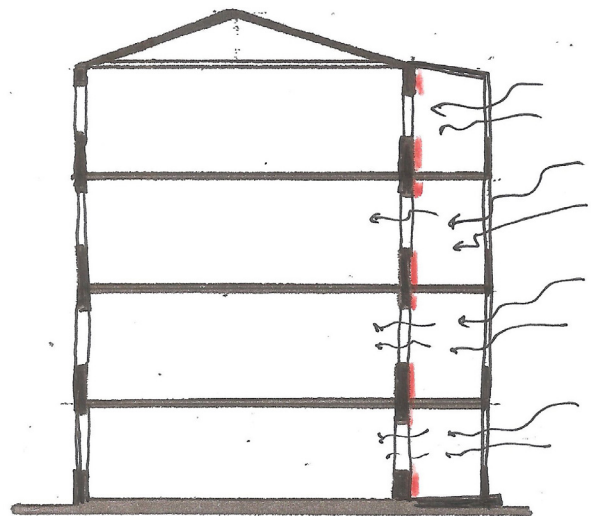
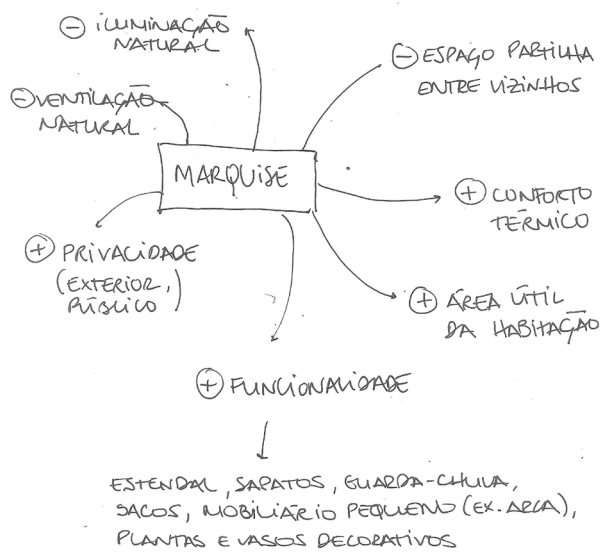
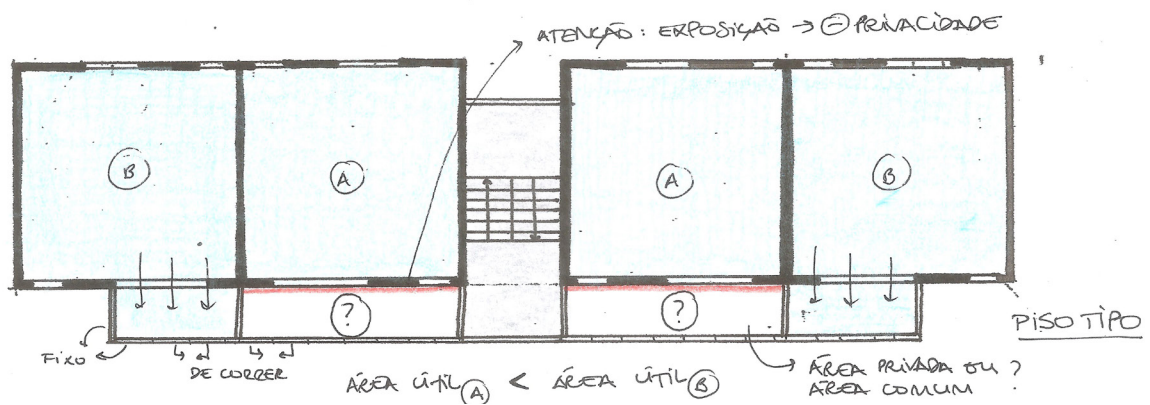
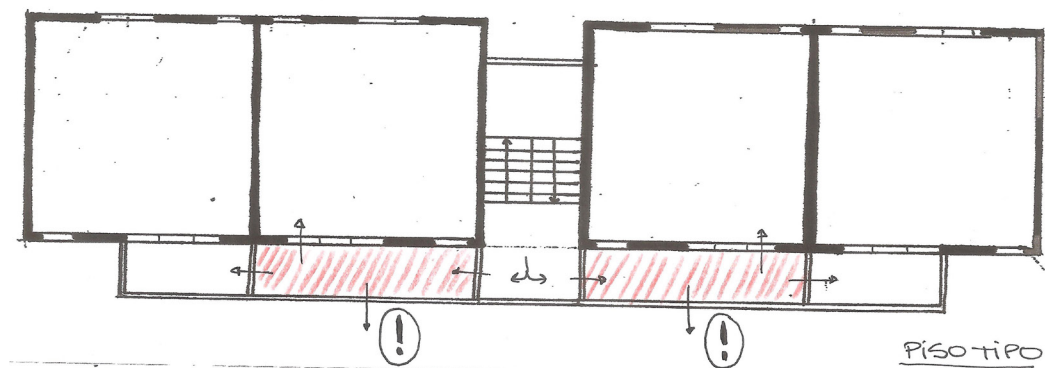
Apesar desta nota ‘negativa’ da atual galeria, os moradores encaram a alteração como ‘positiva’, uma vez que lhes veio proporcionar maior privacidade e melhor conforto térmico. Segundo testemunhos, a galeria vem estender o espaço interior da habitação de áreas reduzidas, do qual se apropriam de forma variada. Este espaço é utilizado, maioritariamente, para apoiar atividades domésticas (é aí que se encontra o estendal de secagem de roupa); colocar vasos de plantas e objetos decorativos; e armazenar objetos diversos (como chinelos e sapatos, guarda-chuvas, sacos plásticos, roupa, detergentes de limpeza, entre outros).

Em síntese, em muitos casos, a galeria é entendida como um quintal ou arrumo da habitação, consequência da ausência de um espaço exterior qualificado para esse efeito e da área reduzida da casa. Da transformação deste espaço resultou uma menor iluminação e ventilação natural das habitações e a redução dos espaços comuns.

---

<sup>53</sup> Recorde-se que parte da galeria foi encerrada com uma combinação de planos opacos e de vidro, maioritariamente, caixilharias de correr. Ver ‘Apresentação’.





## Hipóteses

A manipulação do espaço de galeria pode ser realizada de diversas formas. Apresentam-se, em seguida, algumas hipóteses de projeto nas quais se aplicam diversos mecanismos e ferramentas arquitetónicas.

Pode-se distinguir as propostas de acordo com o carácter mais ou menos comum da galeria, sendo elas:

- Galeria preexistente comum mas fechada nas habitações de extremos
- Galeria preexistente totalmente comum aos moradores do bloco
- Galeria preexistente com espaços privados delimitados

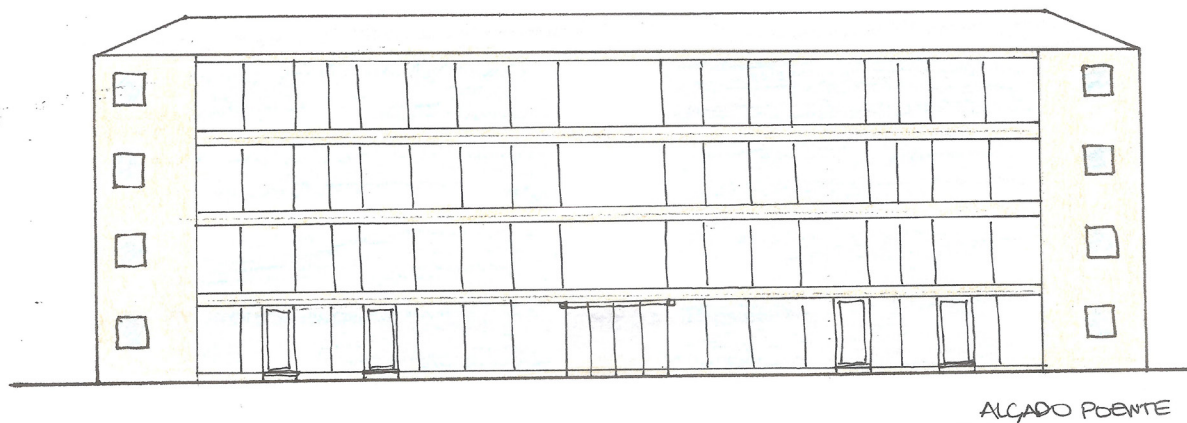
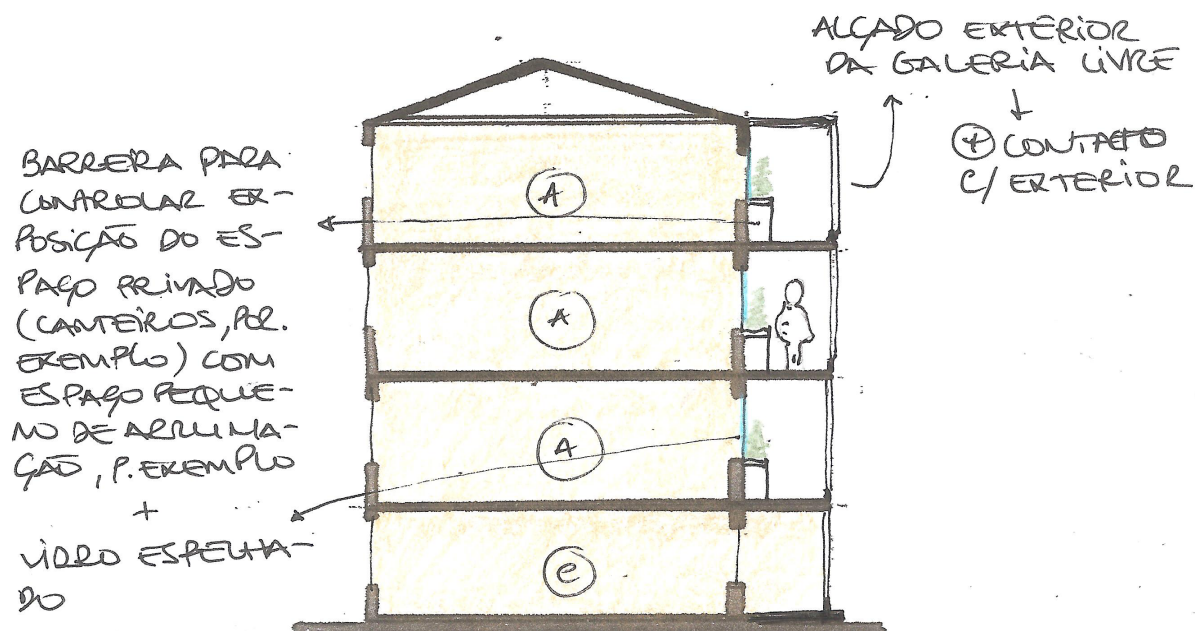
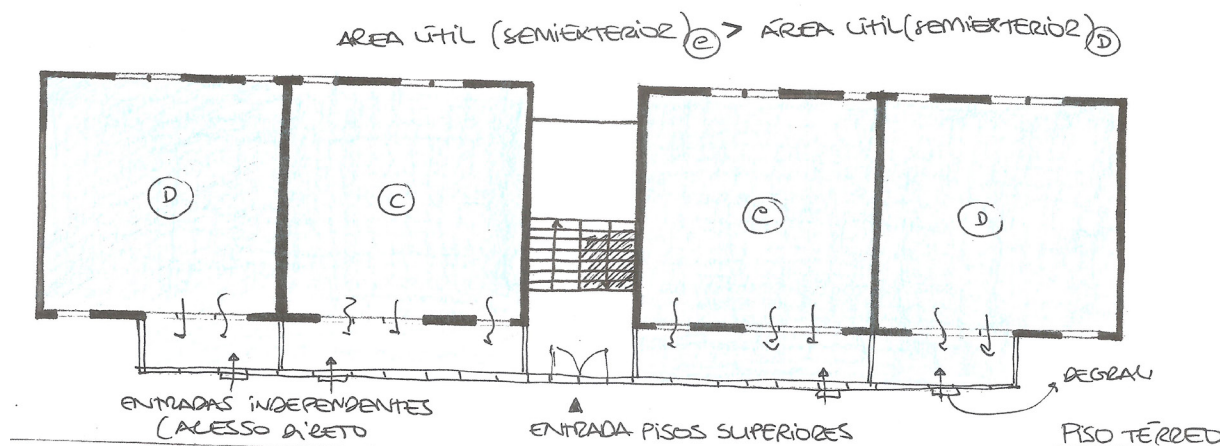
Vejamos, então, as virtualidades e os problemas que cada proposta apresenta.

### • Galeria preexistente comum mas fechada nas habitações de extremos

A primeira solução apresentada é a mais próxima da situação que atualmente existe nos blocos habitacionais de acesso em galeria. Hoje, o principal espaço de conflito é o espaço contíguo às habitações do meio do bloco. Assim, propõe-se abrir esse espaço à caixa de escada, caracterizando-o como espaço comum e não como uma mistura entre espaço privado e coletivo. Esta solução comporta, principalmente, dois problemas: falta de privacidade (que já existia) e desigualdade de áreas úteis (as habitações do meio ficam sem espaço extensível).

Primeiro problema – **privacidade**. Na tentativa de minimizar o contacto entre os espaços comuns e o espaço privado, podem ser estudadas várias hipóteses. Uma delas poderia passar pela reorganização e redistribuição dos espaços internos à casa, colocando os serviços (como instalação sanitária e cozinha) junto à galeria. Esta opção seria duplamente eficaz para criar afastamento entre as áreas comuns (sala) e as de maior privacidade (quartos) e criar maior conforto térmico a esses espaços. No entanto, a habitação ficaria, maioritariamente, voltada a nascente, não privilegiando a exposição mais convidativa que seria a poente.

Por outro lado, é possível pensar em soluções de escala mais reduzida mas com uma eficácia previsivelmente grande a nível arquitetónico. No alçado das habitações voltado para a galeria, poderiam ser introduzidos elementos que criassem uma barreira visual e espacial entre o espaço comum e o espaço privado. Assim, a colocação de canteiros ao nível dos vãos, a introdução de caixilharias de vidro espelhado ou de estruturas metálicas, de madeira ou cimento estereotipado reguardariam a habitação do espaço exterior, garantindo, igualmente, a iluminação e ventilação





natural e, ainda, controlando melhor o conforto térmico.<sup>54</sup> Estas soluções de menor escala não teriam custos tão elevados como outras soluções. Contudo, a conservação e manutenção desses elementos poderá revelar-se difícil, sendo necessária a consciencialização por parte da população residente para a necessidade de preservação do bairro, dos espaços públicos, coletivos e privados.

Por razões de maior privacidade e maior conforto térmico, poder-se-ia recuar a entrada das habitações para que os planos dos vãos não fossem diretamente revelados à galeria. Poder-se-ia, por exemplo, criar uma antecâmara de entrada na habitação encontrando, assim, um espaço de transição entre os espaços comum e privado do bloco habitacional. Este espaço poderia ser usado como marquise, quintal ou jardim. Contudo, esta solução desenvolve-se no sentido contrário ao anteriormente determinado: não diminuir a área útil das habitações, privilegiando o aumento das mesmas. Desta forma, esta hipótese só seria viável se houvesse uma redução da tipologia em questão e se permitisse uma boa distribuição e organização interior do fogo.<sup>55</sup>

Soluções como desnivelar a galeria em relação às habitações ou ‘soltar’ este elemento do volume edificado são frequentemente propostas em Arquitetura quando são estudadas estas tipologias de habitação. Contudo, no caso do Bairro da Pasteleira, elas seriam difíceis de concretizar por diferentes razões. O desnivelamento iria provocar dificuldades em garantir um pé direito viável e legal da galeria, uma vez que a altura entre pisos é de 2,7m e, segundo os regulamentos, a altura de pé direito útil mínima admissível é de 2,2m. Na solução de a distanciar do volume habitacional, iríamos ter problemas construtivos, pois a galeria preexistente é completamente dependente do edifício adjacente, sustentada por uma viga em consola. Acresce que, em ambas as soluções, o custo económico e a duração da obra associados a uma requalificação dessa natureza seria de grande envergadura, dificultando a associação de um projeto com estas características ao caso de estudo.

A este respeito, é importante realçar que o ‘rearquitecturar’ – o intervir sobre um edifício preexistente – tem outras implicações que o distinguem da construção de raiz, alterando as circunstâncias do trabalho do arquiteto.

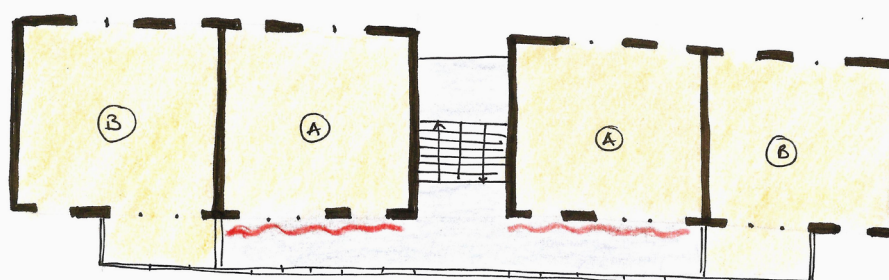
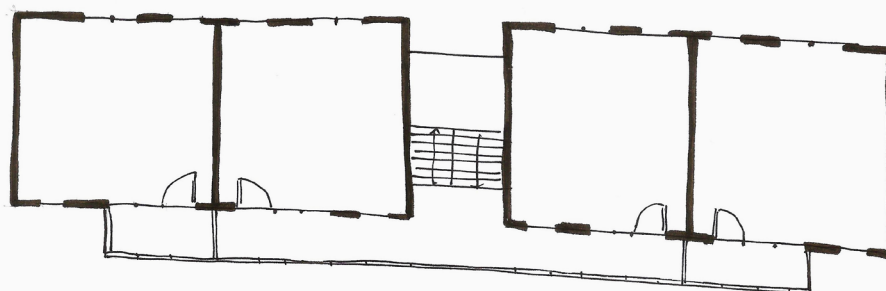
A face exterior da galeria – o alçado do edifício – influencia a vivência deste espaço e, indiretamente, privilegia um maior contacto visual com o

108 | Solução 1:  
Galeria preexistente  
comum mas fechada  
nas habitações de  
extremos.

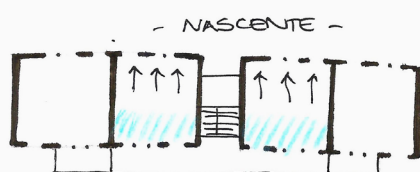
54 Algumas destas soluções são aplicadas no conjunto habitacional “Sache - 1ª Fase” (1979-1989) do arquiteto Manuel Correia Fernandes e no edifício na Praça D. Afonso V (1953) do arquiteto Francisco Pereira da Costa, onde encontramos vidro espelhado nos vãos e painéis ‘brise soleil’ horizontais colocados na fachada interior da galeria, respetivamente. (Ver imagem de pormenor na p.114)

55 Aquando do tópico ‘Distribuição e Organização da Célula Habitacional’, testar-se-á esta opção.

SOLUÇÃO (1)



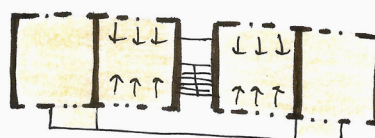
ATENÇÃO:  $\ominus$  PRIVACIDADE A  
 ÁREA ÚTIL (A) < ÁREA ÚTIL (B) (DIFERENTES TIPOLOGIAS?)



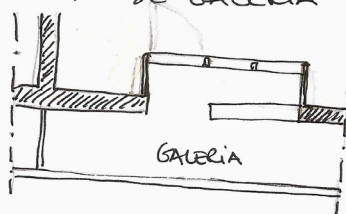
- PONTE -

- ↳ ÁREAS DE SERVIÇO NA ZONA DA GALERIA PARA CONTROLAR PRIVACIDADE
- ↳ ZONAS DE MAIOR PERMANÊNCIA A NASCENTE (SALA E QUARTOS)

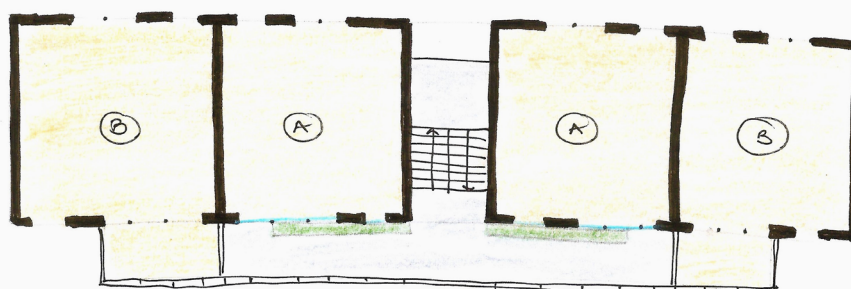
- ↳ CRIAR BARREIRAS ARQUITETÔNICAS: CANTEIROS, PAREDE DETIDOU DE VIDRO, BRISSE SOLÉIL, ESTRUTURA MADEIRA OU METÁLICA (COM ESTEREO-TOMIA), CORTINAS, VIDROS ESPELHADOS



- ↳ RECUAR ENTRADA DO PLANO DE GALERIA



ATENÇÃO: ÁREAS MÍNIMAS DAS HABITAÇÕES ORIGINAIS



exterior, em detrimento do contacto com as habitações (espaço privado). Assim, o limite exterior da galeria deveria ser desafogado de barreiras arquitetónicas visuais. Por essa razão, o plano opaco contínuo que existe atualmente na galeria (de aproximadamente, 1,10m de altura) deveria ser retirado e substituído por um plano de vidro ou um gradeamento, como originalmente existia no Bairro da Pasteleira.<sup>56</sup>

Abordemos, agora, o segundo problema – **áreas úteis mínimas de habitação**. São colocadas várias hipóteses de atuação, que influenciam diretamente o espaço interior da habitação e, por isso, vão ser exploradas com maior detalhe posteriormente no tópico “Distribuição e Organização da Célula Habitacional”. Contudo, refira-se desde já alguns pontos pertinentes, como a diferenciação de tipologias e a introdução de novas estruturas flexíveis.

Quanto à diferenciação de tipologias, procura-se garantir a existência de áreas úteis e confortáveis de habitação privada com características semelhantes nas diferentes habitações, como, por exemplo, o usufruto de um espaço semiexterior, seja ele marquise, quintal, jardim ou outro. Assim, importa repensar o espaço interno da habitação e fazer corresponder a área útil à tipologia mais adequada (áreas maiores, tipologias maiores / áreas menores, tipologias menores).

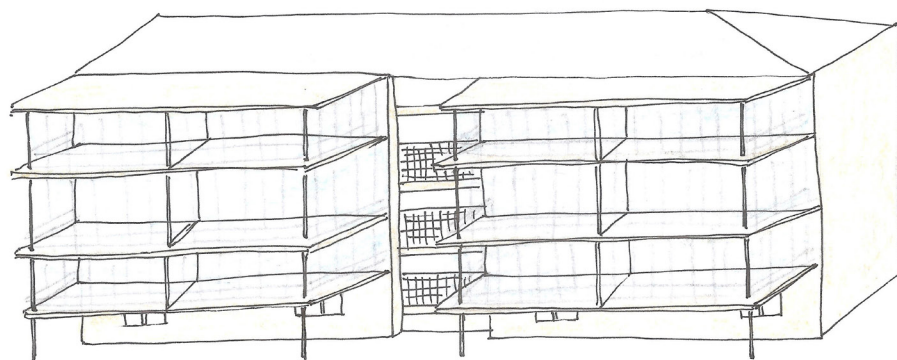
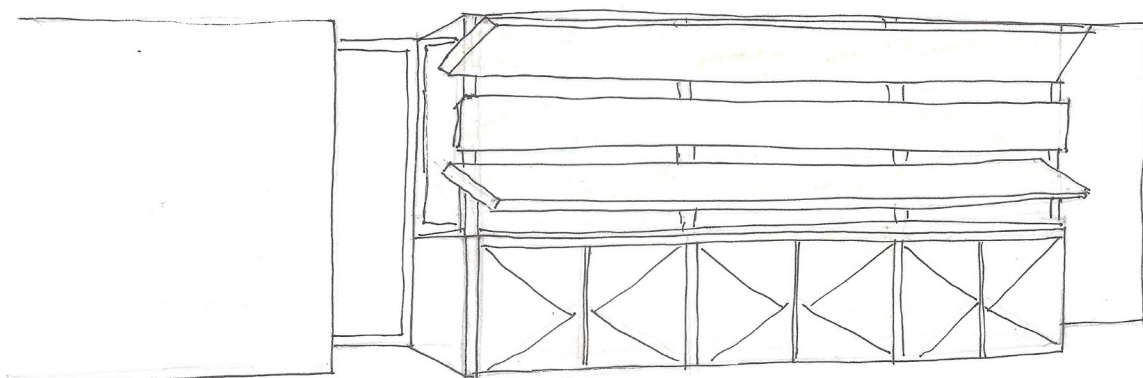
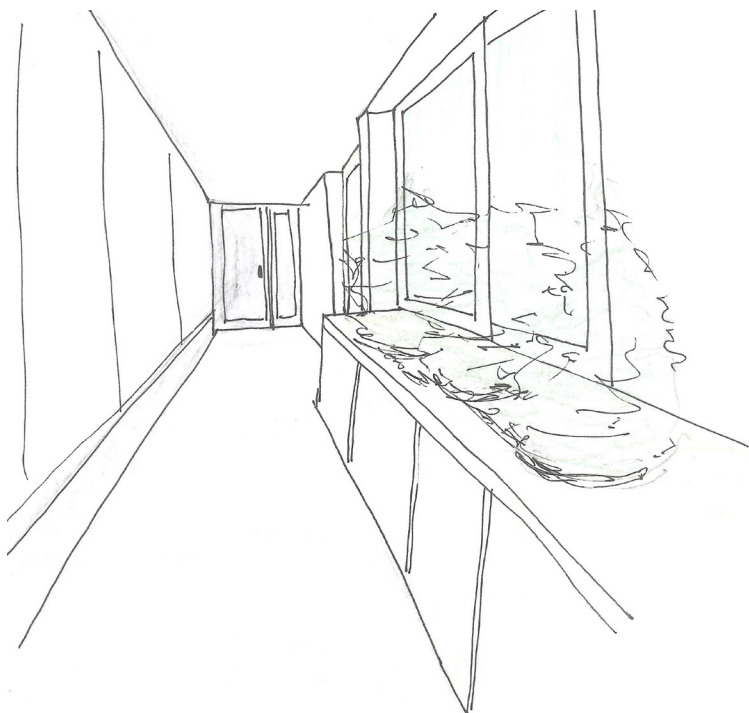
### **Espaço extensível na fachada posterior**

Para compensar a falta de área útil da habitação, poder-se-ia propor uma **estrutura flexível**, independente do volume edificado preexistente.<sup>57</sup> Esta estrutura permitiria a extensão da habitação para o alçado traseiro em continuidade com o espaço interior, caso o morador o pretendesse. Desta forma, a distribuição e a organização interior do fogo teriam de ser repensadas para integrar melhor este novo espaço na habitação, privilegiando uma maior funcionalidade. Assim, deveria haver uma base formal ou material para a nova estrutura para que a imagem exterior do novo volume fosse uniformizada, evitando perturbar a estética e a forma do conjunto arquitetónico. Em todo o caso, esta nova estrutura garantiria uma maior flexibilidade e funcionalidade através de um espaço complementar às habitações preexistentes. Pelo facto de ser uma estrutura nova, o desenho da mesma pode ser variável, salvaguardando uma relação harmoniosa e funcional com os espaços preexistentes.

<sup>56</sup> Esta solução é adotada no edifício habitacional ‘Savonnerie Heymans’ (2011) projetada pelo MDW Architecture, com planos de vidro articulados e gradeamentos nas fachadas, o que permite diversas relações entre o espaço interior e exterior. (Ver imagem de pormenor na p.114)

<sup>57</sup> Esta solução foi utilizada na renovação do edifício de habitações ‘Tour Bois-Le-Prêtre’ (2007-2010) do Lacaton & Vassal, com estruturas que permitem aumentar a área útil das habitações. (Ver imagem de pormenor na p.114)





E, claro, é necessário avaliar a repercussão da implantação destes volumes no espaço público tardoz do edifício, uma vez que pode condicionar o desenho do espaço urbano do bairro. Considerando que estes seriam justificáveis e recompensados pela melhor qualidade de vida dos habitantes do bairro, a construção do novo volume implicaria custos económicos, equação sempre problemática para os envolvidos.

Apesar das vantagens apresentadas, a hipótese deste novo volume não seria tão proveitosa caso este fosse introduzido na fachada nascente dos blocos habitacionais em galeria. A exposição solar influenciaria a iluminação e as características térmicas, não inviabilizando contudo que este servisse para atividades domésticas (como, por exemplo, a secagem de roupa).

#### • Galeria preexistente totalmente comum aos moradores do bloco

A segunda hipótese apresentada é de uma galeria totalmente comum, solução que nos remete para o desenho original do bairro – uma galeria contínua, onde toda a sua extensão é livre e acessível a todos os moradores.

A hipótese de uma galeria transitável por todos os habitantes do bloco não privilegiaria nenhuma habitação, tendo todas as habitações igual exposição ao exterior, à galeria. Esta solução tem vantagens do ponto de vista social pois seria caracterizada por um espaço necessariamente partilhado pelos moradores, criando condições, pelo menos, para o convívio entre os habitantes do mesmo piso. Favorece igualmente a iluminação e ventilação natural.

Relembrando que se trata de habitações com áreas reduzidas, desta proposta, resultam problemas semelhantes aos referidos na proposta anterior, como a falta de privacidade e de espaço extensível da habitação. Contudo, neste caso, as soluções são aplicadas em todas as habitações do piso, o que pressupõe uma igualdade de oferta habitacional.

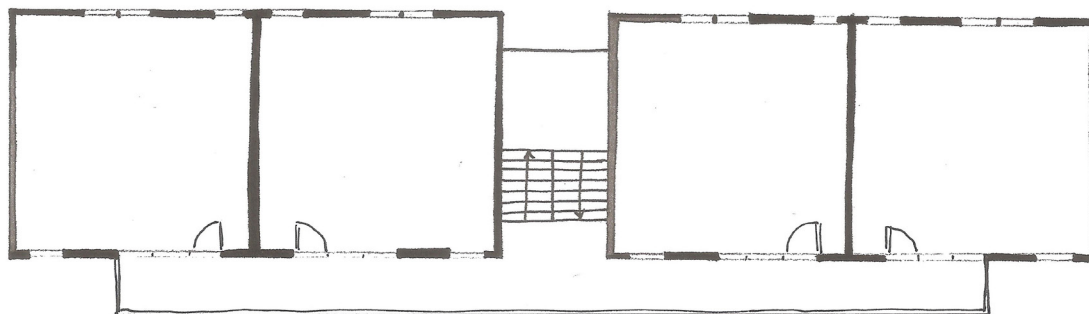
Apesar das soluções apresentadas para controlar as questões de privacidade e de área reduzida, é possível antever reações semelhantes às observadas ao longo dos últimos 56 anos do bairro – a ocupação por parte dos moradores dos extremos em galeria. Para contrariar esta tendência, sugere-se a introdução de regulamentação para a ocupação da galeria, regulando o seu uso por parte dos moradores, sendo que nada garante que tal atitude fosse suficiente para impedir o encerramento da galeria contígua às habitações dos extremos de galeria.

#### Novas estruturas nos topos

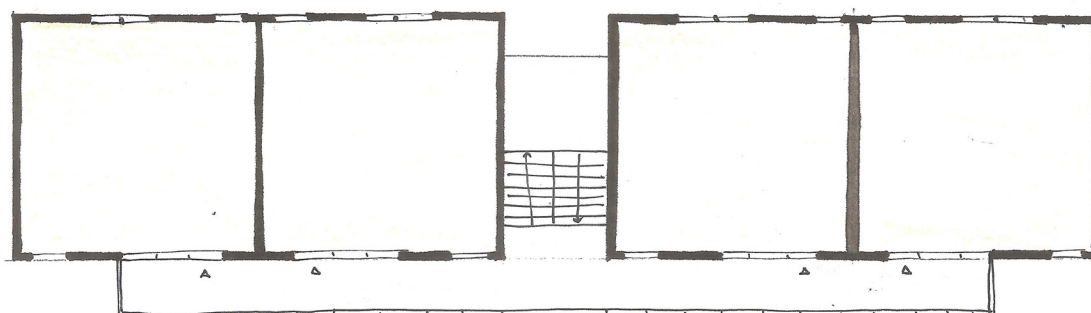
110 | Ideias para  
resolução de  
problemas discutidos  
para a galeria.

Para que a solução de galeria totalmente aberta possa ser bem sucedida, propõe-se a introdução de novas estruturas nos topos norte e sul dos

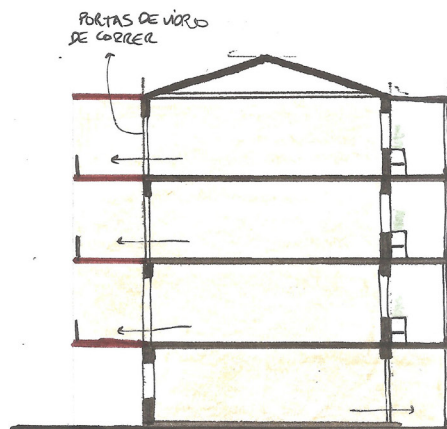
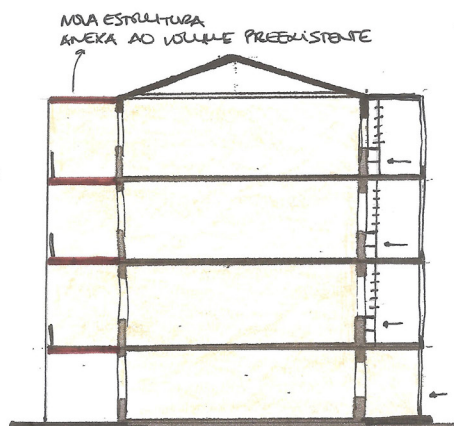
SOLUÇÃO (2)



→ ATENÇÃO: CONTROLAR PRIVACIDADE A-POENTE EM TODAS AS HABITAÇÕES  
 → FALTA DE ESPAÇO SEMIENTERIOR → ⊖ ÁREA ÚTIL



↳ GALERIA ABERTA (TIPO MARQUISE CONTÍNUA)  
 SEMELHANTE À DISTRIBUIÇÃO INICIAL





blocos habitacionais. Os topos das galerias corresponderiam a espaços de uso coletivo, como zonas de estendais, de lavanderia ou outros espaços de convívio<sup>58</sup>. Estes espaços seriam usados e geridos pelos vizinhos das duas habitações adjacentes, podendo vir a favorecer a comunicação e proximidade entre eles.

Desta forma, poderá não ser necessária a introdução de uma estrutura anexa na fachada posterior do edifício, como descrito na primeira proposta, uma vez que é garantido um espaço adicional às habitações. É necessário notar que esta possível extensão da casa é, ainda assim, um espaço partilhado e, por isso, não será, possivelmente, a situação ideal para este contexto.

Por outro lado, caso exista acordo entre os moradores vizinhos das duas habitações à direita e à esquerda da caixa de escadas, a galeria poderá ser dividida em dois segmentos, cada um servindo duas habitações. No caso de um não-acordo entre as partes, potenciam-se as situações de conflito. Será necessário, pois, estudar quais as repercussões destes novos volumes.

Apesar de o espaço público do bairro ser amplo e extenso, existem percursos pedonais que deverão ser garantidos para permitir a conexão dos espaços públicos e dos blocos habitacionais do bairro. Assim, a implantação destes volumes deve ter o cuidado de preservar esses caminhos preexistentes ou, então, apresentar alternativas aos mesmos.

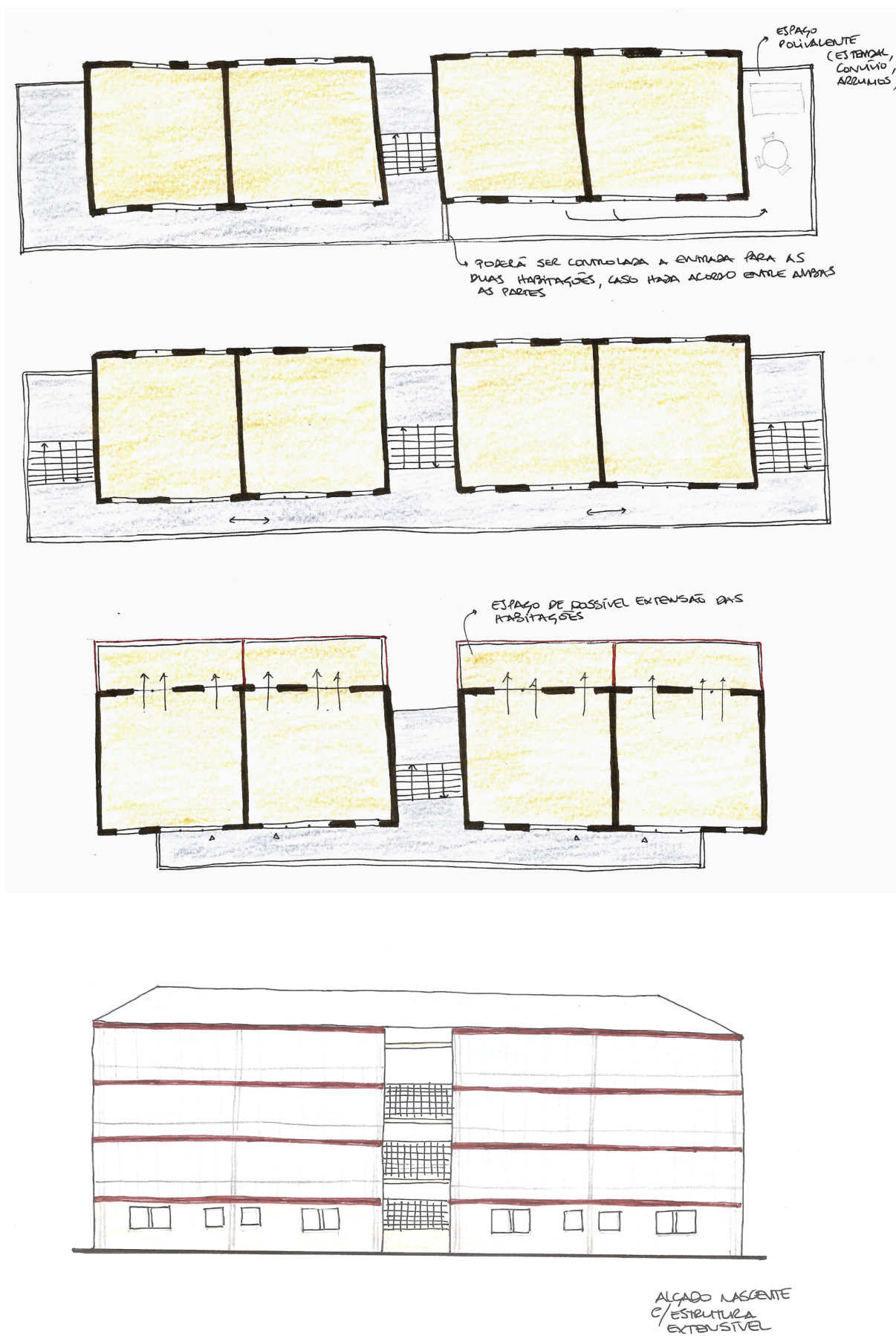
Para além disso, a introdução de novas estruturas anexas ao edificado poderá significar uma maior versatilidade da solução proposta. As novas estruturas poderão ter o desenho que se desejar, contudo, devido ao comprimento já considerável do edifício preexistente, não será desejável que estes volumes sejam muito longos. Recorde-se que o comprimento dos blocos habitacionais em galeria do Bairro da Pasteleira varia, aproximadamente, de 32 a 52 metros.

### Caixas de escada nos topos

No seguimento da solução referenciada, apresenta-se, ainda, uma outra hipótese: a introdução de **duas caixas de escada complementares** nas novas estruturas, localizadas nos topos do volume edificado. Com a introdução destes dois elementos, propõe-se uma solução mais dinâmica e inclusiva. Esta solução estabelece maiores linhas de comunicação entre os moradores do bloco, incorpora uma rede de movimentos mais diversificada e garante que o espaço comum é mais permeável. Se é verdade que dificulta o uso abusivo da galeria por parte dos moradores, também o é que perturba mais a privacidade, persistindo o problema da falta de área útil de habitação.

111 | Solução 2:  
Galeria preexistente  
totalmente comum  
aos moradores do  
bloco.

<sup>58</sup> Não há espaços coletivos qualificados no Bairro da Pasteleira. A zona de estendais nos espaços públicos do bairro não é, segundo os moradores, uma opção funcional, privilegiando estes espaços mais próximos à sua habitação: a marquise, o patamar das escadas, estendais suspensos na fachada do edifício...



### • Galeria preexistente com espaços privados delimitados

A terceira hipótese apresentada é uma solução que reinterpreta o espaço de galeria preexistente, propondo um acesso às habitações em acesso vertical múltiplo. Assim, as galerias são encerradas nos espaços contíguos às habitações e são dispostos três volumes de acesso vertical. A caixa de escada intermédia (preexistente) serve 6 habitações, e os novos acessos nos topos do edifício servem 3 habitações cada um. Se por um lado esta solução acrescenta valor e qualifica o espaço privado da habitação, por outro perde a sua força no espaço partilhado, agora subdividido e distante. Para além desse fator, acresce o facto de as caixas de escada dos topos se revelarem pouco sustentáveis, na medida em que servem apenas, cada uma, 19% das habitações do bloco. Adicionalmente, será preciso calcular os custos da construção.

### Entrada tripartida no bloco habitacional

Tal como já acontece no acesso intermédio do bloco habitacional<sup>59</sup>, será preciso atender a uma entrada controlada, que separe o espaço público dos espaços de circulação dentro do bloco. A colocação deste dispositivo no piso térreo permite vigiar as entradas e saídas do bloco constituindo, assim, um mecanismo importante em qualquer edifício habitacional, particularmente no contexto que caracteriza o bairro em questão que, segundo relatos dos moradores, continua a ser foco de atividades ilícitas, o que contribui para o sentimento de alguma insegurança que é sentido mesmo dentro das habitações.

Esta solução apresenta vantagens do ponto de vista social. Os espaços de galeria contíguos às habitações, agora privados, permitem uma extensão do espaço privado para o espaço exterior. Este ‘espaço-extra’ tem uma área útil igual para todas as habitações garantindo uma oferta igualitária para todos os moradores.

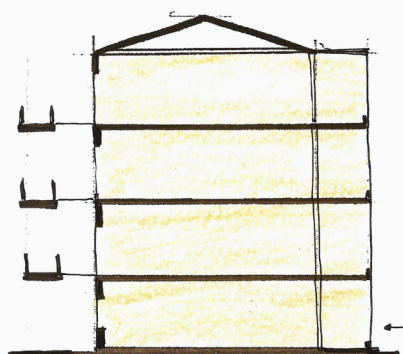
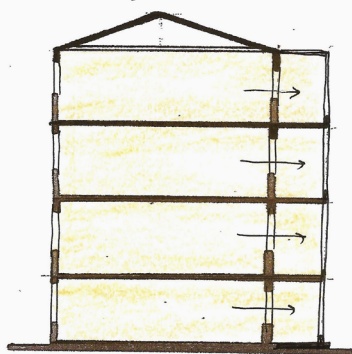
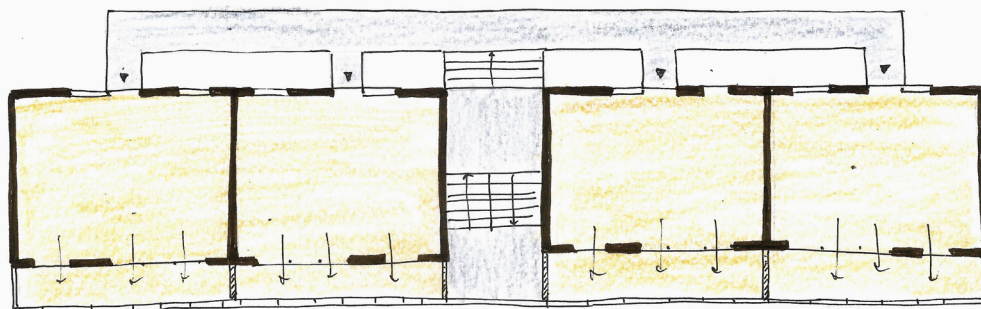
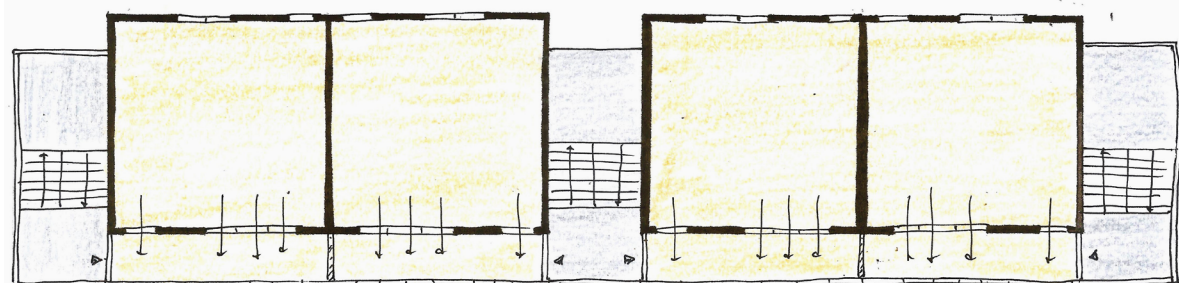
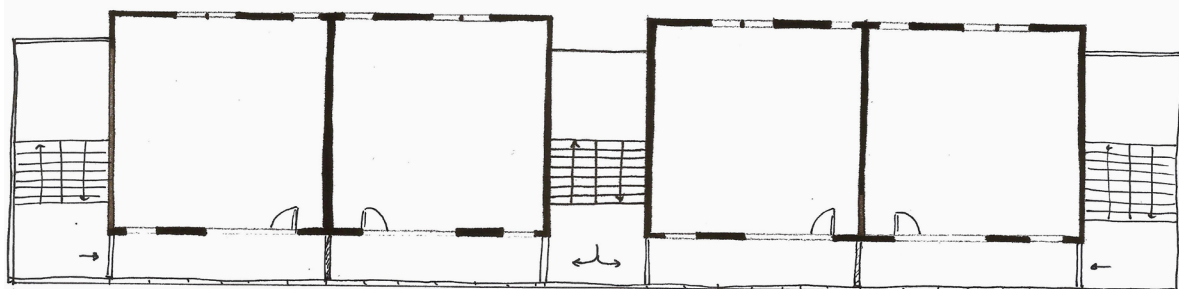
A falta de espaços de partilha entre os moradores poderá ser compensada de outros modos. Os espaços de encontro dos moradores são, por um lado, o extenso espaço público que caracteriza os “vazios” entre blocos e, por outro, os espaços de circulação dentro dos mesmos, que deverão servir as necessidades dos moradores: controlo das crianças no espaço público; espaço de encontro e convívio entre moradores; espaço de permanência para idosos. Os patamares dos blocos habitacionais são atualmente utilizados para colocação de estendais, mas solucionada de outra forma a questão da secagem da roupa, os patamares poderiam readaptar-se para atividades coletivas, como se verificava no início do bairro.

112 | Solução 2:  
Galeria preexistente  
totalmente comum  
aos moradores do  
bloco.

<sup>59</sup> Após a requalificação da CMP, as galerias de distribuição destes blocos habitacionais, originalmente em continuidade com o espaço público, foram encerradas no piso térreo.



Solução (3)



## Galeria no alçado posterior

Uma alternativa a esta proposta poderia ser a introdução de um espaço de galeria na fachada tardo do edifício.<sup>60</sup> Neste caso, o volume edificado não iria crescer em comprimento mas em largura. Sendo esta galeria posterior uma nova estrutura, há uma vasta e variada possibilidade de desenhos. A solução proposta pretende criar acessos às habitações pela fachada posterior, a nascente (permitindo a ocupação privada do espaço da galeria preexistente a poente), garantir a privacidade dos fogos ('soltando' o volume de galeria do edificado preexistente) e proporcionar um espaço de convívio e partilha para os moradores. Esta solução poderia ser uma boa resposta pois resolve a necessidade de um espaço semiexterior privado com boa qualidade (área útil, iluminação e ventilação), uma vez que as marquises são viradas a poente; e dinamiza a fachada a nascente, pouco aproveitada a nível funcional no conjunto arquitetónico.

A grande vantagem é tornar o alçado a poente livre de qualquer acesso à habitação, servindo, exclusivamente, como espaço de extensão do espaço privado (assunto a que se voltará aquando do tópico Distribuição e Organização da Célula Habitacional'). As desvantagens relacionam-se com o elevado custo económico e as possíveis condicionantes a nível construtivo. Tal como em algumas das soluções já aqui apresentadas, há que ter em conta o impacto da implantação destes volumes no espaço público.

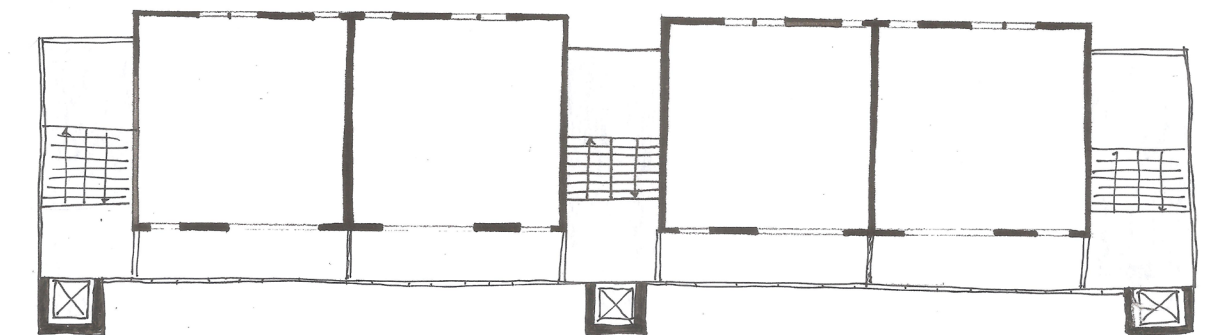
Em síntese, todas as hipóteses apresentam vantagens e desvantagens sendo algumas de mais difícil concretização pelos desafios que colocam a diversos níveis, nomeadamente os que se prendem com o investimento e com a adesão dos moradores.

## ACESSIBILIDADES

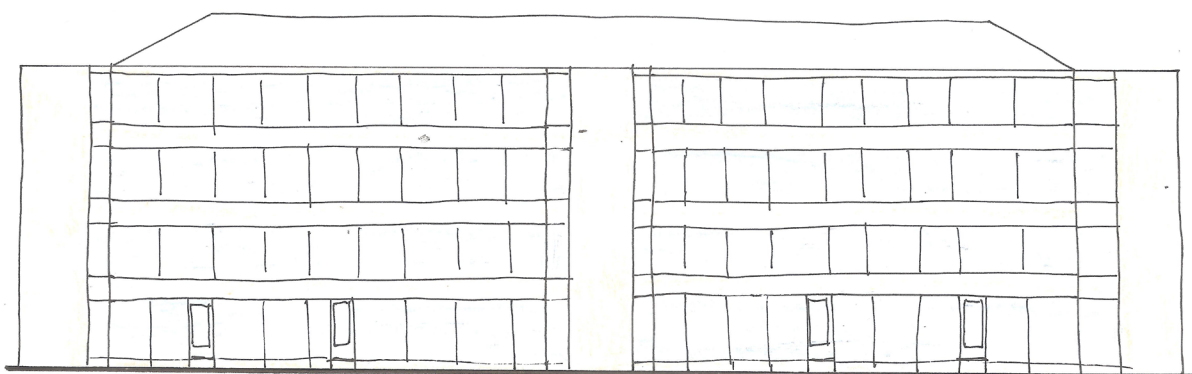
No seguimento da reflexão sobre a galeria, e tendo em conta a sua importância para a população, equaciona-se, agora, a problemática das acessibilidades. É sabido que a população portuguesa é, cada vez mais, constituída por pessoas idosas. E os bairros camarários refletem essa realidade. Com o decorrer dos tempos, e posterior independência dos mais jovens, o bairro é habitado por uma população envelhecida que encontra obstáculos que condicionam e dificultam uma vida autónoma. Assim, e atendendo, também, à existência de pessoas com deficiências motoras, é necessário repensar a habitação e a sua envolvente, nomeadamente as questões que se relacionam com a acessibilidade.

---

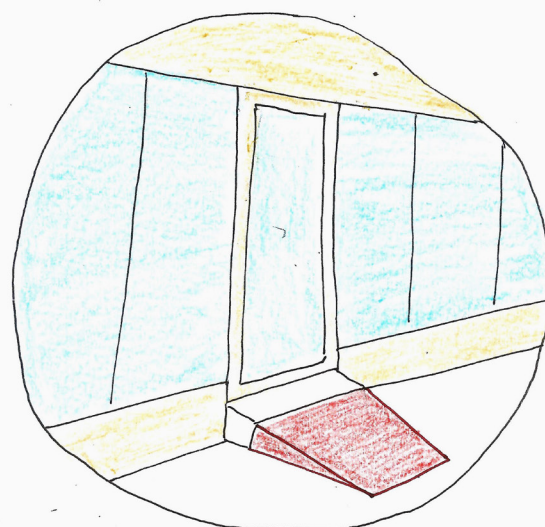
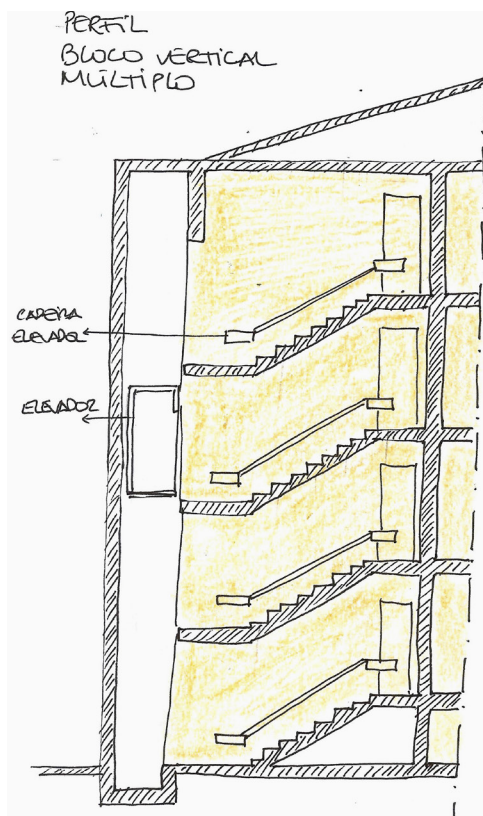
<sup>60</sup> Esta solução é adotada no conjunto habitacional Boréal (2011) dos Tétrarc Architectes, onde a galeria de acesso às habitações aparece 'solta' do edifício, projetada no alçado secundário. (Ver imagem de pormenor na p.114)



PISO TIPO  
BLOCO EM GALERIA



ALÇADO POSANTE  
BLOCO EM GALERIA



POCHENDOR - RISO TERREDO BLOCO GALERIA  
(HABITAÇÕES DE ACESSO DIRETO)



Uma resposta imediata a estes casos poderia passar pela atribuição a estas pessoas de habitações no piso térreo, de acesso mais facilitado, potenciando a permuta entre famílias dos pisos de cotas mais baixas para os pisos superiores. Na impossibilidade de tal acontecer, será necessário ponderar a introdução de outro tipo de acessos nestes edifícios – o elevador.

Nos blocos em galeria, as habitações no piso térreo oferecem uma boa alternativa, pois têm acesso direto a partir da rua e o desnível verificado é reduzido e facilmente suprimível através de uma rampa<sup>61</sup>. Quanto aos pisos superiores destes blocos, a introdução de um elevador, no centro do bloco, servindo todos os moradores, seria a solução mais eficaz. A introdução de novas estruturas nos topos do edificado, como proposto anteriormente, pode incluir este elemento de ascensão rápida. Contudo, tal como no caso das caixas de escadas, seria uma opção dispendiosa e pouco sustentável, uma vez que, no caso da galeria preexistente ser encerrada para uso privado, cada elevador localizado nos topos serviria apenas 3 habitações.

Nos blocos de acesso vertical múltiplo as questões de acessibilidade são um desafio ainda maior. Neste tipo de edifício as habitações do rés-do-chão estão sobre-elevado em relação ao espaço público. Se isso tem vantagens ao nível da privacidade, representa, igualmente, uma dificuldade acrescida, inviabilizando o acesso fácil e direto a estas habitações. Neste caso, poderiam ser construídas rampas de acesso às habitações que, desta forma, ficariam com acesso direto a partir do espaço público.

Para os restantes pisos habitacionais, a possibilidade mais viável seria a introdução de um volume de elevador anexo à caixa de escadas preexistente. Contudo, as entradas e saídas do elevador iriam ser feitas a partir do patamar intermédio entre pisos, impossibilitando o acesso direto às habitações. A solução complementar possível seria vencer este desnível, que corresponde a um patamar de escadas, com a colocação de uma escada articulada – solução que não resolveria, ainda assim, o problema dos moradores que se movem em cadeira de rodas.

Para além das condicionantes arquitetónicas, a construção destes elementos implica investimentos económicos elevados e poderá também revelar algumas dificuldades construtivas. A nível social, a introdução do elevador nos blocos de acesso vertical múltiplo poderá condicionar o espaço partilhado pelos moradores do bloco, dando-lhe novas características

---

<sup>61</sup> Nos blocos em galeria, as habitações no piso térreo são acedidas diretamente a partir dos percursos pedonais do bairro, sendo que a diferença de cotas entre estes dois espaços é de, apenas, um a três degraus, variando de acordo com a implantação do edifício habitacional no terreno acidentado que caracteriza o bairro.



115



116



117



118



119



que poderão não ser as mais favoráveis à sua ocupação<sup>62</sup>. Deste modo, constata-se que as acessibilidades no ‘nosso bairro’ são complicadas e as soluções que se apresentam não são as mais diretas e fáceis, até porque não sujeitam o espaço privado da casa a uma redução de área útil da habitação.

Contudo, é fundamental compreender que estes mecanismos de elevação são essenciais para responder às necessidades das pessoas e para melhorar as suas condições de vida, justificando, assim, os custos elevados de construção e introdução dos mesmos. No imediato – e embora as habitações de piso térreo com acesso direto a partir da rua constituam apenas 14% das habitações –, seria desejável agilizar os procedimentos de permuta entre moradores dos diferentes pisos, de forma a garantir, com a maior celeridade, a atribuição das habitações de rés-do-chão à população mais idosa, com dificuldades de locomoção ou com deficiências motoras.

## DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA CÉLULA HABITACIONAL

115 | SACHE – 1ª FASE (1979-1989) de Manuel Correia Fernandes. Recuo das entradas e vidros espelhados nos vãos das habitações.

116 | Edifício na praça D. Afonso V (1953) de Francisco Pereira da Costa. Elementos de controlo de privacidade na fachada.

117 | Renovação da ‘Tour Bois-le-Prêtre’ (2007-2010) de Lacaton & Vassal. Criação de estruturas extensíveis para a habitação.

118 | BORÉAL (2011) de TETRARC Architectes. Galeria ‘solta’ do edifício habitacional.

119 | Savonnerie Heymans (2011) de MDW Architecture. Fachada de vidro flexível.

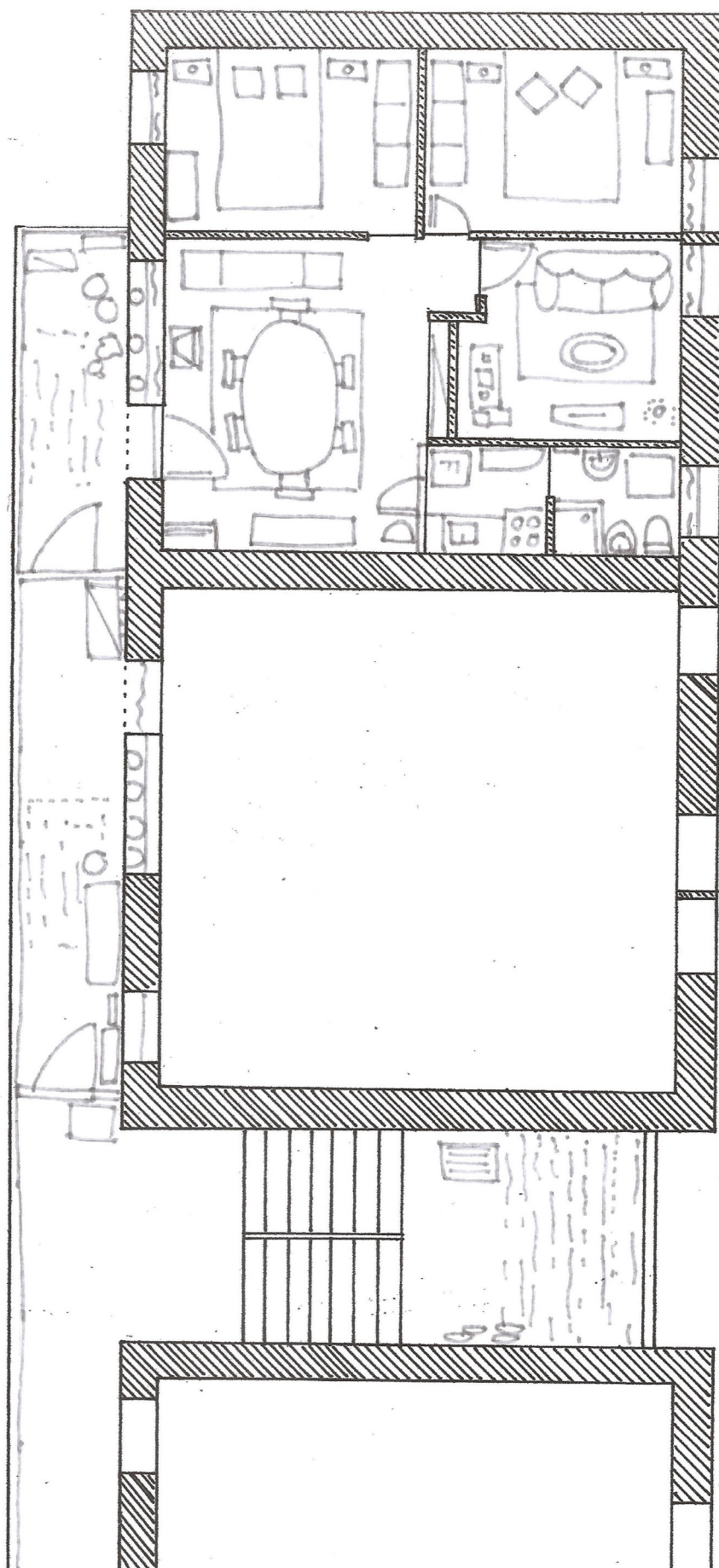
Neste tópico de discussão, vamos procurar abordar questões relacionadas com o espaço privado – a casa. Tratando-se de um espaço privado, é necessário ter em atenção os modos de vida e os hábitos diários dos moradores de cada habitação que vão condicionar a forma como estes interpretam e usam o espaço. Assim, dado que cada casa é um caso, cada habitação deve ser estudada individualmente tendo em conta a sua identidade própria e única. Quando se analisa e reflete sobre uma possível reabilitação/requalificação de um conjunto habitacional será necessário entender como está a ser construída a relação habitante-casa.

Existem inúmeras formas de apropriação do espaço da célula habitacional que dependem de vários fatores culturais, sociais e económicos, influenciando direta e indiretamente a configuração e expressão do espaço de habitação. De que forma é usada uma cozinha? Qual o valor do quarto para o indivíduo? Quais as suas possibilidades económicas para alterar e adaptar o espaço ao seu gosto? Como se desenvolve a relação entre os elementos da família? Quantas pessoas tem o agregado familiar?...

Estes fatores modificam-se ao longo do tempo sendo necessária uma recontextualização constante da habitação, de acordo com a evolução da vida das pessoas, das famílias. Para que a Arquitetura seja mais eficaz, ela deverá ser versátil e adaptável, permitindo às famílias moldarem a sua casa de acordo com as suas necessidades e o seu gosto pessoal. A introdução de estruturas flexíveis poderá ser, portanto, uma opção vantajosa, como veremos nas hipóteses apresentadas.

<sup>62</sup> Os patamares intermédios das escadas destes blocos estão em contacto com o exterior e serve como espaço de convívio entre os moradores, de brincadeira para os mais novos e de descanso para os mais idosos. Ver subcapítulo ‘Apresentação’.





## Agrupamento de tipologias

Uma vez que as habitações do Bairro da Pasteleira foram construídas com áreas mínimas de habitação – que variam entre 6,5m<sup>2</sup> e 14m<sup>2</sup> consagrados no Plano de Melhoramentos – o agrupamento de tipologias poderia ser uma boa opção para aumentar a área útil habitável.

Os agregados familiares são mais reduzidos do que outrora. No decorrer da investigação verificou-se que as habitações são ocupadas por idosos (sozinhos ou acompanhados), casais e casais com um filho. Analisando os dados técnicos do bairro, que reúne 606 fogos, onde residem 1 501 pessoas, conclui-se que cada habitação é constituída por, aproximadamente, 2,5 pessoas, o que corrobora a informação recolhida.

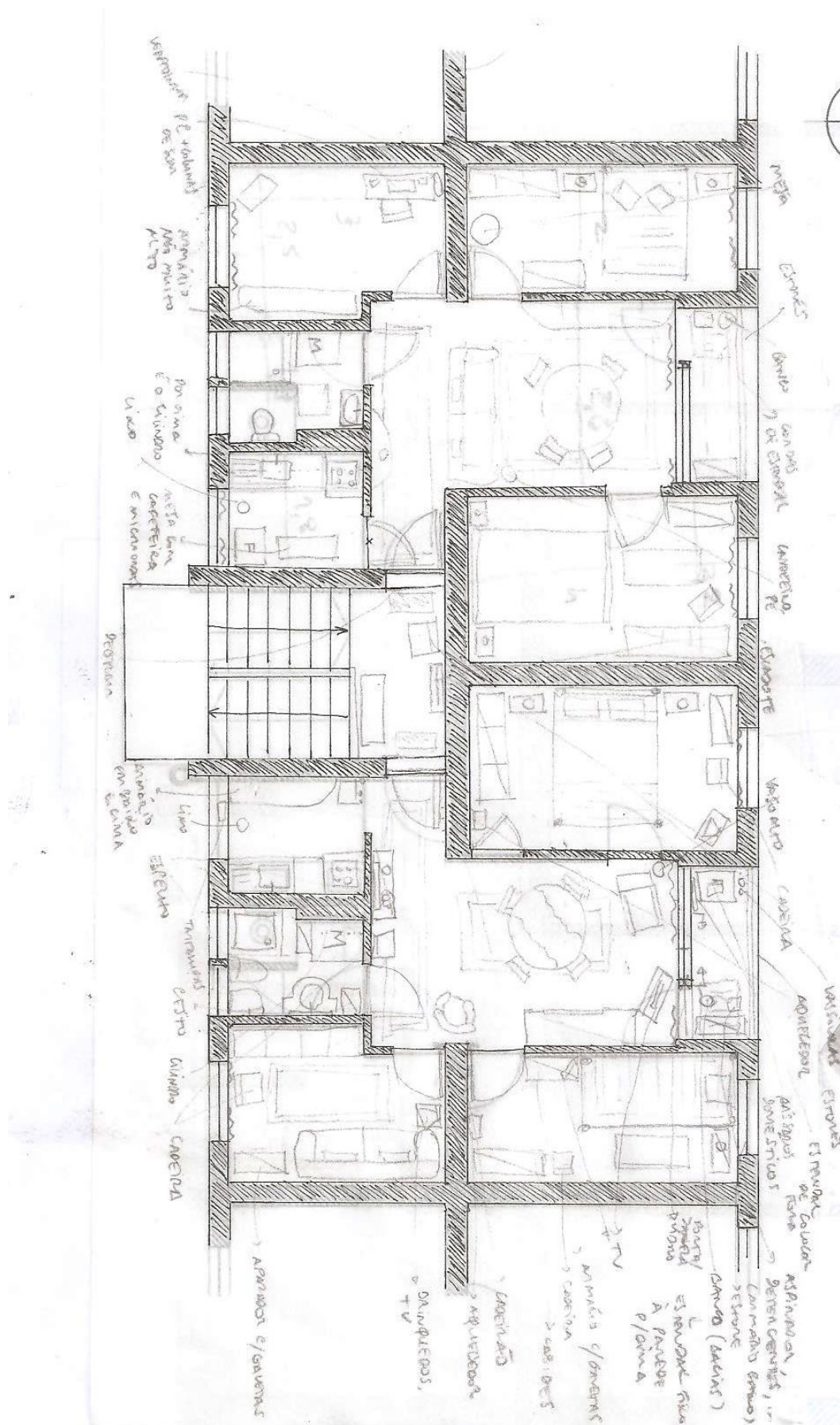
A maioria das habitações são tipologias T3, sendo frequente encontrar um dos quartos não utilizado ou adaptado a extensão do espaço comum – sala. Desta forma, admite-se que a redução das tipologias preexistentes poderá ser uma opção mais fácil e eficaz para aumentar a área útil das habitações. Por exemplo, a redução de uma tipologia T3 para T2, poderá permitir alterar os espaços com áreas reduzidas e/ou configurações difíceis, como se verá em seguida.

Criaram-se, deste modo, mecanismos para proporcionar uma maior flexibilidade, versatilidade e adaptabilidade espacial. Nas hipóteses expostas existem planos móveis que estendem e retraem, criando uma maior ou menor subdivisão espacial.

Segundo estes princípios, as hipóteses apresentadas permitem que as células habitacionais variem de tipologias menores a tipologias maiores (de T0 a T2) de acordo com a necessidade e a vontade das pessoas. Desta forma, espera-se que se subdivida o espaço em conformidade com o número de elementos do agregado familiar (por exemplo, um casal com um filho constituiria um T2), ou com os modos de estar e gosto (por exemplo, a sala ser dividida em espaço de estar e espaço de refeições).

## Circulação dentro da célula habitacional

A racionalização do espaço mínimo da habitação deve ser conseguida priorizando os espaços com maior funcionalidade. Desta forma, espaços secundários, como zonas de circulação e distribuição – antecâmaras e corredores – deverão ser reduzidos ao essencial para que se aumente a funcionalidade da célula habitacional de áreas reduzidas. Pelo mesmo motivo, a transição entre espaços deve atender à máxima minimização da área ocupada. Este facto pode ser resolvido através da introdução de portas de correr na compartimentação da habitação, minimizando interferências entre as atividades da casa.





## Sala

A sala é o centro da habitação, comunicando com praticamente todos os espaços da casa, e, simultaneamente, o espaço de receção da habitação. As hipóteses apresentadas seguem essa mesma linha orientadora, pretendendo-se que o espaço de sala seja polivalente, tenha uma boa iluminação e ventilação, permita o contacto com o exterior (galeria, varanda ou marquise) e seja o espaço central de convívio entre os elementos do agregado familiar e, também, visitantes.

## Privacidade e Exposição Solar

As questões de privacidade e de exposição solar (aqui abordadas em ‘Apresentação’) são, igualmente, relevantes para a discussão da qualidade da célula habitacional. Relativamente à exposição solar, o desenho das habitações deverá ter em atenção a relação entre os espaços interiores e exteriores e a orientação mais favorável e convidativa para os mesmos. Os diversos compartimentos da casa deverão ser bem iluminados e ventilados, excetuando-se espaços de menor permanência – instalação sanitária e arrumos. As divisões de maior utilização devem ser bem iluminadas e preferencialmente com contacto com o exterior. Assim, o espaço de encontro e convívio da casa – a sala – deverá estar orientada a poente e a sul, nos edifícios em galeria e em vertical múltiplo, respetivamente.

No que respeita à privacidade das habitações, é importante analisar os compartimentos que estão em contacto com o espaço comum dos blocos. Seria proveitoso relocalizar os espaços de serviço (cozinha, instalação sanitária e lavandaria), por forma a criar uma barreira entre os espaços de maior permanência e intimidade (quartos e sala) e os espaços coletivos (galeria ou escadas comuns do bloco habitacional).

## Infraestruturas

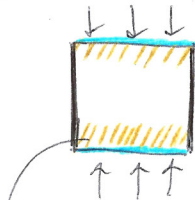
No entanto, como veremos, estes espaços estão condicionados pelas infraestruturas do edifício. O desenho dos serviços – cozinha, instalação sanitária e lavandaria – dependem da localização das infraestruturas do esgoto, água e gás. Contrariamente a outras estruturas (eletricidade e telefone), a manipulação das infraestruturas sanitárias está condicionada e restrita a uma área/zona da habitação.

Apesar do bidé não existir no projeto original, observou-se a sua introdução nalgumas das habitações visitadas. Por ser um elemento em desuso, optou-se por não o incluir no espaço de instalação sanitária nas soluções aqui expostas. Esta opção maximiza a área útil, oferecendo espaço, por exemplo, para arrumação e permitindo uma maior acessibilidade à sanita e polibã. Assim, deixar-se-ia ao critério do morador a introdução (ou não)

## DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS CÉLULAS HABITACIONAIS

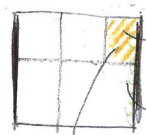
GALERIA

### ACESSO À HABITAÇÃO



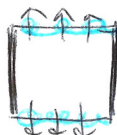
- ZONAS ① EXPOSTAS
- ② PRIVACIDADE
- ESPAÇOS DE SERVIÇO
- BARREIRAS ARQUITETÓNICAS E MECANISMOS

### ZONAS SERVIÇOS (COZINHA E I.S.)



- COZINHA E I.S. → (E.G.: COM DESMIEL DA RESTANTE HABITAÇÃO)
- ATENÇÃO À RELOCALIZAÇÃO
- INFRAESTRUTURAS
- LOCALIZAÇÃO ENTRE FOGOS PERMITE ① ISOLAMENTO ACÚSTICO
- I.S. C/ ÁREA SUP. SE SE TIRAR A MÃO, Lavar
- COZ. C/ ÁREA INSUF.
- CIRCULAÇÃO DEFICIENTE

### RELAÇÃO ESPAÇOS INTERIORES E ESPAÇOS EXTERIORES



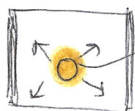
- MAIOR PROXIMIDADE ENTRE ESPAÇOS
- ATENÇÃO: DESMIEL, ILUMINAÇÃO, VENTILAÇÃO, ...
- SE NECESSÁRIO "RASGAR" AS REDES (CUIDADO COM ESTIMULOS DO EDIFÍCIO)
- ABERTURA DE GRANDES VÁZIOS ENTRE, PRINCIPALMENTE ESPAÇOS INTERIORES E VARIÁVEIS

- USAR CONTINUA, BRISE SOLAR, ESTORES, PORTAS (DE ABIR OU FECHAR) PARA UMA MAIOR PRIVACIDADE E CONTROLAR EXPOSIÇÃO SOLAR

- EXPOSIÇÃO SOLAR ① FAVORÁVEL À PERMANÊNCIA: POENTE!

- TRANSIÇÃO ENTRE ESPAÇOS: PORTAS DE COIMEN; PARA ① FUNCIONAMENTO E PARA ② CONTINUIDADE ESPACIAL

### STELA



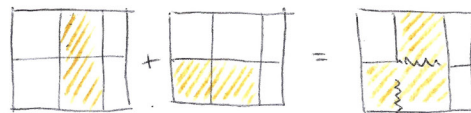
- ORIGINALMENTE O ESPAÇO CENTRAL DA CASA
- ANULAÇÃO DOS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DENTRO DO FOGO

CARACTERÍSTICAS A TER EM CONTA:

- ESPAÇO DE ① PERMANÊNCIA DA HABITAÇÃO
- ESPAÇO POLIVALENTE
- ACESSO AOS DIFERENTES ESPAÇOS DA CASA
- BOA ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO
- RELAÇÃO/CONTATO COM O EXTERIOR
- POSSER AMPLA SUBDIVISÃO: ESPAÇO DE REFEIÇÕES + ESPAÇO DE ESTAR
- ESPAÇO CENTRAL → ESPAÇO COMUM
- ESPAÇO DE RECEPÇÃO(?)

### TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO

Por exemplo:



- PRÉVIAÇÃO O DESENHO DE TIPOLOGIAS MENORES (T0, T1, T2) EM DETERMINADO DE TIPOLOGIAS MAIORES (T3, T4, T5)

- ORGANIZAÇÃO FLEXÍVEL
- " EXTENSÍVEL
- " VARIÁVEL
- " ADAPTÁVEL

- PORQUE O NR DE ASPECTOS FAMILIAIS É MAIS REDUZIDO DO QUE OUTORA E VERIFICOU-SE, COM A INVESTIGAÇÃO A RESIDÊNCIA DE CASAS OU IDOSOS (SÓS OU ACOMPANHADOS), NO LIMITE CASAS COM 1/2 FILHOS. (ALGUNS ACOMPANHADOS MAIORES MAS ESTES SÃO ① FREQUENTES)

2,47 HABITANTES / FOGO NO BAIRRO DA PASTELEIRA

do elemento bidé.

O espaço de lavanderia apresentado na maioria das hipóteses (espaço inexistente nas células habitacionais do bairro original) permite concentrar as atividades referentes ao lavar e secar de roupa num só espaço – máquina de lavar a roupa e estendal e, ainda, outros objetos auxiliares na limpeza e manutenção da habitação (como, por exemplo, vassouras, esfregonas, bacias, detergentes).

Algumas das hipóteses apresentadas não incluem espaço de lavanderia assumindo que a secagem da roupa seria realizada num espaço exterior tipo marquise ou varanda contíguo à habitação, como se descreve a seguir.

Caso exista este espaço exterior, mais qualificado para secagem de roupa (maior exposição solar), o espaço destinado a lavanderia poderá ter outra utilidade como, por exemplo, extensão da cozinha ou espaço de arrumação<sup>63</sup>.

Em todas as soluções apresentadas poderá ser mantido, no espaço da cozinha e instalação sanitária, o desnível mínimo (um degrau) que existe entre estes espaços e a sala. Isso permitirá criar uma diferenciação de espaços e conservar as infraestruturas, caso estejam localizadas nesse pavimento. Contudo, poderá ser introduzida uma pequena rampa que vença este desnível de forma a garantir a acessibilidade a todos os espaços da casa.

### **Espaço interior / Espaço exterior**

A existência de espaços exteriores contíguos à habitação qualifica os compartimentos interiores. Por um lado, permite criar mais privacidade e iluminação natural e, por outro, aumenta a área útil da célula habitacional, acomodando espaços complementares aos usos da casa. Assim sendo, seria proveitoso subdividir a galeria preexistente em parcelas correspondentes a cada habitação. De outra forma, a introdução de novas estruturas poderá ser uma opção viável, porém, com custos acrescidos.

Este seria um espaço semiexterior definido como uma marquise ou varanda, conforme o seu uso. O importante será garantir uma maior permeabilidade entre interior e exterior, através de planos de vidro e estruturas adaptáveis. O alçado preexistente poderia então ser ‘rasgado’ de forma a permitir uma maior interpelação espacial e ainda uma melhor iluminação do espaço interior. A nível construtivo esta solução poderá ter entraves, uma vez que os blocos habitacionais são constituídos por paredes portantes.

Quanto às questões de privacidade, poderá recorrer-se ao uso de cortinas,

122 | Pontos principais de reflexão e discussão sobre a célula habitacional dos edifícios de acesso em galeria.

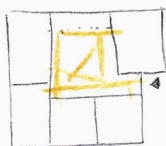
<sup>63</sup> Uma vez que o espaço das células habitacionais tem áreas mínimas observa-se, frequentemente, a existência de diferentes objetos espalhados por toda a casa. Seria, assim, proveitoso incluir um espaço de arrumos em cada habitação.



## DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA CÉLULA HABITACIONAL

### VERTICAL MÚLTIPLO

#### CONFIGURAÇÃO DA HABITAÇÃO



##### O CORREDOR

ESTE ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO, DE PASSAGEM, CONDICIONA A UTILIZAÇÃO P/ OUTRAS ATIVIDADES (DA ACES-  
SO À COZINHA, I.S., E UM QUARTO)

##### ⊖ FUNCIONALIDADE

SALA



ESTE ESPAÇO TEM UMA ÁREA REDUZIDA. FOI ENVOLVENDO EXPANSÃO PARA O SENTIDO DA FAIXADA; CONTUDO A BANHEIRA AMP. ENTRE OS DOIS ESPAÇOS (ANTI-GA JANELA + PORTA; OU PLANO DE VÍDEO) NÃO PERMITEM O Prolongamento DO ESPAÇO INTERIOR, QUEBRANDO A CONTINUIDADE ESPACIAL.

##### VARANDA

ESTE ESPAÇO É APROVEITADO PARA ATIVIDADES DE "VÍDEO DA CASA" (DOMÉSTICAS) EM DE APOIO A ESTAS, OBSERVA-SE A PRESENCIA DE ELEMENTOS DOMÉSTICOS (FENOMÉNICOS), ANIMAIS (COM VASSOURAS, ADESTRAMENTOS, ...) E ESPAÇO DE ESTENDAL DE LINGA

MUITO COMPARTIMENTADA: DEMASIADAS LINHAS DE CIRCULAÇÃO E QUE INTERFEREM, TAMBÉM, O ESPAÇO DA SALA

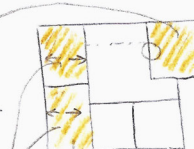
⊖ ISOLAMENTO DOS ELEMENTOS DO AG-  
GREGADO FAMILIAR  
⊖ FLEXÍVEL E VERSÁTIL

#### TRANSIÇÃO ENTRE ESPAÇOS

A ABERTURA DE PORTAS É DIFÍCIL E INTERFERE DIVERSAS VETES NAS ATIVIDADES E CIRCULAÇÃO NA HABITAÇÃO (P. EXEMPLO: PORTA COZINHA E CABE DE BANHO)

##### ⊖ FUNCIONALIDADE

#### QUANTOS



A LOCALIZAÇÃO DO QUANTO MAIOR NÃO FAVORECE A OCUPAÇÃO DO MESMO (DEVERIA SER RE-  
REORGANIZADO).

OS QUANTOS TÊM UMA LARGURA RE-  
DUZIDA.

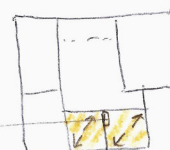
O QUANTO UTILIZADO PARA ESTES FILS É O QUANTO COM DISPOSIÇÃO A NORTE - TALVEZ PELA SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL OU EQUI-  
GUBERNAÇÃO FORMAL E, AINDA, ÁREA ÚTIL

DEVERIA TER MAIOR FLEXIBILIDADE NO USO DOS QUANTOS (CONFORME O AGREGADO DE ELEMENTOS)

OS QUANTOS SÃO UTILIZADOS PARA OUTROS DIVERSOS USOS (DIVERSIFICAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR)

UM DOS QUANTOS (PELO MENOS) É UTILIZADO PARA APOIO À SALA, É UM ESPAÇO COMPLEMEN-  
TAR; ZONA DE APOIO, ZONA DE APOIO A ATIVIDADES DOMÉSTICAS (PASSAR A FERRO), PARA CONSULTAR E APOIO NO P.C., OU OUTROS

#### ÁREAS DE SERVIÇO



MAIOR ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO DA SALA  
A LOCALIZAÇÃO DESTES ESPAÇOS ESTÁ CONDICIONADA PELA ZONA DE INFRAESTRUTURAS.

QUANDO O ESPAÇO É INSUFICIENTE REPARA-SE A LOCALIZAÇÃO DE OBJETOS PELA MESMA MANEIRA  
DA CASA

REPARA-SE QUE HOUVE A INTRODUÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS À COZINHA (NOVA BANCA) E A INTRODUÇÃO DE ELEMENTOS DOMÉSTICOS (FRIGIDIFROS, MICRO-ONDAS, MÁQUINA LAVAR A ROUPA) NESTES ESPAÇOS

ESTES ESPAÇOS FORAM PROJETADOS COM UMA ÁREA MUITO REDUZIDA. AS ÁREAS DE SERVIÇO (COZINHA E I.S. E AINDA LAVABO) TÊM GRANDE UTILIZAÇÃO E SÃO DE GRANDE IMPORTÂNCIA NAS TAREFAS DIÁRIAS.

NECESSITAM ESPAÇO ÚTIL PARA ALBERGAR E GUARDAR OS OBJETOS NECESSÁRIOS À SUA BOA UTILIZAÇÃO.

estores, portadas, ou, ainda, soluções de ‘brise soleil’ adaptáveis, no interior ou exterior da habitação, para possibilitar que o morador ajuste a abertura de exposição de acordo com a sua necessidade ou vontade.<sup>64</sup>

### **Hipóteses**

As hipóteses seguintes vão de encontro aos pontos que acabamos de mencionar.

Uma vez que no Bairro da Pasteleira existem dois tipos de edifício habitacional – galeria e vertical múltiplo – serão apresentadas ideias para responder a cada um desses modelos e tipologias. Será possível observar que os pontos discutidos terão aplicação prática em ambos os casos. Irão ser também descritas questões que distinguem os dois tipos de bloco em estudo, salientando as suas condicionantes arquitetónicas e as circunstâncias inerentes ao exercício da Arquitetura.

### **Célula de Habitação – Edifício de acesso em Galeria**

As ideias que se apresentam foram pensadas para poder ser introduzidas complementarmente às hipóteses trabalhadas no tópico de discussão “Galeria”. Assim, as soluções poderão ser aplicadas tanto na galeria livre (modelo original), como na galeria semiprivada (a galeria apenas é fechada nas parcelas contíguas às habitações dos extremos) e, ainda, na galeria fechada (os espaços contíguas a todas as habitações são para uso privado).

As hipóteses foram estudadas pressupondo a entrada tanto pelo lado nascente como pelo lado poente<sup>65</sup>. É necessário, ainda, referir que questões formais respeitantes ao espaço da galeria foram já refletidas no tópico de discussão anterior, como por exemplo, a introdução de elementos que permitam uma maior privacidade desde o exterior da habitação.

Neste tipo de célula habitacional, a cozinha e a instalação sanitária levantam alguns problemas: área reduzida do espaço de cozinha e, consequentemente, falta de acessibilidades; instalação sanitária obstruída com máquina de lavar a roupa; acesso à instalação sanitária condicionado pela utilização da cozinha; despensa de apoio à cozinha localizada na sala (armário embutido); cozinha, aberta para a sala, como primeiro plano

64 Esta solução foi utilizada no edifício na Praça D. Afonso V (1953) do arquiteto Francisco Pereira da Costa, com painéis ‘brise soleil’ horizontais na fachada interior da galeria de circulação. (Ver imagem de pormenor na p.114)

65 No seguimento da que ficou discutido no tópico “Galeria”, relembra-se a hipótese apresentada para os edifícios em galeria: introdução de uma galeria do alçado nascente dos blocos, para acesso às habitações.



124



125



126





frontal na habitação<sup>66</sup>.

Para a resolução destes problemas, coloca-se a hipótese de redesenhar estes espaços seguindo as seguintes premissas: mais área útil da cozinha; atenção ao plano de entrada na habitação; realocação da máquina de lavar criando uma zona de lavandaria; introdução de maior arrumação na cozinha; acesso à instalação sanitária independente (quando dependente, criar condições para que este seja compatível com outras atividades); comunicação da cozinha com o espaço de sala.

Relembre-se que a localização destes espaços está condicionada pelas infraestruturas do edifício. A tentativa de realocar estas zonas de serviço – cozinha, instalação sanitária e lavandaria – é de difícil concretização, constituindo, desde já, uma condicionante construtiva para o desenvolvimento das hipóteses expostas.

Na solução A, contudo, é possível colocar a zona da lavandaria junto à galeria. Os outros espaços de serviço – instalação sanitária e cozinha – encontram-se na mesma parcela, junto ao acesso das infraestruturas originais. Neste caso, os elementos que necessitam de aceder aos canais de saneamento e gás – polibã, sanita, bidé, fogão, lavatório – mantêm-se no local original. Esta ideia resulta, também, num melhor isolamento acústico entre vizinhos.

Na solução B, optou-se por libertar mais o alçado poente da habitação para os espaços de maior permanência – sala e quartos – e por criar entradas independentes para a cozinha e instalação sanitária. Assim, alterou-se a localização da cozinha de maneira a que não se situasse muito longe das infraestruturas. No entanto, há que referir que esta solução é problemática devido à necessidade de realocação da extração de fumos, junto ao fogão. E apresenta, igualmente, uma menor versatilidade espacial, uma vez que a estrutura e divisão dos seus espaços é mais rígida do que as outras soluções apresentadas, pois esta solução só tem uma estrutura flexível.

124 | Renovação da Tour Bois-le-Prêtre (2007-2010) de Lacaton & Vassal. Interior das habitações.

125 | Renovação da Tour Bois-le-Prêtre (2007-2010) de Lacaton & Vassal. Fachada do edifício habitacional.

126 | Renovação da Tour Bois-le-Prêtre (2007-2010) de Lacaton & Vassal. Espaços de varanda/ marquise.

As soluções C e D partem da premissa de não alterar a localização dos elementos de acesso a infraestruturas (polibã, sanita, bidé, fogão, lavatório) e, ao contrário da solução A, desenhar a cozinha no sentido paralelo às fachadas, propondo uma cozinha em forma de ‘L’. Esta ideia compacta a zona de infraestruturas num canto da casa, libertando o restante espaço, apesar de, no que toca à iluminação e ventilação, esta solução ser insuficiente para o espaço de cozinha. O acesso à instalação sanitária na solução C, ainda que independente, condiciona a circulação dentro da habitação. E no caso da hipótese D, o acesso à instalação sanitária realizado pela cozinha poderia resultar na interferência entre as diversas atividades.

<sup>66</sup> Observou-se, em alguns casos, a introdução de um plano semiopaco por parte dos moradores, de forma a não expor diretamente a cozinha. Os moradores introduzem assim elementos como portas de madeira e vidro ou cortinas. Ver subcapítulo ‘Apresentação’.



A solução C é, também, distinta da D, pela localização e desenho das paredes móveis, que subdividem o espaço. Repare-se que na solução D a liberdade espacial é maior, uma vez que quando as estruturas flexíveis estão recolhidas é possível fazer um aproveitamento mais livre do espaço.

### **Célula de Habitação - Edifício de acesso em Vertical Múltiplo**

Nas células habitacionais dos blocos de acesso vertical múltiplo, a problemática da privacidade não é tão acentuada quanto nas habitações anteriormente descritas, uma vez que não há grandes interferências entre o espaço de acesso à habitação (caixa de escadas) e o interior das mesmas.

Contudo, podemos verificar a presença de vários problemas já abordados: o conflito de linhas de circulação que interferem no espaço central – a sala; a grande compartimentação dos diferentes espaços da casa; espaço de cozinha com áreas reduzidas; carência de espaços de arrumação; largura pequena de dois dos três quartos; e, ainda, ocupação indevida do espaço de marquise que condiciona a qualidade do espaço adjacente – a sala.

Ainda podemos salientar a existência de uma barreira arquitetónica entre o espaço da sala e o espaço de marquise, assim como a distância entre este espaço e o espaço de serviços – cozinha e instalação sanitária (onde se encontra a máquina de lavar a roupa)<sup>67</sup>.

A orientação solar desta tipologia de habitação segue as coordenadas norte e sul, sendo induzida uma divisão do interior da habitação pela presença de duas paredes portantes paralelas às fachadas do edifício. As hipóteses que se apresentam de seguida seguem esta organização formal justificada pela aconselhável orientação a norte dos espaços de serviço – cozinha e instalação sanitária (e ainda lavandaria, quando é caso disso) – e a sul dos espaços de maior permanência – sala e quartos –, usufruindo estes de uma luz natural mais convidativa. Desta forma, na maioria das hipóteses apresentadas, a área respeitante ao quarto adjacente à instalação sanitária é reutilizada para aumentar o espaço das áreas de serviço, como a cozinha.

Na solução A e na B, a localização da entrada é a preexistente, organizando todos os espaços de serviço em área adjacente à fachada norte. O acesso aos mesmos é realizado por um espaço de teto rebaixado, de circulação que está ligado ao espaço polivalente da sala. A sala pode ser adaptada e subdividida em três compartimentos, configurando, por exemplo, uma sala e quarto ou uma sala e dois quartos. A experimentação de diferentes colocações das paredes flexíveis<sup>68</sup> permite compreender as diferentes

127 | Soluções (A e B)  
para a distribuição e  
organização da célula  
habitacional dos  
edifícios de acesso em  
galeria.

67 Segundo testemunhos dos moradores, caso haja um novo inquilino para uma habitação, essa habitação sofre um processo de revisão sendo retomada a configuração original. Em alguns casos, não parece adequado repor a situação anterior, pelo que a decisão se afigura discutível.

68 Conferir a diferença entre a solução A e a B.





linhas de circulação que são geradas pelas duas hipóteses. Na primeira solução (A), a condução aos espaços é mais longa do que na segunda (B), no entanto, a primeira permite um plano de alçado (interior) mais linear e, contrariamente à B, os espaços de extremos não têm tanta exposição à zona de circulação da habitação.

Em ambas as hipóteses poderá haver problemas com as infraestruturas, uma vez que, em detrimento de uma maior área útil para o espaço de cozinha terão de ser relocizados os espaços de serviço. Na solução A, o próprio espaço de cozinha é relocizado e, na solução B, será alterada a localização da instalação sanitária.

A vantagem destas soluções, face à solução C, é a possibilidade de introdução de um espaço de lavandaria/marquise a norte. Na ausência do mesmo, na solução C, pressupõe-se que a colocação da máquina de lavar e outras ferramentas esteja na cozinha, assim como, que a construção de uma estrutura nova anexa à fachada poente do edifício permita, por exemplo, colocar aí a roupa a secar. Esta nova estrutura poderá também ser aplicada nas outras hipóteses apresentadas, aumentando a área útil da habitação e permitindo uma variedade de ocupações desse novo espaço.

Na solução C, a entrada na habitação é realizada pelo plano perpendicular ao original, ‘rasgando-se’ a parede portante preexistente. Neste caso, não se justifica a relocação das infraestruturas. Apesar de ter vantagens a nível formal, esta opção poderá ter repercussões a nível construtivo, dificultando a concretização desta solução.

## ESPAÇOS PÚBLICOS

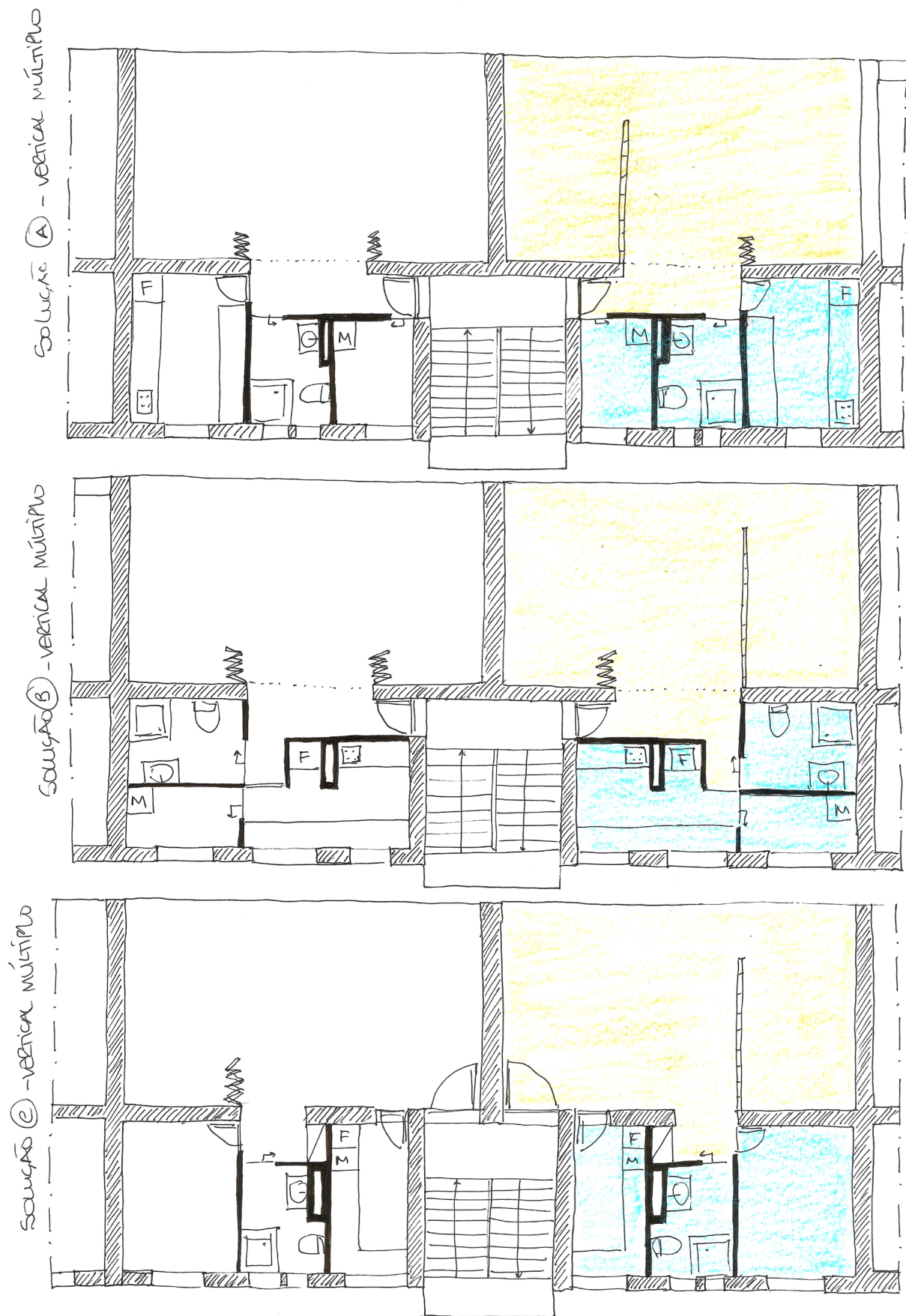
Nos tópicos de discussão anteriores foram refletidas temáticas relacionadas com uma escala de intervenção focada na casa – no espaço privado –, com vista a melhorar o espaço da habitação e propiciar, assim, um maior conforto aos seus moradores.

Não se pretendendo fazer o mesmo tipo de abordagem relativamente aos espaços públicos, colocam-se algumas preocupações a esse nível, já que os espaços públicos, os espaços verdes e os percursos pedonais do Bairro da Pasteleira são pouco característicos. O ‘centro do bairro’ está, também, descaracterizado e sem um propósito devidamente identificado.

O conjunto arquitetónico em estudo não promove coerentemente o encontro e reunião entre os seus habitantes, nem estabelece uma ordem clara de ocupação da grande extensão de espaços exteriores e espaços verdes do bairro. Tendo sofrido várias mutações<sup>69</sup>, estes espaços não são

128 | Soluções (C e D)  
para a distribuição e  
organização da célula  
habitacional dos  
edifícios de acesso em  
galeria.

<sup>69</sup> Os espaços públicos do Bairro da Pasteleira tiveram diferentes usos: campos de jogos, parques infantis, zona de estendais, estacionamento, hortas e jardins privados, entre outros. Ver subcapítulo ‘Apresentação’.





devidamente qualificados e organizados. E, tal como notavam, em 1960, Cabral e Portas a “excessiva neutralidade dos ambientes, dominados por um esquema de distribuição elementar, não oferece talvez aquela multiplicidade de situações e solicitação que nos parecem hoje essenciais para a vida quotidiana dos utentes” [1960: p.122].

Era, por isso, importante repensar os espaços públicos do Bairro da Pasteleira, intervindo a vários níveis: requalificação dos percursos pedonais, com colocação de bancos e mesas de jardim, destinados a descanso e convívio entre os moradores; criação de novas estruturas no ‘centro do bairro’ para o desenvolvimento de outras atividades, desejavelmente próximo a estabelecimentos de comércio local e outros que ainda existem no bairro, como é o caso da Associação de Moradores do Bairro Antigo da Pasteleira; reativação de parques infantis e de campos de jogos<sup>70</sup>; tirando partido da grande extensão dos espaços públicos no bairro; delimitação de zonas de estacionamento, separando-as dos espaços verdes e dos percursos pedonais de acesso aos blocos de habitação indevidamente ocupados; criação de zonas de hortas urbanas comunitárias, no lugar das ‘clandestinas’ que os moradores criaram, espaços de cultivo devidamente organizados e identificados, representando um contributo para a sustentabilidade ambiental e para o autossustento do agregado familiar.

Enfim, estas e outras medidas, pensadas de forma coerente e consistente, poderiam contribuir para dar vida aos espaços públicos do bairro, com a Arquitetura a desempenhar um papel importante na criação de espaços mais humanizados e de saudável convivência, favorecendo ao mesmo tempo a livre fruição da natureza envolvente do Bairro da Pasteleira.

---

<sup>70</sup> As crianças do bairro da ‘Pasteleira Nova’, próximo ao bairro em estudo, vão frequentemente para o parque de futebol do bairro das Condominhas, cuja localização se situa em terrenos mais distantes do Bairro da Pasteleira.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

## CONCLUSÃO

“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar” [CRP, 1976: p. 22].

Neste trabalho, propus-me conhecer o Bairro da Pasteleira enquanto projeto de habitação social e compreender como o espaço é determinante na vida das pessoas. A investigação que realizei permitiu-me conhecer a origem do bairro e o contexto em que foi construído, assim como aprofundar o meu conhecimento sobre os problemas e as estratégias de **habitação social** em Portugal.

Desde a segunda metade do século XIX, que o processo de industrialização levou à deslocação de população do meio rural para o meio urbano aí onde as indústrias pontificavam e se desenvolviam. Esse movimento migratório provocou, em muitos países europeus, uma crise habitacional nas cidades, obrigando a encontrar soluções para resolver o problema da habitação das famílias de baixos recursos. Em Portugal, este problema foi particularmente sentido em Lisboa e no Porto, as cidades mais industrializadas do país.

No Porto, as duas principais formas de alojamento para as classes trabalhadoras foram a sobreocupação de velhos edifícios – um processo que começou nas primeiras décadas do século e rapidamente atingiu o seu limite –, e a construção de «ilhas», que começou por volta de 1850.

Da retrospectiva histórica feita na primeira parte desta Dissertação resulta claro que até ao final do século XIX nem o governo nem as câmaras municipais consideravam que fosse sua a responsabilidade de construir habitação de baixo custo. Limitavam-se a dar incentivos para que essa construção fosse possível e a procurar controlar a sua forma e qualidade. A construção de habitação pelas autoridades locais e pelo governo começou apenas no início do século XX, primeiro com intervenções de carácter legislativo e, mais tarde, com o desenvolvimento de programas de habitação estatal de maior escala.

As várias leis que foram sendo publicadas com o objetivo de promover o investimento privado na construção de habitação de baixo custo nunca tiveram os resultados esperados, já que, para além de pouco numerosos, tinham rendas que frequentemente ultrapassavam a capacidade económica das classes mais desfavorecidas. Assim, até às décadas de 30 e 40 os tipos de alojamento a que as classes trabalhadoras tinham acesso continuavam a ser pobres, pequenos e insalubres.

A construção de habitação pelo Estado, incluindo as câmaras municipais aumentou substancialmente a partir dos anos 40, destacando-se, no caso do Porto, o *Plano de Melhoramentos* da cidade – projeto de grande alcance,



## **Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

quer ao nível da urbanização quer ao nível do combate aos problemas sociais que afetavam a saúde pública. O Bairro da Pasteleira integrou esse projeto, visando a criação de condições de habitabilidade para a população carenciada proveniente de «barracas», «ilhas» e construções demolidas ou a demolir na cidade.

Sendo um dos primeiros bairros do Plano de Melhoramentos, as opções arquitetónicas quanto à localização, tipo de edifício, áreas de habitação, espaços públicos, entre outras, estavam determinadas à partida, o que mostra que, sobretudo na habitação de baixo custo, a arquitetura está muito dependente de circunstâncias externas (económicas, legais, sociais, políticas) que condicionam o seu trabalho.

Ao longo do tempo, o Bairro da Pasteleira foi-se ajustando às novas realidades e aos modos de vida da população residente e visitante. A evolução urbana foi influenciando a forma como o próprio bairro se relacionou e relaciona com as diversas realidades à sua volta, sendo influenciado, e influenciando, o desenvolvimento verificado. Naturalmente que o bairro, enquanto sistema arquitetónico, vai evidenciando mudanças em função das novas relações estabelecidas. As alterações e adaptações que o bairro sofreu ao longo do tempo, mesmo que por vezes não sejam muito evidentes, são reveladoras de transformações de carácter social, económico e político. O uso generalizado do veículo automóvel, o aumento da população idosa e a diminuição da mais jovem, o aparecimento de ofertas de comércio e serviços nas imediações e as alterações de hábitos quotidianos (como o abandono da lavagem manual de roupa) são exemplos de mudanças que tiveram implicações, mais ou menos diretas, no funcionamento do bairro e na forma como as pessoas o vivem.

A investigação realizada permitiu compreender que, com o decorrer do tempo, a maior parte das alterações e adaptações da habitação foram levadas a cabo pelos moradores e fruto da necessidade de reparação/atualização dos materiais provocada pelo desgaste dos mesmos, mas, e principalmente, da sua vivência na casa. A maioria dos habitantes entrevistados reside no Bairro da Pasteleira desde a sua fundação, o que possibilitou analisar a evolução da habitação desde o início. Assim, foi possível estudar a chegada e as expectativas iniciais; o crescimento do agregado familiar e os modos de adaptação constante às novas realidades e desafios; e analisar a situação atual, segundo uma perspetiva temporal, o que permitiu compreender melhor os contextos e as motivações que levaram a que as habitações sofressem mutações ao longo dos últimos 56 anos.

As alterações não foram realizadas apenas pelos moradores, pois a Câmara Municipal do Porto também realizou intervenções que tiveram impacto no bairro e na vida dos seus habitantes. Ainda assim, não resolveram problemas essenciais para a qualidade de vida das pessoas, que exigiriam intervenções de fundo e não apenas intervenções pontuais.

O exercício que aqui procurei fazer foi desenhar possíveis soluções para os principais problemas identificados durante a investigação: difícil distribuição e organização da célula habitacional decorrente de falta de área útil e de rígida configuração, problema comum aos dois módulos-tipo estudados; conflitualidade gerada nos edifícios de acesso em galeria relacionada com a gestão e utilização de um espaço comum, muitas vezes entendido como espaço privado.

Assim, as hipóteses apresentadas centram-se na reconfiguração dos espaços com recurso a estruturas flexíveis e no redimensionamento das áreas de serviços, visando aumentar a área útil e a funcionalidade dos vários compartimentos. Relativamente à galeria, perspectivam-se intervenções de menor ou maior escala que vão desde a introdução de barreiras arquitetónicas de pequena dimensão à reestruturação dos espaços de distribuição e circulação do bloco.

A formulação de hipóteses para a célula habitacional e a sua envolvente - o objeto de estudo deste trabalho - deparou-se com diversos obstáculos, sendo uns mais fáceis de ultrapassar do que outros. Enquanto que, por exemplo, a progressiva diminuição de habitantes por casa<sup>71</sup> torna mais fácil o redimensionamento dos espaços, já garantir condições de mobilidade a pessoas idosas, ou com deficiência, residentes nos andares superiores dos blocos, só será possível com um grande investimento, que não parece realizável, pelo menos a curto prazo.

Este exercício tornou mais clara, para mim, a diferença entre ‘arquiteturar’ e ‘rearquiteturar’. Reabilitar ou requalificar um edifício tem de ter em conta as condições preexistentes, condições essas que estabelecem limites à intervenção do arquiteto. Daí a importância da recolha de informação e da contextualização do caso de estudo. **Cada casa é um caso.** Cada habitação deve ser estudada, analisada, projetada na sua individualidade. Daí também a necessidade de soluções flexíveis, adaptáveis e versáteis.

Apesar de todas as condicionantes e dificuldades, a arquitetura, com o seu potencial criativo, pode vencer muitos desses desafios, respondendo às necessidades e anseios das pessoas e contribuindo para a melhoria das suas condições de vida. Trabalho particularmente importante se posto ao serviço de meios social e economicamente mais desfavorecidos, como é o caso de muitos dos habitantes do Bairro da Pasteleira, que gentilmente me abriram a porta das suas casas.

Embora a Constituição da República Portuguesa refira que incumbe ao Estado “promover a construção de habitações económicas e sociais” [CRP, 1976: p. 22], ainda recentemente (29 de Agosto de 2016), o jornal «Público» fazia

---

<sup>71</sup> Relembra-se que a média atual é de 2,5 habitantes por fogo.

manchete afirmando que “Governo prepara ajudas para envolver privados nas rendas sociais”, adiantando que “em causa estão incentivos para aumentar a oferta de casas às famílias de menores rendimentos”. Apesar de um ou outro elemento inovador, como a criação da figura do senhorio de ‘cariz social’, no essencial esta iniciativa legislativa assemelha-se a muitas outras assumidas no passado no sentido de estimular a participação de privados na construção de habitação social, através da atribuição de isenções fiscais ou seguros de renda. A fraca resposta que medidas desta natureza tiveram no passado não parece augurar grande futuro para estas medidas legislativas, continuando adiada a concretização de um direito constitucionalmente consagrado já lá vão 40 anos...

No final deste trabalho, saem reforçadas as minhas preocupações sobre a necessidade de um maior investimento e de uma intervenção estratégica de fundo na área da habitação social.





**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

### III | ANEXOS



## CONVERSAS COM OS MORADORES

BEATRIZ  
79 anos

J [Joana]: Diga-me o seu nome.

B [Beatriz]: O meu nome é Beatriz.

J: Que idade é que tem, se não é indiscrição?

B: Tenho 79 anos.

J: E há quanto tempo é que vive aqui no bairro?

B: Eu já vivo aqui há 48 anos.

J: Antes de vir para cá onde é que vivia?

B: Antes de vir para cá vivia em Cedofeita.

J: Porque é que veio para cá?

B: Casei para vir pra aqui. O meu marido era daqui. A casa era dele.

J: Era esta casa?

B: Era. Ele era viúvo.

J: Então está nesta casa há 48 anos. E as coisas estão diferentes ou estão iguais? O que é que acha?

B: Está tudo muito diferente menina desde que eu vim praqui. Ui! Não se compara! Antes isto era uma família, isto era uma família. Tinha muito aqui quem me ajudasse, só para ajudas uns para os outros por uma bagatela. Agora é só... é só.. Pouco ano. Até ficam agoniado de a pessoa estar doente e da pessoa morrer. O que quer é dinheiro.

J: As pessoas também são diferentes agora não é?

B: Tudo! Tratam-se como bichos, como animais, uns aos outros. Só fazem queixas uns aos outros à câmara, e é isso e é aquilo.

J: Houve coisas que mudaram pr'além das pessoas?

B: Mudou muito. Além das pessoas, também mudou. Mudou tudo. Oh, puseram aqui o prédio moderno, o bloco moderno. As obras que aqui fizeram não havia.

J: Há quanto tempo é que foi isso?

B: Isto foi feito há prai quê? Há 14 anos.

J: Fizeram obras há 14 anos?

B: Fizeram obras há prai 14 anos.

J: E o que é que mudou? O que é que eles fizeram com as obras?

B: Fecharam as varandas que era muito mais frio as casas.

J: E agora está melhor?

B: As marquises tornam as casas mais quentinhas. Que dantes era varandas em aberto. Eu tinha aqui canteiros de terra, onde é ali a marquise eu tinha canteiros de terra, eu plantava ali couves.

J: Ai plantava?

B: E tinha ali vasos. (risos)

J: Ai era?

B: Era. No rés-do-chão era. Os do rés-do-chão tinham todos canteiros iguais, tudo igual. Dum lado e doutro. Era um bocado de terra de cada lado e a porta ao meio.

J: E agora já não tem nada ali cultivado ou tem?

B: Agora não. Olha agora é a tralha arrumada. Não há dispensa. Até ver...

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Então agora não pode cultivar.

B: Agora não. Antigamente davam-me jeito aqueles vasos. Botaram muita coisa fora e... Quê. Não sabe arranjar, não sabe arranjar nada. E eu não posso.

J: Queria dar um jeito ali na marquise?

B: Na rua.

J: E o que é que você punha lá?

B: Não vou pôr? Nada. Quero desfazer-me de muita coisa que está lá. Fica só o vaso da salsa e pouco mais, as plantas melhores e mais nada. Vai depois.

J: O que é que tem ali na marquise agora?

B: Na marquise tenho ali coisas boas minhas e para dar à família que é para guardar. Que eu não tenho... Aquele quarto está a ser mobilado, preciso de o arranjar e o mobilar. Preciso de um guarda-vestidos e de uma mobília de quarto. Ainda não apareceu. E para dar dinheiro assim não tenho, para dar tanto dinheiro por uma mobília de quarto.

J: Antes de cultivarem as marquises tinha cultivava ali terra. Depois de fecharem aquele espaço como é que você usava aquele espaço?

B: Comecei a pôr para lá coisas porque tinha muita coisa também aqui dentro. E a gente também junta, vai juntando. E coisas que me davam, não têm utilidade, roupas que não me servem. Vem agora da aldeia vou levar um rol de coisas.

J: Mas então era um espaço para guardar coisas? Você não passava lá tempo?

B: Bem, também passo. Há quem ponha ali uma mesa e come ali fora. Agora no Verão. Oh, mas eu não como ali fora não. Não se pode estar com a janela aberta, a sacudir tapetes, passadeiras e cabelos e tudo e entrar-nos o lixo para a mesa. Oh, eu tenho aqui a mesa dentro. Para o tempo que hei-de durar menina, como aqui dentro na sala e quero lá saber.

J: Mas entram cabelos cá dentro?

B: E por cima não posso ter nada na janela, ali o pano a secar, e a janela aberta ali para dar ar, é só... até esta aqui de cima. É minha amiga é minha amiga mas de vez em quando. Tinha outras janelas para sacudir, vê que eu tenho a janela aberta e tenho a toalha a secar na janela, 'bumba bumba', passadeiras a sacudir, às sextas-feiras e aos sábados. Carago. É 'bumba bumba bumba', até bate nos vidros com as passadeiras. Tem tabaco nos vidros. Carago. Qualquer dia ainda me parte um vidro, depois tem de o pagar. 'Bumba bumba', passadeiras compridas a botar aqui neste meio. Eu também tenho aí passadeiras quero botar agora aí no Inverno, quero-as de lá tirar que estão ali naquele canto e também tapetes. Tenho ali uns tapetes bons para botar aqui, quentinhos, para pôr os pés no chão. Há muitas casas que são pequeninas, os quartos são pequeninos também. A cozinha é um 'nico, não há onde pôr um saquinho de batatas, só lá fora, e agora com este calor não se pode pôr o vinho lá fora. Está ali nesta tijoleira o vinho que me trouxeram, que ele anda a beber. Não pode apanhar sol o vinho. Batatas não se pode pôr ali fora agora, que é muito calor, e as batatas começam logo a grelar e não pode apanhar sol ficam verdes. Eu quero comprar um saquinho de batatas, eu até aos bocadinhos ponho num tacho, que não me



levanto, e coso umas batatas. Com a lata de conserva já como. Oh filha eu não sou esquisita. Eu no inverno desde que tenha sopa, já tenho tudo.

J: Ali na cozinha você costuma cozinhar?

B: Eu costumo. Sabe que eu aos bocadinhos vou fazendo. Não quer dizer que esteja a fritar aquelas coisas que eu queria. Não posso estar a fritar... como é que eu hei-de dizer.. Também queria iscas, iscas de bacalhau. Eu faço a massa, a massa faço, até faço aqui sentada.

J: Ai faz a massa aqui na cama?

B: Na taça. Mas quando é assim, sento-me acolá na mesa. Tenho o bacalhau, desfio o bacalhau.

J: Mas faz ali na mesa de jantar ou na cozinha?

B: Faço na sala sentada e depois ela frita. Que eu em cima das pernas é que não posso estar a fritar.

J: Então não costuma estar ali na cozinha? Só para ir buscar qualquer coisa é isso?

B: É, é. E pronto.

J: O que é que acha da sua cozinha?

B: A cozinha, olhe menina, há aí coisas que está mal. É preciso um balcãozinho de cozinha. O que é que é muito caro. Aquele está meio podre, mas olhe vai servindo. Às vezes aparecia-me aí muita coisa aí no lixo e agora não aparece. Louvado seja Deus.

J: Então precisa de um balcão de cozinha?

B: É um balcãozinho de cozinha que isso é que me dói na alma. O fogão também não funciona o forno, só funciona dois discos. Olhe, duas coisas que eu precisava muito, mas olhe, vai-se governando porque o dinheiro não dá menina. Com tudo pago, no fim do mês, água, luz, telefone, aluguer, comer todo o mês, farmácia... Não dá, não dá. Aqui é cada sacção de medicamentos, já está aqui outro. E está aqui outro. Que tenho de esvaziar isto, as caixas que estão vazias. Esta é que tem, esta até estou à espera que a médica... Tantas caixas vazias para deitar fora... Até quero ver com ela se ela me troca algum. Vamos a ver.

J: Mas então ali na cozinha...

B: Na cozinha é... é a necessidade que tenho sabe que ali é tudo muito apertadinho, quero meter um saco de batatas por baixo da banca não posso, nem um pacote de arroz. Por cima tenho tachos e também estão em baixo, que não cabe todos em baixo. Estão terrinas em cima, que eu também dava uso. Eu antes tinha aqui bastante gente, a minha família quando vinha da França ainda passava aqui uns dias, e aos Domingos tinhamos aqui a comer e tal.

J: Quantas pessoas é que vinham para cá?

B: Olhe, às vezes eramos 8, 9 e 10.

J: E você cozinha para todos?

B: Cozinhava para todos e andava cansadinha a trabalhar.

J: E conseguia ali com a cozinha cozinhar para tanta gente?

B: Cozinhava. Eles vêm com este tempo, sabe como é. Bacalhau assado ali fora, sardinhas...

J: Ai punha a mesa lá fora?

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

B: Não, a mesa era aqui dentro, mas acendia o fogareiro, assava o bacalhau lá fora.

J: Ali na parte da frente não é?

B: Sim. Uma travessa de salada de feijão-frade. Com bacalhau assado.

J: Mas já não faz isso agora.

B: Ai agora não. Um tacho de arroz de ervilhas. Quem quisesse tinha sempre trazido os filhos. Tinha frango, fazia um tacho de arroz de ervilhas com frango.

J: Mas se eles viessem você fazia ou não conseguia fazer?

B: Na altura era eu que fazia tudo. Agora não, agora não posso. Eles agora quando vêm vão ao restaurante. Foi no Natal, na passagem de ano, foram acolá comer ali ao restaurante comesse lá benzinho e a mulher cozinha muito bem lá. Que eu sei, também já lá comi algumas vezes, não chega a 5€, ainda fica mais caro pagar a quem nos faça em casa porque uma dose dá para duas vezes. E então eles foram lá comer que lá comesse muito baratinho. E depois trouxeram-me o comer de lá para mim.

J: E ficaram ali na sala?

B: Não, eles vieram e vão no mesmo dia.

J: Mas quando eles antigamente vinham comer ficavam todos ali na sala, é isso?

B: É, mas iam embora.

J: Por exemplo, ali na sala, acha que...

B: Cabia tudo. Tinha outra mobília, que foi embora. Uma mobília baixinha, ocupava pouco, só tinha meia dúzia de cadeiras, tinha bancos para se sentar para ocupar menos espaço na sala.

J: Então e agora?

B: Agora não tenho ninguém a vir-me ver.

J: Mas a mobília é diferente?

B: Agora é diferente. Até vão levar cadeiras, estão aí cadeiras a mais. Eu não quero tanta cadeira. Agora é duas ou três pessoas a comer. Às vezes vem aí o meu primo calha de comer aqui comigo. Faz o trajeto dele, às vezes deixa aí a camioneta estacionada, vai tratar de assuntos lá no centro, vem, traz o comer, aquecesse-o aí e come ali na mesa. É das visitas que eu tenho aí agora porque eu agora não posso. Agora não posso fazer de comer para ninguém.

J: Então agora já não precisa de tanta mobília por causa disso, já não tem tanta gente.

B: Ai, não preciso de tanta cadeira. Pra quê? Acolá naquele quarto tenho duas de veludo vermelho em pau-preto.

J: E aquele quarto como é que é? Olhe fale-me dele que eu nunca lá fui.

B: Pois não, aquele quarto está fechado porque tem lá loiça no chão que é preciso atraca-la. Tenho lá roupas que já foram atracadas, e cobertores, que têm de ir para uma caixa só. Já estão lá caixas para botar os cobertores.

J: Antigamente usava aquele quarto? Como?

B: Usava aquele quarto que eu tinha-o mobilado. Tinha pena de uma prima minha que morava lá, morava e mora, na Boavista também estava a fazer uma casinha que tinha a filha que já era uma senhora e estava a dormir

numa cama que, bem dizer, de seis anos e já tinha catorze e peguei, tive pena dela e dei-lhe a mobília.

J: Mas quem é que dormir aqui, no quarto ao lado?

B: Cheguei lá a dormir eu e mais o meu marido. Que era uma mobília boa.

J: E neste quarto aqui?

B: Aquele quarto é muito fresquinho no Verão, este é que é mais quentinho, que é ao lado da cozinha. E depois no tempo do meu marido ainda comprei esta mobília que ele tinha uma cama de tábuas velhas, no tempo da mulher, onde dormia com ela. A menina devia de ver esta casa quando eu casei com ele.

J: Mas então houve aqui umas trocas entre os quartos. Como é que foi? Antes você dormia ali, e como é que usava este quarto?

B: Comecei a usar este quarto quando comprei esta mobília.

J: E antes de não ter?

B: Antes dormia na mobília que lha dei para ela.

J: E aqui o que tinha?

B: Aqui tinha uma cama de tábuas velhas.

J: Não usava então.

B: Eu não. Ainda estive a dormir a minha falecida mãe nela quando cá vinha às consultas. Mas estava-me a custar muito, era uma cama de tábuas com o colchão... Nem nas aldeias havia assim uma cama.

J: Então prefere dormir neste quarto ou naquele?

B: Prefiro dormir neste. Mas aquele eu quero mobila-lo. Falta outro guarda-fatos que eu tenho muita roupinha de cama e queria pôr roupas de inverno acolá e roupas de verão aqui, ou roupas de inverno aqui e roupas de verão acolá naquele quarto. Que assim quando chegasse o verão tinha a roupa toda em cruzetas e sabia onde tinha de ir buscar a roupa. A Mena ainda foi na segunda-feira, tirou-me dois vestidos da arca que estavam lá, estão ali para eu vestir. Porque tem tanta roupa fresquinha para ir a qualquer lado, só para ir ao médico, as minhas saídas também não são para lado nenhum. As minhas saídas é aqui na cama.

J: Passa muito tempo aqui no quarto?

B: Ah pois passo. É onde eu passo o tempo todo.

J: Então conhece bem aqui o seu quarto. Olhe fale-me aqui do quarto.

B: Este quarto o que tem é humidade. É humidade era o que eu queria que me tirassem, que tenho a cómoda toda podre por trás.

J: E é só aqui no quarto a humidade?

B: É, aquele quarto não tem, e é da ponta. Está a ver. É só este. E deve ser daqui disto, vem lá de cima do telhado. Que este ano é que esteve, bem os invernos tem sido mais rigorosos, mas deus me livre que este ano até o roda pé ali por trás está todo podre. E qualquer dia tenho de botar um rodapé novo que é uma humidade tremenda. Quero ver se vem aí um rapaz, que tem muita força nas mãos, a ver se me lava esta parede com lixívia ou assim que está uma parede que mete nojo.

J: E mais? O que me pode dizer mais sobre este quarto?

B: E mais nada menina, o que ele tem é humidade. E quero a persiana arranjada. É a persiana que me dói na alma.



## **Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Tem ali o gradeamento também não é?

B: Pois, tem a mola partida.

J: E este quarto tem luz?

B: Tem, tem. Ui deus me livre, isto é como na frente. Abrindo a persiana é como na frente. Este bloco aqui tem muita luz, ali no bloco da Mena ela já se queixa. Aqui dá mais luz, ali atrás é mais distúrbas as casas do rés-do-chão. Porque as de cima também têm muito sol mas as de baixo ali de trás são muito distúrbas. Tem esta relva toda e depois ali faz um alto, faz ali um alto de terra, faziam ali quintais, e ainda fazem e é isso que tornas as casas do rés-do-chão mais distúrbas, mais escuras. E não entra lá o sol como entra aqui.

J: Então este bloco é diferente, é isso que está a dizer?

B: Ai é, este bloco é diferente. Tem muito sol. Ora bem, e lá para baixo também há muitos blocos que têm muito sol. Há uns ao contrário e outros assim. Depende. Uns dá o sol da parte da manhã e outros dá o sol da parte da tarde.

J: E como é que é aqui em sua casa?

B: Em minha casa é aqui, da parte da manhã quando dá o sol. Tanto dá nas traseiras como dá na frente. De manhã, logo ao nascer, o sol daqui no quarto, naquele, e de tarde então é ali, lá para as 14h tenho de fechar tudo se não paro aqui com o calor logo.

J: E o que é que acha dessa luz toda?

B: Acho bem. Porque seca as paredes. Este bloco aqui é bom por um lado mas por outro tem o rio em baixo, tem o mar em frente e sabe que isto aqui ganha muita humidade. E quando é nevoeiro e aquela humidade que não corre uma ponta de vento anda aí roupas mais de 15 dias por secar. Até cheira mal, que não seca nadinha.

J: Onde é que seca a roupa?

B: A minha roupa é boa de secar. Quando está assim muito inverno a gente até nem lava. Mas seco-a ali nos secadouros, ali em cima, tem os secadores ali.

J: Onde é?

B: Ao subir as escadas, cada andar tem o seu secadouro. Tem cordas. E aqui atrás botaram muitas cordas, está ali muita gente a secar a roupa.

J: Mas a sua onde é que a põe a secar?

B: A minha seco-a aqui atrás, a mulher vai pô-la lá a secar. E seca aqui muito bem.

J: E onde é que lava?

B: Lavar olha é ela que me tem lavado na máquina. Olha já levou agora dois cobertores para lavar, coitada. E tem me lavado os lençóis, porque preciso. Tiraram-me o tanque.

J: O tanque era onde?

B: Era ali no quarto de banho.

J: Era lá que lavava?

B: Pois. Tiraram-me o tanque, botaram-mo fora e puseram-me o polibã.

J: E agora se tivesse de lavar a roupa?

B: Agora quero ver se compro um tanquinho de plástico pequeno para

lavar umas calcitas ou uma bata ou um pano de cozinha ou assim. Sabe que um tanque faz sempre jeito.

J: E ali a casa de banho como é que é?

B: A casa de banho é pequenina também. Tem cilindro, tem lavatório, tem a sanita, tem o bidé. Fui eu que pus tudo. Lá ainda há 3 anos que eu gastei 25 contos num quarto de banho.

J: Há 3 anos?

B: Há 3 anos.

J: E o que é que pôs?

B: Pus a sanita, que ela estava toda estragada e vinha-me tudo por fora. Esmurraram-me o bidé. E pus o lavatório. Sabe que tudo fica por um dinheirão, e a mão do picheleiro que andou aí um bodegão. Se não fosse este meu primo a andar aí a ajuda-lo, que esse é que percebe, ficava aí o quarto de banho uma vergonha. Que ele até me partiu um rol de azulejos mas pronto. Eles vieram botar aí o polibã botaram o azulejo branco pronto fica bem, eu tinha posto azulejos até meio, à minha custa.

J: No chão e nas paredes?

B: Fui eu que pus o chão da cozinha, o do quarto de banho, tudo igual, e fui eu que pus os azulejos na parede. Eles é que partiram o que eu tinha, o azulejo, para pôr aquele branco quando puseram o polibã.

J: Quem é que veio pôr o polibã?

B: Lá da Domus.

J: Da Domus?

B: Sim, foi a menina Beatriz.

J: Não foi da Domus. É do GAS Porto, do projeto RHIS.

B: Ai é? Foi daí. Ai que estes estupores destes homens que vêm fazer umas obras quaisquer, tão porquinhos e ainda me esmurram bastante o bidé. Isto não se faz.

J: Mas então a casa de banho ficou como queria?

B: Mas olhe que me arrependi muito de me terem tirado o tanque. Hoje estou arrependida. Embora eu não possa lavar, tenho ali um edredão para lavar, para o inverno, tenho de o dar lá fora que na máquina dela não cabe o edredão. Está a ver o que é. Deixava-o demolhar de um dia para o outro, em detergente, e lavava-se num instante, porra. Despegava-se aquela água suja, botava-se outra limpa, passa-se a escorrer, já estava lavado. Oh, faz muita falta um tanque.

J: E o polibã?

B: O polibã é bom para tomar banho.

J: E antes como é que fazia?

B: Olhe, tomava dentro do tanque, entrava dentro do tanque tinha a misturadora, a torneira, saía quente e fria, tenho agora ainda o mesmo cilindro.

J: Mas então o que é que acha da sua casa? Fale-me aqui da sua casa.

B: A minha casa, menina, eu acho que a minha casa é boa, está num sítio bom, distraio-me muito, carros, a gente vê sair as pessoas dos autocarros, vê entra-las, temos aqui tudo à porta, supermercado, cafés, farmácias, temos aqui tudo.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Tem muito barulho aqui?

B: Não, agora não tem havido. Barulho... Há aí uns drogados no primeiro andar é que às vezes é que se pegam um com o outro, mas eu nem ouço aqui, quem ouve é os de cima e os do lado. Que não têm dinheiro para a droga. Ainda há pouco tempo a Segurança Social lhe tirou dois filhos. Tão bonitos. Ai meu deus do céu, que tristeza. E um já era tão grandinho, tinha 4 aninhos, diz que aprendia tão bem na escola. Depois teve outro, pareciam dois gémeos, são parecidos um com o outro. A rapariga que nasceu aí, vi a mãe grávida dela, foi criada aí com a avó, depois na idade da escola deram a droguinha... Uma rapariga tão nova, tão bonita, que até as pessoas diziam ‘Esta Sónia, esta rapariga foi uma pena’. Chama-se Sónia. Tinha um corpo para fazer manequim, alta magrinha, ai que rapariga. Foi uma pena. (...)



CELESTINO E LURDES  
57 e 50 anos, respetivamente

(inicia a gravação no decorrer de uma conversa banal de introdução)

L [Lurdes]: Mal vim praqui conheci logo. A peste [Celestino].

(risos)

L: Passado um mês fui ao baile, pra sede, conheci esta peste.

C [Celestino]: A sede, às vezes, agora não é mas, era o meu refúgio.

L: Agora está muito estragado, agora não...

C: Sou muito caseiro. Se eu te disser a ti que as minhas férias foram compostas aqui em casa, prontos... O tempo também não era muito favorável, não se vai para a Foz...

L: E não estás bem aqui?

C: Estou. Mas não é isso.

L: E não anda perdido no tempo.

C: O Foz também não era muito convidativo, porque com este tempo... pronto. Gostava de fazer praia mas... Prontos. Deu para descansar e fazer algumas coisitas por aí.

A[Armando]: Mas diz-me uma coisa. Por acaso lembrei-me ontem a propósito de irmos falar contigo hoje. E de dizeres que ias para a praia dos Ingleses no Molhe. O pessoal ainda continua a tomar banho no Molhe a atirar-se para a água do Molhe?

L: Está a falar do Paredão?

A: Sim.

C e L: Sim, sim!

A: Porque eu lembrei-me de uma coisa. Eu tenho de ir lá tomar um banho. Vais também ter de ir comigo!

(risos) (duas conversas paralelas – segue-se a conversa entre Armando e Celestino)

A: Tu se calhar nunca mergulhaste.

C: Eu? Não mergulhei? Eu atirava-me de cima dos ferros.

A: Como eu! Não era a meio das escadas.

C: Mas gostava muito de ir aos Pilotos. Naquela zona de água mais parada.

A: Não é a praia das pastoras?

C: Sim tens as Pastoras. Mas depois tens os 'Pilotos' que fica na Cantareira.

A: Mas aí tem uma praia? A minha filha ainda ontem me falou que é a praia da Paparoca?

C: Sim.

A: E fazias aí praia?

C: Fazia. Chegava a fazer. Nós eramos conforme os amigos, ou íamos para ali ou para acolá.

A: Mas eu digo-te uma coisa. Se eu for mergulhar ao Molhe vens lá mergulhar comigo.

C: Vou, vou claro!

A: Olha que vais mesmo!

C: E vou! Vamos sim senhora!

A: Veio-me uma vontade de ir lá ao Paredão. Se eu for lá já sabes que vens

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

comigo.

(conversa paralela entre Joana e Lurdes vira conversa principal)

L: Atirou-se prai uns 15 [pessoas] e prontos. Como essa minha amiga tinha ficado na areia e não avisaram, ao tirarem-se todos aquele foi bater nas pedras e foi morte mesmo. A partir daí, agora vou à praia com ele (aponta para o Celestino) e ele às vezes diz... E eu... (faz cara de desconfiada)

A: Em que praia é que foi?

L: Eu não vou para a dos Ingleses. Não gosto muito, porque é muito bairro. É o bairro todo. É Aleixo, é Pasteleira... É tudo, é tudo!

C: Agora vamos para mais para o lado. (em simultâneo com L)

A: Para que lado? Em direção ao rio? (em simultâneo com L)

C: Para o lado dos Ingleses, mas mais cá. É mais calmo. (em simultâneo com L)

L: Para o lado. É mais calmo. Pronto, é um bocadito porca a areia. Tem muita alma, tem muita... Mas para estarmos a dois é um bocadinho calma, tem umas rochinhas, dá para a gente se encostar e assim. Na dos Ingleses depois claro... Ele é conhecido não é? É bairro. Eu também! Ou seja, eu era da Ribeira. Eu sou Ribeirense.

A: É tripeira de gema!

(risos)

L: Sou tripeira de gema, mesmo! Os meus pais foram nascidos e criados lá, e eu também. Mas vim com nove anos. Eu vivia no Bairro do Aleixo, nas torres que foram abaixo. E Graças a Deus, ele [o Celestino] conhece os meus filhos, tenho uns filhos... Têm uma educação. Não param com esses ambientes, detestam por eu fumar. Não fumam, não bebem. Podem ir para a noite... O meu Luís às vezes até lhe digo: 'Que vergonha, beber uma garrafa de água'.

(risos)

C: Os filhos dela são muito inteligentes.

L: Não bebem. Têm curso de restauração e bar. A menina, a mais nova, tem 17 anos também tem curso. A Soraia também tem curso. Todos eles...

C: E este mais velho está agora a lançar um livro. De poemas. São pessoas cultas, exato. Por acaso. São mãe chapada. Por acaso, é uma companheira, prontos. (em simultâneo com L)

L: Mas são uns filhos... Toda a gente os adorava no Aleixo. 'Eles não são do bairro, Lurdes. De onde é que os tiraste?' 'Na maternidade!' Mas nasceram todos lá. E vieram praqui e não se juntaram... Ele [Celestino] vê... Vêm cá dar uma volta, vão a Matosinhos... Não é Celestino? (em simultâneo com C)

C: É. Mas, o tema é outro. (simultâneo com L)

L: Ou vão a Matosinhos. Não se juntam, não vão pra este grupo, praqui pro Dragão. Nada nada! Podem falar! É assim, podem até não gostar daquele rapaz mas se passarem por aquele e um diz: 'Então Leandro, Paulo, tudo bem?' 'Tá tudo', prontos. Mas seguem. Não estão. E no Aleixo era precisamente a mesma coisa. Havia um grupinho, sempre ali todo juntinho. Nada nada. (em simultâneo com C e A)

C: O Aleixo... Nós é que fazemos o ambiente, seja em que sítio for. (em simultâneo com L)

A: O Aleixo é composto por muita gente, é como aqui a Pasteleira. (em simultâneo com L)

C: Há pessoas más, há pessoas boas, há pessoas menos boas. Há de tudo. Há bairros sociais. Não há nada que seja 100% perfeito... Os bairros sociais, agora, estão assim, pronto. (em simultâneo com L)

L: O Aleixo foi o ambiente...

J [Joana]: Esses amigos do Aleixo também vieram pra cá?

L: Sim, sim. Eu tive a casa há dois anos. Eu sou no rés-do-chão mesmo, e ao meu lado... Tenho que também era minha vizinha da mesma torre. E eram amigos dos meus filhos. Há conhecimentos, prontos. Mas quando eu vim para este prédio encontrei uma antiga vizinha minha que era da primeira torre que foi abaixo, que foi a quinta torre que é a Isa. Aquela forte. Encontrei também a Marta, mas a Marta já saiu há muitos anos, já está aí há 12/13 anos prontos, foram pessoas que foram querendo sair... Prontos. Eu não, eu sempre fiz força quando foi a quinta torre abaixo, quando foi a quarta torre abaixo. Sempre fiz força. Sempre me misturei no meio das pessoas contra a polícia. Levei com gás nos meus olhos, tive que ir hospital para desinfetar. Mas mesmo assim lutei sempre e disse: 'Vou embora mas vou ser sempre Aleixo'. Eu não me sinto daqui. E vou-lhe dizer mais menina, vai ouvir uma coisa. E acho que os meus filhos já conversaram com ele há dois anos, lembraste [Celestino] do Paulo contar que vieram praqui sozinhos, as minhas vizinhas iam-me bater à porta para me levar comida. Eu dizia aos meus filhos: 'Eu vou lá ter'. Trancava-me em casa, já sem luz, sem água, sem nada. Estava mesmo, mesmo, em baixo. Ia pra janela, elas viam-me às vezes 'Oh Lurdes, olha uma coisa. Vai-te embora pra tua casa' 'Não, não vou, a minha casa é esta.' Primeiro que eles me tirassem de lá... Chorei, chorei muito. E todas as casas foram tapadas com cimento e ainda hoje eu sei que a minha é a única que não está. Agora é os ressacas que vão para lá. (corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Então... Posso perguntar...

C: Sim, tudo...

J: Posso pedir para dizerem os vossos nomes.

C: Celestino.

J: Qual é a sua idade, se não é indiscrição?

C: Vou fazer 56 anos.

L: Não, 55.

C: 56.

A: É da minha idade. É mais velho do que eu meio ano. Vou fazer agora 55 em Setembro. Nasci em 60.

J: E há quanto tempo é que vive aqui no bairro?

C: Vim praqui com 5 anos. Há 50 anos. Ainda não tinha vindo para a primária quando vim aqui pro bairro. É engraçado porque eu vim daqui de Pinheiro Torres, da beira da Alumínia, da fábrica dos tintos, para construir o Pinheiro Torres. Eu morava numa ilha e então foi tudo abaixo para construir o Pinheiro Torres. E então vim, quer dizer os meus pais e eu, vim praqui com 5 anos.

J: Nasceu lá então?



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

C: Nasci lá. Depois vim para cá.

J: E andava nesta escola primária aqui do Bairro da Pasteleira?

C: Sim. E se não me engano... Se não me engano chegámos a andar na escola.

A: Chegámos. Mas eu fui para a da Ponte. Porque eu nasci em Setembro, eles não me aceitaram aqui porque não tinha 6 anos. E a minha mãe pegou em mim e foi ali à Escola da Ponte. Sabes onde é a escola da Ponte?

C: Sei, sei, sei.

A: Aquilo era por uma questão de 13 dias. E ela foi e na Ponte aceitaram-me. E andava lá com um Ernesto que morava ali no [bloco] 8, tu se calhar não te lembras. A característica do Ernesto é que tinha um pai que tinha uma mota com um sidecar. Se calhar não te lembras disso.

C: Já não me lembro.

A: Mas depois vim praqui os dois últimos anos porque a Escola da Ponte entrou em obras. A terceira e quarta classe já fiz aqui. Como Escola da Ponte. Foi a Escola da Ponte que veio praqui.

C: Exatamente. E na altura era quinta e sexta classe que corresponde...

A: Eu depois fui para o Gomes Teixeira, que o meu pai tinha o Talho no Bom Sucesso e a Gomes Teixeira era uma escola ali na Praça da Galiza, mesmo ao lado do Bom Sucesso. Eu ia com ele de manhã e foi por isso que não fiz o quinto nem a sexta classe. Fui já fazer o ciclo preparatório. O meu pai tinha lá o talho, a minha mãe ajudava lá, trabalhavam lá os dois e eu ia pra escola.

J: Sempre viveu nesta casa?

C: Nesta casa eu vivi com outra pessoa que tinha-se suicidado por depressão, andava no Magalhães Lemos. E esta que vinha aqui todos os fins-de-semana para ver os meus netos, estava aqui a minha nora e o meu filho. Mas não estavam inscritos aqui. Então arranjaram casa e foram viver para outro sítio, para outra casa, aqui no bloco 1. Prontos, estão lá a viver e aquela era o único titular desta casa e nunca quis abandonar esta casa.

J: Mas quando veio viver com os seus pais veio para esta casa?

C: Sim, sim, com os meus pais foi sempre aqui que vivi. A minha adolescência. Os nossos 8 anos, os 9, os 10... Jogava bola no Parque, essa fase... Foi sempre aqui que vivi. A minha infância, aliás, até aos 20 e... 22, 22! Foi sempre aqui. De solteiro. Depois de casado também continuei sempre aqui. Até aos 30 e poucos, 35, 36.

J: Então conhece bem aqui a casa não é? E já teve muitas alterações ou não? Já mudou ou continua com aquela imagem que tem de quando era pequeno?

C: Tenho aquela imagem da casa inicial. Basicamente. É aquela casa ainda do modo antigo. Não teve muitas renovações. Porque por exemplo, eu como não tive aqui muitos anos, foi o meu filho que ficou a encargo da casa, também nunca se interessou muito pela casa e agora prontos. Ando eu a fazer aos poucos, mas é dentro das possibilidades que tenho. Quero ver se pinto a casa, se dou aqui uns toques. Enfim. Mas isso custa dinheiro e na minha área de trabalho é um Deus me Livre para receber. A D. Joaquina parece boa pessoa mas está-me a pagar 500€ em três vezes. Vim de férias agora, trouxe metade do subsídio. E o Sr. Raul é a mesma coisa.

A: Ele também tem em atraso? Também recebe em três vezes?

C: Muito atraso. Ele não. Ele ainda está pior do que eu porque eu sinto-me com dificuldade e o Sr. Raul tem sempre um mês em débito. Aquilo parece-te uma coisa mas não é, é outra. E ela no dia 8, virou-se para o Sr. Rocha e disse assim, ‘O Sr. Raul leva o dinheiro que houver na caixa...’, caso faturasse, percebes? Então prontos. Como é que eu consigo? Tenho coisas para pagar. Luz, água, quente, mais umas coisas... Como é que eu posso ter uma vida social? Depois o ordenado é muito baixo, são 500€. Há 16 anos que ando lá, não é brincadeira. E tu [Armando] sabes que eu sou muito trabalhador. Não falto...

(corte na gravação - conversa sobre trabalho do Celestino)

J: Estamos a falar do seu trabalho. Trabalha aqui perto?

C: Trabalho na Rua do Campo Alegre.

J: Então como seria um dia normal para si, desde que se levanta?

C: É muito stressante. Muito stressante porque o meu trabalho tem de ser cumprido. Pego ao serviço às 9, se tiver aqueles mais foleiritos, de chuva ou qualquer coisa, talvez não seja tão stressante. Mas estando dias normais é muito stressante. Venho a casa, a minha mulher não está aqui, e eu tenho de pôr a comida adiantada e fazer a mais, comidas que me rendam, porque venho almoçar a casa, para chegar aqui, pôr no micro-ondas, comer e ‘tau, tau, tau’ e apanhar o autocarro novamente e chegar às 14 horas. Depois às 18h30 já venho mais tranquilo, prontos. Mas é composto assim.

J: A que horas é que saí de lá?

C: 18h30. Mas às vezes saio às 19h, 19h menos qualquer coisa. Não se deixa ficar os clientes para trás.

J: E à hora de almoço?

C: Saio à meia hora, até às 14h. Depois saio às 18h30, o normal, mas há ocasiões, por exemplo, à quinta e à sexta há sempre mais que fazer, há mais serviço. Muitas das vezes tenho de sair de lá às 19h menos 20, 19h menos um quarto, 19h, o que for. Também sou incapaz de deixar o meu colega ali sozinho, não é?

J: E depois chega a casa...

C: Chego a casa, faço o jantar novamente, tem de ser daquelas comidas que me rendam, porque não tenho tempo à hora de almoço para estar a preparar. Faço o jantar, ponho-me aqui (aponta para o sofá) a ver notícias, vou pra a casa tenho ali a televisão. E estou à espera do outro dia seguinte, ponho os pés no chão e dizer assim: ‘Bem, vou viver mais um dia’.

J: Mas costuma estar aqui na sala ou no quarto?

C: Costumo estar aqui na sala um período de tempo, prai uma horita. Conforme. Conforme às vezes o cansaço. Conforme.

J: À hora de almoço também costuma descansar?

C: Nem por isso, é sempre a correr. O dia é stressante. À noite já posso estar relaxado um bocadinho.

J: Quantos quartos é que tem aqui a casa?

C: Três! Quer vê-los? Estão vazios! Estão mesmo detorados.

J: Só utiliza um?

C: Só utilizo aquele.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: E os outros dois?

C: Os outros dois estão parados. Era onde vivia os meus filhos e os meus netos.

J: E antes disso como era? Quando vivia com os seus pais?

C: Isso era uma fase. O meu pai faleceu quando eu tinha 8 anos. A minha mãe já faleceu eu tinha 49 anos, diabética. Deixou de andar, ganhou gangrena, ficou sem uma perna, não se adaptou às muletas, e ficou ali na cama, com todo o apoio, Assistência Social com tudo. Não se conseguiu adaptar.

J: Mas então, desde que veio aqui para casa, os quartos foram usados de modos diferentes.

C: Sim. Menos aquele, que foi sempre o meu.

J: Aquele foi sempre o seu desde pequenino?

C: Sempre! Mesmo quando não estava aqui a viver. Os outros dois foram ocupados pelo meu filho e pela minha nora e ali (aponta para o quarto nascente) era o quarto das crianças.

J: E quando era com os seus pais? Quando era pequenino? Como era a distribuição dos quartos?

C: O meu quarto foi sempre aquele. Aquele [o quarto nascente] era do meu tio.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

A: Mas queres ver os quartos Joana?

C: Estás à vontade! Só tenho pena é que a casa esteja assim.

J: Ah! Não se preocupe com isso!

(conversa no quarto 1)

J: Então aqui era o quarto dos seus pais. No início.

C: Sim. Está muito detorado, muito mesmo. Isto precisava de uma arrumação.

J: E depois quem ocupou este quarto?

C: Era a minha nora e o meu filho.

J: Só teve um filho?

C: Tive três. Tenho uma filha que tem 27 anos e outra que tem 22. Ambas mães. Portanto sou avô de 6 netos.

J: As suas filhas saíram de casa mais cedo então?

C: Vivia a minha filha, e saiu de casa mais cedo. Depois ficou o meu filho aqui e a minha nora. Eu vivi 17 anos fora desta casa e só vinha cá aos fins-de-semana para ver como estava a casa e vir ver os meus netos. E eles tomavam conta da casa. Mas como eles não estavam inscritos ou, por outra, o meu filho estava inscrito, mas foi viver com a mãe para São Mamede. Como São Mamede pertence à Câmara de Matosinhos não podia estar inscrito em duas câmaras. Foi-lhe cortado aqui na Câmara do Porto os direitos de habitação e a partir daí ficou independente e não fez mais parte do seio familiar daqui desta casa.

J: Mas quando ele foi para Matosinhos ainda estavam cá as duas outras meninas?

C: Sim, estavam. Depois fez a vida dela, claro, e partiu. Abriu asas e voou, como se costuma dizer. Saiu fora do ninho e voou.

J: Mas quando estavam aqui em casa os seus três filhos, dormiam aqui os



três?

C: Dormiam as duas raparigas aqui. O meu tio já tinha falecido, dormia ali o meu filho.

J: O seu filho é o mais velho?

C: É, tem 33 anos.

J: As suas filhas, neste quarto, tinham uma cama para cada uma?

C: Isto era uma cama larga, não era nada disto, e dormiam aqui as duas.

J: Não era esta cama então.

C: Não, não era esta. Não era nada disto. Este quarto estava vazio.

J: Como é que usa agora este quarto?

C: Não costumo usar este quarto. Só para vir buscar umas coisas. Não costumo usar.

J: Usa mais para arrumação.

C: Sim, basicamente. Aqui tenho a roupa de Inverno, ali [no quarto 2] tenho a roupa de Verão. Tenho essa facilidade. Dá para fazer essa arrumação.

J: Se não tivesse aqui sítio onde é que punha as coisas?

C: Se calhar punha ali na marquise, tenho ali um móvel, e tentava da melhor maneira encaixar algumas coisas. Dentro dos possíveis.

J: Mas estava-me a dizer que este quarto, para si, tem alguns problemas. Quais são?

C: O meu maior problema foi a minha mãe ter falecido neste quarto. Primeiro de tudo. E sofreu muito. O problema maior é que eu não consigo abrir muitas vezes esta porta. Fiquei com aquele traumazito, prontos. Desde que ficou sem a perna...

J: E aquela janela costuma estar sempre fechada?

C: Quando não estou em casa. Nós costumamos abri-la mas como há um período que estou fora de casa, desde as 8h30 só chego às 19h30 e a casa fica completamente parada. E hoje em dia tem de se ter um bocadinho de segurança. Não está aqui ninguém.

J: Esta janela não dá para a marquise?

C: Esta janela não.

J: Daí ter que ter mais segurança.

C: Sim, exato. E esta casa já foi assaltada.

J: Por ser uma casa no rés-do-chão, está mais vulnerável.

C: Sim, sim.

J: Quando é que isso foi? Antes das obras?

C: Conforme está agora. Há cerca de um ano. Tinha recebido o ordenado, pus ao lado da televisão e eles levaram. Não levaram plasmas, não levaram nada, não me estragaram nada. Entraram pela janela, viram o meu dinheiro e olha...

J: Mas não foi por esta janela.

C: Não, foi por aquela [do quarto 2]. Tinha deixado aberto, perfeitamente.

J: Vamos então ver os outros quartos então.

(conversa no quarto 2)

C: Então este é o meu. Nós fumamos sabe. Às vezes vamos fumar lá dentro, mas é uma asneira total nós fazermos isto [fumar no quarto].

J: Passa muito tempo aqui no quarto?

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

C: É. É o meu refúgio. Isto é o meu refúgio. É o meu refúgio isto.

J: Contou-me um dia normal de trabalho. Ao fim de semana como é?

C: Ao fim de semana, basicamente, sou capaz de ir ali aos Pinhais da Foz, sentar lá na esplanada, estou lá uma horita. E depois regresso.

J: Depois de almoço?

C: Depois de almoço. Depois faço umas compritas, compro aquilo que tenho de comprar, e depois volto e estou aqui.

J: A ver uns filmes? Umas novelas?

C: Novelas não gosto muito. A ver uns filmes. Gosto muito de música. Tenho aqui muitos CD's.

J: Passa aqui muito tempo então. E é confortável aqui o seu quarto?

C: Passo. Nem por isso. A nível de pessoas a incomodar é sossego. Estes bairros são tão antigos, as casas são tão pequenas, parecem umas gaiolazinhas. Quase não dá para respirar. Realmente não é muito confortável, não é, havia de ter mais espaço. Hoje já se constrói outros bairros, outras casas, com outras dimensões. Isto já não se vai construir mais com estas dimensões deste quarto. Provavelmente têm quartos maiores, com outras condições logicamente. Este soalho ainda é o soalho de raiz. Se olhar para o chão aí da sala, ainda é o original também.

(conversa no quarto 3)

C: Este quarto está vazio.

J: Aqui antes era o quarto das crianças.

C: Sim. Aqui tinha os bonequinhos todos. Era. Era o quarto das minhas netas.

J: devia ser tudo colorido.

C: É. Tudo muito colorido.

J: E agora não usa?

C: Agora não uso. Para coisa nenhuma.

J: Ainda tem aqui algumas arrumações. Ali tem um baú.

C: Sim, mais para arrumações.

J: Isto aqui é arrumação também? ( aponta para a sanca em cima da porta)

C: Sim. Não tem nada.

J: Não usa mesmo.

(conversa na sala)

C: Não uso mesmo. Não uso porque também não tenho pessoas. Lá está, são as tais coisas... A minha ideia, se tivesse possibilidades, eu metia esta parede abaixo, fazia assim um arco e ampliava a sala. Era a minha ideia.

Como já vi pessoas a fazer. Para pôr conforme estava também era fácil, parede tijolo. Mas a minha ideia era ampliar a sala, fazer aqui uma sala de estar, uma sala de jantar. Este quarto nunca é utilizado e tenho a impressão que nunca vai ser utilizado. Então ampliava a sala. E a partir daí outras coisas mais. A tijoleira. Era a minha ideia. Depois também é assim, também vou fazer 56 anos, será que vale a pena apostar? Será que vale a pena com 56 anos estar a investir? Não tenho meios como fazer. Mas mesmo que tivesse. Será que vale a pena com 56 anos? Se não fosse esta senhora... Fico muito na solidão. Fico muito pensativo, fico muito sozinho. Ela como dá-me apoio, se não fico muito sozinho. Muito sozinho mesmo. Mas era uma ideia

que eu tinha. Ampliava. Mas também penso, será que vale a pena investir na casa? Sei lá...

J: Então é por isso que pensa duas vezes?

C: Sim. Por isso e por questões financeiras porque gastasse muito dinheiro. É um investimento. E eu não estou preparado para esse investimento, só se me saísse qualquer coisa fora do normal. Não estou a ver, no sítio onde eu estou, que possa renovar. Vai-se fazendo umas coisas mais básicas. Vou pôr ali umas cortinas para tapar a cozinha.

J: Aqui na sala sempre teve este mobiliário?

C: Sim. A mesa não. Este móvel era composto por outro por cima, era uma cristaleira. E eu achei que isto estava a tapar, e era um bocadinho mais pesado e assim fica mais levezinho.

J: E também costuma usar isso para arrumação?

C: Tem, tem toalhas. Tem cobertores, toalhas de cozinha. Essas coisas.

J: E este armário já existia?

C: Sim, é original. Este armário tem as compritas.

J: É a despensa. Dá-lhe jeito estar neste sítio?

C: Quer dizer... (encolhe os ombros) Olhe, há quem faça desta parte prateleiras e põe feitiços. Já vi em muitas casas. Já vi fazer prateleiras.

J: Tiram as portas, é isso?

C: Sim, sim. Há quem ponha um aquário. Há quem ponha prateleiras, dá outro aspeto. Eu não, eu mantive sempre assim.

J: Ali a cozinha...

(conversa na cozinha)

C: A cozinha é muito pequena. Muito pequena.

J: Sempre foi assim ou teve algumas alterações pequenas?

C: Era a banca. Teve a banca. Azulejo, o azulejo foi posto. E mais nada. Está a ver como está o teto?! Isto precisa de umas obras.

J: Qual é para si o maior problema aqui da cozinha?

C: O espaço, devia ter mais espaço. Está muito apertado. Mais espaço. Aqui ao lado, se eu mostrar aqui a casa ao lado, isto tudo aqui [espaço da cozinha e da i.s.] é cozinha, deitou esta parede abaixo e fez tudo cozinha.

J: E a casa de banho?

C: A casa de banho ficou neste quarto aqui que está vazio. (indica o quarto 3)

J: E aí a casa de banho é pequenina também?

(conversa na casa de banho)

C: É.

J: Já tirou o tanque.

C: Sim, já tirei o tanque.

J: Há quanto tempo é que tirou o tanque?

C: Ui, já nem me lembro. Tinha uma coisinha ao lado para esfregar.

J: Mas lembrasse bem de quando era pequenino também?

C: Lembro, lembro. Não se tinha assim uma máquina de lavar, mesmo a televisão era a preto e branco, havia estes preconceitos.

J: O que é que acha aqui da casa de banho?

C: Isto [humidade] está assim veio tudo de cima. Já foi tudo ajeitado, veio



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

cá o homem da Câmara mas é de cima. Humidade ou um cano furado, provavelmente. Acontece aquilo. A casa de banho é como lhe digo. Esta casa precisava de uma transformação.

J: Mas no seu dia-a-dia sente falta de alguma coisa ou há alguma coisa que esteja bem e goste?

C: Eu às vezes apetece-me dar com a cabeça contra a parede porque... Carago! Eu gosto de ver as coisas bem feitas. A minha ideia. Eu gostava de ver as coisas de outra maneira. Mais agradável, mais saudável, prontos. Às vezes apetece-me bater a cabeça contra a parede.

J: Mas como seria isso para si?

C: Uma casa mais composta. Receber, como estou a receber agora, pessoas e sentirem-se mais agradável. Para mim é uma satisfação. Como há pouco estava a dizer ali, eu gostava de ampliar. São ideias que eu tenho na cabeça, mas pronto. Não é possível.

(conversa na sala)

J: Então e aqui a sala? O que é que acha aqui da sala?

C: A sala é um centro de convívio e quando estou acompanhado. Quando não estou acompanhado é o refúgio [quarto 2]. Na vida diária, às vezes estou aqui a cozinhar, ponho-me aí sentado até fazer tempo. Vejo os Beirais. Tenho de me levantar, tenho de estar OK para ir trabalhar. Não saio lá para fora. É trabalho, casa e casa, trabalho. Não saio lá para fora.

(conversa paralela entre L e A)

J: A que horas é que costuma chegar a casa?

L: Depende, os meus filhos estão habituados a jantar às 19h30.. 20h30 estou aqui. Eu janto rápido. Os meus filhos dizem: 'Já estás com pressa?' É sempre a andar. Depois saio daqui de manhã, saio com ele e vou para baixo. Ele fica na paragem, eu é só atravessar ali em frente. O resto da minha vida é lá em casa. Há noite é que a gente se encontra e vai-se falando pelo telemóvel.

J: Você [L] costuma estar aqui mais à noite e aos fins-de-semana então?!

L: À sexta à noite venho para cima, venho cá jantar ao fim de semana, e fico aqui até segunda-feira. E agora estive de férias, vai ser mais difícil quando ele for trabalhar. Vai ser para ele e vai ser para mim. Estou habituada a almoçar com os filhos, agora estava habituada a almoçar aqui com o Coelhinho. Mas prontos, vai custar agora.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

(conversa entre J e L)

L: uma vez vínhamos por aqui abaixo e a vizinha daqui, todas elas gostam de mim mas esta, esta senhora aqui do lado conhece-o [ao Celestino] muito bem, adora-me. O marido é que eu não curto. Porque ela é uma senhora forte e ele abandona-a às vezes.

J: Uma senhora idosa?

L: Ela deve ter os seus 72, mas é muito forte. E ele deixa-a lá sozinha. Ela não é feliz. Às vezes ouve-se daqui os problemas.

J: Mas ouve-se daqui de casa então.

L: Sim. Da outra vez ela estava à janela e eu vinha a passar. Eu sou baixinha mas vinha de tação alto e disse 'Oh D. Alice, é para lhe dar um beijinho'

‘Deixe estar que eu vou á porta’ e eu ‘ Não amiga’ Eu com os tacões, já a subir. Eu dou-lhe um beijinho e ela disse-me: ‘Ai quem de dera as minhas duas filhas aqui tão perto. E serem como tu és. Oh Celestino, tiveste tu muita sorte’.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

(conversa na marquise)

J: Vamos aqui falar sobre a marquise que ainda não falámos.

C: A marquise quando chove muito... Ainda agora andaram a ajeitar o telhado mas isto aqui parece tudo uma piscina. Fiz aqui um buraco, fiz aqui um escoamento lá para fora.

J: E resulta?

C: Quando chove aqui muito, é imensa. Não tem vazão ali na caixa. (aponta para o tubo de queda) Caiem folhas de eucalipto e o que é que acontece? Vai entupir. Que nem com o meu braço consigo fazer uma limpeza. Mas agora mandaram ajeitar os telhados do bairro foram todos ajeitados.

J: Isso foi há quanto tempo?

C: Acabou há pouco tempo os telhados, não foi?

L: Prai há uns quatro meses.

C: Mas ajeitaram os telhados todos.

A: E neste a casa de banho não é ali? No meu não era na cozinha.

C: Pois é, tu tinhas varanda para lá. Isto já são casas corridas, aqui é varanda corrida.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Mas antigamente aqui não havia nada disto.

C: Não, era tudo terra. E a minha mãe fazia aí um jardimzinho. E depois só tinha a porta e a entrada. Esta zona aqui era cimento. Isto já é emendas. (a apontar para o chão da zona de entrada) De resto era tudo terra.

J: Este baú já estava aqui?

C: Também serve para arrumar umas coisas. Não, isto foi dado. É assim, eu vim para esta casa, o meu filho levou-me tudo. Tive de comprar um frigorífico, um micro-ondas, ofereceram-me a mesa, ofereceram-me tudo. Levou-me tudo, levou-me tudo. Ainda hoje não tenho o cilindro. Não tomo banho de água quente. Por incrível que pareça, não tenho cilindro de água quente.

A: Não tens água quente? Então como é que te arranjas? É com gás?

C: Tomo todos os dias no trabalho.

A: E então o teu cilindro era de que tamanho?

C: Era de 50L. Eu ainda vou comprar, tenho de comprar. É assim, se a patroa dá-me o dinheiro completo eu tiro pago as minhas contas e posso ir ao Maxmat comprar. Dá-me 150. Agora vim de férias, já foi tudo, não tenho nada. Por mês, dá-me 150, ou dá 200. ‘Olhe que eu sou uma pessoa necessitada’ e dá-me mais uma parte. E é assim, ando a receber às partes. E 500€ não dá para nada. E já é pouco em si. Estou com os duodécimos, estou a receber mais 40, percebes? É por isso que não tenho subsídio do metro.

J: Esta zona acaba por ser uma zona mais de passagem e arrumação. Ou costuma passar aqui algum tempo?

C: Não. Às vezes está sol, o sol bate da frente, eu sento-me aqui. Porque

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

aqui bate muito o sol, o sol começa a virar ali para aquele lado. Aqui bate muito o sol. Venho praí fumar.

J: E costuma estar com as persianas sempre fechadas e as cortinas, como estão agora?

C: As persianas, ao fim de semana, abro sempre. Quando estou em casa, abro para a casa ficar mais refrescada. Mas quando estou a trabalhar, a casa já foi assaltada, então tenho de fechar.

J: Estava também a falar por causa da luz.

C: Sim, sim. Aqui bate muito o sol, é muita claridade.

J: Aqui também tem roupa a secar.

C: Ah, isto aqui faz muito jeito!

J: Como é que lava a roupa?

C: É a minha mulher que lava.

J: Mas e costuma secar depois aqui?

C: Normalmente ela seca em casa dela. Ela é o meu elo de ligação.



GLÓRIA E JACINTA  
61 e 91 anos, respetivamente

J [Joana]: Podem dizer os vossos nomes por favor?

G [Glória]: Eu sou a Glória.

Jac [Jacinta]: E eu a Jacinta.

J: Têm que idade, se não é indiscrição?

G: 61 anos

J: E você, Jacinta?

Jac: 91 anos.

J: Qual é a sua profissão?

G: Agora não trabalho.

J: O que é que fazia?

G: Era costureira. Confeções.

J: E você Jacinta?

Jac: Eu era tecedeira. Ali nos Ingleses.

G: Era cortadora de carnes verdes. (risos)

Jac: Depois fui empregada do talho. Depois fui dona.

J: São naturais no Porto?

G: Eu sou.

J: Você também Jacinta? Nasceu cá?

Jac: Nasci. No Hospital. Sou tripeira.

(risos)

J: E há quanto tempo vivem aqui a Pasteleira?

G: Há 55 anos.

J: Desde que o bairro foi construído?

G: Não, já estava.

Jac: Já tinha sido construído.

G: Tinha sido acabado de construir há um ano ou assim.

J: E vieram logo para este apartamento?

G: Sim.

J: E na altura eram quantas pessoas que vieram para cá?

G: Eramos 5.

J: Que era quem?

G: O meu pai, a minha mãe, eu, o meu irmão e a minha prima.

J: E vinham de onde?

G: Da Rua Escura.

Jac: A viela dos gatos. (risos) Eu morava em frente aos avós da Maria José [avó da Joana].

J: Naquela tal rua que de um lado foi destruído e do outro não.

G: É. O lado que foi destruído era onde nós morávamos.

Jac: Eles vieram muito primeiro do que eu. Eu ainda estive lá bastante tempo. Veio a ratice toda depois.

G: Quando começaram a sair as pessoas.

Jac: Eles fugiam lá para casa.

J: Mas a casa lá era muito diferente desta?

G e Jac: Ai, era!

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

Jac: A minha era ajeitadinha, na altura. Depois começaram a aparecer os ratos é que foi pior.

J: Lá tinham quantos quartos?

G: Lá era uma sala e estava dividido por cortinas.

J: Vieram para cá, eram 5 e aqui com três quartos, como é que se organizaram?

G: Eu a minha prima ali [quarto 3], o meu irmão aqui [quarto 2] e os meus pais aqui [quarto 3]

Jac: Dantes era uma bênção. Já eram muito boa a casa, para nós.

J: Muito diferente da outra?

Jac: Nem tinha onde estender roupa. Aqui temos a varanda pelo menos aqui é uma beleza. A gente estende...

J: E agora estão quantas pessoas cá a viver?

G e Jac: Três.

J: E como é que se organizam aqui em casa?

G: A minha mãe ali [quarto 2] e eu e o meu marido aqui [quarto1].

J: Então mudaram de quartos. Como é que foi essa mudança?

G: Eu quando casei vim para este quarto [quarto1].

J: E o seu irmão?

G: O meu irmão também casou.

J: O seu irmão saiu primeiro?

G: Não. A minha prima é que saiu primeiro. Fiquei sozinha ali naquele quarto [quarto 3] e o meu irmão no outro [quarto 2]. Depois casei e o meu irmão também. Ele saiu, eu passei para este quarto [quarto 1] e a minha mãe para aquele [quarto 2]. Depois tive uma filha e ocupou aquele quarto [quarto 3]. Depois tive o meu filho que foi para aquele quarto [quarto 2] e a minha filha dormia com a avó [no quarto 3]. Entretanto os meus filhos já saíram. (O Sebastião, neto da Glória, espreita para a sala desde o quarto 3)

G: Este pequeno é filho da minha filha.

J: E costuma estar por aqui?

G: Ele vive com a mãe ali à beira dos Pinhais da Foz.

J: Então a Jacinta já esteve em todos os quartos.

Jac: É já. Mas ali é mais quente [quarto 2]. Aquele [quarto 3] é um bocado mais fresco.

J: Dos três qual é que gostou mais de estar?

Jac: Gostei mais deste. É maiorzinho. Tem a mobília completa e tudo. Depois é que desfiz-me daquela mobília e comprei outra.

J: As mobílias também foram mudando?

G: Pois.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Você tem quantos filhos?

G: Dois.

J: E quantos netos?

G: Dois. O meu filho ainda não tem filhos.

J: E os seus filhos costumam estar aqui consigo?

G: Nas férias. Ele [o neto que estava em casa nesse momento] tem 7 e a menina tem 4. Ela começou com a escolinha, ele é que a escola ainda não

começou.

Jac: A escola também é ali na Foz.

J: Então está tudo aqui perto. O seu filho também mora aqui perto?

G: Sim, mora aqui em Lordelo [do Ouro]. Quem sai da ponte da arrábida e vira praqui, é aquele prédio alto.

J: Os seus filhos costumam vir cá a casa?

G: Vêm. Mais ao fim de semana.

J: E vêm cá comer?

G: Vêm. Ao domingo vêm cá todos.

Jac: Fica aqui isto tudo cheio.

J: E o seu filho também costuma vir, Jacinta?

Jac: Vem cá muitas vezes. Também mora aqui perto, ali perto do Hospital Magalhães Lemos.

J: Então ao domingo estão todos aqui na sala. E cabem todos aqui? Como é que se organizam?

Jac: É, cabemos todos. Abre-se a mesa. Estamos aqui todos.

J: Já estava habituada a ter a casa cheia?

Jac: É, já estava habituada a ter a casa cheia.

J: Quais são os truques para ter a casa cheia e organizada?

G: Não se pode ter muita coisa, não se pode ter muitas mobílias. Já tive sofá aqui na sala e cabíamos todos também. Agora estamos mais à vontade.

(entra novamente o neto da Glória na sala)

G: Este é o Sebastião.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Então e aqui a sala. O que é que me pode contar e dizer sobre a sua sala?

Jac: O usual. Passo o dia aqui.

G: Passamos muito aqui o dia, aqui na sala. A comer, a lanchar. É tudo aqui.

J: A sala é o sítio da casa onde passam mais tempo?

Jac: Onde passo mais tempo é aqui.

J: Normalmente as duas ou os três?

G: Os três.

J: O seu marido trabalha?

G: Não, está reformado.

J: Antigamente como é que era?

G: Antigamente ia tudo trabalhar de manhã, ficava tudo vazio, só aparecia tudo à noite.

J: Mas usavam menos a sala?

G: Era à noite, quando se chegava. Já se sabe que a sala é o sítio onde a pessoa está mais.

J: Na cozinham não comem?

G: Não. Fazemos lá o comer e depois vimos praqui.

J: E tem aqui uma varanda...

G: É, para estender a roupa. Eles fecharam mas foi do lado de fora. Isto aqui tinha um muro, e uma janela. Eu é que deitei abaixo e pus portas de correr. Como a minha prima [vizinha do lado, Juliana] tem, ela tem como era, o muro, a janela e uma porta.

Jac: A Câmara é que fechou as marquises.



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Isso foi há quanto tempo?

G: Foi há muito tempo. Eu estas portas tinha do lado de fora, mas como eles fecharam tudo e puseram tudo igual eu passei para dentro.

J: Então aquele muro não existia.

G: Não, era as portas. E era tudo amplo até ali. Mas depois como eles fecharam a todos, para ficar tudo igual, eu passei aqui para dentro. Já tinha deitado abaixo o muro quando pus as portas lá fora.

J: Isso foi mais ou menos em que altura?

G: Quando os meus filhos tinham prai 7 anos.

J: E porque é que decidiram fazer isso?

G: Fizemos umas obras na casa. Nós é que fizemos obras na casa, nós é que fizemos tudo. As portas e tudo.

J: As portas não são originais?

G: Não não. Nem chão, nem nada.

J: Porque é que decidiram, por exemplo, pôr este mosaico no chão e não outro?

G: Porque era mais fácil para limpar. Os quartos é que é em madeira na mesma.

J: Nos quartos o chão é em madeira na mesma mas não a original?

G: Sim, isso. Pus tudo de novo.

J: E aqui na sala deixou de ter varanda.

G: Agora tenho varanda, dantes é que não tinha, era tudo sala. Agora também já somos menos, pronto. Voltei a pôr as portas para o lado de dentro. Fomos obrigados a tirar, agora ficou tudo igual.

J: Mas então aumentou para também ganhar espaço à sala porque eram muito, é isso?

G: Pois.

J: Mas não sentem falta daquela varanda exterior?

G: Tenho-a na mesma.

J: Continuam a usar aquele espaço como se fosse uma varanda.

G: Claro.

J: Usam para estender a roupa também?

G: Sim.

J: E é jeitoso para secar a roupa ali?

Jac: É bom é.

(Glória vai com a Joana até à marquise)

G: Aqui seca muito bem. Este estendal posso pôr da parte de fora. Também tenho ali estendal fixo.

J: Então e usa aqueles secadouros lá em baixo?

G: Não, não.

J: Mas tenho direito não tem?

G: Tenho. Mas não vou. Seco aqui bem, não tenho necessidade de ir lá para baixo.

J: Mesmo antigamente?

G: Tinha sempre espaço aqui, nunca fui lá pra baixo. Ponho o estendal do lado de fora.

J: Também tem aqui o frigorífico e funciona?

G: Sim, funciona.

J: E também tem um passarito. Tem há muito tempo?

G: É. Tenho há prai 1 ano.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

S [Sebastião]: Eu tenho uma tartaruga ali. Mas é minha não é dela [avó, Glória]. Está ali na cozinha.

J: Ai tens uma tartaruga? Queres ir mostrar-me?

(Sebastião vai mostra-me a tartaruga à cozinha – o aquário encontra-se pousado no parapeito da janela)

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

(voltando à sala)

J: Olha Sebastião, o que é que costumás fazer aqui em casa da avó durante as férias?

S: Jogar ali na PSP, na televisão. E mais nada. E no tablet.

G: E vai pro Parque da Pasteleira.

S: Eu não quero.

G: Às vezes vais.

J: Não gostas de ir para o parque?

S: Mais ou menos. É verdade, não gosto muito de ir para o parque.

(Sebastião tira do aparador da sala um porta moedas dele)

J: Também tens coisas tuas cá em casa Sebastião? Tens várias coisas tuas espalhadas pela casa?

G: Não andam as coisas espalhadas porque eu não deixo. Espeto-lhe com as coisas lá em baixo na cave.

J: Tem um espaço de arrumação na cave?

G: Tenho, o meu. Mas é só meu.

J: Mas nem toda a gente tem direito?

G: Não. Tem quem pediu. E depois tem que fazer obras. Eu é que tive de abrir.

J: Mas é na entrada do bloco?

G: Sim. Tem lá uma portinha verde.

J: É espaçoso? Dá para bicicletas e assim?

G: Ah pois dá. Pago o aluguer daquilo. E eu é que abri e fiz obras.

J: Mas não existia aquele espaço?

G: Não, a pessoa é que abriu.

J: Mas antes pertencia a quem?

G: É debaixo do patamar das escadas.

S: Não queres ir lá ver?

J: Sim, depois gostava de ir lá ver.

S: Eu também vou. Tenho de ir buscar os meus brinquedos, não tenho brinquedos nenhuns cá em cima.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

(no quarto 1)

J: E este é o teu quarto desde que casou. Sempre estive assim com esta disposição?

G: Não, porque a porta era ali. E depois eu abri aqui e fechei ali.

J: Então era ali antes de colocar as portas de correr?

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

G: Sim.

J: E porque é que decidiu por assim?

G: Era para ganhar mais espaço o quarto. Porque ter ali a porta roubava mais ao quarto.

Marido da Glória: Mas foi má opção que fizemos.

J: Acha? Porquê?

MG: Porque quem entra olha logo praqui pela porta.

G: Dantes a porta era ali, mais ali, não via tanto.

J: O chão também é diferente, já me tinha dito, não é?

G: É. Janelas.

J: Mudaram as caixilharias? Qual era o problema das anteriores?

G: Eram daquelas de madeira de puxar para cima, estas são de inox castanho. Já estavam um bocado foleiras. Entrava muito frio.

J: São melhores estas?

G: Sim, são melhores. Não entra tanto frio, nem nada.

J: E passam muito tempo aqui?

G: Ele [o marido] passa, está aqui todo o dia metido.

MG: Todo o dia não, principalmente de tarde. Porque a minha sogra está na sala, eu não vejo os mesmos canais de televisão que ela vê, não é? Venho praqui. Aqui vejo mais desporto e filmes.

J: E gosta de estar aí deitado na cama?

MG: Sim, passo sempre aqui na cama.

J: Então e você Glória?

G: Eu é naquele ali (aponta para o quarto 3).

J: Ai cada um tem uma televisão então.

G: É.

(risos)

(visita à casa de banho)

G: Aqui é a casa de banho. Antigamente aqui (indica o espaço do polibã) tinha uma porta, que era onde estava a sanita. Aqui (indica o espaço da máquina de lavar roupa) era o lavatório. E aqui (indica o espaço atualmente ocupado pela sanita e bidé) era a pia. O tanque. Depois fiz um quarto de banho.

J: Bidé não tinha pois não? E dá jeito o bidé?

G: Não tinha. Podia nem ter posto, ficava mais espaço.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

(na cozinha)

J: Dá tanta luz aqui como na parte de trás?

G: Sim. Tem bastante luz estas casas.

J: Costuma ter a janela aberta? Quando está a cozinhar e assim?

G: Ah sim, abro a janela. Tenho o exaustor mas já se sabe, fica na mesma os cheiros.

J: E a vista daqui da janela é boa? É sossegado aqui?

G: É é. Nunca tivemos nada que dizer daqui. Ali mais para o meio é que é mais confusão. Tem lá os cafés e assim e eles, já se sabe.

J: E não costuma ouvir o barulho da rua, dos carros?

G: Não, elas [as janelas] não deixam passar assim muito barulho. Dos



vizinhos não tenho nada que dizer também. Estamos bem aqui.

J: Também tinha reparado nisto (aponta para uma pequena abertura no teto do espaço de entrada). O que é?

G: Aí é o sótão. Mas agora vão fechar parece.

J: Mas antigamente usavam?

G: Usávamos.

J: Como arrumação?

G: É, como arrumação. O que a gente punha para lá nunca mais ia buscar. É aquele género, arruma e fica lá. Mais vale deitar fora. Eles vão fechar, e o que eu tinha lá já tirei tudo. Ainda tinha lá brinquedos da minha filha que agora foram para a filha dela. Tinha era muitos livros, que agora tenho lá em baixo, livros de coleções e de cowboys, e de tudo. Que eles gostavam muito de ler, tinha prai muito livro.

S: Um dia a minha avó vai-me dar os livros. Para mim os do meu tio, para a minha irmã os [livros] da mãe.

(na zona de entrada)

J: Aqui tem um espaço para pequenas arrumações?

G: Sim.

J: Onde tem as arrumações dos produtos de limpeza e assim?

G: Tenho ali na casa de banho, no armário ao lado da máquina de lavar roupa.

(na sala)

J: Então, enquanto a sua mãe está aqui na sala, o seu marido no quarto, você está onde?

G: Ali [quarto 3] a ver a novela.

J: E você Jacinta? Vê a novela?

G: À noite quando vai pra cama vê no quarto dela, de dia vê aqui.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: A que horas é que jantam?

G: Às 20h.

J: Glória, explique-me um dia seu, de manhã até à noite.

G: Levanto-me e vou lá em cima, ao café, buscar um pão, à [padaria] Ribeiro. Venho, vou ali ao supermercado, à São. (risos) Venho, faço o almoço, almoçamos Vou outra vez ao café. (risos) Vou outra vez à São. (risos)

Jac: E eu estou aqui. Às vezes vou ali à peixeira.

G: Não vai ao café à tarde também?

Jac: Às vezes.

G: Venho, jantamos. Acabo de jantar às vezes vou ao café. Outras vezes não vou, vou pr'ali [quarto 3], pr'ali pro sofá.

Jac: É uma vadia. É como eu.

J: É longe?

G: Não.

Jac: Eu antes ia até à baixa.

J: Então mas e não sai de vez em quando?

Jac: Quase não saio. É uma raridade. É uma raridade. Porque custa-me a andar.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**

J: E costumam dar uns passeios de vez em quando?

G: Sim, ainda o mês passado estivemos para o Algarve.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Explicou-me um dia normal. Então e ao fim de semana a rotina é a mesma?

G: É igual.

J: Os seus filhos também vêm almoçar? E depois ficam?

G: Sim, mas só vêm almoçar, depois vão. Somos 9 ao domingo.

Jac: Todos juntos, é uma alegria.

G: 9, se eles não se lembram de trazer algum amigo com eles.

J: Os miúdos?

G: Não, os pais. E às vezes ainda vem mais gente, mas não vêm almoçar, vêm depois cá ter.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Gosta de viver cá em casa Jacinta? O que é mais gosta de sua casa?

Jac: Gosto. Gosto de tudo, gosto de tudo. Não tenho preferência por nada.

J: Qual é o seu espaço preferido? Qual é o espaço que gosta mais cá de casa?

Jac: O meu quarto.

J: Só usa o quarto para dormir?

Jac: Sim, de resto estou aqui, ou na varanda, ou naquela varanda ali sentada. (indica o patamar na escada comum do bloco)

J: Costuma ir para ali para a varanda?

G: É, tem ali uma cadeira. Quando está bom tempo, quando está a chover não.

Jac: Às vezes vou para lá, não é sempre. Ali há mais movimento do que aqui. Aqui [na varanda da sala virada a sul] é mais morto, ali [no patamar da escada comum, a norte] está sempre a passar gente. E eu gosto mais de estar ali. Às vezes distraio-me com as crianças. É assim. Gosto de sair mas não posso. Só quando ela me leva é que eu posso. Antes eu gostava de ir tomar o meu cafezinho à [padaria] Ribeiro.

PEDRO E PATRÍCIA  
37 e 35 anos, respectivamente

(A conversa foi iniciada com ‘conversa de café’ com, ainda, o gravador inativo. Depois de explicar sinteticamente alguns objetivos do trabalho, ligou-se a câmara e segue a gravação)

Pa [Patrícia]: A nível arquitetónico, essa mudança acabou por não ser tão benéfica como se pensava porque trouxe muitos conflitos entre vizinhos. Em vez de criar segurança aconteceu o contrário. O que é que acontece?! As pessoas quando entram cá baixo nos portões, não fecham os portões. Por exemplo, esse blocos de varanda corrida nem tanto mas aqueles que são direito-esquerdo há sempre receio das pessoas se meterem lá dentro porque como havia alguns problemas de droga, que entretanto foram sendo resolvidos, nunca foi um bairro muito problemático nesse aspeto, houve uma altura que sim, mas depois conseguiram controlar...

Po [Pedro]: Teve alturas.

Pa: É, teve alturas. Ainda continua a haver, como é lógico, como em qualquer bairro sociais, não é uma coisa muito intensa. Então havia esse problema. As pessoas como não fechavam as portas andavam sempre em conflitos umas com as outras. E esse tais de varanda corrida é o mais problemático. Porquê?! As pessoas chegam ao espaço das varandas, quem está no canto não há problema porque ninguém passa por ali mas quem tenha o outro a seguir, mais ou menos o meio, tem muitos problemas porque corta o acesso à porta...

Po: Tem sempre alguns conflitos.

J [Joana]: E o vizinho do fundo tem sempre de passar pela entrada da casa do vizinho do lado.

Po: Exatamente.

Pa: Que é o caso da minha sogra [mãe do Pedro]. No caso da minha mãe não, porque é direito-esquerdo e mora exatamente nesse bloco.

C [Conceição]: Isso implica que as pessoas sejam muito cívicas, não é?

Pa: Sim. E depois há a situação de não puderem colocar estendais, isso não existe porque as pessoas não respeitam isso. Põem nas varandas cá para fora, que é proibido até, só que se calhar acabam por facilitar um pouco. Porque, por exemplo, quem tem essas varandas corridas e tem um canto tem possibilidade de ter um estendal. Que é o caso da minha sogra que nunca mete a roupa do lado de fora nem algo do género. Mas quem não tem, tem de ser. O que eles criaram foi, cá em baixo, em cada um desses blocos as tais cordas. Cada um antes tinha uns pilares que eles deitaram em baixo. Antes havia possibilidade das pessoas terem muito mais onde estender e hoje não acontece porque meteram duas cordas para cada casa. Então algumas pessoas que têm famílias numerosas, não tem possibilidade. E depois também se chateiam um bocadinho por isso, algumas facilitam a vida de outras, outras pessoas não porque estendem nas cordas delas mesmo estando vazias.

Po: No fundo o bairro é um bocadinho espelho da nossa cidade. Que é... Em termos de beleza natural, o bairro era constituído por muitos jardins...



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

C: Ainda vai existindo um ou outro não é?!

Pa: Isso são as pessoas que fazem...

Po: Mas isso também era na altura. A malta vivia-se e ajudava-se mutuamente. Na baixa do Porto, na Praça da Liberdade, hoje é cimento. Certo?!

Pa: Isso aconteceu aqui, porque eles também cimentaram essa parte para colocar os estendais.

Po: Hoje em termos de beleza natural, vá lá... Se é que havia alguma num bairro social, mas havia! Também se perdeu porque eles basicamente...

Pa: Ah! Esses de varanda corrida, na altura, todos tinham um jardim no rés-do-chão à porta de casa. Faziam um arvoredor. Ou seja, claro que ficava um bairro muito diferente, mas também ao mesmo tempo dava-lhe uma beleza.

Po: Pelo menos que eu tenha memória, entre os finais dos anos 70 e princípio dos anos 80, o bairro era colorido.

C: E devia ser, os restinhos de jardim que lá há são bonitos.

Pa: Os que deve ter visto são os do [bloco] 20 e poucos. Os do [bloco] 8 quem tem a frente e muita gente mantém os jardins e arranja.

Po: [A gente] Ainda vai tentando... mas isto há uns anos atrás era muito giro. Era giro... era agradável, quer dizer..

Pa: Era.

C: E na altura eu lembro-me que o Luís, o meu marido, até perguntei se de facto a ideia seria ter uma hortinha...

Po: As hortinhas usavam mais cá em baixo, onde agora tem o novo bairro da Pasteleira.

Pa: Sim, as pessoas faziam hortas aí.

Po: Eu nunca tive um familiar lá com um espaço, mas eu acho que aquilo era um bocado... as pessoas iam ocupando.

C: Aquele espaço era da Câmara e as pessoas iam ocupando.

Po: Exatamente. As pessoas iam demarcando o seu espaço. Porque isto estamos a falar finais dos anos 70, início dos anos 80, e havia muita gente do bairro que tinha vindo de fora e fazia ali aqueles quintais.

Pa: Até porque havia pessoas que eram... Ai não! A tua [Pedro] avó é que era e depois foi para o bairro D. Leonor. Tinha essa dúvida.

Po: Até porque o bairro é de 60 e...

J: O bairro é de 59-60.

Po: Por aí. Exatamente. 59-60-61.

Pa: E veio muita gente da ribeira morar para o bairro. Não foi Pedro?

Po: Sim sim.

Pa: O bairro era composto por muitos moradores que na altura das cheias perderam as casas e vieram aqui morar para a Pasteleira. E havia muita gente.

Po: E nas ilhas que estavam espalhadas pela cidade. E estamos a falar de 59-60-61, havia muita gente que não tinha casa de banho dentro de casa. Ou seja, naquela altura era...

Pa: E também queria saber em relação ao que fazem dentro das casas. Nesse bloco 8, as casas são separadas na sala, existe uma separação entre

a sala para a varanda. E há pessoas que para ganhar espaço, como o caso da minha mãe, tiraram isso. E então fica uma casa ampla, ou seja, em vez de ter um muro, e tinha duas janelas, e depois a marquise. E ao ter isso a casa quase que não recebe luz direta. E a maior parte das pessoas teve essa possibilidade. Por exemplo, a minha mãe fechou com umas portas de vidro e madeira à volta, porque a casa que a minha mãe foi morar era uma casa virgem. Era uma casa de imigrantes, na altura que foram para fora e deixaram a casa fechada. Nessas situações, e está a acontecer agora está a acontecer muito, a Câmara vai tirando as casas sabendo que as pessoas não as ocupam. E então a casa de banho tinha uma pia...

J: Um tanque não é?

Pa: Sim, um tanque. As janelas eram... Hoje em dia, a maior parte das pessoas tem janelas de alumínio, aquelas eram todas de madeira.

Po: Ao longo dos anos os próprios moradores... Porque é assim, vejam uma coisa... A Câmara, nos últimos mandatos tem feito alguma coisa pelo bairro...

Pa (paralelamente): Agora faz obras. Por exemplo, a casa de banho da minha mãe teve obras porque tem uma tia deficiente e eles mudaram a casa de banho para ela.

Po: ... mas, que eu tenha memória, o primeiro presidente que foi o Paulo Valada, não faziam nada.

Pa: Não faziam nada.

Po: Isto é, eramos nós, os moradores, que íamos fazendo os melhoramentos.

Pa: Porque agora as casa quando são entregues às pessoas estão com as obras todas feitas. Ninguém entra para uma casa sem as obras serem feitas. Eles arranjam cozinha, chão... E neste caso, as casas que não têm a tal varanda é colocada e as pessoas não podem mesmo deitar a baixo e se o fizerem têm de repor se abandonarem a casa. O que aconteceu, foi que nas casas que eles fizeram obras tiraram fotografias às casas para que as pessoas não as possam mudar. E acho que há muitas previstas também.

C: Mas foi noutro tempo...

J: A habitação tem de evoluir da mesma forma que os hábitos de vida também evoluem.

C: De acordo com as necessidades que as pessoas vão sentindo.

Pa: E nesse caso sim, porque não faz sentido, rouba luz. Entre as janelas, existem outras janelas e com uma porta. É proibido fazer mas a maior parte das pessoas fazem.

J: Também ouvi dizer que havia pessoas que deitavam paredes a baixo.

Pa: Sim, sim. Foi por exemplo o caso... Eu até acho que existe uma no bloco 9 em que até uma das janelas está coberta. A persiana está sempre fechada, acho que ninguém ainda percebeu. Mas porque esse quarto foi utilizado para ampliar uma sala. E como ele é um rapaz que vive sozinho decidiu e fez isso. Mas a Câmara como é lógico não sabe. Ou seja, a tipologia passa de ser um T3 para ser um T2, porque um dos quartos foi deitado a baixo.

Po: E a questão é, muitas vezes a Câmara não vem supervisionar, vistoriar...

Pa: Eles agora vieram.

Po: Só quando, suponhamos, por exemplo... A casa dos meus pais, que

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

sou eu e mais dois irmãos. A minha irmã está em Angola mas tem casa própria, o meu irmão vive em Braga, nós vivemos em Gaia, um dia que os meus pais, infelizmente...

Pa: Eu acho que essa situação mudou. Porque é assim, imaginemos uma família que já existe, nasce um neto que até vive com a avó, eles não deixam inscrever. E acho que agora voltou. Mas nós que temos casa própria, e era isso que ias dizer, perde-se o direito aquela habitação.

Po: Mas o que eu ia dizer... A Câmara Municipal do Porto só vai novamente vistoriar a casa da minha mãe quando, infelizmente, os meus pais partirem. Eles não vão fazer lá rigorosamente nada.

Pa: Mas sabes que agora andaram a fazer vistoria.

Po: Ai é?! Não sabia.

Pa: E eu acho que foram a casa da Zeli, da irmã do meu padrasto. Foram ver. Porque? Essa casa também está completamente mudada.

C: E eles implicaram?

Pa: Eu acho que não. Porque é assim... Essas casas têm um se não, que é como a casa da minha sogra [mãe do Pedro], a cozinha é em frente à porta de entrada e é separada por uma parede logo. É como se a cozinha e a casa de banho fossem juntas. Que é uma coisa assim... né?! E essa minha tia deitou a parede abaixo, fez cozinha por aí fora. E como existe um falso na sala, que por exemplo a minha sogra utiliza para guardar coisas, ela [a tia] aproveitou esse falso da sala e o falso do quarto e fez aí uma casa de banho.

(analisam os desenhos gráficos das tipologias, e voltam a explicar no desenho as alterações)

Pa: Existem as [tipologias] de varanda corrida e de direito-esquerdo.

J: Esta de direito-esquerdo é T3, por exemplo.

Pa: Pois, é igual à casa da minha mãe, mas que ela também fez uma alteração. Tirou a varanda e mudou uma das portas do quarto para conseguir ter o quarto...

(conversam sobre experiência/visita anterior ao bairro)

C: (...) Fomos até ao café lá em baixo. Que até foi uma surpresa. Entra-se e parece um oásis. Limpinho.

Pa: Sim, sim. Porque esse é o filho da mercearia do bairro.

Po: De uma das...

Pa: De uma das?! Não tem mais nenhuma o Carlos.

Po: O Fernando.

Pa: Ah, de uma das pois!

Po: Mercearia existe uma mesmo. E depois tem uma que é café e mercearia. Já é mais café do que mercearia. Porque mesmo esses espaços, principalmente o do pai do dono de esse café [o Carlos] sempre foi de uma limpeza extrema.

Pa: E a mercearia tem coisas... Não há melhor fiambre do que naquela mercearia. Morcelas, as tripas, fazem umas coisas muito boas. Existia aquela coisa de as pessoas porem para o livro e pagarem no final do mês.

Po: Verdade seja dita, é gente muito muito boa. Tudo no sítio, tudo direitinho, tudo muito limpinho.



Pa: E depois esse filho tomou conta desse espaço, porque aquilo era uma drogaria.

Po: Mas se calhar estamos a divagar... E não é bem disto que precisamos de falar.

J: só queria confirmar... Há pouco falou que a sua mãe mudou a localização da porta do quarto. Para onde mesmo?

C: Porque nesta casa que a Joana visitou, eles mudaram a porta do quarto e arrependeram-se, porque o senhor, com a porta a abrir assim, agora é visto a toda a hora por toda a gente que passa aqui.

Pa: Ah! Neste caso não. A minha mãe mudou para a ponta, ou seja, a minha mãe ficou com a porta mesmo junto à varanda. Porque ganhou espaço para colocar o móvel em frente à porta e não num espaço tão reduzido.

Po: É assim, precisava que mil e uma maquetes porque tem cada alteração. As pessoas, ao longo dos anos, estamos a falar de um bairro com sensivelmente 50 ou 60 anos, depois cada um de nós - eu digo cada um de nós embora que a minha mãe não fez grandes alterações - mas cada um de nós, cada um dos moradores tem modificações mesmo...

C: Porque a Joana leu agora num notícia, de quando o bairro fez 50 anos, que se as pessoas quisessem fazer alterações a Câmara financiava com 75%.

J: Eles podiam adquirir os materiais com 75% de desconto.

Po: Sim, mas isso para fazer obras.

Pa: Não para redecorar.

Po: Exatamente. A questão é esta, ao longo dos anos, a casa dos meus pais continua exatamente igual. Igual porque nunca mudou uma porta, num mudou nada - mas fez sempre melhoramentos.

Pa: Mudou os azulejos, armários novos na cozinha que fizeram.

Po: A casa dos meus pais não tem lá um cêntimo da Câmara.

Pa: O que é que acontece agora que também mudou muito?! Algum dano provocado numa casa. Por exemplo, o caso da tua mãe que a vizinha teve o problema no cano, eles fazem obras. Agora também mudou essa parte, antigamente não se responsabilizavam.

Po: Parece-me a mim que é assim... A verdade é que já não vivemos aqui há 6 anos...

Pa: Mas vamos sabendo diariamente das coisas.

Po: ... Nós estamos muitas vezes aí. Aliás, eu estou todos os dias aí, que venho levar a nossa filha, que ela sai do colégio e vem pra avó. Mas verdade seja dita, parece-me que a Câmara Municipal do Porto tem-se portado muito bem. Já com o Rui Rio e agora com o Rui Moreira em termos de melhoramentos. Parece-me a mim que se as pessoas fizerem obras, comunicam à Câmara, demora o seu tempo, mas fazem obras.

Pa: Em casa da minha mãe foi a Câmara que fez tudo. O que é que eles fazem que as pessoas não gostam muito, é que as obras que eles fazem colocam os canos todos por fora, ou seja, ficam os canos todos visíveis e esteticamente... Mas é para evitar que... Porque isto são casas velhas.

Po: Mas há mil e uma alterações. Se formos ver aí...

Pa: Também conheço uma casa que também mudou bastante. Que é a casa da Maria da Luz, também é uma de varanda corrida.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

Po: Ah! Eu não conheço.

Pa: Em que a alteração foi... Isto aqui passou a ser tudo cozinha. (aponta para o desenho Acho que ela num quarto fez a casa de banho... Ou fez na sala?

C: Em termos de canos achei que havia muita limitação porque é uma coisa muito vertical, mas é curioso...

Pa: E neste caso até ficou muito giro. Porque ela fez a cozinha, o que criou na sala, de frente para a porta como se fosse um hallzinho e um espaço para poder colocar como se fosse a entrada da casa.

Po: isto é caso para dizer que cada casa é um caso.

Pa: A maior parte das pessoas, destas casas [desta tipologia – varanda corrida], que tinham possibilidades, fizeram isto, cortaram aqui (explica no desenho), isto passou a ser cozinha e utilizaram um bocadinho de espaço da sala para fazer a casa de banho. Porque as cozinhas são muito pequeninas, não há espaço. Se estiverem duas pessoas na cozinha, mais ninguém...

Po: Já não nos mexemos...

Pa: E para ir à casa de banho, ou saí uma ou entra outra.

Po: Mas vamos ver uma coisa... Na altura, a maior parte das pessoas que vieram para o bairro...

Pa: Tinham muito mais condições, pois.

Po: Quer dizer, viver numa ilha em que necessidades era tudo cá fora, onde ia toda toda a gente.

Pa: E a tua mãe também fez a alteração, porque a tua mãe também tinha um tanque na casa de banho. Tirou o tanque e de um polibã. Mas a maior parte das pessoas tomavam ali no tanque.

J: Saltavam lá para dentro. O meu pai ainda se lembra de fazer isso.

Pa: Mas a maior parte das pessoas depois tiraram, fizeram os polibãs mas acho que por aí... A Câmara não implicou.

Po: Até porque depois toda a gente começou a ter máquina de lavar, não faz sentido ter ali o tanque.

Pa: Sim, e a máquina da roupa.

Po: Mas vamos ver, eu ainda sou do tempo, isto em 75-76, de tomar banho na bacia, nós não tínhamos um chuveiro.

Pa: A minha mãe também vivia numa ilha e era assim que me dava banho.

Po: Portanto, agora estamos aqui a falar, e isto é curioso... Como é que era possível nós tomarmos banho, nós não que não fazíamos a mínima ideia, eu era uma criança com 4-5 anos, mas os meus pais...

C: Lembro-me de nós termos um tanque, nós vivíamos em Trás-os-Montes numa casa velhinha, e somos três irmãs mais velhas - a mãe da Joana, outra e eu, e depois mais dois a seguir – nós temos algumas fotografias, as três dentro do tanque o tempo todo, aquilo era a nossa piscina.

Pa: No bairro também era assim, as crianças cá fora aproveitavam o Verão, que as mães lavavam as carpetes à porta, e era com as mangueiras.

Po: E às vezes era o banho. A verdade é essa.

C: Mas se calhar já na altura era junto [a cozinha e a casa de banho] por uma questão arquitetónica, de ser mais fácil, tinha a fossa de águas. É estranho é que para as pessoas tenha sido uma mais-valia tudo bem, para quem

fez, para o arquiteto que fez podia ter percebido que aquilo não era muito funcional.

Po: Mas há muitos bairros... O bairro da minha avó é igual. É aqui o Bairro Rainha D. Leonor.

Pa: Sim, mas o bairro da tua avó... Aquelas casas são...

Po: Mas era muito comum, mas a relação cozinha e casa de banho é como se fosse...

Pa: É como se fosse kitchenette mas uma coisa assim muito mau. O Bairro da Pasteleira está muito à frente em relação ao Bairro Rainha D. Leonor. Muito à frente mesmo. E esse bairro foi criado para os arruaceiros. Que a avó dele na altura era arruaceira e foi para lá. Porque a avó morava lá no Bairro da Pasteleira e depois de castigo foi para lá.

Po: Mas é muito complicado falarmos... Isto devia ter 5 ou 6 tipos de casa, e tem prai 300. Todas as casas são diferentes.

J: Mas é exatamente isso que eu acho interessante é que cada pessoa adaptou à sua forma de estar.

Po: Exatamente.

Pa: Sim. E consoante as economias.

Po: Também. A minha mãe nunca fez nenhuma alteração, nunca teve necessidade, mas havia pessoas que por isto ou por aquilo, ou por pessoas deficientes, ou por pessoas idosas... Depois dependia muito também do dinheiro.

Pa: Há pessoas que gastaram muito dinheiro nas casas.

Po: Que eu acho que nem valia o investimento mas...

Pa: Mas há muito gente, como a Zeli e o Joaquim, não vão sair dali. Apesar de terem um vida economicamente muito boa, não pretender sair dali.

C: Mas isso depois é a tal história, aquilo que tinha dito, a família depois cresce passa-se para um T3, diminui passa-se para um T1. Se as pessoas fizerem um grande investimento na casa inicial depois essa mobilidade é muito mais difícil.

Po: Exatamente

Pa: Mas isso acontece com as pessoas, até mais não pela tipologia, mas pelos andares. Há muita gente que pediu troca porque por exemplo, subir escadas e há lugares vazios e as pessoas mudam. E outras porque foram obrigadas a mudar. Mas eu acho que eles não obrigam ninguém, sugerem quando a família reduz. Muita gente fê-lo porque também baixava a renda de casa. E as rendas também foram sendo atualizadas.

Po: Principalmente as pessoas com mais idade, têm uma reforma muito baixinha, não faz sentido estar a pagar um T3 quando podem viver num T1.

Pa: Porque é consoante os rendimentos também. Agora é obrigado todos os moradores enviarem os rendimentos todos os anos, e eles atualizam as rendas.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

Po: O Bairro, e ainda é do meu tempo, tinha muitos parques infantis, por exemplo.

Pa: Isso acabou.

C: Um senhor com quem nós falámos, ele dizia que agora está tudo com



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

cimento também.

Po: Eu ainda sou do tempo de brincar em alguns parques. Ainda tinha escorregas, tinha baloiços, tinha essas coisas todas.

Pa: Eu não sou desse tempo, eu acho que não apanhei...

Po: Mas eu ainda sou desse tempo. E com o decorrer dos anos...

Pa: E depois também transformaram aquele sítio, onde fizeram um parque enorme e as crianças vão todas pra lá brincar e se calhar acabou por...

C: O Parque de estacionamento?

Pa: Não, o Parque da Pasteleira.

Po: Ah! Mas isso já acabou... Atenção, eu ainda guardo algumas memórias mas são muito poucas. Mas são muito poucas. Tinha, por exemplo, um campo de voleibol, mesmo em frente à casa dos meus pais [entre o bloco 11 e 13]. Também acabou.

Pa: Isso eu lembro-me. Também jogavam futebol.

Po: Sim, sim. Mas era um campo de voleibol.

J: Era em frente a que bloco?

Po: Bloco 11. A Associação de Moradores que era no bloco 13... era por trás. E aí nesse espaço era um campo de voleibol.

J: Entre os dois blocos.

Po: Entre os dois blocos. Havia alguns parques infantis... eu posso-te dizer onde. Posso-te ajudar.

J: Também estou a estudar o bairro em geral, a parte urbana. Como é que ele se liga aos bairros à volta, como é que os blocos se ligam entre eles... Essa questão que os parques de estacionamento vieram substituir os parques infantis ou outros espaços.

Po: Eu tinha imenso espaço para jogar à bola quando era pequeno, hoje os miúdos não têm nada, apesar de tudo.

C: Mas lá está, por outro lado tem um Parque fabuloso. Não é?

Pa: Sim, mas os miúdos para ficarem ali perto de casa, e poderem estar por ali, nem sempre os pais podem ir...

Po: Eu brincava em frente à casa dos meus pais.

Pa: A situação de ter os carros e os miúdos não podem chegar à bola. Foram perdendo. Hoje em dia também não há muitos miúdos a jogarem à bola, é mais Playstation.

Po: Por exemplo, eu ainda sou do tempo, onde é a Associação de Moradores aquilo era o centro social, que entretanto mudou cá para cima. O Centro Social, que era a creche.

Pa: Ah pois é! Onde tu foste.

J: Por de trás da Igreja não é?

Po: A obra Diocesana, exatamente.

J: E antes?

Pa: Onde foste à Associação de Moradores [bloco 13] as casas todas por cima e o rés-do-chão também era tudo ocupado pela creche, e também a Associação dos velhinhos.

Po: Mais tarde, mais tarde. [a 'Associação dos velhinhos'] Mas o rés-do-chão todo era...

Pa: E algumas casas em cima também, que eu cheguei a ir ter com a Sofia

à parte de cima. Que era os mais velhinhos. E agora fizeram ali [obra Diocesana] porque agora as casas são habitadas, e antes não eram.

Po: Depois deixou de fazer sentido, digo eu, uma creche mesmo no meio do bairro.

Pa: E depois fizeram esse café que nunca existiu. Só há muito pouco tempo é que existe ali aquela... [Associação de Moradores]

J: Mas resultava antigamente?

Po: Mas depois... Eu não sei qual foi a ideia de tirarem ali a creche. Acho que para melhorarem as condições dos miúdos. Essas casas eram umas creches.

Pa: Melhorou muito. Ali as salas eram separadas. A casa, em si, era uma casa grande, estás a imaginar esta casa (aponta para a tipologia de varanda corrida) toda deitada abaixo... e era aquele espaço das crianças. E não podiam ter tantas crianças como se calhar agora têm.

Po: Exatamente. Eu nunca andei lá, porque eu estava em casa, a minha mãe não trabalhava.

C: E de fato, aquele espaço agora lá do outro lado [obra Diocesana] ... Lá está, não é à beira de casa mas dá outra qualidade.

Pa: É. É diferente. E tem muito mais espaço.

Po: Aliás, eu posso ir aos arquivos dos meus pais e ver se tenho lá fotografias que te possam ajudar.

J: Para ver o antes da casa e depois da casa. E o bairro em geral.

Pa: Pois, porque há uma grande diferença. Podes ver a parte de fora, de quanto mudou. Porque antigamente as casas tinham os jardins à volta, no rés-do-chão, tanto nas varandas corridas... as outras [tipologia esquerdo-direito] continuam a manter, porque quem quis manter não interfere... estas que foram fechadas sim [tipologia de varanda corrida] não, as de direito-esquerdo não, quem quis ter aqui tem, á volta, entre entradas por exemplo.

Po [em paralelo à outra descrição de Pa]: Até para tu veres a cor do bairro. Era um bairro com cor, com muitas cores, era um bairro colorido. Era um bairro colorido. Com as flores, com a relva...

Pa: E a cor, qual era? Era esta?

Po: A cor dos blocos? Sim, era basicamente a mesma, era. Era, quer dizer, não. O bloco 8 era branco.

Pa: Ah, pois era! Os blocos de direito-esquerdo tinham uma cor diferente dos blocos... O 10, onde eu vivi também, era branco. E o teu [Pedro] de que cor é que era? Amarelo...

Po: Era meio amarelado. Sempre foi.

Pa: E agora têm todos a mesma cor. Aquele amarelo e acho que o verde deve vir do clube...

Po: Que verde?

Pa: O verde das caixilharias.

Po: Porque as grades eram verdes também.

Pa: Se calhar surgiu associado ao clube do bairro.

Po: Não, tem a ver com a cidade. As cores da cidade do Porto é o verde e branco.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

Pa: Mas os blocos da cidade do Porto não são verdes e brancos.

Po: O que eu estou a dizer é que, antes de nós termos as marquises, tínhamos umas grades. As grades eram verdes.

Pa: Não eram pretas? As da tua mãe eram pretas...

Po: Não, as iniciais eram verdes. Depois a Câmara fez lá umas obras...

Pa: Agora é que nos lembramos de uma coisa. Os blocos tinham cores diferentes consoante... direito-esquerdo tinham todos uma cor, era branco, e os de varanda corrida eram creme. Agora que falaste lembrei-me disso...

Po: Agora também estou... à medida que a conversa se vai desenrolando vou-me lembrando de coisas... E vou puxando aqui pela memória. E vou vendo algumas fotografias que tenho lá em casa – se puder ajudar empresto-te na boa – desde a cor... O bairro era um bairro colorido. Com os jardins, com a relva...

Pa: Quando falaste de bairro colorida estava a achar que era de cores diferentes.

Po: Colorido, isto é, era um bairro harmonioso.

Pa: Em termos de vegetação.

J: O meu pai dizia que cheirava muito a eucaliptos.

Pa: Ah sim! Sabes porquê?! Porque aquela zona, onde tem Serralves, ali em baixo [a sul de Serralves], ali era tudo mato.

J: O pinhal.

Pa: Era um pinhal.

J: Onde tem a Pasteleira Nova.

Pa: Onde tem a Pasteleira Nova. Exatamente.

J: As pessoas para irem apanhar o autocarro tinham de cortar o pinhal, não é?

Pa: Exatamente. Eu para ir para a escola tinha de ir por aí. Eu para ir para o [a Escola] Leonardo Coimbra, que é mais lá para baixo, íamos todos aí por essa viela. E não havia problema. E mesmo à noite podíamos vir por ali, 6 e meia [18:30] já era tarde, escuro no Inverno... também vinha muita gente, a maior parte das pessoas não ia de autocarro, era tudo a pé.

Po: E não havia os problemas sociais que existem hoje.

Pa: Sim, mas existia droga. Não te esqueças que durante esse tempo...

Po: No teu tempo, no meu não.

Pa: Sim, no meu tempo, o pinhal era tudo com barracos. Muita gente foi construindo barracos, conforme a necessidade. Viviam em barracos. E já havia um foco de droga grande. Mas, apesar de tudo, eram pessoas cuidadosas porque sabiam que miúdos passavam por ali e retraíam-se, escondiam-se.

Po: Havia algum respeito.

Pa: Porque a geração abaixo do Pedro...

Po: Não, a minha geração.

Pa: Também a tua. Grande parte metia-se em drogas, morreu muita gente com a idade do Pedro. E outra da geração mais abaixo safaram-se todos, acabaram por deixar.

Po: Da minha geração, tive muitos amigos meus, muitos mesmo... Amigos,



não eram amigos, quando eu digo amigos (gesticula com as mãos) ... no fundo nós crescemos todos aqui mas...

Pa: Porque a maior parte agora, pessoas que eu conheço da tua geração e depois da minha – que não é bem geração, eu fui para lá viver, pronto, com quem eu cresci – eu não me lembro de ninguém com problemas de droga, agora... Ou seja, as pessoas vendem mas são pessoas de fora que a veem comprar, não propriamente pessoas de dentro.

Po: Não, há assim pessoas. Não me parece que é que esteja como há 10 ou 11 anos atrás.

Pa: Parece-me que é mais a venda do que propriamente as pessoas envolvidas. Ainda existe. Mas é muita gente que veio de fora. Ainda continua a ser gente de dentro, mas a maior parte...

Po: Até porque há muita gente que vive aqui que eu não conheço.

Pa: Não conhecemos, porque veio muita gente do Aleixo e arredores.

J: Ouvi dizer que eles [os do Aleixo] foram muito recolocados na Pasteleira Nova, que acaba por criar mais problemas lá.

Po: Eu a Pasteleira Nova não conheço.

Pa: O foco grande [de droga] é agora lá [na Pasteleira Nova].

C: Ai é?! Aquilo tem um aspeto... Eu nem fazia ideia que aquilo era um bairro.

Pa: Porque aquilo inicialmente seria para venda, só que depois houve uma vereadora que começou a fazer negócio com aquilo e então...

Pa: Mas aquilo ali [na Pasteleira Nova] porque se reparar, quando desce pela estrada nova [ligação Rua Diogo Botelho e Rua do Ouro (marginal do Rio Douro) – Rua Dom Pedro Meneses e Rua de Aleixo Mota] tem umas casinhas pequenininhas.

Po: Mesmo em frente à BP.

Pa: Mesmo em frente à BP, portanto, no Fluvial. Essas casinhas foram também por concurso da Câmara, e as pessoas compraram. E aquilo era ótimo. Nós temos um primo que morava lá, e na altura começaram a construir. Eu na altura até lhes disse: ‘Vocês apressem-se a vender isto que eu acho que isto vai ficar...’

Po: Ou seja, tinha todas as condições para ser uma zona muito agradável...

Pa: Essas casinhas são muito giras. Algumas até têm terraço. Mesmo giras. E as pessoas têm muito gosto, fazem jardins, e depois tapam aqueles terraços. E o nosso primo – é um primo do Pedro – vendeu numa altura boa, porque se não depois não ia conseguir. Esse bairro aí, trouxe muito mau ambiente para a Pasteleira porque eram muitos ciganos.

Po: Esta zona do bairro era uma zona fantástica, embora seja um bairro social.

Pa: Nós íamos muito lá aquele sítio, convivíamos muitas vezes.

Po: Era agradável viver no bairro. Entretanto muita coisa mudou. Mas entre finais dos anos 70, início dos anos 80, era muito porreiro. Havia bom ambiente, havia camaradagem, havia associativismo.

Pa: Isso mudou tudo. E o fato de também fecharem as varandas acabou por também as pessoas, cada uma, se meter um bocadinho em sua casa. Eu acho que eles estavam a tentar evitar conflitos e foram criar ainda mais

## **Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

conflitos, eu acho.

J: Quais foram as principais vantagens das marquises?

Pa: O que eu acho é que cada pessoa tem mais privacidade. E mais, porque cada um começou a fazer, por exemplo, os cantos acho que foi por aí. A minha sogra [que vive num ‘canto’ da tipologia varanda corrida] tinha possibilidade de fazer ali uma marquise, o outro não. E então o bairro começou a ficar descaracterizado, alumínios diferentes, fachadas diferentes. Por exemplo, a marquise que foi colocada na minha mãe foi colocada pela Câmara porque tem de ser tudo igual. Piorou, a obra não foi bem-feita, a minha mãe tem imensos problemas de infiltrações. Eu acho que foi também para não descaracterizar e não entrar no bairro... Porque é assim, se entrarmos num sítio e virmos tudo com uma coisa diferente, não é?! ‘O bairro está com mau aspeto’.

Po: A questão é esta... (pausa) E aí, infelizmente, (pausa longa) há muita gente no bairro que não merece ou merece muito pouco. Porquê?! Porque se cada um deles – eu digo deles, porque no fundo eu já não estou no bairro, tenho os meus pais tenho os meus sogros mas... – Cuida-se das coisas, do bairro, eu acho que até daria uma imagem diferente...

Pa: Sim, até porque o bairro foi pintado e passado pouco tempo já estava cheio de graffitis, mas daqueles graffitis só para chatear, só para sujar.

Po: A ideia, na minha opinião, é uma ideia interessante. Nós no nosso prédio, se quisermos pôr uma marquise, temos de pedir autorização ao condomínio, certo?!

Pa: Sim. E ali as pessoas faziam um bocadinho á sua vontade, e acho que foi esse o objetivo. Não descaracterizar, não ficar com mau aspeto. E também a privacidade.

Po: Depois havia aquela janela aos quadrados, depois... quer dizer.

Pa: O alumínio preto, depois veio a moda do alumínio escuro... e as pessoas, pronto.

J: O que eu queria perceber era também, a antiga caixilharia mantém-se, não se deita abaixo, e o espaço [interior] acaba por perder luz, ventilação...

Pa: Nesse caso foi, porque há pessoas que deitaram abaixo, por exemplo a minha sogra não o fez...

Po: Mas em contrapartida, no Inverno é bem mais agradável.

Pa: É. Porquê?! Porque aqui corta um bocadinho o frio, porque as casas acabam por ser umas casas geladas, com humidades.

Po: Enquanto nós levávamos com vento nas janelas, nas portas. Aqui ao menos tem marquise que também já ajuda...

Pa: Há pessoas que tiraram esse tal muro, também. Nessas, de varanda corrida. As do meio não, mas as pessoas do canto conseguem tirar, tiram o muro e as janelas e então entra uma luz mais direta. E depois fazem uma continuidade da sala... Que eu acho que há pessoas que fizeram isso. Porque os cantos têm essa possibilidade, e de arrumação e de isso tudo.

Po: Resumindo, tem vantagens e tem desvantagens, como tudo na vida. Eu acho, muito honestamente, que teve mais vantagens.

Pa: Há pessoas que pensam que podem fazer ‘eu quero, posso e mando’ e fazem tudo e ‘o vizinho não tem de estar a dar opinião sobre a minha

varanda, o que é que eu ponho ou deixo de pôr', independentemente de tu teres de passar por lá.

Po: Teve uma coisa muita má, sabes o que é?! Vou-te explicar... Imagina, a minha mãe vive no canto, e tem a vizinha. E às vezes é muito complicado nós passarmos à porta da vizinha da minha mãe. Por causa de cheiros... Isso é uma grande desvantagem.

Pa: A tua sogra teve de fazer queixa, por exemplo. Porque ela tem a varanda cheeeia de coisas, e às vezes para passar era quase impossível. E depois com a minha filha, como ela estava lá [em casa da avó] começou a ter medo. Armários com bicos e isso. Mas há muito disso, independente de ser bairro ou não, há sempre pessoas mais limpas e outras não.

Po: E os cheiros todos concentravam-se ali. E muitas vezes – isto é verdade! – Nós para passarmos, eu que tenho um nariz muito sensível, passava assim (sustem a respiração) até à porta da minha mãe. Isto é verdade, isto é verdade.

J: Mais uma vez, a cozinha está virada para a sala, a sala está virada para a varanda.

Pa: A cozinha dela [da vizinha], parece-me a mim, que é ampla. Eu acho que ela mudou.

Po: Não sei, não faço ideia. Mas criou esse tipo de problemas.

Pa: Mas se se fizer queixa à Câmara, eles vêm tirar fotografia e obrigam as pessoas a tirar e voltam lá para fiscalizar. Agora, ela já voltou a meter coisas mas também não está a tapar assim muito.

Po: A minha mãe houve ali um período com muitos problemas.

Pa: Por exemplo, houve uma altura que ela tinha cá fora um pilha de gás. E não pode, numa varanda fechada a dar o sol. Imagina o que é haver uma fuga e explodir. Se fores visitar uma dessas casas também de apercebes.

Po: Mas Joana, tu queres vir ao bairro a gente guia-te, nós mostramos-te. E eu vou pesquisar nos arquivos umas fotografias, para tu veres.

(combinações sobre possíveis visitas ao bairro. Pedro fala de um desenho/planta do bairro que fez na primária, que talvez possa ter em arquivo (não me foi fornecido esse desenho, apenas fotos antigas). Joana explica a necessidade/possibilidade de estudar, para além da casa da mãe do Pedro, a vizinha, para perceber o contexto do conflito que se cria no espaço de partilha dos proprietários. Pedro diz que 'Então não é boa ideia' (risos))

J: Há a necessidade de perceber o porquê, as motivações da vizinha, para usar aquele espaço daquela maneira.

Pa: Mas isso, as coisas que ela põe cá fora de casa, são coisas básicas, que é calçado, sapatilhas, armários vazios onde ela não tinha nada, mas não se queria desfazer das coisas. (risos) Por exemplo, cheiros de frutos, na casa dela, nota-se muito, na minha sogra não sinto. Mas tem muito a ver com a tiragem, com as pessoas fazerem, é um bocado isso... Tu vais perceber quando passares naquele corredor, as coisas que ela tem cá fora e vais perceber logo o porquê.

Po: Joana, e eu digo-te isto, tu podes comer no chão da minha mãe. Só aí tu tens noção do que nós estamos a falar. Do que é que eu estou habituado e do que é que eu não estou habituado.



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

Pa: Ela mete cá fora principalmente calçado, e depois a minha sogra apercebeu-se que ela tinha armários vazios, é daquelas pessoas que não se desfaz. Que gosta de amontoar.

Po: E as relações entre nós não foram muito boas, precisamente por causa dessas situações.

Pa: A tua mãe [Pedro] não fala com ela por causa disso. Porque depois a Câmara interveio, e por muito que não digam quem é que foi que fez queixa, mas quando tu chamas alguém quando é de ‘tirada’ [sequência] só pode vir dali [da vizinha].

Po: Mas vamos ver uma coisa. ‘A mãe deste gajo é tinhosa’, não, não é isso.

Pa: É o mínimo de respeito pelo outro. E aconteceu com muita gente, houve guerras muito grandes entre as pessoas. Porque antes das varandas não serem fechadas as pessoas não podiam ter nada, só as do canto, um armariozinho.

Po: Tens ali 15 pares de sapatos, com todo o respeito, mas...

Pa: O sol bate ali, o espaço está fechado, lógico que vai criar cheiro, por muito que até sejas higiénica e não sejas... Quer dizer.

Po: Por isso, é como te digo, não é boa ideia... [haver contato com a vizinha] (risos)

(conversa sobre o pai da Joana e sobre alcunhas das pessoas do bairro)

Pa: Aliás, acho que aqui também tem [no livro ‘Pasteleira City’] Olha, o Sr. Almeida! O dos cavalos, era ali dos quintais.

Po: Onde tem aqueles dois prédios eram um lavrador, há muitos anos atrás. (aponta para os prédios ao lado do último bloco a poente, o bloco 24)

Pa: E tinha cavalos.

J: Ouvi dizer que aqui se fazia motocross.

Po: Era era, sim.

J: Era onde exatamente?

Po: Era nesta zona. Isto aqui era tudo pinhal. Estamos a falar em finais dos anos 70.

Pa: Este [Continente] Modelo foi feito há pouco tempo também.

Po: Isto aqui... Estas casas custam muito dinheiro. Isto era tudo mato.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

Po: Nessa altura, os miúdos não se misturavam com os graúdos. Havia aquele respeito. Havia os mais velhos e os mais novos.

Pa: (...) Eles [o padrasto da Patrícia e os irmãos] vieram de São Victor.

Po: A minha mãe [Raquel, 60 anos] veio para o bairro em 60 ou 61.

Pa: Nós vamos lá daqui a pouco e também já perguntamos se se lembra do ‘Naná’ [alcunha do pai da Joana] e do ‘Foguete’, talhante [alcunha do avô da Joana].

(risos)

Po: Às vezes é mais fácil nós identificarmos pelos apelidos do que propriamente pelo nome próprio.

Pa: Muita gente antigamente o sítio onde comprava coisas era no Bom Sucesso. Era o mercado onde as pessoas iam. E o Bolhão. Mas eu acho que a Pasteleira era mais o Bom Sucesso.

(combinações sobre data e hora. Troca de contatos. Empréstimo do livro

‘Pasteleira City’)

Pa: Ele agora lançou um livro das tasquinhas do Porto, até deu o outro dia na TV.

J: Ele ainda vive aqui no bairro?

Pa: Vive, com a mãe. Ele [autor do ‘Pasteleira City’, Simões] trabalhava nos CTT, e depois andou a estudar. Ele dá aulas.

Po: O tipo que escreve as músicas para o Rui Veloso, por exemplo, o Carlos Tê era daqui do bairro. Só para vocês terem noção que a Pasteleira também tinha gente boa, e era um bairro bom e essas coisas todas.

(veem no livro ‘Pasteleira City’ uma foto do Carlos Tê e do Simões)

Po: Eu tenho muita pena em fazerem estas coisas. Às vezes nós criticamos ‘Ai, a Câmara não faz nada e não sei quê’, eles acabam por pintar o bairro e depois tens disto (aponta para uma foto no livro, de um graffiti numa parede no bairro).

C: Isso é em todo o lado.

Po: Sim, mas não é com este tipo de pessoas que eu me identifico.

(fala de uma visita anterior ao bairro onde um morador, João Lopes, falava e chamava a atenção para outros moradores que estavam próximos como gente de outro nível com os quais era difícil conviver, mas que se tinha de respeitar)

Po: Há uma coisa que eu te garanto. Estás comigo no bairro, estás com deus. Ninguém te faz mal. (risos)

(novamente combinações sobre data da visita e explicar os objetivos do trabalho de investigação)

J: Entrevistar os moradores do bairro, neste caso entrevistar os seus pais, e perceber como é que eles vivem na casa. Se a casa precisava de teoricamente adaptar-se mais às vivências deles ou se está bem como está. Perguntar à sua mãe ‘Então e como é que costuma usar a cozinha?’.

Po: A minha mãe utiliza mesmo muito a cozinha, e cozinha muito bem também. (risos)

J: Lá está, se calhar vai ser o espaço onde ela está mais. Se calhar é espaço-foco.

Pa: A miúda [filha do Pedro e da Patrícia] o espaço onde está mais é na varanda.

Po: Com o tablet a jogar.

Pa: Ou na sala com o tablet. Mas a minha sogra é a cozinha e a salinha de estar.

Po: Que é onde ela vê televisão. A Carolina se calhar ocupa mais a casa. Mas agora ali os dois [mãe e pai] também é... Mas de qualquer forma vamos a minha casa, perguntas o que tens de perguntar.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira



JULIANA E ANDRÉ  
63 e 61 anos, respetivamente

(inicia a gravação após conversa inicial)

A [André]: Era a comissão de moradores...

J [Joana]: De moradores, não é?

A: De moradores. E conseguinte, vieram a descobrir que na comissão de moradores havia um que fazia falcatruas, trocava... ou vendia a chave por troca de dinheiro. Veio ao conhecimento da Câmara.

J: Mas cada bairro tinha uma comissão de moradores ou era geral?

A: Não, cada bairro tinha uma comissão de moradores.

Jul [Juliana]: Tinha uma comissão. De moradores.

A: É como se fosse uma fiscalização. E assim um dos indivíduos que pertencia a essa comissão em troca de dinheiro comprava chaves à Câmara. Se eu pretendesse uma casa tinha de dar “1 X”, uma importância em dinheiro, ainda não era o euro, era o escudo, ficava por uma média de 20 contos, vamos supor, ou mais até, o que eles quisessem exigir, o...

J: Para ter só a chave?

A: Só para ter a chave para ter direito à casa. Era uma dificuldade muito grande para arranjar uma casa camarária.

J: E depois não se escolhia, não é?

A: O que se pretendesse a casa, ficava e comprava a chave. Portanto, isso era ilegal, era mesmo ilegal...

J: O que eles faziam?

A: O que eles faziam, sem conhecimento de camarário. Uma ocasião, quando aconteceu isto da Zezinha entregar a chave ou a casa à Câmara, os da comissão de moradores vieram-nos aqui, que a gente já estava aqui a morar. E deram-nos um prazo de 15 dias para sair daqui e eu assim, não, daqui não saio, era a Manuela e a Sofia pequeninas...

Jul: Eram pequeninas.

J: Ai a Sofia entretanto já tinha nascido também?

A: Já, sim senhora.

Jul: Já, já tinha...

A: Tratamos da papelada, fomos à Câmara pedir autorização, sim senhor, receba uma resposta pelo correio. Entretanto, esse Álvaro antecipava-se para dar o aluguer..., ele fazia tudo por tudo para criar... que ele...

J:...dessa tal comissão...

A: Sim, dessa tal comissão.

Jul: A Câmara medicinal...

A: Municipal, sim, ainda é do tempo da Câmara Municipal. Agora dá-me a sensação... Domus...

J: Domus Social...

Jul: A gente ia lá pagar, fomos a levantar o recibo, mas depois...

A: Já estava comprado, o recibo já estava comprado.

Jul: Já estava comprado.

A: A Câmara veio a descobrir que a comissão de moradores estava a fazer falcatrua. Aquilo que...

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Mas então, vocês pagavam à Câmara e ele pagava à comissão, é isso?

A: Não, nós íamos à Câmara, mas ele antecipava-se, ele antecipava-se...

J: Já percebi...

A: Ia à Câmara pagar pelo meu nome, ele... adquiria o meu nome, para ter a casa.

J: Mas ele não estava cá, vocês é que estavam cá, não é?

A: Nada, nada.

J: Pois...

A: E então a Câmara veio a descobrir que ele estava a fazer falcatrúas, estava a comprar casas ilegal...

J: Sim, sim...

A: Estás a entender? Por meio de dinheiro... E então ele foi-se embora, foi expulso da comissão de moradores e nós viemos para aqui. Até hoje.

Jul: Quer dizer, o que estava, o que era da comissão de moradores. Agora aqui o António já é outro caso...

A: É outro caso. O senhor António, que é o teu pai...

Jul: Não é o pai, é o avô... primo, primo!

A: Não, o home da Zézinha, carago...

Jul: Ai o pai, avô...

A: Avô, pronto, faço confusão, o teu avô foi diretamente à Câmara ceder a casa pra nós, pra nós, e eu tive de escrever o meu nome e reconhecer a minha assinatura pra ficar legal. Só a comissão de moradores é que não estava a fazer as coisas como eram legais, em troca de dinheiro ele arranjava casas às outras pessoas. A Câmara sabendo que aquilo não era legal, expulsou-o, e ele ameaçou-nos a nós e quem foi embora daqui foi ele e nós continuamos, até hoje. Já vai pra 50 anos.

Jul: Mas, 50 não, ora bem...

A: Então, a Sofia tem 40...

Jul: Eu, eu é que já moro aqui...

A: Ela é que mora aqui há mais tempo.

Jul: Eu é que fui criada aqui, na casa da Zézinha, tem 55 anos...

A: À volta disso...

Jul: Tem 55 anos, exatamente, eu é que fui criada aqui. Vim pra aqui tinha para aí oito anos, mais ou menos. E então...

J: Veio de onde?

Jul: Vim da Sé, também, porque a minha tia era vizinha da Zézinha, lá, com a avó, a Zézinha morava num sítio e ela morava noutro.

J: Então foi também quando abriram a avenida da ponte?

Jul: Sim, foi quando a gente veio para aqui, foi quando houve aquela... E então, depois, nessa altura eu é que fui criada a bem dizer aqui, fui criada... fomos todos criados, não é? E depois então casei, casei e saí, mas depois tornei.

J: Que idade tinha quando saiu daqui?

Jul: Tinha 23 anos. Saí, mas foi por pouco tempo, foi pra aí...pra aí três anos.

A: Não senhor, um ano e meio.

Jul: Um ano e meio, mais ou menos.

A: Fomos para Fânzeres.

Jul: Foi porque a minha filha veio na altura...

A: A Sofia veio na altura do 25 de Abril, em 74, veio... nasceu! Deu-se o 25 de Abril, estávamos a morar em Falcão, na Corujeira. Agora é fazer as contas, de 74 para cá, já lá vão 40 anos.

J: A Sofia nasceu aqui, pois, não é?

Jul: Não, não nasceram, elas não nasceram aqui. Vinha..., a Manuela, vinha... que veio na alcofinha, tinha meses e a outra vinha com um ano e pouco, é diferença de um ano uma da outra, é diferença de pouco tempo. Foi um espaço de muito pouco tempo que a gente esteve ausente.

A: A Sofia é mais velha, claro.

Jul: Mais velha um ano.

J: Foi nessa altura veio de Fânzeres para cá...

Jul: Sim, foi nessa altura. Agora já moramos aqui, depois da Zézinha sair, já estamos aqui há 40 anos.

A: Há mais...

Jul: Há 42, vá, que seja.

A: Há mais...

Jul: Sim, não, não, há 40 anos.

A: Só? Acho que foi mais...

Jul: Não, senhora, não, não pode ser, não pode ser.

A: Mas pronto, seja 40 anos...

J: A sua filha tem 41, não é?

Jul: Tem 41, vai para 42.

J: E passa a correr, não é, este tempo todo?

Jul: Passa. Passa a correr.

A: Passam a correr, lembro-me perfeitamente.

Jul: Está tudo a correr, está, de maneira que o tempo passa. E foi assim o nosso tempo passado, aqui.

J: Isso foi o início, não é?

Jul: O início, exatamente, no início.

A: Na altura ainda não vinha pra aqui o autocarro, ainda existia o troleicar, só parava...era a zona, parava...aqui em Lordelo, lá em cima em Lordelo...

Jul: Pois, era em Lordelo.

A: Onde tem o centro comercial, no Campo Alegre...

J: Ah, sim...

Jul: Onde tem o hotel.

J: O Ipanema.

A: O Ipanema, era aí era aí que parava os tróleys.

Jul: ... O trol, dantes era o trol.

A: Depois apareceram os autocarros, de dois andares, que agora já estão aí outra vez, a circular...

Jul: E o elétrico era daqui lá cima, a Marechal...

A: E nós pra apanhar o carro tínhamos de ir...

J: O elétrico?

Jul: O elétrico, era o elétrico, não havia autocarros, era elétrico, que havia...

J: Pois, porque a avó, lembro-me de a avó contar que era esse que apanhava para ir para o mercado do Bom Sucesso.



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

A: Exatamente.

Jul: Pois, era, tínhamos que apanhar esse, ou ir a Lordelo ou ali lá em cima, a todos...

J: E para baixo tinham que cortar o pinhal, porque ainda não existia...

A: Sim, era tudo campos de lavradio, era tudo campos de lavradio, onde fizeram essa estrada, não existia rente ao muro, por aí abaixo era tudo campo de lavradio. Tudo bouças, tudo bouças...

Jul: Isto não existia. Era tudo vadio, não era nada...

A: E até tinha uma mina, o teu avô, ainda ontem estivemos a falar disso...

J: Uma mina?

Jul: Uma mina de água...

J: A sério?

A: Sim. Água boa, água potável, mesmo...

Jul: Lavávamos lá coisas, tinha assim a espécie de uma coisinha...

A: No Verão ia-se buscar água fresca, muito boa a água. E as pessoas iam para lá tomar banho, havia fatos de banho para toda a gente e ficávamos a ver as mulheres a lavar.

(risos)

Jul: Tinha uma bicazinha... e depois tinha assim a espécie de uma coisinha, há pessoas que iam lavar pra lá, eu cheguei a lá ir.

A: Deitava muita água...

Jul: Eu gostava de estar ali a lavar, oh meu Deus, se gostava...

A: Deitava muita água lá... Ui!

J: Mas e agora não há nada disso...

Jul: Não, agora não, agora fecharam aquilo, fecharam aquilo. Porque fizeram os bairros não é? Fizeram os bairros...

A: Porque quando começaram a fazer o bairro, botaram logo... Portanto, não houve cuidado nenhum, porque ainda hoje podia existir ao menos um fontanário, vá, podia existir, porque ali tinha muita água, tinha muita saída para, aqui era tudo cheio de veios de água, aqui fora e por aí porque adiante do Pinheiro Torres, tem um rego e os despejos das antigas fábricas iam ter a esse rio por aí abaixo, que vai lá baixo ao Fluvial, não sei se tem reparado, tem lá uma saída de águas...

J: À beira do Fluvial?

A: Sim, sim.

J: Do lado do...

A: Do lado do rio, claro. Do lado do rio tem uma saída de águas, sim, sim, tem uma saída de águas.

J: Tem um miradouro com pássaros...?

A: Exato, exato. E tem aqui, aqui em baixo, mais acima um bocadinho, um ETAR, que é aquele tratamento de águas residuais, residuais...

J: É no parque, não é?

A: Não, portanto, tem aqui uma descida, descemos aqui o parque Pinheiro Torres para baixo, do lado direito tem o centro comercial, até tem o Fluvial, o Clube do Fluvial e na parte de cima tem o centro comercial Pingo Doce e tem o ETAR, logo pegado, no passeio.

Jul: À beira do Fluvial, tem o..., dentro de onde está o balneário, essa coisa...

A: Aí, tem uma piscina.

Jul: Tem uma piscina.

A: Tem uma piscina camarária.

Jul: E tem o Corte Inglês, tem um centro comercial.

A: Não, não, isso é mais abaixo, o Corte Inglês é mais abaixo, é aqui já, se formos pela estrada...

Jul: Dentro da piscina, dentro da Piscina do Fluvial tem lá dentro o género de um centro comercial, e tem a piscina e tem lá umas casinhas dentro.

A: Juliana, não estou a falar disso, não confundas...

Jul: Está bem.

A: Que a piscina de que estás a falar é no outro lado da estrada, o ETAR, o ETAR é aqui em baixo.

J: Mas quê, para o lado da Rainha D. Leonor, então...

A: Exatamente, exatamente.

Jul: Sim, é isso.

J: Mas tem um El Corte Inglês, não sabia que tinha aqui...

A: É o Corte Inglês, mas é um centro comercial muito pequenino, tem coisas de casa.

Jul: Mas tem um Corte Inglês, tem, tem ali um Corte Inglês, eu por acaso nunca lá fui, mas é um género de centro comercial onde tem um supermercado, mas tem ali, eu nunca lá fui, e tem várias... aquilo é muito pequenino, mas tem secções de coisas, de...

A: É tudo muito pequenino, meia dúzia de estabelecimentos.

Jul: É, mas tem ali, coisas ali... De maneira que, foi assim a vida aqui...

J: Mas então, o meu trabalho também tem a ver, principalmente, na casa, na habitação, e perceber como é que as casas mudaram ou não, e como é que as pessoas mudaram os modos de vida, a família cresceu, a família diminuiu, as pessoas saíram de casa, entraram...

A: Hum hum...Muita gente saiu daqui, muita gente, muitas já faleceram... sim, porque isto é um bairro muito antigo, o bairro da Pasteleira, o bairro da Dona Leonor e assim...

Jul: Este é o mais antigo, este...

A: Este, o bairro da Pasteleira foi um dos primeiros bairros que se fizeram cá no Porto

Jul: Está a fazer 60 anos, já...

A: Este bairro da Pasteleira e um bairro lá em cima, chamam-lhe a rua Duque de Saldanha, ao pé do Prado de Repouso, foi dos primeiros bairros que se fez, camarários, na cidade do Porto, ou este é o primeiro ou o segundo...

J: Este é um dos maiores...

A: Não sei se é um dos maiores, não sei, mas sei que é um dos primeiros.

Jul: Este é um, é dos primeiros.

J: Mas, por exemplo, vocês lembram-se que por exemplo, a vossa casa deve ter mudado ao longo do tempo, porque vocês precisavam de mais uma cama para as meninas ou...

A: Não, não, quer dizer, a única coisa que mudou aqui na casa foi aqui a marquise e o quarto de banho... porque a marquise...

Jul: No tempo da avó, não existia... era uma varanda, género de uma

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

varanda mesmo.

A: Uma varanda.

A e Jul: Com grades.

A: A Câmara é que fez a...

Jul: A Câmara é que fez a moldura, a montagem do que está, há pessoas aqui, a Glória tirou isto aqui...

A: Tirou o muro...

Jul: A Glória tira o muro, pronto. Sim, tirou.

A: E a caixilharia, vá...tirou esta parte daqui, esta é a original.

Jul: Esta é o original. Não tirei nem tiro, agora a família é pequena, não é, já foi maior, e agora, deu até aqui, também agora não interessa mais, não é? De maneira que nós fizemos isto, não fizemos mais nada, fizemos umas obras na casa de banho, mas não fizemos mais nada. O quarto delas mantém-se, que era o quarto do Naná, não sei se já vistes, mas é aquele quarto, era o quarto dele.

A: E ainda é o quarto original.

Jul: Está arrumado, podes vir ver, é o quarto que, está às vezes a gente tem aqui as coisas, às vezes as minhas netas vêm pra aqui.

J: Brincar, não é?

Jul: É, brincar, gostam muito de brincar aqui, neste quarto, eu...as fotografias delas.

J: Dá muito jeito ainda por cima a cama é assim baixinha, para elas saltarem para cima...

Jul: Sim, elas gostam... Ui! Este era o quarto delas, das minhas filhas.

J: E sempre foi assim organizado, o quarto?

Jul: Foi sempre assim, elas dormiam as duas, cabem as duas, não é, e foi sempre assim, nunca me desfiz...

J: Aqui sempre foi o quarto das filhas, então.

Jul: Sim, foi o quarto delas e era o quarto do 'Naná'.

J: E já tinha estes armários e assim...

Jul: Sim já tinha aqui tudo, sim, pus na altura em que precisei, foi na altura, mas mantenho o quarto delas, é antigo mas olha, é delas e eu não me desfaço...

J: Ah está muito jeitoso assim.

Jul: Não me desfaço delas, porque é o quarto das minhas filhas, não é, agora é das minhas netas. Elas vêm aqui...

J: Sorte a delas...

Jul: As minhas netas são estas...

J: Ah, já são grandes, afinal, eu a achar que eram pequeninas...

Jul: Pois já, já tem 15.

J: Que giras, 15 é a mais velha?

Jul: É esta, já vai para 15 agora.

J: Assim parece muito mais, aliás, não é?

Jul: Esta é a Isabel e esta é a Fabiana.

J: Que giras... e quais é que são irmãs, são estas duas?

Jul: São as três, são as três irmãs.

J: São as três? Acho que estas são muito mais parecidas que a Isabel...

Ligeiramente diferente... que giras, são mesmo giras!

Jul: São elas, são as minhas filhas!

J: Esta é a mãe?

Jul: É, é esta.

J: Ai é esta? Que engraçado!

Jul: Esta é que é a mãe do Sebastião.

J: A mais velha era muito parecida com a sua filha, não é?

Jul: É, é, com a Manuela, é. E eu acho esta, esta é parecida comigo, esta, a mãe delas, das três.

J: Sim, é, é, é parecida consigo, é. Que giras! E a Isabel se calhar é a mais parecida consigo, não?

Jul: Não sei, há quem diga que é a mais velha.

J: O olhar... A mais velha?

Jul: São estas, olha, está aqui, está tudo...

J: Que giras (risos), que giras! Só meninas...

Jul: Vêm logo jantar, já disseram que vinham aqui jantar logo. Esta é a minha filha quando teve o Sebastião, a Manuela quando ela veio para aqui.

J: É o menino da família, não é?

Jul: É o menino, é, Sebastiãozinho, o meu menino...

J: Agora já tem que idade?

Jul: Tem um ano e meio... dois anos e meio.

J: Está mais ou menos assim, não?

Jul: Sim, está aqui, é esta fotografia!

J: (risos) Tão contente que ele tá!

Jul: Agora é essa, agora é essa fotografia.

J: Que giro!

Jul: São as minhas filhas, tem aqui as fotografias delas.

J: Quando as fotografias ainda eram a preto e branco, não é?

Jul: Eram a preto e branco, eram.

J: Que giro!

Jul: Este é o quarto delas, elas de vez em quando vêm para aqui. Este é o meu quarto...

J: Mas sempre foi, também, sempre foi o vosso quarto?

Jul: Este era o quarto da avó, este era o quarto da avó.

J: É grande, este, é mais espaçoso, não é?

Jul: É, este era o quarto da avó.

J: E sempre esteve organizado assim, também?

Jul: Organizado...?

J: Sei lá, a disposição das coisas...

Jul: Sim, sim, sim, tudo mais ou menos, sim, sempre foi assim. É o meu quarto (risos)

J: Bem, está muito bem, muito espaçoso, airoso...

Jul: Estas são as fotografias da minha filha quando casou, a primeira... a segunda! A Manuela.

J: A Manuela...

Jul: E de maneira que a casa mantem-se assim, a marquise você já viu... Já vistes, querida? Estou a tratar-te por tu...



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Sim, claro...

Jul: Olha, vês?

J: Mas vocês ainda tinham isto como varanda, antes?

Jul: Sim, isto aqui era uma varanda mesmo, era uma varanda... agora é que pôs isto, agora precisa de ser...

J: E antes o que é que fazia aqui e depois, o que... como é que utilizava este espaço?

Jul: Utilizávamos mas... era ao ar livre ...

J: Era mais complicado?

Jul: Era assim mais complicado, pois, entrava a chuva e assim, mas depois houve muita gente que tapou, (olhando pela janela para o outro bloco) aquelas são diferentes, estas casas, são incluídas, são as cozinhas juntamente com a sala, estas, são diferentes... Estas são... p'ra mim são as melhores.

J: Já fui a uma daquelas, também.

Jul: Para mim são das melhores, pra mim é das melhores, estas.

J: Então o que é que acha?

Jul: Pra mim é das melhores.

J: Porque é que acha isso?

Jul: Porque tem a cozinha separada e casa de banho, enquanto que ali não, a cozinha, a cozinha, perto da coz... a casa de banho perto da...da cozinha, e... a nossa pra mim está mais bem dividida, esta, é muito mais jeitosa esta, pra mim é, pronto.

J: Hum hum, e agora...

Jul: Esta era a casa da avozinha.

J: E agora, dá para estender a roupa...

Jul: Dá, dá, dá perfeitamente.

J: E seca aqui muito bem, não é?

Jul: Seca, nem ponho lá fora agora porque não vale a pena.

(vozes)

A: Eles puseram esses escórregos (escorredouros) em baixo.

J: Era isso que eu ia perguntar, não usam?

A: Aqui não precisa. Poi não.

Jul: Isto era o quarto da Lisa.

J: Ai que bem...

Jul: Olha aqui, isto é das minhas filhas, a minha filha que estava no estrangeiro tem tudo aqui, tudo dela, bem...

J: É o quarto das arrumações?

Jul: Mas isto é tudo, muitas coisas, louças e...

A: É louças e roupas...

Jul: Não, roupas aqui não está, roupas está noutro sítio. Aqui é só tudo louças...

J: Mas dá-lhe jeito então ter este espacinho?

Jul: Sim, sim, pois tem coisas dela. Dela, da outra não, é só da Manuela, que está no estrangeiro, tem de ter aqui o recheio de louças, está tudo cheio de louça, serviços de jantar...

J: É os arrumos...

Jul: Serviços de jantar estão ali dentro, está tudo aqui, que a minha filha não levou nada disto.

J: É sempre bom ter um espaço assim, não é, sempre tralha para arrumar...

Jul: É, e está assim, olha...

J: Mas sempre foi aqui assim, os arrumos?

Jul: Sim, sempre foi aqui.

J: Não usava este espaço doutra maneira?

Jul: Não, já tive aqui uns sofás, tinha aqui uma salita mais bonitinha, mas nem vale a pena, desfiz-me dos sofás que tinha, tinha um terno, um grande, e dois pequeninos, agora optei por este e acabei com os outros e a gente...

J: Tinha aqui os sofás mas não os usavam, não é, estava mais na sala, é isso? E agora, ah, tem o computador, costuma vir para aqui trabalhar?

Jul: O meu marido é que vem.

J: E a tábua, é aqui que costuma passar a roupa?

Jul: É, costume, é, costume passar, tenho aqui a tábua é o quarto de estar aqui, agora a casa de banho, estás a ver, estou a referir-me na casa de banho, porque ali é diferente.

J: Pois, a casa de banho tem que se entrar na cozinha pra entrar na casa de banho lá, não é?

Jul: É, filha, é. Toma-se banho, ali, não é? Tem aquela coisinha...

J: Antigamente não era assim pois não?

Jul: Não, antigamente era assim e era aqui a sanitazinha. A sanita...

J: Ainda é, mas era fechada não é, aqui assim, ou não?

Jul: Era fechada, isto foi tudo abaixo, nós botamos isto abaixo, ainda tem aqui a...oh, entrou aqui água, prá qui isto agora tem de se arranjar, no inverno que passou caiu aqui água, quer dizer, foi assim, era mesmo aqui, e depois daqui deste lado era uma piinha que a gente tinha para lavar.

J: Ah ainda tinham a pia?

Jul: Tínhamos uma piinha, tínhamos uma piinha muito engraçada, onde a gente lavava.

J: E porque é que optou por mudar assim para isto, por esta solução?

Jul: Pronto, porque foi na altura... fomos nós mesmo que fizemos isto, na altura foi assim, nós quisermos modificar isto e...

J: Mas dá-lhe mais jeito assim?

Jul: Sim, sim, muito mais, nem se compara, agora já não se usa a pia, agora é máquinas de lavar não é, e na altura, pronto, foi um bocadinho, nós fizemos isto, nós fizemos isto, está muito melhor agora do que estava. Nem pensar...

J: Foram fazendo as modificações ao vosso gosto, não é?

Jul: Exatamente.

J: A máquina aqui...

Jul: A máquina aqui, tem de ser, não dá outro...

J: Claro.

Jul: A cozinha, a cozinha é esta.

J: Onde é que costuma passar mais tempo aqui na cozinha ou na sala?

Jul: Ah, é mais tempo (risos) na cozinha às vezes, na cozinha, a da avó era igual, não é?

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: O fogão é que deve ser diferente, não?

Jul: Pois, é diferente. Pobrezinho mas olha...

J: Pobrezinho, tem aqui tudo que é preciso, não é, Juliana?

Jul: Sim, mas pronto, dentro das possibilidades, não é? Agora nós, só os dois, chega, chega bem, não é, chega bem, nem vale a pena pensar mais e é assim...

J: Tem um quarto a mais, para quando as miúdas querem ficar cá, não é?

Jul: Elas ficam as três, não tem problema, elas ficam as três...

J: Gostam muito dos avós, não é?

Jul: Ui, são doidas...

J: Mas costumam passar aqui muito tempo, elas?

Jul: Costumam, não, não costumam passar aqui muito tempo, podem passar aqui dois dias, mas dois dias já ficam cheias..., às vezes num..., porque têm a casa delas com as coisinhas delas e aqui já não têm tanto, não é? Mas elas acham uma graça, aqui a esta casa, elas acham uma graça, gostam do quarto, gostam de dormir ali as três, dormem as três ali, como, não sei. A pequenina é pior, ela gosta de dormir do meio das duas...

J: Ai é?

Jul: Ui, elas lá se entendem, elas vêm hoje aqui jantar, telefonaram há bocado que vinham aqui...

J: Ainda ficam cá para amanhã, ah não, elas têm aulas...

Jul: Não, amanhã têm escola, têm que ter aulas.

J: Pois é, é verdade... aquele armário que tem lá fora o que é então?

Jul: O armário é onde tenho as coisas, os arrumos...

A: É os arrumos.

Jul: ...das limpezas ou assim...

J: É mais um sítio para arrumar, não é?

Jul: É, é, sim, mais um sítio para arrumar. Está a ver? (aponta) De arrumos, das coisas, e assim...

J: Dá sempre jeito, não é?

Jul: Dá sempre jeito.

J: E esta vista...

Jul: E esta vista aqui é interessante, não é?

J: Aquilo lá em baixo também não era assim antigamente, pois não?

Jul: Não, nada, nada, não era nada assim. Era tudo muito diferente, agora está...

J: E quando as suas filhas eram novas iam brincar lá para baixo, não?

Jul: Às vezes iam, às vezes iam brincar.

J: Lembro-me da avó dizer que o pai brincava mais do outro lado que era para ela conseguir ver da cozinha...

(risos)

Jul: Era, era, daquele lado, porque tinha a estrada, tem a estrada deste lado, e daquele lado era melhor pra gente ver. As minhas filhas também andavam aqui a brincar, também andavam, gostavam muito das escadas...

J: Ai gostavam de brincar nas escadas?

Jul: Era nas escadas, a Luísa gostava de estar a comer na varanda, às vezes, aqui nas escadinhas.

J: No patamar?

Jul: Era, era.

J: É engraçado.

Jul: A Luísa muito gostava de comer ali...

J: Mas tinha lá algumas cadeirinhas ou assim ou sentava-se nos degraus?

Jul: Dantes tínhamos umas cadeirinhas pequeninas, de madeirinha, elas tinham, mas achavam graça a...

J: Mas elas sentavam-se nos degraus também...

Jul: Sim, sentavam-se aqui nas escadinhas, achavam graça às escadinhas...

J: É agradável, também...

Jul: Mantém-se as escadas, e então, nós ali víamos, elas estavam a brincar, a gente via, não é, vê-se tudo para ali.

J: Hum... Aqueles estendais não usam, não é? O seu é aqui ou do outro lado?

Jul: É daquele lado, mas não utilizo muito, não vou ali, não vale a pena, só para os dois, a gente vai secando a roupa, não faço grande utilidade de arrumos...

J: É naquele ali, que estica e encolhe, não é?

Jul: É, é.

(Toca o telefone...)

A: Outra vez?!

Jul: Não se atende, deixa-se tocar.



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

RAQUEL  
60 anos

(inicia a gravação após conversa inicial)

J [Joana]: Estávamos a falar dos vizinhos, da vizinhança...

R [Raquel]: Mas é toda boa vizinhança, no meu bloco é toda boa. É sim, senhor... Até as que vieram, modernas e tudo, é tudo gente boa, por acaso é... Nem temos problemas nenhuns aqui no bloco.

J: Mas há outros que têm, outros blocos do bairro que têm?

R: Sim, há outros blocos lá para o fundo... Sim, eu às vezes vou à loja e é que ouço elas às vezes a dizerem, e mais p'ra 'li é que há assim mais um bocadito da droga...

J: Então aqui é bom...

R: É. Mas aqui este bocado até nem é muito barulhento.

J: É calminho... E tem muito espaço verde, muitas árvores e assim...

R: É, é...

J: Os meus avós... Já lhe disse que os meus avós viviam cá no bairro, neste bloco. Eles diziam que agora ainda é muito verde, mas antes ainda era muito mais...

R: Ai era muito lindo, o nosso bairro, era muito lindo. Esta parte aqui em baixo era tudo em chorões, era tudo em chorões, era tudo... os jardins aí com a erva era tudo jardinzinhos com flores e tudo. E nós não podíamos tirar uma flor. O fiscal vinha logo e a gente tinha que pagar 50 escudos. Era, nessa altura.

L [Luís]: Era muito dinheiro 50 escudos...

R: Era, nem podíamos andar em cima dos jardins.

J: Mas pertencia à Câmara então...

R: Sim, sim. Tinha o fiscal que era o fiscal da Câmara, que é que andava a ver.

J: Pois, há uns jardins, não sei se na altura já havia, que são de algumas pessoas que cultivam, não é?

R: Sim, sim, isso já são pessoas que fazem os jardins porque isto começou quando deixou de haver fiscal, isto começou a andar tudo assim, à balda, não é, e... nunca mais houve assim jardinzinhos como antigamente, nem nada.

L: Eles eram tratados pela Câmara, não eram?

R: Sim era a Câmara que vinha tratá-los. Era... tinha os jardineiros...

J: Ah, ok.

R: Era, era...

J: Deixaram de vir essas pessoas, as pessoas do bairro não cuidavam dos jardins, é isso?

R: Pois...

L: Começou tudo...

R: E é isso, depois começou tudo a andar assim à balda.

L: E mesmo neste espaço onde estão os estendais, então também já era jardim ou era estendal?

R: Aqui este bocado era... como se chama... do desporto... que tem assim

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

uma rede ao meio...

L: Voleibol.

R: Sim, sim.

J: Entre este e o outro?

R: Sim, sim, este aqui tinha quando nós viemos para cá.

J: O Pedro devia adorar, não é...

R: Já não é do tempo do Pedro.

J: É da sua filha?

R: Não, nem deles já não era.

R: E então depois acabou isso e depois aquilo foi... deitaram abaixo e os rapazes jogavam aqui a bola, que era um campo.

J: Pois eu lembro-me de a minha avó dizer que o meu pai vinha para aí jogar e ela da varanda da sala via-o...

R: Pois via.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

R: Eu estava em Braga porque vou aos fins-de-semana para a outra neta, tenho esta, depois tenho que ir para a outra... E depois a outra pouco me conhece... Eu tenho que ir p'ra lá p'ra ela me conhecer também.

J: Mas aos fins-de-semana nunca está cá então ou é fim-de-semana sim, fim-de-semana não?

R: Não, eu raramente estou aqui no fim-de-semana, só se realmente acontecer assim qualquer coisa que eu não possa ir é que eu não vou.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

R: Também gosto de ir p'ra lá e gostava de morar no sítio que mora o meu filho. Aquilo é muito bonito, muito limpinho, não se vê um papel no chão. Não se pode pôr o lixo depois das 6 horas, até às 10, que é quando passa o camião do lixo, depois já não podem pôr porque se lá tiver o lixo eles pagam multa, é diferente daqui, por acaso é muito bonito...

J: Sabias que tinha aqui um campo de bola aqui em frente?

R: Tinha, tinha, ao princípio quando nós viemos p'ra'qui, e os rapazes jogavam aí a bola, miúdos...

J: Estava a dizer que já não é do tempo dos seus filhos...

R: Não, do Pedro...e do Miguel... não é.

L: Mas lá em cima há um de futebol que não existia antes...

R: Há, há, no recreio da escola. (...) Nos blocos, em cima havia os coisos d'a gente brincar, era umas coisas assim em pedra, em cimento e a gente metia-se por ali dentro, depois tinha o parque em cima no Bloco 1, tinha o escorregão, depois entre, parece-me que era o 18 e o 19 tinha, a gente chamava-lhe a roda maluca, que era aquela coisa que a gente se agarra e anda assim, à roda...

J: Mas isso desapareceu rapidamente?

R: Desapareceu, ainda esteve muitos anos, já tivemos aqui atrás, aqui mesmo atrás e eles estragaram tudo. P'r'as crianças que tivemos aqui, eles estragaram tudo. Vinham de noite, tantas vezes que me chateeí, que eles vinham p'r'ali, assim, com o escorregão a balançar p'r'aquilo sair fora, ui, dão cabo de tudo, agora.

J: Agora menos mal, que há aqui o Parque da Pasteleira, antigamente era

só pinhal...

R: Era.

J: E o Parque está mais ou menos ajeitado, p'ra desporto e assim...

R: Está. Eles deitaram os barracos abaixo e agora ficou muito bonito aquilo, está muito bonito, p'ro que era está muito bonito.

J: E costuma ir lá com a pirralha?

R: Quando é assim no verão, vou. Agora assim no inverno, já 'tá assim frio, ela como vem do colégio já vem farta de brincar...

(corte na gravação - conversa sobre sem relevância para este trabalho)

J: Mas é um bocado isto que estávamos a conversar, do bairro, e algumas coisas que não falamos mais ligadas à parte mais privada. Nós falámos da parte que toda a gente usa, não é, toda a gente do bairro e também as pessoas que não são do bairro que usam, mas o que eu também gostava de perceber melhor é como é que as pessoas usam a habitação, a casa, ou seja quando você entra da porta para dentro que é só seu esse espaço e de forma esse espaço era diferente de como é agora.

R: Claro que era diferente porque antigamente não havia a marquise, não é, e a gente... Nem tinha o portão lá em baixo, era tudo amplo, não tinha nada, era tudo aberto, nós subíamos as escadas, vínhamos por aí fora e era a varanda, tínhamos os arames na varanda p'ra estender a roupa e era assim.

J: Por falar nisso, eu trouxe-lhe as suas fotos e nas fotos dá para ver isso muito bem.

C: E não era perigoso, não sentiam assim mais insegurança por ser tudo aberto?

R: Não, não é como agora, acho que temos mais medo agora do que quando aquilo era aberto.

J: Mas então porquê?

C: Porque as pessoas eram diferentes, era quase uma família...

R: E agora não, agora não.

J: As suas fotos...

R: Vou buscar os óculos...

(Conversa sobre sem relevância para este trabalho)

R: Antigamente era assim, a gente tinha assim as cordas, agora põem os estendais, mas tiram, algumas, outras deixam ficar, também. Mas isto era tudo muito bonito, esta parte aqui era tudo jardins.

J: (aponta para outra fotografia) Isto não era assim, era gradeamento, mas entretanto ficou assim, não é D. Raquel? Só depois é que puseram as marquises?

R: Foi.

J: Entretanto, fecharam ou não?

R: Ora bem, isto...

J: Ora veja ( aponta para as fotos). Ou era intercalado? Ou era metade grades?

R: Era, por exemplo, isto aqui, eu aqui... parece-me que já tínhamos isto...

J: Eu acho que era uma parte em grades, outra parte...

R: Não, não, não, era grade mesmo, era tudo grade.



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

J: Mas ali não está. Ali está no corrido. Por isso é que eu não percebo...

R: Aqui deve ser aquele bocado do muro. Isto aqui é a casa da minha cunhada.

L: E aqueles estendais lá em baixo dão-lhe jeito, D. Raquel? Aquilo de subir e descer e ir buscar a roupa e levar roupa...

R: Pois, eu não vou lá por causa disso. E depois a minha vizinha aqui também tem estas coisas todas cheias, e eu depois vou com a bacia, às vezes dava lá na grade, esmurrava-me toda nas mãos, e eu para não me chatear...

J: Então mas você agora põe aqui e ela põe onde? Ela põe lá em baixo?

R: Ela põe da parte de fora, num estendal.

J: Daqueles que se agarram, não é?

R: Sim, sim. Eu ponho aqui debaixo.

J: E também há ali uns no meio das escadas, não é? Quem é que usa, aí.

R: Ali é o secadouro. Era o nosso secadouro.

J: Antes de haver lá em baixo, já existia aquele?

R: Sim ali houve sempre secadouro, só que era fechado.

J: Como era?

R: Era fechado e tinha a chave, tinha a portinha para a gente entrar. Era nas escadas onde é agora. Agora isto está fechado, que isto é o secadouro, está fechado aqui os vidros, meteram vidros, como é... aquele tijolo de vidro.

C: Porque isto era uma zona de convívio?

R: Era onde eles iam p'r'ali, jogar as cartas e assim...

J: Mas agora só usam para secar a roupa, não é?

R: É, é, porque não dá, porque tem os estendais. Naquela altura também tinha, não é...

J: Ai tinha as duas coisas, servia para tudo?

R: Sempre teve os estendais, as pessoas, eu vou-lhe ser franca, as pessoas eram mais limpas, eu sou franca, eu tenho nojo de estender ali a roupa à beira de... certa gente.

J: Mas ainda hoje em dia, não é?

R: Esta [vizinha] aqui, Deus me livre, não se pode, a outra lá ao fundo, igual. E eu, prontos, pode ser a minha mania, não é? Mas, eu não gosto de lá estender a roupa.

L: Mas também tem sorte de aqui ser o último, não é?

R: Pois, se fosse aqui já não podia, mas lá está, já eu tinha que dizer alguma coisa por causa do secadouro. Mas eu por acaso estendo aqui e seco muito bem.

L: E o facto de ter aqui isto fechado, esta marquise, contribuiu para dar mais espaço?

R: Claro, claro.

L: Foi uma melhoria?

R: Foi, foi. (apontando para uma fotografia) Isto aqui era assim e depois aqui também teve um parque, aqui também teve um parque.

J: Mas isto é só na parte das escadas então, não é D. Raquel?

R: Isto aqui é aqui em frente.

J: Mas o que eu estava a falar é este estendal aqui corrido na varanda.

R: Sim, sim, isto era a varanda.

J: Mas é só na parte em frente à escada, ou não?

R: É, é.

J: Mas estava a dizer que lá em baixo, isto era o tal campo de vôlei.

R: Era o tal campo, aqui. Aqui era o tal campo.

J: E este é o tal secadouro.

R: Antigamente tinha aqui o infantário, nestas casas era o infantário.

J: Agora é onde é a Associação, não é?

R: Era aqui o infantário e aqui por baixo de mim também era infantário. Tinha ali... e depois é que fizeram lá em cima, frente ao campo, que era da obra Diocesana, que foram p'ra lá.

J: À beira da igreja...

R: Sim.

J: A igreja já existia, desde sempre, não é?

R: Não, não, não. Foi construída depois. È, mas foi construída depois do bairro.

J: Mas há quanto tempo, D. Raquel, lembra-se?

R: Olhe que eu não sei.

J: Não foi muito, foi?

R: Eu não sei há quanto tempo foi.

J: Mas quando o Pedro nasceu, mais, ou menos...

R: Ora quando o Pedro nasceu a igreja parece-me que já estava feita. Parece que sim. Eles chegaram a ir à missa lá.

J: Você não costuma ir, ou costuma?

R: Eu não vou, eu ouço a missa aqui na televisão

C: Mas tem muita gente a missa?

R: Não, acho que não.

C: É se calhar a catequese...

R: Ao sábado, para as crianças. E tem assim se é algum funeral, assim mais gente.

C: E aqueles edifícios por trás da igreja?

R: É a obra diocesana.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

R: Sim, sim. Tinha p'r'aí um ginásio.

J: Mas estávamos a falar aqui de casa, a casa mudou, você foi mudando ao longo do tempo, a família cresceu e assim, não é, a casa foi mudando com essas mudanças também?

R: Também.

J: E que mudanças maiores é que você olha para a sua casa e pensa: antigamente isto não era nada assim, era doutra forma, e porquê, por que é que essas mudanças aconteceram?

R: Antigamente acho que as casas eram mais pobres, antigamente, não é...

J: Mas porquê?

R: A gente não tinha possibilidades, pelo menos quando eu vim para aqui com os meus pais, depois é que fui comprando e fui metendo as coisas em casa porque com os meus pais era diferente.

J: Mas está a falar de mobiliário?

R: Sim, sim, porque na casa, eu não modifiquei nada na casa.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

L: Em termos de divisões é a mesma coisa?

R: É a mesma coisa, não modifiquei nada. O que eu modifiquei foi a casa de banho. A casa de banho, a cozinha, não é, porque a gente não tinha azulejos nem nada, era tudo em cimento. A parede era toda em cimento.

J: Parede e chão?

R: Era, era. Era tudo em cimento, era assim um cimento vermelho e depois tinha assim uns quadrados, aqui, porque aquelas dali a sala era em madeira, era em soalho.

C: Mas foram feitas depois?

R: Não, não, na mesma altura. Só que estas eram diferentes.

J: No chão da sala também era o tal cimento vermelho?

R: Era.

J: Então, mudou isso?

R: Mudei.

J: Pôs um revestimento?

R: Depois começámos a meter, era um oleado que havia antigamente que a gente tapava o chão. (...) Nos quartos passava um martírio ali, nos quartos, para limpar... Agora tenho flutuante que eu já não tinha saúde para andar assim. Mas eu gostava tanto quando vinha aquele cheirinho à cera, mas dava muito trabalho, muito trabalho. E isto aqui era assim, a gente limpava o chão, havia uma polerina vermelha, a gente limpava.

J: Mas quando era o cimento vermelho.

R: Quando era o cimento... e ficava muito bonito, ficava muito bonito, mas também dava muito trabalho p'r'a gente ter isto em condições. Tinha que se esfregar com a escovinha, depois deitar aquilo.

J: Mas a Câmara é que dava esse produto?

R: Não, éramos nós que tínhamos que comprar. Porque senão aquilo com a continuação ia indo e ia ficando assim esbranquiçado, ficava feio, o chão. E então as pessoas faziam assim. Ali já não, ali já era em madeira, já era esfregado, já se punha cera, ali era os quartos e tudo em madeira e aqui não.

J: Então depois desse cimento vermelho pôs o oleado...

R: Depois pus o oleado, depois veio a moda das alcatifas e eu pus tudo em alcatifa, os quartos e tudo.

J: Sempre a seguir a moda, não é...

R: Depois houve uma ocasião, eu andava a trabalhar, e o meu filho mais novo 'tavam a ver uma coisa na televisão e estavam a fritar batatas e ele nunca mais se lembrou, ele e o Pedro, que estavam os dois (...) E ele com aquela aflição atirou para aqui...

J: Para a alcatifa.

(...)

R: Depois tirei e foi quando eu meti a tijoleira. Ao menos isto dá-se com a esfregona...

J: E também foi com esse incêndio, que não sei se foi assim tão grande, que mudou a cozinha? Aproveitou e mudou tudo...

(...)

R: Eu quando andava a trabalhar tive sempre esta coisa de ter sempre

tudo organizado, eu tinha três filhos, tinha que os organizar a todos, isto é mesmo assim. E eu então tinha sempre tudo ali direitinho.

(...)

(Na cozinha)

R: É pequenina...

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

J: Ah e queria-lhe perguntar como é que era, nesta casa, viver com três filhos? A andarem de um lado para o outro, a desarrumarem-lhe a casa, não?

R: Olhe, não, nunca me desarrumaram. Eu ia trabalhar e eles ficavam, era ali a minha comadre que lhes deitava os olhos. Eles brincavam aqui. Ela era raro deixá-los ir lá para fora enquanto eu estava a trabalhar, deixava-os ir um bocadinho. Depois chamava-os para casa e eu chegava a casa e não tinha nada desarrumado, o que eu queria era que eles estivessem cá dentro, podiam brincar à vontade... Atenção, não quero nada estragado! Prontos. E eles... era assim, nunca tive, eles era os dois, dormiam sempre os dois porque eu tinha o meu pai, o meu pai dormia aqui neste quarto, aquele era o meu, foi sempre, e os meus filhos dormiam aqui os dois, porque a minha filha dormia ali na madrinha... era assim.

L: Tinha aqui o pai, então, também?

R: Tinha, tinha aqui o meu pai, primeiro morreu a minha mãe e depois morreu o meu pai.

J: Mas quando veio para aqui para o bairro, tinha os dois pais cá...

R: Tinha, vim com eles. Vim eu e os meus irmãos, dois irmãos.

J: E como é que era nessa altura?

R: Nessa altura era igual, era a mesma casa, sempre vivi aqui, sempre vivi aqui, tinha os meus pais... neste quarto, não, os meus pais era ali, os meus irmãos aqui e eu dormia aqui numa caminha de ferro.

C: Naquele quartinho?

R: Eu dormia sempre ali,

C: Depois os irmãos casaram...

R: Depois os meus irmãos casaram, fiquei com o meu pai e depois casei e veio pra cá o meu marido. Quando ele veio, eu já tinha o meu Pedro, o meu Pedro já cá estava em antes do meu marido (risos) e foi assim, prontos.

C: O seu marido também morava aqui?

R: Morava, ele morou no bloco 24, depois deram-lhe desdobramento de casa e eles vieram pr' aqui para o 15. Depois do 15, a minha sogra teve um barulho com a vizinha, porque antigamente não se podia ter barulho, tiravam-nos logo dali da casa e punham-nos no outro bairro mais chunga. E então tiraram-na daqui e foram pô-la lá em baixo no bairro... de Sobreiras, aqueles que têm a varanda, assim, e foi pra aí, que a gente antigamente não podia andar ao barulho, tínhamos a polícia da Câmara e depois tínhamos que arranjar testemunhas, quem é que tinha pegado o barulho e quem não tinha, íamos para a Câmara e depois tiravam-nos a casa e íamos para outro sítio.

J: E agora como é que é?

R: Agora anda-se ao barulho, vem a polícia e ainda insultam os polícias e



ninguém faz nada...

C: É por isso que uma pessoa não se sente tão segura, não é?

R: Claro, isto é muito diferente do que era antigamente, mas muito diferente mesmo.

C: E a sua vizinha, sempre foi esta senhora?

R: Não, aqui, aqui morava... quando eu vim pra aqui também veio uma irmã minha, que depois morreu com 35 anos, do coração, morreu com 35 anos. Veio pr' aqui ela, o meu cunhado e um sobrinho, o filho. Depois a minha irmã faleceu, o meu cunhado ainda ficou aí, mas depois arranjou outra senhora e foram morar para a Ribeira, porque ela era porteira lá na Ribeira e ele também frequentava muito a Ribeira e lá ficou. Depois veio uma senhora, que era a Tininha, dessa vizinha tive saudades, que era muito boa vizinha, ela era...

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

R: Elas estão aí que não me deixam mentir e eu então que fiz, não fiz barulho, fui à Câmara, primeiro telefonei para a Câmara, disse: olhe, passa se isto assim assim assim, oh minha senhora., ela... (e ela não pode ter isto na varanda), ela não pode ter nada na varanda tem de estar desimpedida. Isso é uma passagem...

C: Sim, até de emergência, assim, já viu?

R: Uma ambulância, ou isso, que venha e... e elas lá disseram-me, e eu disse-lhe sem... a senhora quer fazer a denúncia? Eu disse, não senhora, e tornei a falar com ela. E disse ó Fatinha, tenha paciência, você tem - não lhe disse que tinha ido à Câmara -, tenha paciência porque você não pode - depois de eu saber a certeza-, disse ela: 'já lhe disse que não tiro, você não manda aqui!' Eu não mando, eu já sei que não mando, aqui, mas agora eu tenho que ter passagem para passar porque eu venho com as sacas e às vezes tenho que vir de lado com as sacas, 'ah, porquê, você é gorda?' Foi assim...

C: Há pessoas mesmo mal educadas...

R: E eu disse-lhe assim: não, não sou gorda, tá bem, prontos, mas se você não quer tirar... E então que fiz? Peguei, fui à Câmara e disse: olhe, passa-se isto assim assim assim assim, prontos minha senhora, está aqui a denúncia feita, passado dias vieram aí ver, tiraram fotografias e tudo à varanda, ui, o depois é que foi, só que eu dei ao desprezo, porque eu não sou da laia dela e dei ao desprezo e coisa, mas ela fez-me aí a vida, a vida negra... uma filha dela, até que nem aqui mora, que é meia meia apancada, julga que eu... que meacomparo com elas, e um dia eu ia despejar o lixo, isto a primeira vez e na segunda já tinha passado muito tempo ela tornou a pôr as coisas outra vez cá fora e então pôs aqui mesmo à porta um, que tinha assim umas coisas em ferro, que saía assim um bocado fora... a minha Carolina pra vir ter com a gente vinha assim a correr... e eu disse assim, oh meu Deus, esta miúda um dia vai-se aleijar, isto não está bem, eu tornei outra vez a avisá-la: olhe, eu já fui à Câmara, você continua, eu acho que vou à Câmara outra vez... E fui. Ela também disse que não tirava, e eu tornei a ir à Câmara.

E depois a filha dela apanhou-me ali adiante e diz ela: Oh Raquel! E eu assim: que é que foi? Olhe que você não vai tornar a meter-se com a minha mãe! Eu, meter-me com a tua mãe? Eu? Tomara eu nem falar pra ela quanto

mais meter-me com a tua mãe...E diz ela assim, porque senão eu dou-lhe dois estalos que você vê e depois vai chamar os seus filhos... Ela é muito malcriada de língua..., e eu disse-lhe assim: Olha, tu em antes de falares dos meus filhos lavas essa boca, que os meus filhos não se acomodam contigo em nada, nenhum deles, ouvistes? E...e fui-me embora. Mas uma vizinha tava lá em baixo e disse-me assim (que ela até nem mora aqui agora, foi para o 20) e diz ela assim: Ó Raquel, o que é que foi? E eu disse: Olha, ó mulher, quer-me incomodar... e ela diz assim: olha, badalhoca, vai-te mas é embora! E eu para não vir... para não me chatear com ela, fui dar a volta pa vir ali à mãe da Patrícia. Ia pra ali até ela se ir embora, ela estava à espera da mãe pra vir comer. Mas que a mãe da Patrícia não estava ali, nesse dia tinha ido a uma consulta e não estava lá, e eu disse assim: ó meu Deus, vou-me chatear com aquela rapariga..., então venho-me embora, venho por ali, subo as escadas e ela estava ali à minha espera outra vez. E tornou a dizer que me dava na cara e eu disse: olha, a mim não me dás na cara, nem tu..., nunca ninguém me deu, não és tu que me vais dar agora. E dei-lhe dois estalos. Não és tu que me bates, eu é que te vou bater a ti - mas o meu Pedro nem soube nem ninguém, nem ninguém... - porque depois veio as pessoas tirar -nos, não é, porque as pessoas lá em baixo sabem como eu sou e... olhá malcriada, olha ela está-se a virar à Raquel e tal, e vieram por aí acima, pediram para abrir o portão, mas o portão estava fechado, então lá vieram por aí acima e depois eles viram e um que vive ali em frente é que foi dizer ao meu Pedro e o meu Pedro disse: então houve isto assim assim e tu não dizes nada? Tu não estás sozinha, tu não estás sozinha e digo eu assim: quem é que te disse isso? Ó mãe, tu não estejas a mentir, porque eu sei. E eu depois tive de lhe contar, não é, tive que lhe contar, Tive de lhe contar e depois ele encontrou-a aí nas escadas e disse: olha a minha mãe não está aqui sozinha, ouvistes? A minha mãe tem três filhos, não penses que a minha mãe está aqui sozinha. E vais ficar avisada de uma coisa: seja a primeira e a última vez que tu te viras à minha mãe.

J: E desde então?

R: Desde aí, acabou. Acabou. Mas eu tenho um tapetinho aí à porta, aquele tapete nunca está no sítio, porque ela, de má, então quando eu vou para Braga, o que é que ela faz? Empurra o tapete para debaixo da porta... E eu, eu ao princípio ainda lhe dizia, agora até deixo passar, mais por causa dos meus filhos, mais por causa dos meus... não vou estar a pôr os meus filhos ao barulho, deixa pra lá, ela empurra pra cá, eu empurro pra lá, é o que eu faço (risos).

C: Claro, aí isso é, não vale a pena...

R: Dou-me bem com todas as vizinhas, aqui todas as vizinhas gostam de mim eu também gosto delas e agora vem sempre esta pra aqui pra me chatear... Não me chateia nada, que eu não me chateio com ela, entro e saio... Mas é assim.

C: (...)

R: E depois é que não se podia passar ali na varanda... com o cheiro!

J: Eu lembro-me de ele dizer isso...

R: Era uma coisa, olha o meu Pedro... o meu Pedro fica aqui à espera que

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

eu abra porta lá adiante que é pra ele pirar-se logo lá pra fora (risos) aí mãe não se pode... e mesmo as pessoas principalmente no verão, que ela tem o calçado todo cá fora... e é que não lavam o calçado, nem sapatilhas nem chinelos nem nada, é um cheiro a chulé ali, que eu uma vez até andei a botar um líquido que é um..."comecome" é o que lhe chamam, um "comecome", metia-lhe dentro dos sapatos, estava a trabalhar, não vou estar aqui a aturar este chulé e metia lá pra dentro (risos), era o que eu fazia, não?

J: Mas é normal haver assim os vizinhos que estão dum lado e do outro a ver estas coisas?

R: é é

J: Aqui no bairro?

L: Isso é natural, as suas naturalmente põem coisas lá e vão interrompendo a passagem.

C: E vão achando que têm esse direito.

R: Eles não podem ter nada, nadinha, a Câmara disse-me, que não podem ter nada.

C: Pois, claro. Mas eu acho que é um bocadinho depois a inveja, dos outros poderem e eles não poderem, então põem lá na mesma... a lei é a lei, ali é um caminho aqui é um espaço que ninguém vem cá, portanto é completamente diferente.

Claro. Eu tenho ali um cantinho, um pequenino, não tenho mais nada, tenho uns vasilhinhos encostados aqui.

C: Mas mesmo que tivesse mais, é seu. Ninguém pode entrar aqui.

R: E ela disse-me logo: Não posso o quê? Você também tem ali! Eu tenho ali, mas é um pequenino.

C: E não só, e é seu, aqui ninguém passa, não é?

R: Aqui ninguém passa, não é? Mas prontos. E eu era tudo por causa da minha neta. Porque olhe, eu, eles partiram o vidro lá com o barulho, eles de vez em quando tinha que vir aí a polícia e tudo. Por causa dessa tal filha. E eles partiram o vidro da porta, da porta lá ao fundo e depois colaram com fita-cola. Ora ao fechar a porta, aquilo era um perigo, era um perigo. A minha Carolina tinha a mania de vir e bater no vidrito e depois ia quando vinha o pai ou a mãe ela ia sempre atrás de mim eu estava sempre com o coração nas mãos que caísse algum vidro e lhe desse na cabecinha da menina, que a gente tem que prever as coisas em antes de acontecer eu dizia-lhe a ela: ó Fatinha isto não está bem, você tem de mandar por aqui o vidro, você telefone para a Câmara e diga que lhe partiram o vidro. Está bem, estive aí, tornava a colar, que eu até lhe dizia olhe tanto faz mal à minha neta como ao seu catraio, ao seu neto, porque ela também tem um neto pequeno...

C: Ou até um adulto, pode-nos cair num pé e a pessoa arranja aí um 31...

R: Foi o que eu lhe disse a ela. Um dia pego, telefonei para a Câmara olhe, faz favor é que a minha vizinha tem o vidro da porta todo partido e quem partiu minha senhora (se a gente disser que fomos nós, a gente é que temos de pagar) eu disse, olha, eu não sei, ela chegou a casa, disse-lhes que andava a trabalhar, ela também anda a trabalhar e chegou a casa e o

vidro estava partido. Diz ela: Prontos, minha senhora. É que eu tenho uma menina assim assim e ela também tem um netinho, e diz ela então eu vou mandar aí um homem tirar a medida para lhe por o vidro. Veio o senhor, veio por o vidro. Se eu dissesse que tinham sido eles, nunca mais. Em antes de ser esse vidro, partiram o grande, o grande da marquise, na ponta.

J: Daqui da sua ponta?

R: Não, lá no fundo na ponta dela, lá no fundo, também estive ali, também não mandavam por o vidro, a chuva caía, e depois a tijoleira dela escorrega muito e eu tinha... era tudo por causa da minha Carolina porque ela às vezes ia e não tinha noção, pra dar com a cabecinha no chão... e eu também lhe dizia. Então uma vez também resolvi. Prontos, liguei para a Câmara, também devia ter sido os miúdos com uma pedra ou isso partiram o vidro... Prontos, e era assim que eu mandava por as coisas, porque por ela, estava ali a varanda, vocês veem, vocês passam e veem a varanda dela. Ela não tem... não tem...

C: Mas hoje em dia, segundo eu percebi, há aí pessoas mesmo assim, sei lá... drogados, que vêm para aí viver, não é?

R: Pois é...

C: Nós uma vez demos a volta ao bairro, logo no início, até os três, e lá em cima chegou um carro com pessoas aos berros, a música muito alto, aos gritos...

R: É, é, ali para o largo é isso...

C: e depois estava um senhor a falar connosco e a dizer não se diz nada, não se diz nada se não ainda é pior e tal, vem-nos aqui ter cada um...

R: É é é é, é droga, é roubos, andam aí a roubar os carros, é...

C: Parecia que nem nos viam, era ali aos palavrões...

R: É, é, roubam os carros andam aí com os carros e assim... mas é pra ali pra cima, aqui, aqui não...

C: Aqui é tudo mais estável, não é?

R: Aqui há uns tempos, aqui há uns anos também era aí, quando começou aí a droga, ui, também era uma pouca vergonha... sim, pra aí mais adiante um bocado. Mas depois elas começaram a ir presas e assim e acalmou, mas agora era pra ali, pró largo.

C: Era lá em cima, não é?

R: É.

C: E aqui à Associação, há muita gente que vai à Associação?

R: Vai alguma, vai.

C: É assim bom ambiente?

R: Olhe, se quer que lhe diga, não sei..,

C: Não sabe, não é? Mesmo o seu marido não é lá que vai ao café, pois não?

R: Não, eu não frequento os cafés aqui, vou ao café em baixo, que é o do Carlos e vou ao café...

C: Como é que chama aquela senhora dali?

L: É Sandra.

C: Sandra, não é? Ali abaixo, na esquina, tem um café assim muito limpinho, nós uma vez, foi dessa vez, fomos lá buscar uma água e gostamos muito da senhora...



**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

R: Ah, ela não é Sandra, é Marta.

C: Marta, é, sei que gostei mesmo dela, nós até dissemos a Joana está a fazer um trabalho e ela chamou logo um senhor, “fala aqui com a Joana...” As pessoas são muito corretas.

R: É, ali é, é. Mas já aqui neste, aqui na Associação, já é mais aquelas do rendimento mínimo é que vão pra ali, estão ali todo o dia é, é, eu não frequento nem vou beber um café, não dá, aquilo ali também não dá, é.

J: E em termos de comércio, D. Raquel, antigamente era diferente, não é, porque havia a mercearia, havia aqui o infantário... o talho...

R: Era, havia a mercearia, que era o senhor Fernando, era o Dragão da Pasteleira que era quando era o senhor Fernando mas o nome da... coisa... era o Dragão da Pasteleira, depois tinha o senhor José que ainda é o filho, é aquela mercearia mais pequenina...

J: À beira do largo, não é?

C: Tinha uma peixaria...

R: Tinha uma peixaria, à esquina, que agora não tem porque o café tomou conta dessa parte e agora... que era a mercearia, tomou conta dessa parte, ficou maior. É, tem o Carlos, era o Carlos, tinha o talho, no bloco 25, e tinha... a padaria.

J: Ai é?

R: Era, tinha o talho de um lado e a padaria do outro.

J: No 25...

C: E era onde toda a gente ia comprar as coisas, não é?

R: É, porque não tínhamos supermercados aqui.

C: Mas agora é tudo um bocado lá em cima, não?

R: É, nem temos talho agora. O talho agora fechou.

C: Tem aqui em baixo um Modelo, logo a seguir um Pingo Doce...

R: É, tem aqui em baixo o Pingo Doce também e as pessoas vão e não compram tanto aqui. Tanto que abriu uma aqui, pegada ao Carlos, e já fechou.

C: Porque consegue-se fazer melhores preços nos supermercados e não sendo muito longe também as pessoas optam por isso, não é?

R: É, é. E então temos onde é o talho agora está lá um supermercado pequenino também, não é, uma lojinha pequenina, porque ela também já vem de há muitos anos, vendia ali no largo numa camioneta, era, e depois como se deu o talho tá ano ela foi pra lá. Está lá.

J: Ali no largo também alguém nos disse que faziam a feira cigana aos domingos?

R: Fazem ao domingo.

J: Todos os domingos?

R: É, todos os domingos, é, a maior parte é ciganos.

C: Roupa e assim... calçado?

R: Sim, sim, sim, é domingo, antigamente...

C: É assim bom ambiente, as pessoas vão assim comer qualquer coisa?

R: Vão vão vão vão, nem há problema nenhum, com eles, não não, não há problema nenhum.

J: Alguém me disse é que faziam... punham tudo muito sujo, iam embora e

ficava assim um bocado sujo. Tem essa ideia ou não tem?

R: É, mas os varredores vêm buscar depois à tarde, vem à tarde, vêm limpar tudo, os varredores, é, é.

(corte na gravação - conversa sem relevância para este trabalho)

R: Só há um fim-de-semana que eu estou cá, que não vou a Braga.

J: Mas olhe, e esta porta?

R: Esta porta fui eu que pus. Porque isto não tinha porta. Era aberto, era. Depois as pessoas quando vinham punham uma cortina, ali. Mas depois eu entendi que havia de pôr ali uma porta. Mas tive muitos anos a cortina aqui, também ficava bem. Depois tinha aqui [na sala] o meu frigorífico.

J: Cá fora, não é?

R: Sim cá fora. Era onde as pessoas tinham o frigorífico. As cozinhas eram tão pequenininhas. Que a gente depois até punha uma mesinha ou assim ali dentro [na cozinha], depois olhe, meti para ali e está ali bem. É pequenina, mas olhe, vai dando para a gente estar aqui.

J: Passa muito tempo na cozinha? Onde é que passa mais tempo aqui em casa?

R: Ora bem, aqui, para lhe ser franca eu vou-lhe dizer: eu passo mais tempo até aqui fora [na sala] do que na cozinha. Só somos dois... eu se fizer assim a comida, assim feijoadada ou assim, sempre nos cresce e assim ao outro dia a gente ou aquece ou qualquer coisa, prontos... É onde eu passo mais tempo é quando eles vêm cá comer, quando eles vêm cá comer, é onde eu passo mais tempo.

L: Tem que cozinhar para mais gente...

R: Para mais gente...

L: Tem o quartinho da televisão...

R: É, é, ele se calhar está a dormir, ainda não veio cá fora, é porque está a dormir, se calhar adormeceu, ele já estava a dormir, há bocado.

J: É onde costumam passar mais porque se calhar é onde acabam por ter mais quentinho...

R: É onde eu passo, depois de vir a Caarolina (eu tenho que fazer tudo em antes de ela chegar), depois de vir a Carolina...

J: Antes dela chegar é que faz...

R: Eu faço... arrumo a casa, faço tudo, ponho a máquina a lavar que é pra quando ela chegar, eu só estar pra ela. Vamos pr'ali, pro cantinho dela, 'tamos ali a brincar e prontos, até ela ir embora com o pai. E depois faço-lhe a comidinha, tenho que lhe fazer a comidinha que o Pedro às vezes sai às 7 e tenho que lhe dar de comer, senão, quando lá chega, ela já vai a dormir e depois não janta.

J: Sim...

R: E eu assim, ela já vai arranjadinha daqui, e já vai prontinha. É o que a gente faz aos netos...

J: Miminhos, não é?

R: Claro.

J: Assim é bom.

R: Fizemos aos filhos e agora fazemos aos netos.

J: Então aqui da casa o sítio que costuma menos... estávamos a ver o que

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

costuma estar mais, se calhar a salinha... e o que costuma estar menos, talvez este quarto, não?

R: É, naquele quarto ali é que eu não estou, lá está, eles não estão aqui... mas todas as semanas vou lá fazer limpeza ao quarto, e eles não estão...

J: Vêm de vez em quando?

R: O meu marido vem dizer assim: “Vais limpar?”

J: É, acumula pó também...

R: Pois acumula, a gente tem que limpar. Eu às vezes amostró-lhe e ele é assim: “Poça, não está ninguém, como é que está tanto pó?”

J: É verdade... A casa de banho também não era nada assim, pois não?

R: Não, não. A casa de banho era uma pia, tinha a sanita e o lavatório.

J: A pia era daqueles tanques, não é, altos...

R: Não, não era alto, não, era...

J: Eu sei que naquela onde os meus avós viviam era um tanque assim grande...

R: Havia quem aumentasse o tanque, eu por acaso depois também aumentei, porque era muito baixinho o tanque e depois a gente dantes não tinha máquinas, a maior parte das pessoas não tinha máquinas, e eu, quando ia trabalhar, deixava a roupa toda de molho, ali, que era pra chegar à noite e estar ali a lavar e tínhamos então a pedra, e depois a pedra era assim pequenina e a gente aumentava a pedra...

J: E para tomar banho?

R: E para tomar banho tomávamos lá dentro.

J: Pois, o meu pai lembra-se de se meter lá dentro do tanque...

R: É, era dentro do tanque que a gente tomava banho.

J: e agora deve ter polibã, não é?

R: Tenho polibã., o chuveirinho, o cilindro...

J: E para lavar a roupa, onde é que tem a máquina de lavar?

R: Tenho lá, na casa de banho.

J: Ah dá para tudo?

R: Ora vê... (levanta-se)

J: Tenho que tirar aí uma foto... Ah, pois é, ainda há bocado vi...

R: Cabe tudo aqui dentro, vê?

J: Está muito espaçoso...

R: Tenho tudo aqui. Tenho a máquina de lavar, tenho o polibã... e a gente dantes tinha a pia até aqui assim, e só tinha aqui um bocadinho de pedra, estás a perceber?

J: Ah, já estou a perceber...

R: Assim... tínhamos a sanita onde eu tenho a sanita, não tinha isto, o lavatório era aqui neste lado...

J: De frente...

R: E prontos, e não tinha mais nada.

J: A minha avó diz que lá o tanque tinha uma portinha em que se entrava...

R: Porque aquelas casas de banho eram diferentes, sabes... tinha uma portinha, a portinha era pra casa de banho, era para a sanita.

J: Sim, isso também. Sim, sim, sim... porque aqui não era, a sanita não era fechada...

R: Não, aqui era assim amplo, era tudo assim.

J: Ah, mas ficou muito bem, D. Raquel, está muito bem assim. Tudo para os cor de rosa, já percebi que é a sua cor favorita.

(risos)

R: E é assim... (voltando para a sala) está tudo arrumadinho, está tudo assim...



IMAGENS DE ARQUIVO





**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**







**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**









**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**







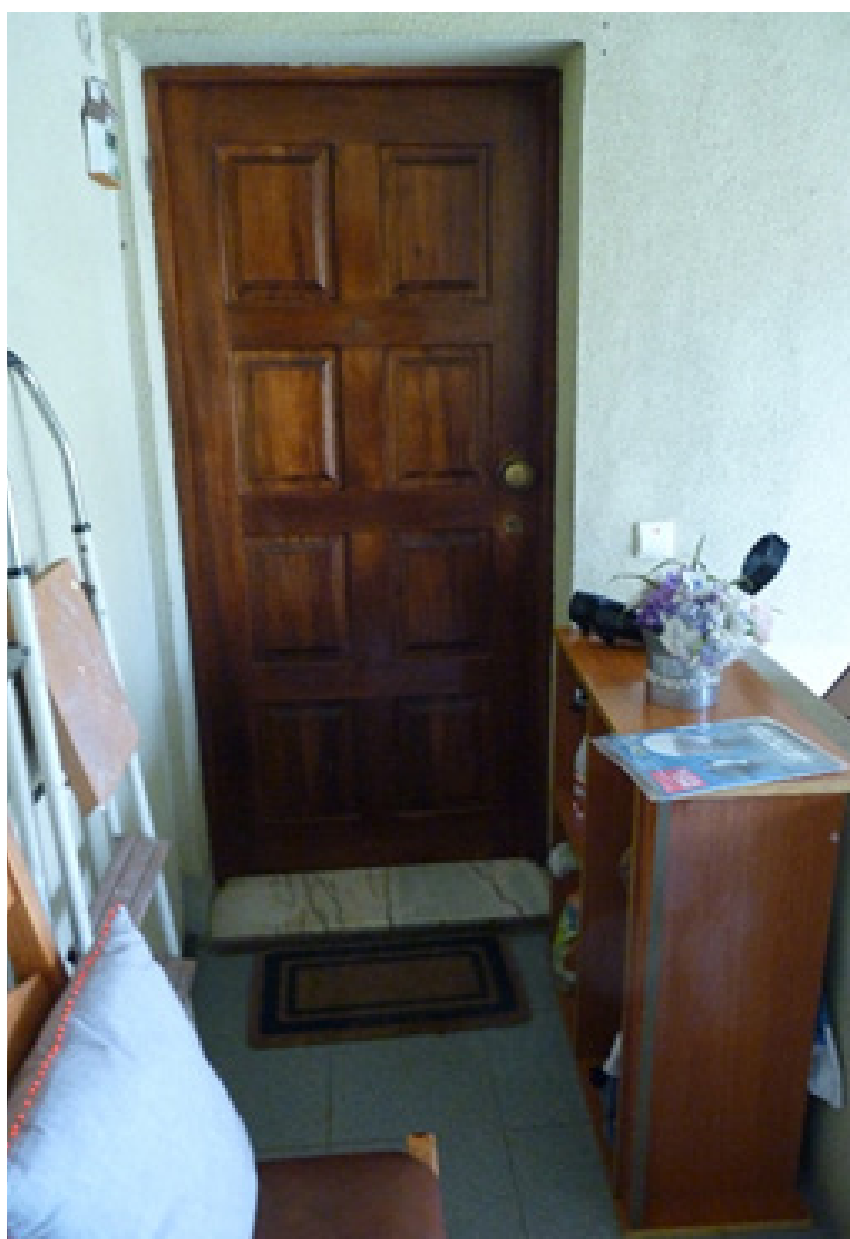
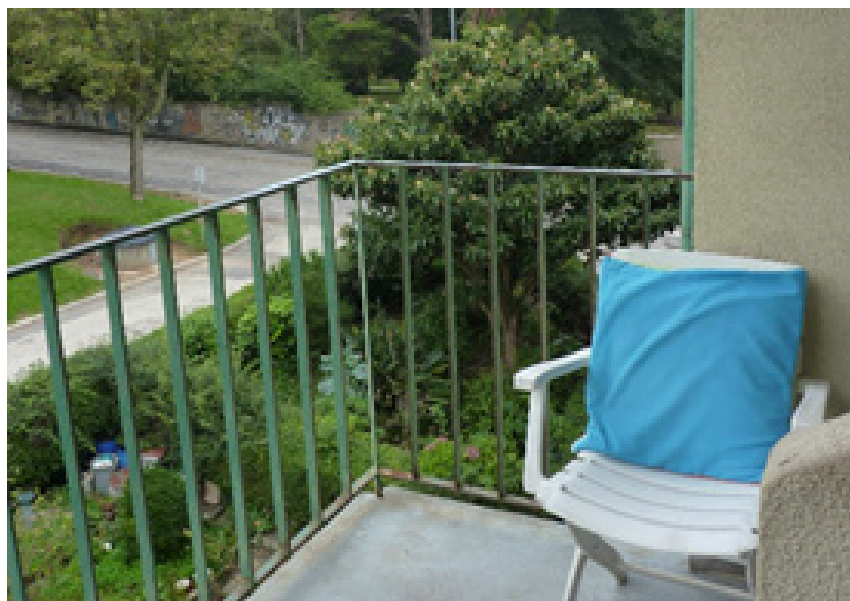


**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**





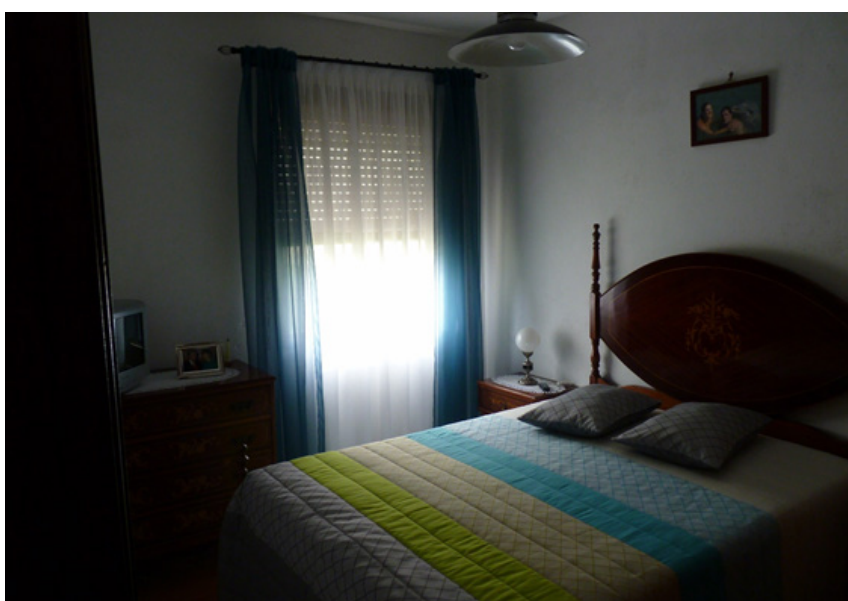
**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira







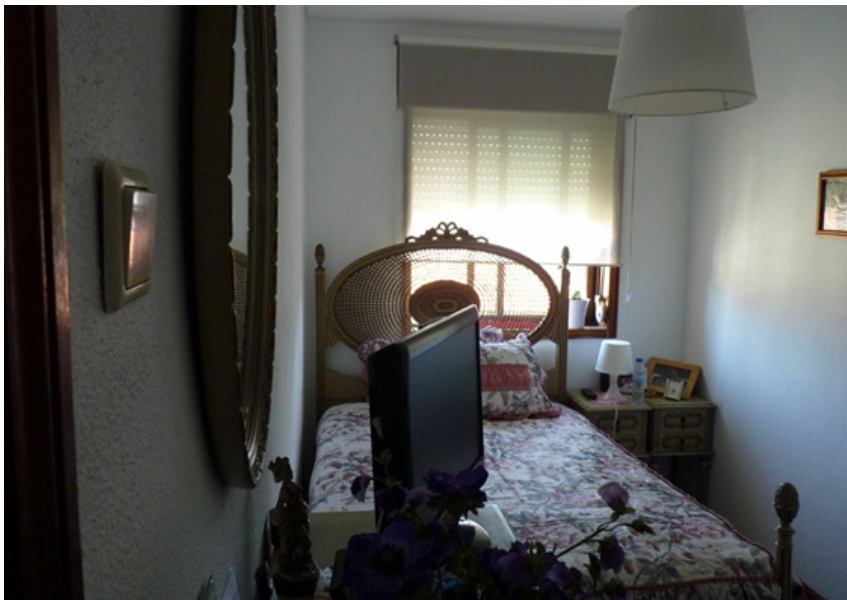
**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**







**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**

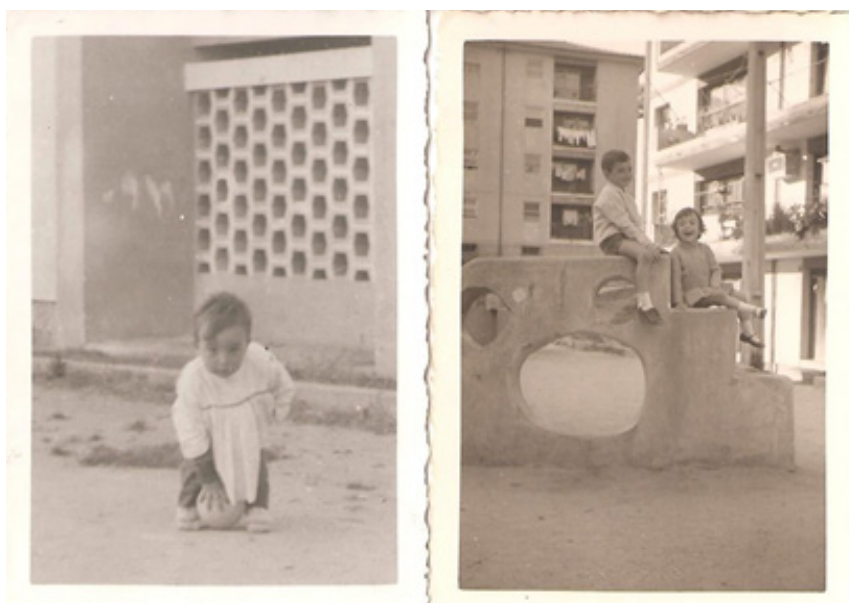






**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**





**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

**BIBLIOGRAFIA****Obras e artigos**

CABRAL, Bartolomeu Costa; PORTAS, Nuno, 1960. 'Câmara Municipal do Porto: o novo conjunto habitacional da Pasteleira' (pp. p.31 47), in revista «Arquitectura», nº 69

FERNANDEZ, Sérgio, 1988. «Percurso: Arquitectura Portuguesa, 1930/1974» (2.ª ed.). Porto: FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FERREIRA, José António, 1999. «Habitação social no Porto». Porto: Câmara Municipal do Porto

GROS, Marielle Christine, 1982. «O alojamento social sob o fascismo». Porto, Edições Afrontamento

PEREIRA, Virgílio Borges, 2013. 'Sobre a génese e a estruturação do Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto: resultados de uma investigação sobre o Bairro do Bom Sucesso (1956-2009)' (pp 34-49), in «Habitação para o maior número. Portugal, os anos de 1950-1980». Lisboa: IHRU / CML — Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana / Câmara Municipal de Lisboa

TEIXEIRA, Manuel C., 1992. 'As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940' (pp. 65-89), in «Revista Análise Social», vol. XXVII. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

TEIXEIRA. M., 1996. «Habitação Popular na cidade Oitocentista: as ilhas do Porto». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica

**Jornais**

JN – Jornal de Notícias, 2016: 'Bairro da Pasteleira cumpre meio século entre a queixa e a saudade'. <https://goo.gl/OAVVKV> correspondente à edição de 20.09.2008 – consultado em 15 setembro de 2016

PÚBLICO, jornal, 2008: 'Na Pasteleira toda a gente tem uma alcunha' <https://goo.gl/sdUs8u> correspondente à edição de 21.12.2008 – consultado em 15 setembro de 2016

PÚBLICO, jornal, 2016. 'Governo prepara ajudas para envolver privados nas rendas sociais'. <https://www.publico.pt/jornal> correspondente à edição de 29.08.2016 – consultado 15 em setembro de 2016



### ***Documentos oficiais da Câmara Municipal do Porto***

CMP – Câmara Municipal do Porto, 1869. «Codigo de Posturas Municipaes do Porto. Aprovado por Accordão do Conselho de Districto de 4 de Março de 1869». Porto: Imprensa Portuguesa

CMP – Câmara Municipal do Porto, 1889. «Codigo de Posturas do Municipio do Porto: Aprovado por sessão da Camara Municipal de 25 de janeiro de 1889». Porto: Typographia de A. J. da Silva Teixeira

CMP – Câmara Municipal do Porto, 1905. «Código de Posturas do Município do Porto». Porto: Thypographia e Papelaria Rebello

CMP, 1956, «Plano de salubridade das Ilhas – dados do inquérito realizado pelos serviços da Câmara Municipal do Porto em 1939». Porto: Câmara Municipal do Porto

DSPM – Direção dos Serviços do Plano de Melhoramentos, 1966. «Plano de Melhoramentos: 1956-66». Porto: Câmara Municipal do Porto

PCPAMN, 2010 – Processo de Classificação da Ponte da Arrábida como Monumento Nacional. Documentos para instrução do processo de classificação. <https://goo.gl/E3hLNr> – consultado em 15 setembro de 2016

### ***Legislação***

CRP – Constituição da República Portuguesa, 1976. ‘Capítulo II, Direitos e deveres sociais, Artigo 65.º – Habitação e urbanismo’ (texto consolidado após a VII revisão constitucional, em 2015). Lisboa: Assembleia da República. <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx> – consultado em 15 setembro de 2016

Decretos e decretos-lei – <https://dre.tretas.org/> – Busca efetuada por nome. Última consulta, de confirmação, em 15 de setembro de 2016

Decreto n.º 4.137, de Abril de 1918 – estabelece várias providências atinentes a promover a construção de casas económicas.

Decreto n.º 16.055, de 22 de Outubro de 1928 – promulga várias disposições sobre a construção e venda de casas económicas.

Decreto n.º 16.085, de 29 de Outubro de 1928 – regulamenta a construção e venda das casas económicas.

Decreto-Lei n.º 23.052, de 23 de Setembro de 1933 – autoriza o Governo a promover a construção de casas económicas, em colaboração com

as câmaras municipais, corporações administrativas e organismos do Estado.

Decreto-lei n.º 28.912, de 12 de Agosto de 1938 – autoriza o governo a promover na cidade de Lisboa a construção de 2000 casas económicas e a dar o seu concurso à instalação de 1000 pequenas casas desmontáveis. Institui junto da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais o serviço de construção das casas económicas que superintenderá a construção das casas económicas em todo o País.

Decreto-Lei n.º 31.561, de 10 de Outubro de 1941 – insere várias disposições relativas à isenção de contribuição predial dos prédios urbanos construídos, ampliados e melhorados a partir da data da publicação do presente diploma.

Decreto-lei nº 40.616, de 28 de Maio de 1956 – aprova o Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto, a executar pela Câmara Municipal da mesma cidade.

**Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto.** O Bairro da Pasteleira

## ÍNDICE DE IMAGENS

## CAPÍTULO I – HABITAÇÃO SOCIAL NO PORTO

1. TEIXEIRA. M., 1996. «Habitação Popular na cidade Oitocentista: as ilhas do Porto». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica, p. 41.
2. Disponível em < <https://goo.gl/4YtSUR>>.
3. TEIXEIRA. M., 1996. «Habitação Popular na cidade Oitocentista: as ilhas do Porto». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica, p. 27.
4. Disponível em < <https://goo.gl/qAf6rh>>.
5. PIMENTA, Manuel, As ilhas do Porto: estudo socioeconómico, Porto: Câmara Municipal do Porto, 2001, p. 142;
6. Exposição “Cercos do Porto” sobre peste bubónica, ISPUP, Agosto 2016.
7. Disponível em < <https://goo.gl/TnGUsp>>
8. Exposição “Cercos do Porto” sobre peste bubónica, ISPUP, Agosto 2016.
9. Exposição “Cercos do Porto” sobre peste bubónica, ISPUP, Agosto 2016.
10. Exposição “Cercos do Porto” sobre peste bubónica, ISPUP, Agosto 2016.
11. VÁSQUEZ, Isabel Breda; CONCEIÇÃO, Paulo. ‘Ilhas do Porto’, CMP, p.14.
12. GONÇALVES, Eliseu, ‘O Bairro do Monte Pedral e o alojamento operário em 1900’ in “Habitação Popular no Porto, 1899-1933”, FAUP, p.109.
13. Disponível em < <https://goo.gl/tMISnz>>.
14. Disponível em < <https://goo.gl/tMISnz>>.
15. Exposição “Cercos do Porto” sobre peste bubónica, ISPUP, Agosto 2016.
16. Disponível em <<https://goo.gl/tMISnz>>.
17. Disponível em < <https://goo.gl/tMISnz>>.
18. Disponível em <<https://goo.gl/5YdsAJ>>.
19. Disponível em <<https://goo.gl/stLU6Q>>.
20. Disponível em <<https://goo.gl/stLU6Q>>.
21. Disponível em <<https://goo.gl/stLU6Q>>.
22. Disponível em <<https://goo.gl/stLU6Q>>.
23. Disponível em <<https://goo.gl/nDpDoY>>.
24. Disponível em <<https://goo.gl/vkPv1W>>.
25. Disponível em <<https://goo.gl/vkPv1W>>.
26. Disponível em <<https://goo.gl/HHg5iX>>.
27. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
28. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
29. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
30. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
31. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
32. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
33. Disponível em <<https://goo.gl/hl3dZl>>.
34. Disponível em < <https://goo.gl/vMfzzf>>.
35. Disponível em <<https://goo.gl/dQOwq1>>.
36. Disponível em <<https://goo.gl/4dYq6w>>.
37. Disponível em <<https://goo.gl/3KDnqP>>.



## Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira

38. Disponível em <<https://goo.gl/exO459>>.
39. Disponível em <<https://goo.gl/lrnpT7>>.
40. DSPM – Direção dos Serviços do Plano de Melhoramentos, 1666. «Plano de Melhoramentos: 1956-66». Porto: Câmara Municipal do Porto, p.30.
41. Disponível em <<https://goo.gl/xxkXvz>>.
42. Disponível em <<https://goo.gl/h9kQwO>>.
43. CABRAL, Bartolomeu Costa; PORTAS, Nuno, 1960. ‘Câmara Municipal do Porto: o novo conjunto habitacional da Pasteleira’ (pp. p.31 47), in revista «Arquitectura», p. 37.
44. CABRAL, Bartolomeu Costa; PORTAS, Nuno, 1960. ‘Câmara Municipal do Porto: o novo conjunto habitacional da Pasteleira’ (pp. p.31 47), in revista «Arquitectura», p. 37.
45. DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DO PLANO DE MELHORAMENTOS, ‘Plano de Melhoramentos: 1956-66’, Câmara Municipal do Porto, 1966, p.48.
46. DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DO PLANO DE MELHORAMENTOS, ‘Plano de Melhoramentos: 1956-66’, Câmara Municipal do Porto, 1966, p.41.
47. DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DO PLANO DE MELHORAMENTOS, ‘Plano de Melhoramentos: 1956-66’, Câmara Municipal do Porto, 1966, p.41.
48. DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DO PLANO DE MELHORAMENTOS, ‘Plano de Melhoramentos: 1956-66’, Câmara Municipal do Porto, 1966, p.44.
49. DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DO PLANO DE MELHORAMENTOS, ‘Plano de Melhoramentos: 1956-66’, Câmara Municipal do Porto, 1966, p.42.
50. CABRAL, Bartolomeu Costa; PORTAS, Nuno, 1960. ‘Câmara Municipal do Porto: o novo conjunto habitacional da Pasteleira’ (pp. p.31 47), in revista «Arquitectura», nº 69, p.39.
51. CABRAL, Bartolomeu Costa; PORTAS, Nuno, 1960. ‘Câmara Municipal do Porto: o novo conjunto habitacional da Pasteleira’ (pp. p.31 47), in revista «Arquitectura», nº 69, p.44.

## CAPÍTULO II – O BAIRRO DA PASTELEIRA

52. Fotografia da autora, Setembro 2016.
53. Desenho da autora sobre imagem: disponível em <<https://goo.gl/dCnj8B>>.
54. Disponível em <<https://goo.gl/2KhHx1>>.
55. Arquivo pessoal de Maria José Ferreira.
56. Fotografia da autora, Junho 2016.
57. Fotografia da autora, Setembro 2016.
58. Disponível em <<https://goo.gl/lQNjBU>>.
59. Fotografia da autora, Setembro 2016.
60. Arquivo pessoal de Maria José Ferreira.
61. Fotografia da autora, Setembro 2016.
62. Disponível em <<https://goo.gl/JnxMFP>>.
63. Fotografia da autora, Setembro 2016.
64. Fotografia da autora, Junho 2016.
65. Fotografia da autora, Setembro 2016.
66. Disponível em <<https://goo.gl/RP0Pfi>>.
67. Disponível em <<https://goo.gl/nMQVKX>>.

68. Fotografia da autora, Setembro 2016.
69. Fotografia da autora, Setembro 2016.
70. Disponível em < <https://goo.gl/8kLw6R>>
71. Fotografia da autora, Agosto 2015.
72. Fotografia da autora, Setembro 2016.
73. Fotografia da autora, Junho 2015.
74. Fotografia da autora, Junho 2015.
75. Fotografia da autora, Setembro 2016.
76. Fotografia da autora, Setembro 2016.
77. Arquivo pessoal de Maria José Ferreira.
78. Fotografia da autora, Setembro 2016.
79. Fotografia da autora, Junho 2015.
80. Fotografia da autora, Setembro 2016.
81. Fotografia da autora, Setembro 2016.
82. Fotografia da autora, Abril 2016.
83. Fotografia da autora, Setembro 2016.
84. Desenho da autora, Agosto 2016.
85. Fotografia da autora, Setembro 2016.
86. Fotografia da autora, Junho 2015.
87. Fotografia da autora, Abril 2015.
88. Fotografia da autora, Junho 2015.
89. Fotografia da autora, Novembro 2015.
90. Fotografia da autora, Setembro 2016.
91. Fotografia da autora, Setembro 2016.
92. Fotografia da autora, Junho 2015.
93. Fotografia da autora, Junho 2015.
94. Fotografia da autora, Setembro 2015.
95. Fotografia da autora, Setembro 2015.
96. Fotografia da autora, Novembro 2015.
97. Fotografia da autora, Novembro 2015.
98. Fotografia da autora, Setembro 2015.
99. Fotografias da autora, Setembro e Novembro 2015, respetivamente.
100. Fotografias da autora, Setembro e Novembro 2015, respetivamente.
101. Fotografia da autora, Setembro 2015.
102. Fotografia da autora, Novembro 2015.
103. Fotografia da autora, Agosto 2015.
104. Fotografia da autora, Abril 2016.
105. Fotografia da autora, Abril 2016.
106. Fotografia da autora, Abril 2016.
107. Desenhos da autora, Julho 2016.
108. Desenhos da autora, Julho 2016.
109. Desenhos da autora, Julho 2016.
110. Desenhos da autora, Julho 2016.
111. Desenhos da autora, Julho 2016.
112. Desenhos da autora, Julho 2016.
113. Desenhos da autora, Julho 2016.
114. Desenhos da autora.

## **Habitação Social: circunstâncias para o ofício do arquiteto. O Bairro da Pasteleira**

- 115. Disponível em < <https://goo.gl/1ohfQE>>.
- 116. Disponível em < <https://goo.gl/JlkJQA>>.
- 117. Disponível em <<https://goo.gl/x7DZIk>>
- 118. Disponível em < <https://goo.gl/FWzRXo>>.
- 119. Disponível em < <https://goo.gl/6b8KTG>>.
- 120. Desenho da autora. Abril 2016.
- 121. Desenho da autora, Abril 2016.
- 122. Desenho da autora, Julho 2016.
- 123. Desenho da autora, Julho 2016.
- 124. Disponível em <<https://goo.gl/x7DZIk>>
- 125. Fonte: Disponível em <<https://goo.gl/x7DZIk>>
- 126. Disponível em <<https://goo.gl/x7DZIk>>
- 127. Desenho da autora, Julho 2016.
- 128. Desenho da autora, Julho 2016.
- 129. Desenho da autora, Julho 2016.

### **CONCLUSÃO**

- 130. Fotografia da autora, Setembro 2016.

### **ANEXOS**

Fotografias da autora, Junho 2015 - Setembro 2016.  
Arquivo pessoal de Maria José Ferreira.

